

O DEVER

LIVRARIA B. L. GARNIER

71--RUA DO OUVIDOR--71

OBRAS DO MESMO AUTOR

O PODER DA VONTADE, 3. ^a edição. 1 v. enc.	3\$000, br.	2\$000
O CARACTER, 2. ^a edição. 1 grosso v. enc.	4\$000, br...	3\$000
ECONOMIA DOMESTICA MORAL, ou a facilidade e a independencia pelo trabalho e pela economia. 1 grosso v. enc.	4\$000	br..... 3\$000

ESQUIROS (A).— Historia dos martyres da liberdade, augmentada com episodios da historia do Brazil e da de Portugal. 2 vs. in-4. ^o enc.	10\$000, br.....	8\$000
FERNANDES PINHEIRO (Conego Dr. J. C.).— Resumo da historia litteraria. 2 grossos vs. in-4. ^o enc.	17\$000, br....	14\$000
FIX (Ch.).— Historia da guerra do Paraguay. 1 v. enc.	5\$000	br..... 4\$000
JANET.— Philosophia da felicidade. 1 v. enc.	4\$000, br.	3\$000
MACÉ (J).— Historia de um bocadinho de pão. Cartas ácerca da vida do homem e dos animaes. Obra adoptada pela commissão dos premios. 1 v in-8. ^o enc.	4\$000, br..	3\$000
— os servidores do estomago, continuação da historia de um bocadinho de pão. 1 v. in-8. ^o enc.	4\$000, br.....	3\$000
MACEDO (Joaquim Manoel de).— Noções de corographia do Brazil, noticia da fundação das cidades, villas e lugares. 2 v. in-8. ^o enc.	8\$000, br.....	6\$000
— Um passeio pela Cidade do Rio de Janeiro, 2 vs. in-4. ^o com numerosas estampas, enc.....		8\$000
MELLO MORAES (A. J. de).— Historia do Brazil-Reino e do Brazil-Imperio, 2 vs. in-folio enc.	17\$000, br.....	15\$000
MELLO MORAES FILHO.— Curso de litteratura brazileira, ou escolha de varios trechos em prosa e verso dos autores nacionaes antigos e modernos. 1 v. in-4. ^o enc.....		5\$000
MOREIRA DE AZEVEDO (DR.) Historia patria, o Brazil de 1831 a 1840. 1 v. enc.....		10\$000
— O Rio de Janeiro, sua historia, monumentos, homens notaveis, usos e curiosidades. 2 v. in-4. ^o , br.	12\$000, enc.	15\$000
NORBERTO DE S. S. (J.)— Historia da Conjuração Mineira. 1 v. in-4. ^o enc.	7\$500, br.....	6\$000
— Brasileiras Celebres, 1 v. enc.....		2\$000
PEREIRA DA SILVA (CONSELH. J. M.)— Historia da Fundação do do Imperio do Brazil. 3 v. in-4. ^o , enc.....		20\$000
— Segundo Periodo do Reinado de D. Pedro I do Brazil. 1 v. in-4. ^o br.	5\$000, enc.....	6\$000
— Obras litterarias e poeticas. 2 vs. in-4. ^o enc.....		10\$000
SOUTHEY (Robert).— Historia do Brazil, 6 vs. enc.....		36\$000

O DEVER

cl

COM

EXEMPLOS DE CORAGEM, PACIENCIA E RESIGNAÇÃO

POR

SAMUEL SMILES

AUTOR

DO " PODER DA VONTADE, " DO " CARACTER, " DA " ECONOMIA
DOMESTICA, " ETO.

TRADUÇÃO

De Corinna Coaracy

Não foi só uma vez que em nossa rude historia
A senda do dever nos foi senda da gloria.

(TENNYSSON).

Do dever o preceito e as suas santas leis
Severos do Destino o livro abrindo vão ;
O porto que buscais, o inferno que temeis
Em vós somente estão.

(J. G. WHITTIER).

RIO DE JANEIRO.

B. L. GARNIER — LIVREIRO-EDITOR.

71. — RUA DO OUVIDOR — 71.

1884

170
5641PC
DCE

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume achou-se registrado

sob número

9513

de ano de

1946

PREFACIO.

Ha vinte e quatro annos que escrevi o *Poder da Vontade*. Foi publicado tres annos mais tarde, em 1859. A composição d'aquelle livro foi apparentemente provocada por uma circumstancia pouco importante. Tinha eu feito varias conferencias em Leeds, perante alguns moços, em um edificio que havia sido temporariamente utilisado para hospital de cholericos. Procurei demonstrar-lhes que a felicidade e bem-estar na vida dependem muitissimo do proprio individuo ; — do seu estudo diligente, da sua disciplina e do seu poder sobre si mesmo ; e principalmente do desempenho recto e honesto do *dever* individual que constitue a gloria do character viril.

Os resultados foram muito mais satisfactorios do que me era licito esperar. Soube que muitos daquelles moços, á proporção que se faziam homens, tinham sido chamados a occupar posições

de confiança, de responsabilidade e de utilidade ; e alguns delles quizeram attribuir o seu honroso exito social aos esforços que fizeram para seguir os preceitos das lições que haviam recebido de seu instructor.

Tomei então a resolução de organizar as notas para um livro que tratasse do mesmo assumpto, pois que os livros são mais duradouros do que a palavra. Preparei o trabalho em minhas horas vagas, á noite, depois de findos os negocios. Intitulei o livro o *Poder da Vontade*, não tendo encontrado outro titulo que melhor exprimisse o fim a que era elle destinado.

Concluido o livro, offereci o manuscripto a um editor em Londres, o qual m'o devolveu. Ardia nessa epocha a guerra da Criméa, e os livros não tinham quasi extracção. Foi sómente depois de publicada a *Vida de Jorge Stephenson* que dei a lume o *Poder da Vontade*, por intermedio do Sr. Murray.

O livro foi recebido o mais favoravelmente possivel. Devo os meus mais sinceros agradecimentos aos criticos. Creio que as suas apreciações foram justas. Com mui poucas excepções louvaram elles os meus esforços, talvez até mais

do que estes o mereciam. E no entanto não os conheço, nem elles a mim.

O *Poder da Vontade* foi traduzido e publicado em quasi todas as linguas europeas, assim como em algumas das linguagens ou dialectos da India e do Japão. Nos Estados-Unidos tem obtido esse livro a maior extracção, e tem sido mais lido do que na Grã-Bretanha.

Treze annos depois do apparecimento do *Poder da Vontade*, durante os quaes occupára-me com outros trabalhos, escrevi e publiquei o *Character*. Nesse livro procurei descrever o quadro do homem e da mulher nobres e magnanimos, e citei grande cópia de exemplos extrahidos da vida dos melhores homens e das melhores mulheres que têm existido. Pareceu-me ser este o mais acertado meio de prender a imaginação dos moços, offerecendo-lhes brilhantes exemplos de nobreza de character. Isaac Disraeli disse: «Pessoas ha que exclamam: — Não quero anedotas da vida de um autor; deem-me as suas obras. — No entanto achei sempre que as anedotas são mais interessantes do que as obras.» E' este o systema que sempre segui. «Não é, — diz Plutarcho, — nas accções distinctas que as virtudes e os

vícios do homem se descobrem; o mais das vezes, uma acção de pouca importancia, uma phrase ligeira, um gracejo, revelam muito mais o character de um individuo do que a mais notavel façanha ou a mais importante batalha.

Cinco annos mais tarde appareceu a *Economia Domestica*. Neste livro tratei da dignidade do trabalho, e exortei os homens para que economisassem afim de assegurar a sua independencia; estimulei-os a poupar em tempo para suas famílias, visando sempre o futuro; a viver uma vida sã, severa e viril; a evitar a horriavel maldição da bebida, que a tantos homens e a tantas mulheres tem empobrecido; a elevar a virtude, a moralidade e a religião acima de tudo. E creio que o livro produziu bons resultados. Depois de sua publicação crearam-se muitas instituições para o estabelecimento da Economia Nacional, e soube por grande numero de correspondentes que florescentes caixas economicas se estabeleceram em logares onde antes não existiam.

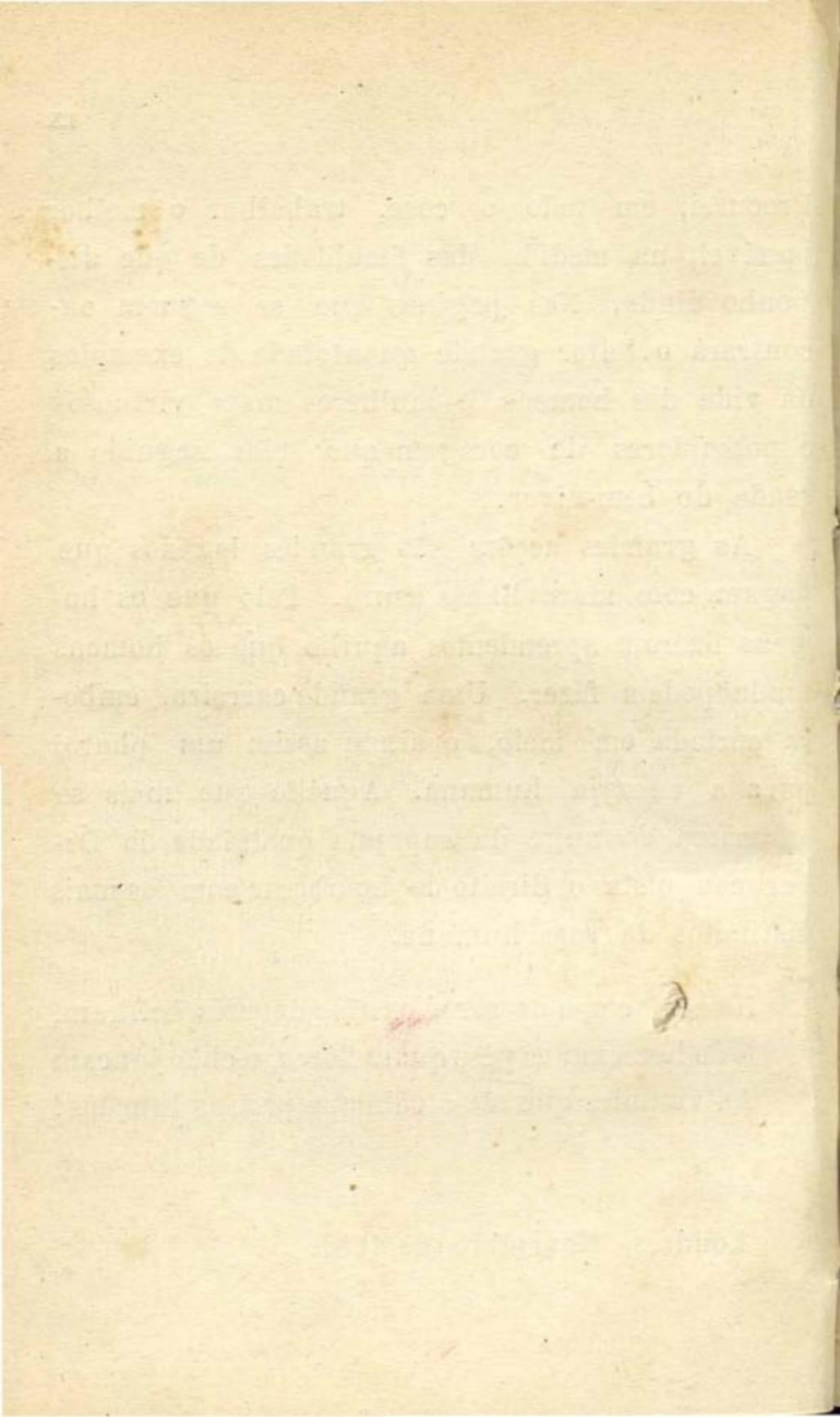
Agora, cinco annos depois da publicação da *Economia Domestica*, trago a lume o *Dever*, o ultimo livro desta serie. Nutro a esperanza de que será elle tão util como os que o precederam.

Procurei, em todo o caso, trabalhar o melhor possível, na medida das faculdades de que disponho ainda. Nas paginas que se seguem encontrará o leitor grande quantidade de exemplos da vida dos homens e mulheres mais virtuosos e possuidores de coragem que têm seguido a senda do bem-viver.

As grandes acções são grandes legados que pagam com maravilhosa usura. Pelo que os homens fizeram aprendemos aquillo que os homens ainda podem fazer. Uma grande carreira, embora cortada em meio, é ainda assim um pharol para a energia humana. Aquelle que mais se aproxima do auge da suprema qualidade do Dever conquista o direito de hobrear com os mais distinctos da raça humana.

No alto, como os soes, os sãoos deveres brilham,
E do homem aos pés, quaes flôres, o chão juncam
As virtudes que são a calma, a paz, as benções!

Londres, Novembro de 1880.



O DEVER

CAPITULO I

O DEVER.—A CONSCIENCIA.

Elle caminhava acompanhado
De forte campeão — a consciencia.

(MILTON.)

Desta ou daquella raça ou lingua, és sempre o mesmo ;
Em frente aos olhos teus, perenne, viva flamma,
Quer seja negro o dia, ou rutilo e fulgente,
Brilha sempre o dever com immutavel chamma!

(*A Ode da Vida.*)

Porque, ó homem ! vituperas tu ao mundo ? O mundo
é formosissimo, emoldurado pela melhor e mais perfeita
razão, embora te pareça torpe e máo, porque tu
és máo e torpe em um mundo bom.

(MARSILIUS FICINUS.)

O homem não vive para si sómente. Vive para o bem dos outros como para o seu proprio bem. Todos os homens têm deveres a cumprir, — tanto o mais rico como o mais pobre. Para uns, a vida é toda prazer ; para outros, é toda soffrimento. O melhor, porém, é não viver para o gozo facil ou para a fama. O poder motor mais forte é o trabalho esperançoso e util em prol de toda a boa causa.

Hierocles diz que cada um de nós é um centro circumscripto por muitos circulos concentricos. De nós parte o primeiro circulo, comprehendendo os pais, a esposa e os filhos. O circulo seguinte comprehende os parentes; vêm em seguida os concidadãos, e finalmente a raça humana.

Para cumprirmos neste mundo o nosso dever para com Deus e para com os homens, firme e consistentemente, é necessario cultivar as faculdades que Deus nos deu. E elle deu-nos tudo. E' a sua vontade que instrue e guia a nossa vontade. E' a consciencia do bem e do mal, a consciencia do que é puro e do que é torpe, que nos torna responsaveis perante os homens nesta vida e perante Deus na outra.

A sphera do dever é infinita. Existe em todas as estações da vida. Não temos á nossa escolha ser feliz ou desgraçado; forçoso, porém, nos é cumprir o dever que por todos os lados nos cerca. A obediencia ao dever, a todo o custo e a todo o risco, é a essencia da vida civilisada. Para praticar grandes acções é necessario trabalhar por ellas, esperar por ellas, morrer por ellas, hoje como hontem e amanhã como hoje.

Frequentemente comparamos a idéa do dever com a disciplina do soldado. Lembramo-nos da sentinella em Pompeia, a qual morreu no seu posto, quando a cidade era submersa nas cinzas do Vezuvio ha uns mil e oitocentos annos. Ao passo que outros fugiam, ella se mantinha firme no seu posto. Cumpria o seu dever. Fôra postada alli para guardar aquelle logar, e nada a fez recuar. Suffocou-a o vapor sulphuroso da cinza que cahia. O seu corpo fez-se pó, mais a sua memoria perdura. O capacete, a lança e a armadura ainda são conservados no Museu Bourbonico de Napoles.

Esse soldado foi obediente e disciplinado. Fez o

que lhe haviam mandado fazer. Obediencia aos pais, ao mestre, ao superior, eis o que cumpre aprender a todo aquelle que quizer desempenhar o seu dever. A infancia deve começar pela obediencia. No entanto a idade não nos serve de desculpa. Devemos ser obedi-
entes até ao fim. O dever na sua mais pura fórma é tão rigoroso, que não devemos pensar, quando o cumprimos, em nossa individualidade. Eil-o ahí está. Deve ser cumprido sem a menor idéa de sacrificio.

Citamos um exemplo de data muito mais recente do que a do soldado romano em Pompeia.— Quando a *Berkenhead* foi a pique na altura da costa d'África, afundando-se com os bravos soldados que a seu bordo soltavam foguetes á medida que o navio se submergia nas ondas, o duque de Wellington, depois da chegada daquella noticia á Inglaterra, assistiu a um banquete que lhe foi offerecido na Academia Real. Macauley diz a esse respeito: « Notei (e comigo o Sr. Lawrence, ministro americano) que, no elogio feito aos valentes mortos, o Duque não fallou, uma vez se quer, na coragem delles, mas citou por diversas vezes a sua disciplina e subordinação. Repetiu a mesma cousa com insistencia. Supponho que o Duque considerava a coragem como um facto naturalissimo.»

O dever é severo para consigo mesmo. Não é unicamente temeridade. O gladiador que combatia o leão com a coragem do leão era animado pelo entusiasmo dos espectadores, e tinha sempre em mira a sua propria individualidade e os premios promettidos. Pizarro foi intrepido. Em meio das privações terriveis por que passou, o seu amor ao ouro o impellia constantemente.

« Quereis ser grande? diz Santo Agostinho. Começai por vos fazerdes pequeno. Quereis construir um vasto e grandioso edificio? Pensai primeiro nos alicerces

da humildade. Quanto mais elevada fôr a construcção, tanto mais profundos devem ser os alicerces. A humildade modesta é a aureola da belleza.»

O verdadeiro dever se cumpre em segredo e longe da vista dos homens. Alli trabalha dedicada e nobremente. Não segue a rotina dos preconceitos da moralidade social. Não se apregôa. Segue um credo mais amplo e adopta um código mais elevado; submettendo-se a elles e obdecendo-lhes, toda a vida humana e toda a acção do homem é considerada como dedicada á raça inteira. As nossas acções más ou levianas contrahem diariamente dividas que, mais tarde ou mais cedo, a humanidade tem que saldar.

Como, porém, conhecermos o nosso dever? Póde haver nisso difficuldade? Em primeiro lugar, existe a permanente e constante consciencia do nosso dever para com Deus. Seguem-se depois os outros: o dever para com a nossa familia; o dever para com os vizinhos; o dever dos amos para com os famulos e dos famulos para com os amos; o dever para com os nossos semelhantes; o dever para com o Estado, que por seu lado tem o seu dever que cumprir para com o cidadão. Muitos desses deveres se cumprem em particular. A nossa vida publica póde ser bem conhecida, mas em particular existe aquillo que ninguem vê: a vida intima da alma. Depende unicamente de nós ser digno ou indigno. Ninguem póde aniquillar a nossa alma, a qual só póde perecer pelo suicidio. Se conseguirmos tornar-nos de dia em dia melhores, e inspirar aos outros o desejo de se tornarem mais dignos e nobres, teremos talvez alcançado o nosso fim.

Eis o modo pelo qual um deputado americano se conservou firme no seu posto:

Ha pouco mais ou menos um seculo, houve um

eclipse do sol, visível na Nova-Inglaterra. O céu se tornou tão escuro, que muitos acreditaram ser chegado o dia do juizo final. A camara legislativa do Conneticut achava-se em sessão, e, quando a escuridão se tornou mais densa, um dos membros requereu que os trabalhos fôsem suspensos. Ouvindo isto, um velho deputado puritano, Davenport de Stamford, se levantou e declarou que, se era chegado o dia de juizo, elle, ao menos, desejava ser encontrado no seu posto, cumprindo o seu dever; por esse motivo requeria que trouxessem velas, e que a camara proseguisse em seus trabalhos. Firme no posto do dever — era esta a maxima do velho; e o seu requerimento foi attendido.

Houve um homem de compleição fraquissima, que dedicava a maior parte de seu tempo a occupaões philanthropicas. Visitava os doentes pobres, demorava-se em companhia delles em suas miseraveis moradas, prestava-lhes os seus cuidados e auxiliava-os por todos os meios. Os amigos censuraram-n'o por se descuidar de seus negocios, além da constante ameaça de alguma enfermidade contrahida nas continuadas visitas aos doentes e moribundos. Respondeu elle com firmeza e simplicidade: « Cuido dos meus negocios por causa de minha mulher e de meus filhos; creio, porém, que o dever do homem para com a sociedade exige que elle vele por aquelles que não lhe pertencem pelos laços da familia. »

São estas as palavras de um fiel escravo do dever. O homem que dá dinheiro não é o verdadeiro bemfeitor da humanidade, mas sim o que *a si proprio se dá*. Aquelle que em favor dos necessitados dá o seu dinheiro é recompensado pela publicidade de seu acto generoso. O que dá o seu tempo, as suas forças, a sua alma, é amado. A memoria do primeiro póde perdurar, ao

passo que o segundo será talvez esquecido ; mas o bom exemplo por elle semeiado, esse não morrerá.

Qual, porém, o fundamento do Dever ? Jules Simon escreveu um livro precioso, *Le Devoir*, no qual fez o dever dependente da liberdade. O homem deve ser livre para poder cumprir os seus deveres publicos, assim como para formar o seu character individual. Tem a liberdade de pensamento, deve ter tambem a liberdade de acção. A liberdade póde, ao mesmo tempo, servir mais frequentemente para a pratica do mal do que para a do bem. A tyrannia da multidão é peor do que a tyrannia de um individuo só. Thoreau, o escriptor americano, diz que a liberdade moderna é apenas a troca da vassalagem do feudalismo pela da opinião.

A liberdade estendendo-se igualmente a todos os homens é uma nova phase na historia.— Nas éras primitivas, os homens chamados « livres » possuíam o direito de ser servidos por escravos. Existia a escravidão no Estado assim como na familia. Existia nas republicas tanto quanto nas monarchias. Catão, o antigo, o primeiro economista da Roma republicana, insistia pela vantagem de se desfazerem dos escravos velhos afim de evitar-se o dispendio com o seu sustento. Os escravos enfermos ou invalidos eram levados para a ilha de Esculapio, no Tibre, e ahi condemnados a morrer da molestia ou de fome. Na Roma Imperial o *Populus Romanus* vivia da caridade. Na Inglaterra tambem, quando foi abolida a escravidão, quando os indigentes não se sustentavam mais pela caridade dos mosteiros, decretou-se uma lei sobre o pauperismo, a qual foi uma compensação pela perda da liberdade.

Ha uma palavra muito mais valiosa do que a liberdade ; é a consciencia. Desde o começo da civilisação se reconhece a força desta palavra. Menandro, o

poeta grego, que existiu trezentos annos antes de Christo, tambem o reconheceu. « Em nosso seio, disse elle, existe um Deus : — a consciencia. » Mais adiante diz elle ainda: « Viver para si sómente não é viver. Quando praticares uma boa acção, alegra-te, pois sabes que Deus toma parte em tudo quanto é santo. O coração magnanimo é do que o homem mais necessita. »

A consciencia é aquella faculdade da alma que póde ser chamada — o instincto religioso. Revela-se primeiro quando reconhecemos em nosso seio a luta de uma natureza mais pura contra o instincto vicioso ; — a luta do espirito contra a carne, — do bem procurando subjugar o mal. Para onde quer que lancemos o olhar, dentro da igreja ou fóra della, a mesma luta existe sempre, — guerra de vida ou de morte ; homens ou mulheres padecendo tormentos, porque amam o bem e não podem attingil-o.

E' deste sentimento que nasce a Religião, — a lei divina que nos entrega A'quelle a quem a consciencia representa. « E' esta experiencia, diz o conego Mosely, que tem constituido a base de todas as religiões. O homem contemplando a sua alma, e vendo a luta que nella existe, e dahi conhecendo-se a si proprio, e em seguida chegando ao conhecimento de Deus. » Sob esta influencia, o homem sente e distingue o que é puro e impuro. Tem a escolha entre o bom e o mal. E porque tem a liberdade de escolha, torna-se responsavel pelas suas acções.

Seja qual fôr a convicção theorica de um homem, praticamente não póde elle crêr que as suas acções são necessarias e inevitaveis. Não existe pressão alguma sobre a nossa vontade. Sabemos que não somos estrangidos, como que por um encanto, á determinada razão. « Reconhecemos, diz John Stuart Mill, que, se

quizessemos provar que possuímos a força de resistir a essa razão, fal-o-liamos ; que seria humilhar o nosso orgulho, paralyzar o nosso desejo de nos tornarmos superiores, se pensassemos de outro modo.»

As nossas acções podem ser refreadas ; se assim não fôra, qual a razão por que os homens em todo o mundo decretam leis ? Essas leis são decretadas para serem obedecidas, pois é crença universal, é facto reconhecido, que o homem se submete a ellas tanto quanto ellas o determinam. Estamos convencidos, cada um nós individualmente, que não somos escravos de nossos habitos e tentações, mas sim senhores delles. E, embora lhes cedendo, reconhecemos que poderíamos resistir-lhes, e que, se quizessemos repellil-os inteiramente, não seria necessario, para conseguil-o, um desejo mais forte, uma vontade mais poderosa do que aquella que nos sentimos capazes de desenvolver.

Para gozar da mais ampla liberdade é mister que a intelligencia do homem se haja desenvolvido pelo estudo. E, á proporção que o espirito se esclarece e a consciencia affirma o seu poder, a responsabilidade do homem augmenta. Submete-se á influencia da Vontade Suprema, sem constrangimento, — fal-o satisfeito. E na sua crença, que denota o saber e a confiança, a sua humanidade se expande. Sente que por sua livre vontade, trabalhando de accordo com os dictames de uma lei divina, está praticando o bem, conquistando a sua supremacia.

« O homem sem religião, diz o arcediogo Hare, é escravo das circumstancias ; acima de todas estas está a religião, que póde eleva-lo até além do seu alcance. » Thomaz Linch no seu Theophilo Trinal diz: « Emquanto não tomamos uma resolução firme, não somos livres. É necessario plantar primeiramente o fructo para depois se desenvolver a arvore. O homem que tem fé é a planta

que criou raizes no scio de Deus; as nossas obras revelam a nossa alma » No Evangelho encontramos estas palavras: « Onde estiver o espirito de Deus estará a liberdade. » E Cowper escreveu :

Livre é quem a verdade livre faz.
Fóra della, escravo todo o homem jaz.

Onde não existe o reconhecimento da Lei Divina, os homens obedecem aos sentidos, á paixão, ao egoismo. Quando cedem a alguma propensão viciosa, não desconhecem que estão procedendo mal. A consciencia os condemna. A lei da natureza clama contra o acto. Sabem que a acção que praticaram foi má e criminosa. A sua força de resistencia, porém, está enfraquecida para o futuro. A sua energia perdeu o poder que possuia, e, quando de novo a tentação se lhes apresentar, já a resistencia será menor. Então contrahe-se o habito. A maldição de todo o acto máo está em que, quanto mais propagado, peiores fructos produz.

Mas a consciencia não morre. Não podemos cavar-lhe uma sepultura e enterrar-a para todo o sempre. Podemos calcar-a aos pés, ella sobreviverá. Todo o peccado, todo o crime, no momento em que é commettido, gera o seu anjo vingador. Não podemos vendiar os olhos para não vel-o, nem tapar os ouvidos para não ouvir-o. « E' a consciencia que nos torna a todos covardes. » E chega um dia de juizo, mesmo nesta vida, no qual a consciencia se levanta contra nós, advirtindo-nos para que entremos de novo no caminho do bem.

A consciencia é permanente e universal. E' a propria essencia do character individual. Dá ao homem o dominio sobre si mesmo,—a força para resistir ás tentações e affrontal-as. Todo o homem tem a obrigação de

desenvolver a sua individualidade moral, de procurar o caminho recto da vida e trilhar por elle. Possui a necessaria força para fazel-o, tem sufficiente energia para conservar essa individualidade, para não se constituir echo de ninguem, para não ser o reflexo de condições inferiores á sua, nem escravo dos preconceitos sociaes. A verdadeira virilidade nasce do dominio de si proprio, do poder de sujeitar os desejos baixes e mesquinhos ás aspirações elevadas do nosso ser.

O completo e inabalavel dominio do homem sobre si mesmo só se attinge pelo ascendente que em nós tem a consciencia, — a consciencia do dever cumprido. E' sómente a consciencia que eleva o homem e o liberta da tyrannia das suas paixões e dos seus instinctos. Põe-n'o em contacto com os interesses mais vitaes da sua raça. E a fonte mais pura do contentamento só se encontra na senda do dever. A satisfação virá, como inesperado allivio, suavisar o trabalho, coroar toda a boa accção.

A consciencia em sua perfeição impelle o homem a procurar a sua ventura, no sentido mais nobre da palavra, e a prescindir daquillo que o póde magoar. « Entre os povos civilisados, diz Hebert Spencer, poucos ha que não reconheçam que o bem estar do homem se acha de accordo com Lei Divina. Esta doutrina é sustentada por todos os doutores da religião, é confirmada por todos os moralistas : podemos, portanto, consideral-a como uma verdade estabelecida. »

Sem consciencia, o homem não póde ter um alvo mais elevado do que o gozo. Busca o que melhor lhe apraz, quer seja o prazer material, quer seja o prazer intellectual. Não viemos ao mundo unicamente para seguirmos os nossos instinctos, — para nos entregarmos inteiramente ao gozo. A natureza inteira se revolta contra

essa idéa. O espirito não deve ser escravizado pelos instinctos baixos da nossa natureza. Não pôde haver sacrificio, nem privação, nem imperio sobre si proprio, além daquillo que é necessario para evitar-se consequencias da lei humana.

A raça que assim fôsse constituida, possuindo a intelligencia e as paixões que o homem possui, sem a influencia suprema da consciencia que lhe dirigisse as acções, em pouco tempo seria presa da anarchia, e findaria exterminada pela destruição mutua. Estamos vendo já o resultado de semelhante estado de cousas no louco anniquilamento da vida humana que ultimamente tem prevalecido entre os Nihilistas da Russia e da Alemanha, e na incendiaria destruição por occasião da communa em Pariz. Se taes principios dominassem na sociedade, só poderiam levar á total desmoralisação do homem — individual, social e nacional.

O unico methodo a seguir nesse caso é chamal-o aos dictames do dever. A missão de nossos pais foi conquistar o bem; seja a da geração actual ensinar e propagar o dever. Espalhe-se a justiça tambem, — a justiça que é o brilho da virtude, e a benevolencia sua irmã. Ha nos Evangelhos uma sentença que nos vem ferir incessantemente, e que deve ser escripta em cada pagina dos livros de moral: — « Fazei aos outros o que desejais que vos façam. » E' digno de reparo, diz Von Humboldt, que em nossa vida, quando não nos prendemos á idéa exclusiva de nossa felicidade ou desgraça, mas nos entregamos inteiramente ao cumprimento recto e applicado do nosso dever, a felicidade acode por si mesma ao nosso encontro; — e mais ainda, o contentamento nasce no meio de uma vida de amarguras, de soffrimentos e privações. »

« Qual é o nosso dever? pergunta Goethe. O cumprimento das occupações do dia, que vos estão presentes. » E' este um modo pouco amplo de encarar o dever. « Qual então, pergunta elle ainda, é a melhor fórma de direcção? Aquella que nos ensina a governar as nossas paixões. » Plutarcho disse ao imperador Trajano: « O teu governo deve começar no teu proprio seio; funda os seus alicerces no dominio de tuas paixões. » Eis as tres palavras: — dominio, dever e consciencia. « Tempo virá, diz o bispo Hooker, em que tres palavras pronunciadas com brandura e humildade receberão mais abençoada recompensa do que tres mil volumes escriptos com a desdenhosa argucia e graça do espirito. »

Faz bem á alma a contemplação de acções praticadas por amor e não por egoismo, praticadas em prol do dever, da misericordia, da benevolencia. Muitas cousas ha feitas por amor que valem mil vezes mais do que as acções praticadas por dinheiro. As primeiras inspiram o heroismo e a dedicação. Morrem as ultimas no momento em que são praticadas. O dever comprado nada vale. « Considero, escreve o Dr. Arnold, acima de toda a riqueza, de todas as honras, e até da saude, a dedicação devida ás almas nobres, pois que tornar-se amado dos bons, dos generosos, dos leaes, é de algum modo tornar-se leal, generoso e bom. »

Todo o homem tem uma occupação que desempenhar, para si individualmente e para aquelles que o cercam. De facto, pouco valor tem a vida que não é consagrada ao dever. « Mostra-me, disse, Marco Aurelio Antonino, as qualidades que deves possuir: — lealdade, gravidade, amor ao trabalho, aversão aos prazeres, satisfação do pouco que possues, benevolencia, franqueza e magnanimidade. »

O maior desenvolvimento intellectual póde existir

sem a menor particula da magnanimidade. Este sentimento nasce da mais elevada potencia da mente humana, a consciencia, — da primeira das faculdades, a razão, — e da predisposição para a fé, pela qual o homem é capaz de perceber muito mais do que percebe com os sentidos. Darwin disse, com muita verdade, — « que os dictames da consciencia provocando o arrependimento e os sentimentos do dever constituem a differença mais importante qua distingue o homem do bruto. » (*)

Querem convencer-nos da omnipotencia da materia. Segundo essa theoria, devemos sómente crêr naquillo que vemos com os olhos, que tocamos com as mãos. Não devemos acreditar senão naquillo que comprehendemos. Mas se é tão pouco o que comprehendemos e sabemos ! Vemos apenas a superficie das cousas, « como em um espelho embaciado ». Como póde, pois, a materia fazer-nos comprehender os mysterios da vida ? Não conhecemos cousa alguma a respeito da vontade, da sensação, da acção mental. Sabemos que existem, porém não as comprehendemos.

Dizendo um moço ao Dr. Parr que só acreditaria naquillo que pulesse comprehender, — « Então, meu amigo, respondeu-lhe o sabio, a sua crença será a mais limitada de que hei noticia. »

Mil cousas ha em que nos vemos forçados a acreditar sem comprehendel-as. A materia nas suas inumeras combinações é tão mysteriosa como a vida. Contemplemos esses milhares de mundos longiquos, que gyram magestosamente nas suas orbitas, ou olhemos para a terra em que habitamos, effectuando o movimento diurno sobre o seu eixo, no seu circulo annual em

(*) *A origem do homem*, vol. I, cap. II.

torno do sol : — comprehendemos porventura quaes as causas desses movimentos ? Que podemos nós affirmar a esse respeito, além da existencia de taes factos ?

« O gyro do sol no espaço, diz Pascal, immenso como é, não passa entretanto de um pequeno ponto quando comparado com o circulo mais vasto que as estrellas descrevem. Além do alcance da vista, o nosso mundo é apenas um ponto no seio immenso da natureza. Lembra-nos um atomo, ao contemplarmos a realidade, que é uma infinita esphera cujo centro está em toda a parte e cuja circumferencia não está em parte alguma. Onde está o homem no meio desse infinito ? Existe ainda uma outra prespectiva não menos maravilhosa: é a contemplação do infinito abaixo do homem. Examine elle o menor dos seres creados, o oução, por exemplo. Tem membros, tem veias, tem sangue nessas veias, globulos nesse sangue, tem humores e serum. E dentro desse atomo vivente mostrar-lhe-lhei não só a natureza visivel, como a propria immensidade da creação. O homem que se entregar a esta meditação ficará aterrado perante si proprio, amedrontado da posição em que a natureza o collocou, — como que suspenso entre o infinito e o nada. Só o Autor dessas maravilhas póde comprehendel-as, — Elle só. »

Confucio ensinou aos discipulos que a boa conducta constitue tres quartas partes da vida. « Reflectam com justeza e pratiquem a virtude. A sabedoria, a magnanimidade e a energia são élos de uma cadeia universal. A gravidade, a grandeza de alma, a lealdade e a benevolencia constituem a virtude perfeita. » Estas palavras chegam-nos á idéa como o echo longiquo das lições do grande mestre de ha dez mil annos, e a quem os seus discipulos chamavam — o santo, o presciente sabio Confucio.

Todas essas virtudes, porém, gera-as o nosso mentor innato,—a consciencia. Deste principio partem todas as regras de conducta. Obriga-nos ella a preticar o bem e a fugir do mal. No seu maior desenvolvimento, impelle-nos a buscar a felidade dos outros, e obriga-nos a recuar perante aquillo que os póde tornar infelizes. A primeira lição que devemos aprender é fortalecer a alma afim de cumprirmos o nosso dever, firmando a nossa felicidade e paz naquillo que não nos póde fugir. A consciencia é a luta na qual vencemos as nossas fraquezas. E' o conflicto da alma, no qual se affirma o poder da vontade e do espirito de Deus.

Muito temos que aprender com os antigos philosophos gregos no que diz respeito ao dever. Socrates é considerado por muitos como o fundador da philosophia grega. Convencera-se elle de que a Divindade o encarregára de despertar a consciencia moral dos homens. Nasceu em Athenas quatrocentos e setenta e oito annos antes de Christo. Recebeu a melhor educação que um Atheniense podia receber naquella época. No principio dedicou-se á esculptura, e nessa arte granjeou uma certa reputação. Em seguida serviu como soldado, conforme era dever de todos os cidadãos de Athenas. O juramento que prestou em commum com outros moços foi o seguinte: « Não mancharei as armas sagradas que a patria me entrega, nem abandonarei o posto que ella confiar á minha defesa. »

Deu provas de grande abnegação e valor em todas as expedições em que tomou parte. Em um dos combates travados em Potidea, Alcibiades cahiu ferido no meio dos inimigos. Socrates acudiu em seu soccorro e trouxe-o nos braços, são e salvo, com as suas armas. Por este acto de valor recebeu elle a corôa civica como premio de sua coragem. A sua segunda campanha não

foi menos gloriosa do que a primeira. Na desastrosa batalha de Delos, salvou elle a vida de Xenophonte, carregando-o ás costas no meio do campo inimigo e combatendo até depol-o em lugar seguro. Serviu ainda em outra campanha, depois da qual se dedicou, durante algum tempo, ás funcções civis de sua patria.

Foi tão denodado como senador quanto o fôra como soldado. Possuia no mais alto gráo a coragem moral, que não só affronta a morte como a opinião adversa. Lutava contra o tyranno com o mesmo ardor com que desafiava a multidão revolta. Quando os commandantes dos navios gregos foram accusados, após o combate de Arginusa, por não haverem salvo os corpos dos mortos, Socrates foi o unico que os defendeu. A ira do povo mostrou-se desapiedada. Demittiram-n'o do conselho, e os commandantes foram condemnados.

Socrates dedicou-se então ao ensino. Andava pelas praças, pelas casas de commercio e pelas escolas, exhortando o povo e espalhando as suas idéas ácerca do alcance e valor do estudo e da acção humana. Prégava em uma época de completo scepticismo. Procurou desviar os homens de suas indagações methaphysicas sobre a natureza que os havia levado aos emmaranhados labyrinthos da duvida. « Vale a pena viver? » Esta interrogação era naquelles tempos um assumpto de meditação tão profundo como em nossos dias. Socrates exhortou-os a se conhecerem a si mesmos. Adoravam os homens aos deuses, e elle lhes dizia que só a vida sã e moral poderia proporcionar-lhes a felicidade neste e no outro mundo.

Socrates ensinava. Seguiam-n'o seus discipulos e os homens sensatos. Aristippo offerreceu-lhe avultada somma pecuniaria. Socrates, porém, não ensinava por

amor ao ganho ; ensinava para diffundir a sabedoria. Declarou, pois, que a maior recompensa a que aspirava pelos seus esforços era vêr a humanidade tirar proveito de seus ensinamentos.

Não ensinava pelos livros. Limitava-se a discorrer, a arguir. « Os livros não podem ser interrogados, dizia elle, não podem responder : portanto, não podem ensinar. Por elles só poderíamos aprender aquillo que já sabemos. » Procurava reduzir as cousas aos seus elementos primitivos, afim de chegar á certeza, unica norma da verdade. Acreditava na unidade da virtude e affirmava ser ella susceptivel de ensino como se fosse uma sciencia. Sustentava que a unica philosophia é a que nos ensina os nossos deveres moraes e as nossas esperanças religiosas. Detestava toda a injustiça e toda a leviandade, não perdendo occasião de denunciá-las. Tinha o maior desprezo pela presumpção geral dos homens que se julgam com capacidade para governar. Dizia que sómente os sabios estavam habilitados para o governo, e esses mesmos eram em numero limitado.

Aos setenta e dous annos de idade, foi levado á presença dos juizes. Diziam os seus accusadores: Socrates é um corruptor da mocidade. Não adora os deuses que o Estado adora ; apresenta-nos divindades novas.— Processaram-n'o por isso, e condemnaram n'o á morte. Foi preso, e durante trinta dias discorreu com os amigos sobre o seu thema predilecto. Crito proporcionou-lhe os meios de evasão, mas o philosopho não quiz utilisar-se delles. Fallou ácerca da immortalidade da alma (*),

(*) « Se a morte, disse elle, fosse o fim de tudo, os máos deveriam ter-se por felizes, morrendo, pois ver-se-hiam facilmente livres dos seus corpos como do peso da sua maldade conjunctamente com a sua alma. Mas agora, pois que a alma

discorreu sobre a coragem, a virtude, a temperança, a belleza real e sobre o bem, e finalmente fallou da mulher e dos filhos.

Consolou os seus amigos, e censurou-os com brandura por se queixarem da injustiça da sentença. Ia morrer. Porque se lamentavam elles ? Já estava adiantado em annos, e dentro em pouco teria de pagar a sua divida á natureza. Homem nenhum tinha aguardado a morte com tamanho jubilo, pois que a morte era apenas a entrada de um mundo mais puro e elevado.

Chegou o momento em que o carcereiro lhe apresentou a taça da cicuta. Sorveu-a corajosamente e morreu em completa calma. « Foi este o fim, diz Phædo, do nosso amigo, a quem posso chamar o mais sabio, o mais justo, o mais virtuoso dos homens que hei conhecido. »

« Os seculos seguintes acataram a memoria das suas virtudes e do seu destino, diz o Sr. Lewes, sem seguirem-lhe o exemplo e sem aprenderem a indulgencia na sua historia. O seu nome tornou-se thema para os collegiaes e these para os rhetoricos. Oxalá se tornasse elle uma influencia moral ! » (*)

Socrates não escreveu livros. Quasi tudo quanto sabemos a seu respeito é extrahido das obras dos seus illustres discipulos Xenophonte e Platão, que propagaram a memoria de suas accções, de seus ensinios e soffrimentos, e da sua morte. Platão viveu com elle dez annos, e expendeu suas theorias nos celebres *Dialogos* ; nessa obra, porém, é difficil conhecer o que é de

é immortal, não ha salvação possivel fóra da pratica da virtude a mais elevada e da moralidade a mais sã. »

(JOWETH — *Dialogos de Platão.*)

(*) *Historia biographica da philosophia*, I, 213.

Platão, e o que pertence a Socrates. Depois que a morte os separou, Platão, aos quarenta annos de idade, foi á Sicilia. Ahí conheceu Dionysio I, tyranno de Syracuse. Por causa de uma divergencia politica, pois Platão era audaz e franco em suas opiniões ácerca da liberdade, o tyranno ameaçou-o de morte. Dion, irmão de Dionysio, intercedeu pelo phylosopho e salvou-lhe a vida; foi este, porém, condemnado a ser vendido como escravo. Um amigo comprou-o e restituiu-lhe immediatamente a liberdade.

Platão voltou a Athenas e dedicou-se ao ensino. Como seu mestre, ensinou sem auferir lucros, sem pensar na paga pecuniaria. E' desnecessario seguir a historia da sua vida. Basta dizer que elle se dedicou á propagação da verdade, da virtude e do dever. Subdividiu as quatro virtudes cardeaes pela seguinte fórma: 1.º Prudencia e sabedoria. 2.º Coragem, constancia e fortaleza. 3.º Temperança, discrição e calma. 4.º Justiça e rectidão. Adoptou esta divisão da virtude como base da sua philosophia moral. « Os homens de todas as classes, disse elle, quer sejam felizes, quer sejam desventurados, -- quer vençam, quer não, devem cumprir o seu dever e contentar-se com isso. » Que lição para as idades futuras não contêm estas palavras!

Platão passou os ultimos dias de existencia na tranquilla reclusão da sua academia. A sua distracção, principalmente nos ultimos annos, era a composição dos seus *Dialogos*, que grangearam a admiração da posteridade. Chamaram-n'o o Divino Platão. A sua alma só vivia para a verdade. Dizia elle que sómente isto devia ser o alvo do homem. Como seu mestre, dava á Suprema Intelligencia os attributos da bondade, da justiça e da rectidão, e acreditava na sua intervenção directa nas accções humanas. Tinha, como o philosopho

inglês Carlyle, aversão á poesia. (*) A unica poesia que louvava era a moral, que não é senão a philosophia versificada. Cumpre notar-se que Platão existiu cerca de quatrocentos annos antes de Christo. Coleridge chama-o o verdadeiro propheta da éra christã; e o conde de Maistre costumava dizer: « Não decidamos uma questão importante sem primeiro consultar Platão.»

O Novo Testamento creou um esplendido ideal da vida humana; arduos, porém, devem ser os esforços daquelle que se empenhar em attingir esse ideal. Sentimos sempre que alguma cousa existe que mais nos attrahe e seduz do que aquillo que temos obrigação de cumprir. Mas o dever ali está, e forçoso é desempenhal-o, abandonando os sonhos, vencendo a inercia. Grande parte da philosophia do bem-estar moral e da felicidade está contida na seguinte maxima: « Qualquer

(*) Diz Carlyle: « Se tendes alguma cousa aproveitavel que communicar aos homens, porque haveis de *cantal-a*? Afigura-se-me um grande infortunio fazer um homem a sua offerta á humanidade em *palavras*, e não em divinas e silenciosas *acções*. Lastimo constantemente que os homens a quem a sorte dotou de genio, que significa ou o esplendor da intellegencia, da coragem, da virilidade, ou então nada quer dizer, insistam em expandir esse dom divino em *verso*, cousa que nenhum homem, hoje em dia, lê sinceramente. » Por outro lado, Mathew Arnold, no prefacio da sua obra *Os Poetas Inglezes*, diz qua a nossa raça, á proporção que progredir, encontrará *na poesia* os seus mais fortes sustentaculos. « Não ha crença humana que não esteja abalada, não ha dogma que não tenha sido discutido, não ha tradição que não se haja anniquillado. A nossa religião se materializou, cifrou-se no facto, — supposto ou palpavel, — concentrou nelle as suas emoções, e agora lhe falha esse facto. Na poesia a idéa é tudo; o resto é um mundo de illusão, — de illusão divina. »

que seja o teu dever, cumpre-o sem restricções.» Aquelle que desempenha do melhor modo possivel o dever que lhe cabe acha-se no caminho recto da distincção.

Conta-se que um individuo, estando no auge do desespero, exclamou : « De nada serve ser bom, pois que não podemos attingir a perfeição ; e, embora assim fosse, dahi nenhum bem nos resultaria.» E' uma heresia, uma falsidade exprimir-se desse modo ácerca do bom resultante das boas acções e das boas palavras. Cada um de nós póde praticar o bem na esphera social em que vive. Se o podemos praticar, temos obrigação de fazê-lo. Assiste-nos tanto o direito de nos tornarmos inuteis, como o de nos suicidarmos.

Temos obrigação de ser tão leaes nas pequeninas cousas como nas grandes. Manda-nos o dever que applicuemos na pratica do bem todos os talentos que nos tenham sido dados. Podemos seguir os dictames da nossa consciencia, e caminhar, embora sós, na senda do dever. Devemos ser honestos, sinceros, deligentes, embora para nos respeitarmos a nós mesmos. Sejamos sempre leaes. A quem deixará de causar impressão a resposta dada por um escravo ao seu comprador : « Serás fiel, se eu te comprar ? » — « Sim, respondeu o escravo, serei fiel, quer me compres, quer não.»

Na descripção feita da predica do finado Dr. Macloed ás classes operarias, na Igreja Baronial de Glosgow, diz-se que elle insistiu muito sobre o « Character. » Devia ser este o alvo, tanto dos grandes como dos pequenos. Disse elle que « o legado mais precioso deixado pelo Principe Alberto foi o seu character. » Sabia perfeitamente que muitos pobres acreditam ser-lhes impossivel ter character. Era isso uma falsidade, elle não podia dar credito a semelhante cousa. Não havia homem ou mulher alli presente que não tivesse em seu poder, com o auxilio

de Deus, deixar o mais bello legado que existe na terra, o character; e seus filhos haviam de agradecer ao céo ter sido sua mãe uma mulher virtuosa e seu pai um homem piedoso.

O character é a somma dos pequenos deveres fielmente cumpridos, das privações, dos sacrificios, dos actos de amor e de dever. O alicerce do character se basea no lar domestico, e são as influencias do lar que activam as tendencias, quer sejam estas boas, quer más. « Aquelle que é leal nas pequenas cousas sel-o-ha nas grandes, e o que fôr desleal nas acções insignificantes, nas grandiosas o será tambem. » A benevolencia gera a amizade; a lealdade e a confiança fazem sempre larga messe de fidelidade e honradez. Actos triviaes de bondade ha que nos revelam o character do homem muito mais do que longas e enfeitadas phrases. Esses actos são facéis de praticar, e os seus effeitos perduram mais do que a nossa vida.

Uma boa acção nunca é perdida. Nada neste mundo morre, nem mesmo a vida, a qual apenas abandona uma fórma para assumir outra. A boa acção e o bom exemplo não perecem nunca. Vivem para sempre na raça humana. Emquanto o corpo se faz pó e desaparece, grava a acção indelevel cunho, que molda o proprio pensamento e a vontade das gerações futuras. O tempo não limita a influencia de uma boa acção; os seculos vindouros hão de participar da nossa felicidade. Tem-se visto já uma unica acção virtuosa engrandecer uma aldeia, uma cidade, uma nação inteira. « O momento presente, diz Goethe, é um deus poderoso. » As melhores producções do homem são os seus pensamentos, rectos e bons, que, uma vez formados e postos em pratica, estendem a sua benefica influencia por centenas de annos, e de geração em geração. As mais bellas

produccões nascem das pequenas sementes cahidas no chão, e são os dictames innatos da consciencia e o principio inspirado do dever que geram os mais brilhantes exemplos de character. Wodsworth assim canta o dever:

« Legislador austero ! tens no entanto

A graça divinal !

Nem sei que haja sorriso mais celeste

Que o que te enfeita os labios perennal !

As flôres no hastil dão-te seus risos,

Derramam seus perfumes aos pés teus.

Dos astros no espaço o gyro guias,

E por ti luzem sempre e sempre os ceus ! »

CAPITULO II.

O DEVER EM ACCÃO.

Põe em Deus a confiança,
Trilha a senda do dever,
Grava o olhar nos livros santos.
Eis o que cumpre o fazer.

(LUTHERO.)

Nobres acções pratica, e não consumas
Em sonhal-as sómente o dia inteiro,
E assim a vida, a morte, a eternidade
N'um cantico tu tornas verdadeiro.

(CHARLES KINGSLEY.)

Oh! tu, lidador, a cujo forte braço
A terra bruta cede e o mar se curva,
Qual se cedessem a pujante encanto,
Marinheiro ou soldado, homem de estudo!
Ou lavrador de arado apenas sejas,
— Na mina ou no tear, na forja imperas!
Embora em condição baixa e mesquinha,
Onde quer que te aches, rico ou pobre,
Fonte occulta de forças tens contigo:
— O poder creador, a flôr fructifera,
O germen poderoso da existencia.

(*Ode da Vida.*)

Aquelle que bem considerar no seu dever porá immediatamente em accção as suas convicções. As nossas acções são as unicas cousas que se acham sob o nosso poder absoluto. Não só constituem a somma dos nossos habitos, como o nosso character.

Entretanto, nem sempre o caminho do dever é o mais facil. Ha nelle muitos obstaculos e difficuldades que vencer. Podemos ter a sufficiente sagacidade para reconhecê-los sem possuirmos a necessaria força de vontade para superal-os. No caminho do homem irresoluto abundam tropeços que o assustam. Elle pensa, medita, sonha, mas nada faz. « Ha pouco que vêr, diz

um infatigavel lidador, e menos que fazer ; o que ha é apenas o dever a cumprir.»

Não é sómente o dominio das nossas sympathias e antipathias que nos deve preoccupar ; o mais difficil é triumphar da opinião adversa. O homem cuja primeira pergunta, ao reconhecer o caminho recto que deve seguir, é : « O que dirá de mim o mundo ? » é um homem cujas acções não têm valor algum. Se perguntar, porém : « E' este o meu dever ? »—póde seguir impavido, resistir á censura dos homens, e até affrontar-lhes o ridiculo. « Tenhamos fé nas boas acções, diz o Sr. de la Crételle, e reservemos a duvida e a incredulidade para as acções más. E' melhor ser enganado do que desconfiado. »

O dever aprende-se no lar. A criança vem ao mundo debil e dependendo dos outros para a saude, para a alimentação, e para o desenvolvimento physico e moral. Recebe afinal as primeiras idéas ; sob influencias bem dirigidas, aprende a obedecer, a dominar-se, a ser boa para com os outros, docil e feliz. Tem vontade propria ; mas a sua boa ou má direcção depende muito da influencia dos pais.

O habito de querer chama-se intenção ; e, pelo que dissemos, a importancia de tomar cedo na vida uma resolução torna-se evidente. « O character, diz Navalís, é a resolução completamente formada, » e essa resolução, uma vez tomada, deve ser firme e constante na vida inteira. Quando o homem verdadeiro, decidido a praticar o bem, não vacilla na sua resolução, é porque tem em pouca conta os premios e louvores da sociedade ; a approvação da propria consciencia é a sua melhor recompensa.

O querer, sem um poder que o dirija, é simplesmente constancia, firmeza e tenacidade. Mas é claro que, se a direcção do carater não fôr boa, essa forte vontade será apenas uma arma para a pratica do mal.

Nos grandes tyrannos é um genio malefico. Dispondo do poder de gvernal-os, não conhece limites, nem restricções. Tem sob seu dominio milhões de homens; inflamma-lhes as paixões, incita-os á guerra, e só se satisfaz quando conquista, destroe e tyrannisa. Esse querer sem limites produz um Alexandre ou um Napoleão. Alexandre chorou porque não havia mais nações que conquistar. Napoleão, depois de haver devastado a Europa, foi exaurir as suas forças nos gèlos da Russia. « A conquista fez-me o que sou, disse elle, e a conquista me ha de manter. » Era elle, porém, um homem sem principios moraes, e a Europa atirou-o para o lado quando a sua obra de destruição estava completa.

O poder da vontade, quando alliado a um motivo justo, produz tanto bem quanto mal o outro produz. O homem assim guiado illumina e dirige a mente e a consciencia dos outros. Submette-os ás suas idéas ácerca do dever, obriga-os a coadjuvarem-n'o em seus esforços para attingir o bem, e dirige a opinião até que este fique firmado, e supprimido o mal. As acções do homem de forte querer trazem o cunho da virilidade. A sua energica perseverança torna-sa um habito. Esse homem traz distincção e prestigio para a reunião de que faz parte, para a sociedade em que vive e para a nação a que pertence. E' a satisfação para os timidos e a censura para os inertes. Aos primeiros, anima-os, dando-lhes a esperança. Aos ultimos póde até inspirar, com a influencia do seu exemplo, a pratica das boas acções.

Ao lado dos homens de grande poder de vontade, quer bom, quer máo, homens ha cuja energia é muitissimo fraca, ou mesmo nulla. Não têm character. Tanto no vicio como na virtude, não desenvolvem a menor força de vontade. São inertes receptaculos de impressões que não os dominam. Não avançam, nem recuam. Gyram

conforme sopra o vento. Toda a penna pôde escrever nesses espiritos em branco; todo o querer pôde governar essas vontades. Não acatam verdade alguma com energia, não sabem, não conhecem o que significa o zelo. A sociedade em geral é constituída de individuos taes; compõe-se dos negligentes, dos passivos, dos submissos, dos fracos e dos indifferentes.

E, pois, da maxima importancia dirigir toda a attenção para o desenvolvimento e fortalecimento da vontade; porque sem este predicado não pôde haver independencia, nem firmeza, nem individualidade de character. Sem o poder da vontade não podemos dar a necessaria força á verdade, nem á moralidade a devida direcção, e seremos apenas machinas passivas nas mãos de homens máos e velhacos. O cultivo intellectual não dá firmeza de character. Os philosophos discutem; os homens energicos trabalham. « Não resolver, diz Bacon, já é tomar uma resolução, » isto é, não fazer cousa alguma.

« O tempo proprio de educar a vontade, diz Locke, é o da juventude. Ha uma estação na vida em que a nossa mente é susceptivel de engrandecimento, em que as nossas paixões submettem-se facilmente ao imperio da razão, em que os bons principios se podem fixar em nós a ponto de influirem em toda a acção importante de nossa vida. Essa estação, porém, não se alonga por toda, nem mesmo pela maior parte da nossa existencia. Limita-se apenas a alguns annos da vida, e, se durante esse tempo nos descuidamos, o erro e a ignorancia, segundo o curso commum das cousas, apoderam-se de nós. A nossa vontade se torna a nossa lei, e os nossos desejos adquirem tanta força que mais tarde será trabalho vão tentar subjugal-os. »

O primeiro Lord Shaftesbury, em uma conversação

com Locke, emittiu uma theoria sobre o character e sobre a conducta, que veiu derramar nova luz sobre as idéas deste ultimo. Disse Lord Shaftesbury que a sabedoria jaz no coração e não na cabeça, que não é a falta de conhecimentos, mas a perversão da vontade, que enche as acções dos homens de loucura e a sua existencia de desordem. Não é apenas a instrucção que produz a energia de character. O homem póde até raciocinar de mais. Póde pesar as mil probabilidades de um e de outro lado sem chegar a uma acção, sem tomar decisão alguma. Neste caso, a instrucção se torna um obstaculo para a acção. A vontade deve occupar o lugar do espirito e do entendimento, e então a alma vive e trabalha.

Na realidade, o conhecimento de letras, de palavras e de sentenças não tem a importancia que muitos lhe attribuem. A instrucção nada tem que vêr com a bondade e com a ventura. Póde até destruir a modestia e crear o orgulho. Os principaes instigadores têm sido sempre pouco dados ao cultivo das letras. Os litteratos attingem frequentemente a grandeza de pensamento, que influe sobre os homens de todas as epochas; raras vezes, porém, chegam á grandeza moral da acção.

Os homens não se podem elevar em massa como as montanhas das primitivas epochas geologicas. Cumpridos individualmente, é só pela elevação individual que se attinge á elevação das massas. Mestres e prégadores podem influenciar-os superficialmente, mas a principal acção nasce na alma. O homem deve trabalhar por si, estimular-se; do contrario jamais achará outro homem que o auxilie efficazmente. « Assim como os habitos do corpo, diz o Dr. Butler, se contraem pelas acções exteriores, os habitos moraes se contraem pelo desenvolvimento das resoluções praticas mentalmente

tomadas, pela sua execução, pelos principios de obdiencia, rectidão, justiça e caridade.

Fallando do Dr. Butler, diz o Sr. Stephen em uma obra recentemente publicada que « a attitude daquelle escriptor só impressiona pelo seu lado moral; a sua grandeza neste ponto é inegavel. Na *Analogia* e nos *Sermões*, a deificação da consciencia é o principio, meio e fim das predicas de Butler. O dever é a sua ultima palavra. Seja qual fôr a duvida ou inquietação que o assalte, a firme convicção de Butler é que o segredo do universo se revela,—se revelar-se pôde,—por intermedio da Moral. »

Não existe relação alguma entre o ensino escolar e a moralidade. O mero cultivo da intelligencia não tem quasi influencia alguma sobre o comportamento. Não são as crenças gravadas na memoria que destroem as propensões viciosas. A intelligencia é apenas um instrumento sobre o qual actuam as forças occultas, as emoções, a sujeição, o dominio de si proprio, a imaginação, o entusiasmo, tudo aquillo, em summa, que imprime força e energia ao character. A maior parte destes principios aprende-se no lar domestico, e não na escola. Quando, porém, o lar é indigno e immoral, a escola se torna então o unico logar em que se pôde aprender a obediencia e a disciplina. No entanto o lar é o verdadeiro terreno em que se deve desenvolver a virtude. Os acontecimentos passados no intimo do lar tocam-nos mais de perto e affectam-nos mais do que os da escola e da academia. E' no estudo do lar que se devem consultar o verdadeiro character e as esperanças da epocha.

Educar a familia é o trabalho dos velhos; obedecer aos pais e aprender a circumspecção é a obrigação dos moços. A educação é um trabalho de autoridade e respeito. Segundo Guizot, o christianismo é a primeira

escola do respeito que o mundo conhece. Só a instrução religiosa pôde inculcar no espirito a idéa do sacrificio e das grandes virtudes, e os pensamentos elevados. Penetra na consciencia e torna a vida supportavel, sem queixumes contra o mysterio das condições humanas.

« O fim principal da instrução, disse um grande escriptor, é a liberdade; e quanto mais cedo se ensinar o menino a reger-se, tanto mais de pressa se fará d'elle um homem.» — « Respeitarei mais escrupulosamente, diz Monsenhor Dupanloup, a liberdade humana na criança do que no homem feito, porque este pôde defendel-a contra mim e a criança não o sabe fazer. Jamais insultarei uma criança a ponto de julgal-a materia maleavel que se atira no molde afim de que surja dalli com o cunho impresso pela minha vontade.»

A autoridade paterna e a independencia da familia são dominios sagrados; e se por occasiões de attribuição se acham momentaneamente obscurecidas, o sentimento christão protesta e resiste até readquirir a sua autoridade. Não devemos, porém, lutar unicamente para conquistar a liberdade; a obdiencia, a sujeição, o dominio de si proprio são os principaes sentimentos que devemos esforçar-nos para adquirir. São estes o fim principal da educação. Não é pelo ensino que se aprende, mas pelo exemplo. A primeira instrução da mocidade consiste nos habitos e não no raciocinio, consiste no exemplo, de preferencia ás lições directas. O exemplo impressiona mais do que o preceito, e isto porque é muito mais difficil dar o exemplo do que ensinar o preceito. No entanto a melhor influencia se inculca lentamente e em augmento gradual, segundo as necessidades humanas.

Praticar o bem é, pois, a valvula de segurança da

nossa natureza moral. Não basta a boa vontade; nem sempre ella produz boas acções. O trabalho perseverante consegue muito mais. Aquillo que é feito com diligencia e labor incute no espectador uma força silenciosa cujo alcance não podemos calcular. O Reverendo conego Liddon, na sua predica aos moços, na cathedral de S. Paulo, alludiu eloquentemente ao trabalho como o principal fim da existencia. « A vida do homem, disse elle, compõe-se de acção e abnegação, e os seus fructos são em proporção das acções nobres e da paciente perseverança. Os trabalhadores physicos não são os unicos que verdadeiramente trabalham. Os pensadores acham-se tambem contidos nessa cathegoria, pois que o pensamento recto é a acção que não se manifesta. Passar a vida no ocio, em um estado de entorpecimento moral, é cousa degradante, pois que a vida só se ennobrece pelo trabalho. »

O trabalho digno é o verdadeiro educador. A indolencia desmoralisa completamente o corpo, a alma e a consciencia. Nove decimos dos vicios e das miserias da humanidade nascem da indolencia. Sem trabalho não pôde haver progresso activo no bem-estar humano. Não se pôde conceber soffrimento mais intoleravel do que o procedente de privilegios inconfessaveis. Imagine-se um homem indolente condemnado á perpetua mocidade, quando tudo morre e desaparece em torno d'elle. Com que sinceridade não bradaria pela morte afim de libertal-o! « A creatura mais impotente, diz Carlyle, concentrando as forças em um unico objectivo, ainda pôde fazer alguma cousa, ao passo que o mais forte, se dividir a sua energia por muitas cousas, não conseguirá talvez resultado algum. »

Temos alguma difficuldade que supperar? Trabalhemos até conseguil-o. Não ha exorcismo mais poderoso

do que o trabalho. « Prefiro morrer de trabalho a morrer de inacção ! » disse um nobre pensador. — Schiller dizia que encontrava a maior felicidade da existencia no cumprimento de seu dever machinal. Era opinião sua que « a intuição do bello jamais serviu de incentivo ao cumprimento de um só dever. »

As maiores difficuldades estão, não poucas vezes, onde menos esperamos encontral-as. Quando nos vemos attribulados por acontecimentos dolorosos, ellas nos são talvez enviadas para experimentar-nos. Se nos conservamos firmes na hora de provação, essa firmeza nos dá a serenidade de animo, que se alegra sempre que segue os dictames do dever.

A escola das difficuldades é a melhor escola da disciplina moral. Quando é forçoso lutar com ellas, devemos fazel-o com coragem e satisfação. Aristoteles diz que não é no fim almejado que está a nossa felicidade, mas sim em nossas energias. Arcar com as difficuldades é o meio mais efficaz de vencel-as. A resolução firme de conseguir um fim determinado é a convicção moral de que podemos e havemos de attingil-o. A nossa finura aguça-se pela nossa necessidade, e o homem caminha ao encontro das difficuldades que se lhe antepoem, afim de superal-as.

Se fossem escriptas as memorias dos homens que têm deixado escapar-se-lhes o ensejo do triumpho, constituiriam ellas um precioso, embora amargo volume para a instrucção da sociedade. « Nenhum homem, forte e sadio, e que se preze, diz Ebenezer Elliot, é negligente. Para animação dos moços, eu quizera obter um calculo exacto do numero de pessoas mal succedidas entre mil que lutem resolutamente para conquistar o premio de seu trabalho. Não creio que exceda de um

por cento. Os homens invejam aquelles que triumpharam ; o triumpho, porém, é apenas o ultimo limite de uma serie de apparentes derrotas. Os victoriosos experimentam muitas desillusões durante a luta ; mas vencem, finalmente, as difficuldades, e conseguem um exito completo. »

O desejo de possuir sem trabalho é signal de fraqueza e indolencia. Tudo quanto vale a pena possuir e gozar só se adquire pela satisfação do trabalho. E' este o segredo da força pratica. « E' honroso preferir o trabalho á indolencia, o salutar exercicio da nossa intelligencia ao seu repouso em somnolento torpor. Afinal reconhecemos mui provavelmente que o exercicio de nossas faculdades foi de per si fonte de mais vivo contentamento do que a propria aquisição daquillo que nos esforçámos por obter. »

Conta-se que um magistrado nunca deixava passar uma occasião legitima que lhe pudesse trazer proveito, sendo incapaz, porém, de aproveitar-se de qualquer que não fôsse inteiramente honesta. Durante a sua carreira cumpriu sempre os seus deveres com toda a dedicacão. Se a desillusão fôsse o unico resultado dos seus esforços, não poderia, ao menos, envergonhar-se, pois que fizera todo o seu possivel.

Devemos praticar o bem, na esperanca de que alguma das sementes lançadas á terra medre e produza os fructos das boas accões. O que o homem principia para si Deus termina para os outros. Na realidade, nós não terminamos cousa alguma. Outros começam no ponto em que concluimos e levam o nosso trabalho a um gráo mais aproximado da perfeição. O nosso dever é legar aos nossos filhos um nobre designio, digno de imitacão. A pratica do bem, a sua continuacão e o seu termo são condições inseparaveis que acompanham todas as epochas.

Poucas pessoas ha que concebam a idéa de que são inuteis para a sociedade. O facto de sua existencia implica a necessidade della. Têm o mundo diante de si. Têm a escolha do bem e do mal, — do trabalho e do ocio. Que fizeram, pois, de seu tempo e de suas aptidões? Mostraram acaso ao mundo que a sua existencia era de alguma utilidade? Estimularam alguém com bons exemplos? Não foi a sua carreira o fructo do ocio e do egoismo, da negligencia e da indifferença? Procuravam o prazer, a ventura? A satisfação foge do ocio. A felicidade está fóra do alcance da indolencia. O prazer e a ventura são fructos do trabalho e da diligencia, e nunca da indifferença e da incuria.

Um infeliz moço, que se convenceu de que a sua existencia não tinha utilidade alguma, resolveu pôr termo a ella publicamente. Deu-se o facto em Capron, estado do Illinois, na America do Norte. Esse moço cultivava a sua intelligencia, e nada mais. Não tinha idéa alguma do dever, da virtude e da religião. Sendo materialista, não temia a vida futura. Annunciou que faria uma conferencia e em seguida metteria uma bala na cabeça. O preço marcado para assistir-se á conferencia e ao seu termo fatal era um dollar por pessoa. O producto realizado seria applicado, parte ás despezas do enterro, e parte á compra das obras de tres materialistas inglezes, as quaes seriam offerecidas á bibliotheca da cidade. A sala da conferencia ficou repleta; a receita foi enorme. Concluida a conferencia, o infeliz tirou do bolso a arma e fez saltar os miolos, conforme havia promettido. Que terrivel fim para a existencia humana! comparecer desse modo, com as mãos tinctas no proprio sangue, perante Deus! Passou-se este facto em Agosto de 1868.

Essa horrivel acção talvez fosse o resultado da vaidade, do desejo de causar sensação. O seu nome seria publicado nos jornaes. Todo o mundo fallaria da sua

coragem Era antes cobardia. Foi provavelmente fructo da vaidade desilludida.

Sheridan, em certa occasião, exprimiu-se do seguinte modo. « Dizem que a ambição, a avareza e a luxuria são as grandes paixões humanas. E' um engano, são mesquinhos sentimentos. A vaidade é a unica paixão que governa todas as outras. Incita as mais heroicas acções e inspira os crimes mais horrendos. Livrem-me dessa paixão, e eu desafiarei a todas as outras. São pygmeus, comparados áquelle gigante. »

Não é sómente para cumprimento de deveres difficeis que é necessario possuir forte poder de vontade; cumpre tel-o tambem para vencer com promptidão, energia e calma as mil difficuldades que se acham no caminho de todos. Assim a coragem é tão necessaria como a energia para o cumprimento do dever. Para vencer uma dessas pequenas contrariedades, parece que não é mister muita energia; mas deparal-as umas após outras, aglomeradas, amontoadas, sem nunca se deixar surprender, sem nunca se encolerisar, é alcançar um dos extremos limites da coragem do espirito humano.

Todas as gerações têm o seu fardo, as suas lutas e as suas innumeradas provações. Estamos quotidianamente expostos a mil tentações, quer do ocio, quer do gozo ou do vicio. O sentimento do dever e a força da coragem devem resistir-lhes, embora á custa dos mais caros interesses sociaes. Quando a virtude se torna assim um habito diario, somos possuidores de um character individual preparado, em grande parte, para attingir o fim para que fomos creados.

Quanto não perde o mundo por falta de um pouco de coragem! Temos boa vontade, e falta-nos o animo. E' tal a construcção do mundo, tanta cousa depende da acção, que tudo parece estar clamando ao homem:

« Trabalha!... trabalha sempre! » O humilde parcho de aldeia, lutando contra o mal na direcção de seu rebanho, combatendo o vicio, a injustiça e a iniquidade, tem idéas mais nobres do dever do que Alexandre o Grande. Homens ha que são meras sombras de trabalhadores, mesmo quando fingem trabalhar. Ficam atemorizados á beira desse mar de lutas, sem animo para se atirarem ás ondas. Diariamente se abre a sepultura para receber um sem numero de homens obscuros que, se tivessem tido coragem, haveriam, com toda a probabilidade, chegado ao apice do caminho do bem-fazer.

O professor Wilson, de Elimburgo, nas suas lições aos estudantes, insistia sempre pelo sentimento do dever, principalmente do dever em acção. As suas conferencias calavam no animo daquelles que o ouviam. Preparava elle os seus discipulos para a luta da existencia; como o antigo heroe dinamarquez, ensinava-lhes a « serem nobremente audazes, energicamente fortes e inabalaveis no caminho do dever. » Era esse o seu credo.

Ha no mundo muitas recriminações, filhas da falta de coragem. Quando Luthero disse a Erasmo: « Desejas caminhar sobre ovos e sobre vidros sem quebral-os, » o timido e vacillante Erasmo respondeu-lhe: « Não serei infiel á causa do Christo, *ao menos tanto quanto m'o pe millir a epocha em que vivo.* » Luthero tinha um character muito diverso desse. « Irei a Worms, embora se combinem contra mim todos os espiritos do mal. » Semelhava-se a São Paulo, o qual dizia: « Não só estou prompto a deixar-me prender, como a morrer em Jerusalém. »

Sir Alexandre Barnes escreveu: « Um dos predicados do meu character é o mais completo zelo. Nada do que tenciono fazer me é indifferente. De facto, se

resolvo fazer uma excusa, não me posso tornar indifferente a ella.» E' esta a differença que existe entre o homem energico e o fraco. Os bravos o mais das vezes são mortos, os fanfarrões deixam-se ficar atraz e os covardes fogem. As acções mostram o que somos, as palavras indicam unicamente aquillo que deveramos ser. Todo o momento de uma existencia laboriosa póde vir a ser uma victoria.

Dizem os pessimistas que o trabalho, ou a sua necessidade, é o inimigo do homem. Caro, por outro lado, escreveu : « Irresistível instinto impelle todo o homem para a acção, e pela acção leva-o a algum inesperado prazer, á ventura desejada ou ao dever que lhe é imposto. Esse instinto irresistível não é inferior ao proprio instinto da vida: explica-a e concentra-a. No momento em que gera em nós o sentimento da existencia, dá-nos a medida do merecimento real da vida... Ha alegrias puras que se aninham nos longos esforços feitos para vencer os obstaculos que se antepoem ao nosso triumpho, que se occultam no trabalho, o verdadeiro amigo e consolador do homem, e que o eleva acima de todas as fraquezas, que o purifica e ennobrece, que o livra das tentações vulgares e o auxilia a supportar o seu fardo nos dias de afflicção, e perante o qual, de certo modo, cedem as mais acerbos dôres. E, vencida a primeira repugnancia, o primeiro tédio do trabalho, este até inspira. O trabalho por si só, abstrahidos os seus resultados, já é uma satisfação. Considera-o, como o consideram os pessimistas, um inimigo, é desconhecer a propria idéa do contentamento. E' elle a alegria do trabalhador que vê a sua obra augmentar-se, que se identifica com ella, como diz Aristoteles, quer seja a colheita do lavrador, quer seja o edificio do architecto, ou a estatua do esculptor,— livro ou poema, pouco importa.

« O jubilo que se experimenta quando se consegue uma criação compensa todas as fadigas do trabalho; e, assim como a luta conscienciosa contra os obstaculos é a primeira alegria da vida que desperta, assim tambem a obra completa é o mais intenso dos jubilos, pois nos traz a plena consciencia da nossa individualidade e consagra o nosso triumpho, embora momentaneo e não total, sobre a natureza. Eis o cunho verdadeiro do esforço ou da vontade em acção. » (*)

O homem é um milagre de engenho porque foi um milagre de trabalho. A força póde conquistar as circumstancias. O principio da acção é demasiado poderoso para que qualquer circumstancia lhe resista. Abre caminho e eleva-se acima de todas as considerações, acima da ventura ou da desgraça, acima do bem e do mal. A sabedoria do homem revela-se nas suas acções, pois que todo o homem é filho de suas obras. Ritcher diz que « as boas acções soam no céu como um toque de clarim. »

O contacto activo e sympathico com os homens nas occupações quotidianas é para a acção robusta e são melhor preparo do que todas as meditações e reclusões. As opiniões de Swandemborg ácerca dos votos de pobreza e clausura para alcançar o céu parecem-nos verdadeiras e sensatas.

« A vida que nos abre as portas do céu não é a clausura, é a *vida activa na sociedade*. Seguir a vida de caridade que se entrega sincera e honestamente ao trabalho e á alegria, que obedece ás leis divinas, é facil; mas a existencia que se dá unicamente á devoção é difficil e *afasta-nos* tanto do céu quanto communmente se julga que a elle nos conduz.»

(*) *Le pessimisme au XIX siecle*, par E. Caro. Paris 1877.

Para muitas pessoas a religião é uma questão de palavras. Quando se trata de palavras, sempre fazemos aquillo que julgamos justo. As palavras, porém, raras vezes inspiram a acção, o pensamento e a conducta, ou a pureza, a bondade e a rectidão. Ha muitos livros que tratam da religião; a verdadeira religião, porém, que se consubstancia no character humano e na acção, instrue mais do que mil volumes. Se o homem não possuir uma energia forte e activa que o conduza pelo caminho do bem, tornar-se-ha ludibrio de desejos sensuaes, ou passará a vida em vergonhosa indolencia.

Um dos maiores perigos que assaltam a mocidade actual é a ociosidade. O que hoje se chama *cultivo de espirito* nada vale. Póde estar associado ao mais vil character moral, ao mais abjecto servilismo nos que se acham altamente collocados, como á arrogancia e ao orgulho nos pobres e plebeus. A vida de cada homem influe na vida da sociedade inteira. Cada homem tem o seu dever especial que cumprir, o seu trabalho que executar. Se não o faz, soffre elle proprio, e por sua causa soffrem outros. A sua indolencia affecta aos demais e propaga um exemplo máo. A vida inutil é a morte moral.

Os moços actualmente murmuram demasiado. Em vez de trabalharem para realizar os seus sonhos, limitam-se a amargos queixumes que nada produzem. O Dr. Channing já havia notado este defeito, lamentando que tantos moços se filiassem á escola do desanimo. Vale a pena viver? De certo que não, se a vida é dissipada no ocio. Até a leitura é por elles considerada um desperdicio mental. E' apenas a apathia cultivada. Eis a razão por que se encontram tantos moços indifferentes, queixosos, gastos, com o espirito cultivado, possuindo uma certa argucia e finura intellectual, que se expandem

em sarcasmos sobre as acções dos outros, e que no entanto nada produzem. Escarnecem dos caracteres zelosos. Lamentavel indifferença se apossa desses vagabundos intellectuaes. Comprehendem sem acreditar. Os pensamentos que calam em taes espiritos não inspiram a menor acção. Esses moços não têm principios nem convicções. O elemento religioso lhes é desconhecido. A sua crença é nulla, e della nasce o nada; não aspiram a uma vida mais pura; não comprehendem a nobreza de idéas, e ainda menos a nobreza de caracter.

Possuem elles muita intelligencia e nenhuma candura, muita instrucção e sabedoria nenhuma, muito cultivo de espirito e inteira falta de benevolencia. Uma nação pôde ser muito polida e nada mais. A instrucção e a sabedoria, longe de serem uma só cousa, não têm, o mais das vezes, relação alguma entre si. E' muito duvidoso que a erudicção promova a sabedoria e a bondade.

Diz Fénélon que mais vale um bom livro em fórma humana do que prezar os bons livros. A vasta leitura pôde agradar, porém não desenvolve a intelligencia. Santo Anselmo disse « que a graça de Deus se revela mais na vida dos ignorantes que prezam as obras divinas do que no engenho dos sabios, que só procuram engrandecer as suas. »

Eis o retrato que de seus contemporaneos desenhou um grande escriptor francez: « O que é que vemos de todos os lados senão profunda indifferença por todas as crenças e acções, e desmedido ardor pelo gozo e pelo ouro, que nos proporciona tudo quanto almejamos? Tudo se compra, — consciencia, honra, religião, opiniões, dignidades, poder, consideração, e até o respeito; é um vasto naufragio de todas as virtudes, de todas as verdades! As theorias philosophicas, as doutrinas da impiedade desvairam-se e dissolvem-se no devorador systema do

indifferentismo, tumulo de todo o entendimento, que nelle se abysma, sozinho e nú, despido tanto da verdade como do erro, sepulchro vasio onde nem ossos, sequer, encontram-se ! »

Deve salvar-nos, porém, o « cultivo do espirito. » Muitos adoram-n'ó. E' elle a sua unica religião. E' o cynismo e o scepticismo intellectual com uma camada ligeira do verniz da educação. As pessoas que o professam vivem em uma atmosphera de exquisita superioridade, igual á representada por Molière na sua comedia *As preciosas ridiculas*. A sua divisa é *Nihil admirari*. Escarnecem da diligencia, da abnegação, da energia, e do poder da vontade, pois que são qualidades estas fóra da moda. A sua crença limita-se á negação de todas as cousas ; nada admiram, nada esperam. São scepticos em tudo ; não trabalham, e negam o trabalho dos outros. Não acreditam em cousa alguma senão em si. Constituem-se, a si proprios, os seus unicos deuses.

Gœthe foi o inventor do *geist* ou cultivo intellectual. Os poemas de Gœthe não inspiram acções como as obras de Schiller. As obras de Gœthe são estereis. Era elle um homem que especulava com o amor das mulheres que attrahia a si por meio do seu poder de fascinação. Dizia de Balzac que cada nma das obras deste ultimo tinha sido arrancada do coroação de uma mulher afflicta. Balzac poderia ter dito a mesma cousa de Gœthe... Diz-nos o poeta com toda a franqueza que aproveitava para as suas obras tudo quanto lhe acontecia que se assemelhasse á aventura ou a amor ; que o melhor palliativo para uma contrariedade ou desillusão era escrever sobre ella. (*)

Oh ! orgulho vão de mera habilidade intellectual !

(*) *Gœthe*, por A. Hayward. Q. C..

Quanto és mesquinho comparado com as riquezas do coração! Lembram-se todos das modestas palavras de Newton, — talvez o maior vulto que haja existido, — o descobridor do calculo differencial, da theoria da gravitação universal e das decomposições da luz, — o qual dizia que era como uma criança a brincar na praia, quando contemplava o immenso oceano de verdades que se alongava inexplorado ante seus olhos! Qual dos nossos actuaes philosophos teria feito semelhante confissão?

« Existem verdades, diz o conde de Maistre, que o homem só póde attingir por intermedio do coração. »

Não raras vezes o homem virtuoso se admira por que pessoas de grande intelligencia resistem a provas que lhe parecem convincentes. Essas pessoas não possuem uma das faculdades essenciaes: a fé. Quando o homem, por mais habil que seja, não possui o sentimento da religião, não só não podemos convencel-o, como nem sequer temos os meios de fazel-o comprehender-nos. Sir Humphry Davy tambem se exprime do seguinte modo: « Frequentemente é o raciocinio apenas um corruptor da vida, pois destroe o sentimento e substitue pelo calculo e pela desconfiança os principios sãos. »

O mais vasto campo do dever jaz, porém, fóra da linha da litteratura e dos livros. Antes de ser uma creatura intellectual, o homem é um ente social. Do contacto social nasce a melhor parte do cultivo humano; gera esse contacto a cortezia, o respeito, a mutua condescendencia e o sacrificio em proveito do proximo. O conhecimento dos homens tem mais alcance do que a litteratura. O mundo é um livro que nos acompanha durante a existencia inteira; para comprehender, porém, as suas paginas mais difficeis é necessaria a sabedoria.

« Nos nossos dias, escreve Lady Verney, ligamos indissolúvelmente a idéa do cultivo intellectual á leitura e á escripta. Só os ignorantes e estúpidos é que hoje em dia não fazem ambas aquellas cousas. Ha cincoenta annos, porém, abstrahindo-se as mais apuradas educações, os livros eram uma excepção, e os homens e as mulheres mais intelligentes expremiam os seus pensamentos sem o auxilio de livro algum, excepto o Evangelho. Mesmo nas mais elevadas classes a leitura não era muito commum entre as mulheres. « Minha avó, diz um Francez que se acha no caso de julgar, ignorava quasi completamente as regras da orthographia no tempo em que escreveu, e não lia senão o seu *Livro de Horas*; era, porém, muito mais sensata e instruida do que as mulheres de hoje. »

Nos tempos antigos o dever era apresentado aos meninos como um incentivo. Ser mal succedido era motivo de vexame; vencer os obstaculos era apenas cumprir o seu dever. « Quanto ao sonho, diz Hugo Miller, da extrordinaria grandeza da raça humana, attingida pela educação, não passa de uma allucinação do seculo, — do expediente alchimico da sociedade para converter o cobre em ouro. »

A melhor escola de disciplina, em summa, é o lar domestico. A vida de familia é o methodo de Deus para educar os moços. « A esperanza da França, disse o bisbo de Orleans, concentra-se em suas mãis e no lar. » O mesmo dá-se na Inglaterra. Infelizmente, porém, perturbam-nos os clamores das mulheres que protestam contra a sua natureza, e loucamente procuram desligar-se dos seus mais attrahentes caracteristicos. Querem o poder, —o poder politico,—e no entanto a sociedade é o producto da sua influencia domestica. Acreditam na omnipotencia do suffragio, e desejam ser *livres*. Acreditarão

realmente que a sociedade se tornará melhor porque ellas tenham o privilegio de votar uma vez, em cada cinco ou tres annos, para a eleição de um membro do parlamento? São Paulo exaltou as mulheres que se conservavam e trabalhavam em casa, pois reconheceu que o lar domestico é o crysol da sociedade, e que o dever e o amor da familia são as melhores garantias daquillo que nos é mais caro neste mundo.

Uma escriptora recente, fallando das qualidades que devem caracterisar a natureza da mulher, diz: « Vendo como as mulheres de hoje são levemente impelidas a seguirem theorias e obras exaltadas pela moda, devemos receiar que Deus não lhes está presente á alma, como acontecia a nossas mãis e avós; que a religião não tem tanta influencia sobre ellas; que os seus corações estão vazios de fé e de confiança na misericordia das leis divinas. »

Pouco antes da guerra franco-prussiana, foi o barão Stoffel encarregado de estudar a opinião e a moralidade na Prussia, comparada com a França. No seu relatorio expressiu-se elle do seguinte modo: « A disciplina no exercito depende da disciplina no seio da sociedade e da familia. Os moços na Prussia são educados na obediencia em geral, no respeito ás leis, e sobretudo no cumprimento do dever. Como póde, porém, a disciplina existir no exercito francez, quando é desconhecida no seio das familias francezas? Lancemos os olhos fóra do circulo da familia, olhemos unicamente para os lyceus, para as escolas, para os collegios: porventura procuram ahi desenvolver de maneira alguma nos educandos o respeito aos pais, o cumprimento do dever, a obediencia á autoridade e á lei, e sobretudo a fé em Deus? Não! O resultado é que todos os annos se introduz no exercito um contingente de moços que, pela maior parte, ignoram

completamente os principios da religião e da sã moral, e que desde a infancia se habituaram a desobedecer, a discutir tudo e não respeitar cousa alguma. E no entanto pessoas ha as quaes pretendem que podemos de repente, ac introduzil-os no exercito, incutir a disciplina nesses moços indisciplinados e immoraes. Essas pessoas ignoram que a disciplina do exercito não é senão a continuação da disciplina da vida privada, isto é, o sentimento do dever, a obediencia áquelles que reconhecemos como nossos superiores, e o respeito pelo principio da autoridade e das leis estabelecidas. A disciplina artificial póde, uma vez instituida, manter-se durante algum tempo sob a pressão de circumstancias inevitaveis ; mas é certo que se esvalhirá em fumo no momento em que tiver de submeter-se a uma prova decisiva. » Ocioso é accrescentar que neste ponto o barão Stoffel foi um verdadeiro propheta.

Será possível que estejamos passando pelo mesmo processo na Inglaterra, que a poderosa onda da democracia esteja derrubando os melhores fructos da disciplina domestica e do carater moral? O povo inglez é um povo excessivamente vaidoso. Jactamo-nos da nossa riqueza, poder e recursos, das nossas forças navaes e militares, da nossa superioridade commercial. No entanto, tudo isso nos póde fugir em poucos annos, e tornarnos-hemos, como a Hollanda, um povo rico, mas comparativamente fraco. Uma nação depende dos individuos que a compoem, e nenhuma nação se póde tornar distincta pela sua moralidade, amor ao dever e cumprimento das leis da honra e da justiça, se os seus cidadãos, individual e collectivamente, não se tornam distinctos pelos mesmos caracteristicos.

Lord Derby, em um dos seus ultimos discursos, fez

a seguinte observação : « Disse-me ha dias um distinc-tissimo fidalgo que julgava ter a Inglaterra, depois da batalha de Waterloo, declinado muito nas qualidades que constituem a força e a energia do character nacional ; e, embora não m'o exprimisse claramente, deduzi das suas palavras que elle acreditava ser demasiado tarde para a correccão ; que o cataclysmo se aproximava ; e felizes daquelles que eram chegados quasi ao termo de seus dias, os quaes não presenciariam a catastrophe. É bem possivel que tal catastrophe sobrevenha ; e, dadas determinadas condições, *é certo* que ella se realizará.»

São palavras sérias de advertencia. Será possivel que o cataclismo desabe sobre nós como desabou sobre a França ha cem annos ? O finado Dr. Norman Macleod dizia : « Opprime-nos a confusão que actualmente existe, começada na guerra de 1815, e que é tão importante como o foi a reforma religiosa. Nessa confusão vemos o desmoronamento de todas as antigas opiniões e de todas as crenças,—sociaes, politicas, scientificas, philosophicas e theologicas. Apesar da vaidade fôfa e da consciencia de força da parte daquelles que dirigem os seus arietes contra as velhas instituições, existe ainda da parte de muitos o sentimento profundo da importancia da verdade e do dever, que, bem considerado, exprime a fé em Deus, que está sempre ao lado da verdade...»

Haverá spectaculo mais triste do que vêr homens, e até mulheres, passando a existencia a especular e a discutir sobre os grandes principios em que acreditaram seus avós, na crença dos quaes conquistaram para a sua geração os dons da fé, da bondade e do bem fazer ? Ha dous pensamentos que, uma vez admittidos no espirito, transformam o curso inteiro da nossa existencia : —a crença de que este mundo é apenas o vestibulo de

uma vida eterna, e a lembrança d'Aquelle em quem o homem deve viver aqui e em quem viverá para todo o sempre na futura vida. Cada um de nós tem á sua escolha seguir o bem ou o mal. Quem dirá qual será mais poderoso ? Depende isso de nós, ou da nossa consciencia e vontade esclarecidas. No cumprimento do nosso dever encontraremos afflições e difficuldades. Devemos vencel-as, e vencel-as alegremente, pois que é a vontade de Deus. As bôas accções nos fortalecem e inspiram os outros a pratical-as. São os thesouros guardados para a hora de necessidade daquelles que as praticam. Fortaleçamos, pois, o nosso espirito, animemos a nossa alma, preparemos o nosso coração para o futuro. E' lutar pela vida.

CAPITULO III

HONRADEZ. — VERDADE.

O trabalho apressado
Nem é bom, nem perfeito; vale a pena
Fazel-o com vagar e alma serena.

(CHAUCER.)

Maneja bem o ouro, mas cuidado
Não te fique nas mãos elle grudado.

(GEORGE HERBERT.)

O homem que é honesto, embora pobre,
Será, 'pezar de tudo, sempre nobre.

(BURNS.)

Ne quitez jamais le chemin de la vertu
et de l'honneur; c'est le seul moyen d'être
heureux.

(BUFFON.)

A honradez e a verdade caminham de mãos dadas. A honradez é a verdade, e a verdade é a honradez. A verdade por si só não faz um grande homem; é, porém, o elemento mais importante de um grande character. E' a garantia dos patrões e a segurança dos empregados. E' a essencia da integridade, dos bons principios e da independencia. E' a primeira necessidade de todo o homem. A verdade absoluta é mais precisa actualmente do que em qualquer outro periodo da nossa historia.

A mentira, embora muito commum, é no entanto repudiada pelo proprio mentiroso, o qual protesta sempre estar fallando a verdade, pois sabe que é ella universalmente respeitada, ao passo que a mentira é condemnada em geral. — Mentir não é sómente deshonesto, é até covarde. « Tenha a audacia de ser verdadeiro, diz George

Herbert; não existe cousa alguma que exija uma mentira.» Os mais nocivos mentirosos são aquelles que se conservam sempre pouco afastados da verdade. Não possuem a necessaria coragem para referir francamente um facto, sem rodeios, e dizem aquillo que não é verdadeiro. A mentira que em parte é verdade é a peor das mentiras.

Existe o procedimento fingido, que é tão pernicioso como a mentira fallada. As acções fallam tão claramente como as palavras. O homem vil é falso á sua profissão de fé. Esquiva-se da verdade, na qual professa acreditar. Joga com espada de dous gumes. Falta-lhe a sinceridade. O homem leal falla conforme pensa, acredita no que diz acreditar, procede de conformidade com as suas opiniões, e cumpre as promessas que faz.

« Outras fórmãs existem ainda de contradicções praticas, diz o Sr. Spurgeon; homens ha que, sendo intolerantes, mostram-se liberaes, sendo facilmente irritaveis, prégam a paz. Temo-l'os visto já ardentes partidarios da generosidade que são praticamente de uma avareza excessiva. Conhecemos individuos que são extremamente apologistas da lealdade, e que, entretanto, nas suas transacções commerciaes pouco se importam com ella, e muito menos quando tratam da reputação e dos incidentes da vida domestica do proximo. » (*)

Mentir é um dos vicios mais communs e convençionaes. Predomina no que chamamos « Sociedade ». Não estar em casa é o modo decente de despedir uma visita. A mentira é considerada tão necessaria nos actos humanos que já está tacitamente admittida. Ha mentiras que são denominadas inoffensivas, outras leves, e ainda outras involuntarias. Essas mentiras são muito communs. Embora tolerado, o mentir é sempre, para

(*) *A Biblia e o Jornal*. 1878.

os homens e mulheres de pensamento recto, uma cousa mais ou menos asqueirosa. « A mentira, diz Ruskin, pôde ser inoffensiva e involuntaria, mas nem por isso deixa de ser feia fuligem, e é muito melhor ter o coração limpo della. »

« Mentir ao mundo em beneficio de nossa patria » era a maxima de um diplomata. O homem deve prezar mais a sua palavra do que a vida. Quando Regulo foi enviado a Roma pelos Carthaginezes, de quem era prisioneiro, como embaixador, afim de pedir a paz, foi com a condição de voltar ao carcere se a paz não se effectuasse. Ligou-se por juramento a cumprir a promessa.

Chegando a Roma, Regulo incitou o senado a continuar a guerra e não consentir na troca de prisioneiros. Esse procedimento trazia como resultado a sua volta para Carthago. Os senadores, e até o summo sacerdote lhe disseram que, sendo o seu juramento arrancado á força, não podia ser obrigatorio. « Não ignoro que a tortura e a morte me esperam — não são ellas, porém, comparadas á vergonha de uma acção infame ou aos remorsos de uma consciencia criminosa? Embora escravo de Carthago, possuo ainda a alma de romano. Juro voltar. E' meu dever cumprir o juramento. Os deuses velarão sobre o resto. » Regulo voltou a Carthago e morreu na tortura.

« Aquelle que quizer viver bem, diz Platão, deve atingir a verdade ; do contrario, nunca deixará de soffrer. » Citemos tambem um trecho do imperador Marco Aurelio: « Aquelle que pratica uma injustiça é um impio pois que, desde que a natureza creou os entes racionais para que se auxiliassem mutuamente, conforme os seus meios, mas sem que de modo algum offendessem uns aos outros, quem pratica o contrario é réo de impiedade contra a divindade suprema. E tambem aquelle

que mente é criminoso contra a mesma divindade. Essa natureza universal chama-se Verdade, e é a causa de tudo quanto é verdadeiro. Aquelle, pois, que mente é intencionalmente impio, porque pratica uma injustiça, e o que mente involuntariamente é do mesmo modo culpado, porque está em desaccordo com a natureza universal; a sua mentira perturba a ordem natural das cousas, pois que luta contra a natureza do mundo. »

A honradez e a verdade mostram-se sob varias fórmas. São o caracteristico dos homens rectos, leaes em seus negocios, dos homens que não procuram lucrar empregando a fraude. A honradez é a mais humilde e clara manifestação da verdade. A medida certa, o peso real, a amostra verdadeira, o serviço executado fielmente, a inteira satisfação de compromissos são cousas indispensaveis aos homens de character.

Tomemos um exemplo, que é commum: Samuel Foot, achando diminuta a quantidade de cerveja que lhe serviam ao jantar, chamou o dono da casa de pasto e perguntou-lhe: « Quantas pipas de cerveja se consomem aqui por mez? » — « Dez », respondeu o outro. — « E não desejaria que se consumissem onze, se encontrasse freguezes para ella? » — « De certo. » — Então, deixe-me ensinar-lhe o meio, concluiu Foot: — *enchá as suas medidas.* »

Queixamo-nos ordinariamente dos pesos e dos generos falsificados. Desejamos uma cousa e vendem-nos outra. É preciso dar extracção á fazenda; se com lucro, tanto melhor. Se desconfiamos do negociante, procuramos outro. O Sr. Le Play, quando, ha annos, visitou a Inglaterra, notou com immensa satisfação a probidade dos mercaderes inglezes. « São de escrupulosa exactidão na qualidade e quantidade das fazendas que importam. »

Poderia elle dizer o mesmo actualmente? Não temos

nós innumeras provas do desconceito de que goza a nossa industria manufactureira, — não ouvimos fallar em algodões encorpados por meio da cal, da gomma, do magnésium e do zinco? Presenciamos essas falsificações e conhecemos o seu resultado. O algodão fica mofado, desbota e torna-se invendavel. O môfo é um cogumelo quando desenvolvido pela humidade, alimenta-se da gomma. A China era um dos muitos mercados consumidores dos tecidos de algodão inglezes. Quando porém, o môfo começou a apparecer na fazenda, o commercio desapareceu.

Diz um proverbio chinês : « O pelotiqueiro não engana ao tocador de tam-tam. » O chinês é tão impostor como nós. Deita ferro no chá e agua nas suas sedas. Conhece, portanto as falsificações dos outros. « E consequencia disto, diz o consul inglez na china, que os nossos tecidos grangearam pessima reputação foram substituidos pela manufactura americana. E, embora sejam quarenta por cento mais caras, as fazendas americanas afugentaram do mercado as inglezas. » não se tem confiança em nós. A marca ingleza é uma garantia de probidade. Presentemente não acontece o mesmo.

Igual facto dá-se na India. O algodão inglez não se lava bem. Logo que a agua desfaz a gomma da cal, a fazenda torna-se trapo. Os indús cultivam o algodão. Os seus operarios são intelligentes e habilitados. Tecem um fio tão bem como qualquer operario de Manchester. O capital accumulou-se na India ; construiu-se fabricas, e hoje os indús fabricam o algodão para seu consumo.

Tudo isto é conhecidissimo nos districtos manufactureiros. Tem-se fallado a esse respeito nas conferencias publicas. O processo de dar maior corpo ao te-

de algodão por meio da gomme e da cal é conhecido em toda a parte. O Sr. Mellor, membro do parlamento, denunciou a fraude dos fabricantes falsificadores. Parecem acreditar que todos os consumidores são parvos, excepto elles. Referiu aquelle senhor o caso de um engenheiro que na travessia do Oceano Indico cobriu o seu chapéo com uma trunfa de cassa. « E' fazenda ingleza ? » perguntaram-lhe. — « Não, é fabricada na Suissa. A fazenda ingleza gruda-se-me nos dedos, tem demasiada gomme. » — Eis o motivo por que o nosso commercio tem perdido tanto. E' esta a razão dos tempos calamitosos que atravessamos.

As fazendas americanas vendem-se em Londres, Manchester e outras partes com vantagem. Os algodões tecidos na India encontram consumo na China e na Australia, embora o fio de Bombaim seja muito mais caro do que o de Inglaterra. O fabrico de tecidos de algodão na India é hoje igual á toda a produção de Manchester conjunctamente com a estrangeira. Não é um facto este espantoso ? A Inglaterra está dando educação technica aos seus artezãos. Que valor tem essa educação quando comparada com a fraude e a mentira em grande escala ? A costureira compra um carretil de linha marcando 250 jardas. Depois de servir-se delle, verifica que continha apenas 175. Que idéa fica ella fazendo da lealdade de seus patricios ?

Não podemos occultar que reina a corrupção nos homens publicos, na moralidade e nos principios politicos. Quando ha sessenta annos o finado Barão Dumin visitou a Inglaterra, observou elle com admiração a coragem, a intelligencia e a actividade dos nossos homens do commercio. « Não é sómente a coragem, a intelligencia e actividade do fabricante e do negociante que mantêm a superioridade dos productos commerciaes

da Inglaterra ; é principalmente a sua rectidão e economia, e sobretudo a sua *probidade*, que a sustentam. Se algum dia o cidadão das Ilhas Britanicas perder essas virtudes, podemos ficar certos de que, apesar da mais formidavel força naval, apesar da perspicacia e actividade da mais apurada das diplomacias, e da mais profunda sciencia politica, os navios da Inglaterra, ou de outro qualquer paiz, ao serviço de um commercio degenerado, desapparecerão dos mares cujas ondas hoje cobrem com os thesouros do mundo permutados pelos da industria do Reino-Unido.» (·)

Sem duvida a desculpa que apresentam é o ardor da concurrencia, e os obstaculos que o governo antepõe á liberdade de producção. O fabricante acha-se ligado de pés e mãos pelas medidas restrictivas. Algumas destas medidas são excellentes : por exemplo, a lei que emancipou as mulheres e crianças do trabalho das minas de carvão, e a lei que limitou as horas de trabalho. Parece, porém, que as que regem as fabricas são demasiado severas. O Sr. Kitson, em uma conferencia que fez em Leeds, disse que, em razão do rigor dessas leis muitas industrias se acham quasi extintas. A Belgica tem enviado á Inglaterra ferro e aço em pequenas barras, porque póde empregar crianças em preparal-os sob aquella fórma. Todas as pequenas machinas, que antigamente eram fabricadas na Inglaterra, são hoje producto da industria belga e franceza. Demonstrou que deste modo o parlamento estava extinguindo no pais diversas industrias, e que a injustiça subia a ponto de forçar essas industrias a pagar as custas de sua propria extincção. Outro orador, na mesma conferencia

(·) *O Poder Commercial da Grã-Bretanha, vol. I.—Introducção.*

disse que a sua casa importava da Belgica todo o ferro fundido de que necessitava, porque era mais barato do que o da Inglaterra, apezar de estar a sua fabrica cercada por todas as fundições do condado de Lancashire.

Não é só na lei que o fabricante encontra obstaculos; atrazam-n'o muito mais as colligações dos operarios (*grève*). Quando parece que o commercio vai flo escendo, os operarios fazem colligação para que se lhes augmente o salario. Fecham-se as fabricas, apagam-se as fornhalhas, cessam as construcções, e a apathia apossa-se de tudo. Disperdiçamos os nossos meios e facilidades; o resultado é que o estrangeiro lucra com a nossa incuria. Por infelicidade nossa, o operario considera sempre o patrão como seu inimigo nato.

Qual é, porém, a qualidade de trabalho apresentado pelo operario? Já la se foi o tempo em que o artesão se entregava de corpo e alma ao labor, — quando elle tinha orgulho da sua producção, — o trabalho, — do qual dizia Chaucer: « Vale a pena fazel-o com vagar e alma serena. » Actualmente, o que vemos? O trabalho feito ás pressas, sem habilidade, nem consciencia, nem cuidado. Eis a razão por que se desmoronam os tuneis, cahem as pontes, e estalam os encanamentos espalhando a peste. O trabalho faz-se de qualquer modo, comtanto que seja apresentavel. Tudo isto é deshonesto e deshonesto. Pobre operario! Nem toda a culpa é tua! Criaram-te sem discrição. Educaram-te sem afeição. Julgaste que a sociedade era tua inimiga, quando muitas vezes tem ella sido a tua melhor amiga!

Todo o trabalho mal feito é uma mentira. E' deshonesto. Pagamos para que elle seja bem executado, e executam-n'o mal e deshonestamente. Envernizam-n'o dando-lhe uma boa apparencia de perfeição, e é sómente muito mais tarde que descobrimos a fraude. Emquanto

existirem destas cousas, será inutil fallar em dignidade do trabalho e em valor social do operario. Não póde haver dignidade do trabalho onde não ha verdade do seu producto. « A dignidade não consiste em ligeireza de mão e em perfidia; é fructo da lealdade e da força. Qual a razão por que no trabalho moderno encontra-se mais falta de solidez e mais frivolidades do que no de nossos avós? E' que hoje existe a febre da concurrencia e a anciedade de enriquecer. » (*)

Até os habitantes da Polinesia nos conhecem. Quando o bispo Patterson andou viajando nas ilhas do mar do Sul, em sua missão evangelica, notou que os habitantes se recusavam a comprar as mercadorias inglezas. « Um artigo que não resiste ao uso, diz elle, nenhum valor lhes merece. Tudo quanto se lhes offerece deve ser bom, quer valha pouco, quer valha muito. Por exemplo, preferem um canivete de uma folha só, que seja feio, mas forte, do valor de um shilling, ao mais elegante canivete de muitas folhas. » O Dr. Levingstone disse que os habitantes da Africa não queriam comprar o ferro inglez porque este estava *pôdre*.

Temos tido epochas de prosperidade e epochas de difficuldades; o resultado, porém, é sempre o mesmo. Pouco pensamos no futuro. Só economizamos quando não temos mais dinheiro para gastar na satisfação de desejos egoistas. Um fabricante de Bedford assim se exprime recentemente: « Ha cinco ou seis annos atravessámos um periodo de grande prosperidade no commercio. Quasi enlouqueceu ella as classes commerciaes. Enriqueciam todos rapidamente. As classes operarias participaram dessa prosperidade, e chegaram a delirar como os seus patrões. Colligaram-se afim de obterem augmento

(*) F. R. Conder, eng. civ.—*Bóas palavras*.

de salario, e conseguiram o seu intento. Limitaram a quantidade da sua producção, allegando que, « quanto menos tempo por dia trabalhassem, tanto mais ganhariam e poderiam gozar do bem-estar geral ». Chegou, porém, a epocha da decadencia, e não ha colligação, nem união operaria que a evite. » Disse, pois, aos operarios que, se quizessem presenciar a volta daquelles felizes tempos, deviam cumprir o seu dever honesta e fielmente; que corrigissem o seu modo actual de trabalhar ás pressas e sem cuidado.

Em uma reunião de operarios em Edimburgo, um dos oradores exaltou as vantagens da clligação. « A minha theoria é a seguinte, dizia elle : trabalhar o menos possivel, e exigir o mais elevado salario. » Se essa theoria fôsse posta em pratica, traria como resultado a completa desmoralisação do trabalho, tornal-o-hia ocioso, deficiente e desleal. Sustentou outro orador opinião contraria. Assim se exprimiu: « A união operaria para levar a effeito a colligação é extremamente immoral. Ha poucos dias encontrei nas ruas de Edimburgo um individuo que caminhava o mais vagorosamente possivel. Um garoto que passava perguntou-lhe: « Oh! amigo, é dia de descanso? » — « E' tempo pago pelo patrão », respondeu o homem. Convencera-se esse individuo, pelo systema de colligação, de que o prejuizo do patrão era lucro para elle, e o resultado de tal systema é que *não ha possibilidade de obter-se um trabalho bem feito.* »

Bom seria que os operarios vissem claramente a situação em que se acham. Estão competindo com os operarios do continente europeu e da America do Norte. Antigamente suppunha-se que a superioridade do artefacto inglez venceria toda a concurrencia estrangeira. O que até ha bem pouco tempo foi convicção é hoje uma

desillusão completa. Os estrangeiros possuem todas as vantagens das nossas melhores machinas, com os ultimos melhoramentos. Fabricam-n'as elles mesmos. Aprenderam a trabalhar com a mesma perfeição e presteza dos operarios inglezes. Trabalham aos sabbados e aos domingos. Em França, o artezão trabalha setenta e duas horas por semana, ao passo que na Inglaterra só trabalha cincoenta e seis. O salario do operario estrangeiro é 25 % menos do que o do inglez. O trabalho inglez não é tão bom, nem tão honesto como o francez. Os tecidos de algodão vindos da França e da Allemanha entram na Inglaterra sem pagar direitos, ao passo que o artefacto inglez não entra em portos francezes e allemaes sem submitter-se a severas leis aduaneiras. Perdemos o monopolio do commercio, que já possuímos, e não é provavel que o reconquistemos. O nosso fabrico de algodão, dentro em breve, limitar-se-ha ao consumo interno, e, se os artigos não forem bons e baratos, serão de todo vencidos pelos artigos francezes e americanos. E o mesmo se dará com todos os outros productos.

A Inglaterra, sem duvida alguma, possui os melhores materiaes do mundo. Tem homens que sabem e querem trabalhar. Mas é necessario bom trabalho, e não o que é feito ás carreiras. Temos colligações contra o salario diminuto ; ainda não tivemos uma contra o trabalho mal feito. E' o trabalho deshonesto e fraudulento que está desacreditando os productos inglezes. « O trabalho, diz o Sr. Holyoake, é pouco attrahente porque pouca honra nos faz.» Deveria ser impossivel aos fabricantes encontrar operarios que consentissem em fazer trabalho ordinario. E' uma especie de attentado contra a industria, e uma complicitade na fraude feita ao comprador. Não ha nada que revele mais o estado da dignidade na corporação operaria

dô que as suas sociedades de toda a especie instituidas para protegerem o homem que recusa pouco salario, quando não ha nenhuma união operaria que proteja o homem que se nega a fazer um trabalho deshonesto.» Se tal systema continuar, todas as escolas de sciencias e de artes no mundo inteiro não poderão manter a Inglaterra na posição de grande paiz commercial.

Iguaes clamores nos chegam dos Estados-Unidos. A verdade do proverbio americano « Não ha Deus além do Missouri » se manifesta por todos os lados. O omnipotente dollar é a unica divindade, e o seu culto existe em toda a parte. Lemos em um jornal da cidade do Sacramento : « O povo americano é um povo essencialmente amante do dinheiro, e que sabe ganhar-o. Não tem rainha nem aristocracia que o governem; a sua nobreza é o dinheiro. A sêde das riquezas sobrepuja a todas as outras considerações. A fraude no commercio é a regra em vez de excepção. Envenenamos os nossos viveres com adulterações. Envenenamos até as nossas drogas com ingredientes baratos. Falsificamos a lã. Vendemos taboas folheadas por madeira solida. Construimos miseraveis telheiros de ruim tijolo, de peor barro e de madeira verde, e chamamo-l'os casas. Roubamo-nos e enganamo-nos uns aos outros em todos os negocios e transações, e estamos tão preocupados em ganhar dinheiro, que nem se quer protestamos contra as fraudes mais palpaveis; consolamo-nos logrando aos outros. Pagamos bem caro pela nossa idiosyncrasia nacional. Estamos destruindo rapidamente o nosso sentimento de lealdade e honradez. Nos paizes atrasados e servis onde existe a monarchia, o povo consegue viver muito melhor e mais barato do que nós. Ahi a fraude é considerada um crime, e o impostor, quando descoberto, soffre severa punição. Mas são paizes atrasados, que desconhecem a

liberdade. Não possuem um Quatro de Julho, nem um Wall-Street, nem bacalháo, nem aristocracia de meia tijella... Não reconhecem que o direito á vida, á liberdade e á luta pela felicidade (isto é, pelo dinheiro) autorisam todo o homem a enganar o proximo e prohibem-lhe a reclamação.»

Facto digno de nota : os Americanos começam a convencer-se de que a má qualidade do trabalho e a má vontade dos operarios nascem, até certo ponto, do systema das escolas publicas. Todos são tão bem educados que não ha quem se queira sujeitar ao trabalho manual. Não se encontram aprendizes nem famulos americanos. Fallamos baseado em autoridade competente. Um escriptor, no *Scribner's Monthly*, diz : « Os Americanos endeosam o seu systema escolar. Fallar contra elle é uma traição. Aquelle que exprimir a menor duvida ácerca do seu valor é considerado um inimigo da educação. Devemos, porém, convencer-nos de que, para preparar homens destinados á vida do trabalho, sobretudo do trabalho que depende de habilidade manual, esse systema é erroneo e atrazador. E' apenas o ensino superficial, falso e confuso.»

Diz o escriptor que o antigo systema de aprendizagem está cahindo em completo desuso. Os meninos vão á escola ; não podem, portanto, aprender um officio. Vem dahi que quasi todo o trabalho mechanico está nas mãos dos estrangeiros. O rapaz que tem sido feliz nos seus primeiros estudos não se conforma com a idéa de ganhar a vida pelo trabalho de suas mãos. Não tem inclinação para esse genero de trabalho. Aceita qualquer emprego pouco pesado, ou então vive de expedientes.

Disse Longfellow :

« Debaixo de frondoso castanheiro

« Ergue-se a forja da aldeia... »

A forja já não se ergue alli. Quando o general Armstrong, do collegio dos homens de côr, em Hampton, foi aos Estados do Norte em busca de ferreiros, não encontrou um só Americano no officio. Os ferreiros eram todos Irlandezes. E na geração seguinte de Irlandezes cada homem estará tão bem educado que não quererá sujeitar-se ao trabalho manual. Um pastor de Nova-York, pai de numerosa familia, no intuito de corrigir esse erro, declarou do pulpito que cada um de seus filhos ia aprender um officio mechanico, pelo qual, em caso de emergencia, pudesse gahar a vida. Ricos e pobres deviam aprender a trabalhar, porque é tão possivel o rico empobrecer como o pobre enriquecer; bem mesquinha é a educação que não ensina o homem a depender de si para sustentar-se e sustentar aos que se acham na sua dependencia.

Ultimamente têm havido queixas contra o máo es-do do commercio. De quem a culpa? Na arithmetica dos escriptorios commerciaes, nem sempre dous e dous são quatro. Quantos expedientes não existem, em que não entra a honestidade, para ganhar dinheiro com a maior presteza possivel! Muitos, em vez de lutarem paciente e laboriosamente para conquistarem um modesto bem-estar, desejam enriquecer immediatamente. O espirito da epocha não é o do negocio, e sim o do jogo. O andar em que vamos é demasiado rapido para permittir-nos indagar daquelles que baquearam. A corrida dos milhões é para os que são mais ageis. A sua fé está no dinheiro. Não é necessario ser propheta para apontar a relação que existe entre a nossa penuria e o crime da agiotagem e fraudulencias commerciaes.

« Meu filho, dizia um pai, vais entrar para a sociedade, e talvez sejas enganado : se isso tem que acontecer, logra tu antes que te logrem. » Outro exprimia-se

do seguinte modo : « Se puderes ganhar dinheiro honestamente, faze-o ; se não, ganha-o em todo o caso, não importa como. » Um terceiro disse : « A honestidade é melhor do que a deslealdade ; experimentei ambas as cousas. » Está fóra de duvida que citamos estas palavras como sendo completamente destituídas de honradez e de verdade. E' bem provavel, porém, que em muitas das nossas classes commerciaes os principios de conducta não sejam mais elevados.

Nas grandes cidades commerciaes, muitos moços que começam a vida admiram-se do luxo desmedido dos commerciantes fortes. Passam estes por serem enormemente ricos. Todas as portas lhes estão abertas. As posições mais elevadas da sociedade lhes pertencem. Dão bailes, reuniões e banquetes. Enchem as suas casas de quadros dos melhores artistas. Os mais finos e delicados vinhos são encontrados nas suas adegas. Os seus predicados intellectuaes talvez não sejam dos mais apurados ; a sua conversação limitar-se-ha ao vinho, ás corridas, aos cavallos ou ás cotações da praça. Parecem navegar serenos no mar de ouro e de enormes riquezas.

Os moços que encetam a sua vida commercial vêem-se irresistivelmente attrahidos para aquelles exemplos. Se não possuirem a necessaria firmeza e coragem, hão de forçosamente seguir as pégadas dos seus predecessores. Lucram com a primeira especulação ; a segunda talvez seja igualmente bem succedida. Continuam esses lucros, e eil-os arrebatados pela sêde da riqueza. Tornam-se des-honestos e pouco escrupulosos. O mercado monetario enche-se com as suas letras. Para sustentar o seu credito, continuam a despender rios de dinheiro. Em outras éras, os homens que se apossavam dos bens dos outros, faziam-n'o pela violencia. Hoje em dia, obtêm-n'os por meio da fallencia fraudulenta. Antigamente, todas as transacções

eram feitas abertamente ; hoje, tudo se faz em segredo, até o ultimo momento da catastrophe, quando tudo se descobre. O especulador abre fallencia, suas letras ficam sem valor, os quadros são vendidos em hasta publica, e o velho foge para evitar as perseguições dos credores.

Quem não terá ouvido fallar na fallencia de bancos occasionada pela agiotagem e pela fraude, trazendo consigo a perda das riquezas e das economias de familias inteiras de accionistas ? Diz Schiller: « Subtrahir fraudulentamente um milhão é apenas audacia ; empalmar uma moeda é roubo. Dir-se-hia que o crime diminue na razão da grandeza da falta commettida. » O roubo de milhões, nos ultimos tempos, não tem sido julgado crime extraordinario. Diz-se que o dinheiro foi desviado dos depositos para a compra de acções de estrada de ferro, ou para a especulação de terrenos em alguma longiqua colonia, jogo para ganhar dinheiro e que frequentemente termina em uma quèda ruinosa. Depois, o *banco quebrou*, e essa quebra acarreta a ruina e a desolação no seio de centenas de familias. Homens têm enlouquecido, e mulheres têm rogado a Deus que as livre dessa vida de privações.

Ha homens ricos que têm sêde de augmentar a sua riqueza e lançam-se em loucas especulações, com o intuito de alcançarem o dinheiro mais rapidamente. Qual o resultado ? A bancarrota. Poderemos citar muitos exemplos. Não ha muito tempo, um rico banqueiro de Tipperary, na Irlanda, radical e tribuno exaltado, entrou para o parlamento ; e o governo, afim de tapar-lhe a boca, nomeou-o ministro das finanças. Pareceu-lhe que em breve um titulo viria coroar o seu merecimento. Pôz-se a especular em acções das estradas de ferro italianas, hespanholas e americanas, e nellas soffreu perdas consideraveis. Começou então a falsificar documentos, titulos e letras no valor de milhares de libras sterlinas ;

as suas machinações, aliás habilísimas, falharam-lhe; foram descobertas as suas falsificações, e a ruina imminente o aguardava. Em hora adiantada da noite, o culpado entrou no seu gabinete de estudo, apossou-se de um vidro de ácido prussico, e, dirigindo-se a Hampstead-Heath, sorveu o veneno, morrendo pouco depois.

Que scenas de horror não presenciaram as ruas de Thurles e Tipperary, quando se soube do desastroso fim do banqueiro! Anciãos chorando e lamentando a perda dos seus haveres, viúvas bradando ao céu, a perguntarem se era possível que estivessem de todo pobres e desamparadas. O banqueiro, o ministro das finanças, perdêra o ultimo ceutil do seu banco, e, precipitando-se de fraude em fraude para recuperar o dinheiro perdido, só conseguira espalhar em torno de si a mais extensa e irremediável ruína.

Em uma de suas ultimas cartas, escripta a um primo, dizia elle: « A que ponto de infamia cheguei eu, passo a passo, amontoando crime sobre crime! Sou o causador da miseria, da desgraça, da ruina de milhares de pessoas! Poderia supportar todos os castigos, porém não poderei presenciar o espectáculo desses soffrimentos; não posso, portanto, continuar a existir. Oxalá não tivesse sahido da Irlanda! Provera a Deus que eu tivesse resistido ás primeiras tentações que me impelliram á especulação! Poderia ser hoje o que dantes era, um homem leal e honesto. Presentemente choro e lamento-me: isso, porém, de que me serve? (*)

(*) « O degradante amor do luxo, diz o bispo de Peterburg, a aviltante adoração da riqueza, as horrorosas fraudes e roubos nascido do desejo de possuil-a, as loucas extravagancias e prodigalidades que se seguem á sua posse; a arrogancia do vicio enriquecido, que nem, se quer, paga á

As nações e os estados podem ser tão desonestos como os individuos. A Hespanha, a Grecia e a Turquia são paizes deshonrados no mundo commercial. As riquezas da Hespanha foram causa da sua morte. O ouro que lhe vinha das suas colonias da America do Sul tornou o povo inerte o indolente. Em nossos dias o hespanhol se envergonha de trabalhar; não se envergonha, porém, de mendigar. Vai para muitos annos já que a Grecia nega as suas dividas; como a Turquia,

virtude o mesquinho tributo da hypocrisia; o cynismo revoltante que escarnece das idéas e aspirações nobres,—vivificante sôpro de uma nação; e nascendo de tudo isto a luta dos interesses, a guerra das classes, que de dia em dia augmenta e se alastra, á proporção que o egoismo invejoso da pobreza protesta contra a egoista ostentação da riqueza; o desesperado e incessante odio que os privados de dinheiro, e que d'elle necessitam, votam á sociedade inteira, que lhes parece unicamente ser o instrumento de sua oppressão; os loucos sonhos de reconstituição revolucionaria, que virá distribuir a todos com igualdade a posse da riqueza sem a fadiga do trabalho, o gozo, que é hoje privilegio de poucos e ambição de muitos; — tudo isto são as sementes do mal que espargimos no nosso solo com as proprias mãos, e que um dia hão de brotar como um exercito devastador, muito mais temiveis do que as hordas conquistadoras, do que qualquer inimigo estrangeiro. O brilhantissimo e as scintillações da civilização moderna occultam aos nossos olhos estas verdades; não vemos como os mais preciosos elementos da nossa grandeza nacional murcham nesta atmosphera encandescente, nem como as urzes medram na sombra produzida por tanta luz; cil-as ahí, e não cuidamos em arrancal-as! tempo virá, talvez, em que lamentemos que a severa e rude disciplina da guerra, que até as dolorosas e terriveis provações da derrota, não tivessem vindo em tempo para salvar-nos dos horrores ainda maiores, nascidos das nossas culpas em epochas da mais profunda paz.»

não tem recursos para pagal-as. Os trabalhos de industria nesses paizes são todos feitos por estrangeiros.

Devíamos esperar procedimento mais digno da parte de Philadelphia e outros Estados da America do Norte, que ha muitos annos já não honram as suas dividas. Eram Estados ricos, e os empréstimos levantados em paizes estrangeiros para a construcção de canaes e estradas de ferro tornaram-n'os ainda mais ricos. O Rev. Sidney Smith, que empregou o seu dinheiro em um desses empréstimos — «o producto das economias de uma vida inteira de difficuldades e privações» — referiu a todo o mundo a sua perda. Enviou ao congresso americano reunido em Washington uma representação, que em seguida publicou. «Os Americanos, dizia elle, ufanam-se de terem melhorado as instituições do Velho Mundo, e no entanto igualaram-se a elle nos seus crimes. Uma grande nação, depois de haver calcado aos pés a tyrannia monarchica, tornou-se ré da mais descommunal fraude que porventura tenha aviltado o peor rei da mais degradada nação da Europa.»

O Estado de Illinois, embora pobre, procedeu com dignidade. Como Philadelphia, levantou um empréstimo para realizar melhoramentos internos. Quando os habitantes da rica Philadelphia deram o exemplo de repudiar as suas dividas, muitos dos Estados mais pobres quizeram seguir-lhe as pisadas. Como todo o chefe de familia tinha voto na materia, a cousa seria facil, se elles fossem deshonestos. Reuniu-se a assembléa em Springfield, capital do Illinois, e o projecto foi apresentado. Iam adoptal-o, quando foi a moção detida por um homem de bem. Stephen A. Douglas (não esqueçamos esse nome honrado), que se achava então doente em seu hotel, desejou assistir á votação. Levaram-n'o á assembléa, estendido em um colchão, pois que a

enfermidade não lhe permittia caminhar. Alli, deitado, escreveu elle o seguinte parecer, que offereceu como substitutivo : « Voto que o Estado de Illinois *seja honesto*, embora não pague um ceutil. »

Este parecer despertou o sentimento honesto de todos os membros da assembléa. Adoptaram-n'o com enthusiasmo. Foi o golpe mortal. As acções de canaes tiveram alta immediata. Os capitaes e a emigração dirigiram-se logo para aquelle Estado ; e o Illinois é hoje um dos mais prosperos da União. Possui maior numero de milhas de estradas de ferro do que qualquer outro. As suas vastas planicies formam um só campo cultivado, onde se ergue um sem numero de habitações pacificas e felizes. Eis o resultado da honestidade.

Os homens, para fallar claramente, tornaram-se egoistas. Pensamos muito em nós mesmos, e não nos lembramos do proximo. Quanto mais nos dedicamos ao prazer, menos nos recordamos dos nossos semelhantes. Os egoistas não percebem as necessidades dos outros. Envolvem-se em uma especie de armadura impenetravel, e nenhuma arma, quer da miseria, quer do padecimento, os póde attingir. O coração só se lhes abre para aquelles que podem concorrer para a satisfação de seus desejos. « Homens ha, diz S. Chrysostomo, que parecem ter vindo ao mundo unicamente para gozarem. Ao aspecto de suas mesas luxuriosas, os anjos se retiram, Deus se offende, os demonios se regosijam, os homens virtuosos se escandalisam, e até os famulos escarnecem... Os homens justos cedem os festins aos tyronnos e aos ricos que se tornaram flagellos do mundo. »

Já não sabemos viver com pouco. O homem hoje em dia quer viver cercado de luxo. No entanto a existencia do homem não deve consistir na abundancia ; deve elle viver honestamente, embora pobre. A renuncia

daquillo que é inutil e a privação do que nos é relativamente necessario é um passo dado no caminho da abnegação christã e da energia de character. O que o seculo precisa é que o homem se torne capaz de satisfazer todo o desejo justo, contentando-se com pouco. « Um grande coração em uma pequena casa, diz Lacordaire, é de todas as cousas deste mundo a que mais me impressiona. Feliz do homem que semeia o bem e a verdade. A sua colheita será das mais abundantes ! »

Citemos um esplendido exemplo de honradez e lealdade da parte de um pobre camponez allemão. Bernardin de Saint-Pierre referiu o facto na sua obra *Estudos da Natureza*. Servia elle na qualidade de engenheiro, sob as ordens do conde de Saint-Germain, durante a campanha de Hesse, em 1760. Pela primeira vez, presenciou os horrores da guerra. Dias e dias, passou por aldeias saqueadas e por campos e herdades devastados. Homens, mulheres e crianças fugiam de suas habitações, debulhados em lagrimas. Por toda a parte, homens armados destruiam o fructo do seu trabalho, como se aquillo fôra um padrão de gloria. No meio, porém, de todos aquelles actos de crueldade, Bernardin de Saint-Pierre teve a consolação de presenciar uma sublime prova de rectidão de character, dada por um pobre homem cuja casa e cujo campo se achavam na passagem do exercito.

Um capitão do batalhão de dragões foi mandado com um destacamento em busca de viveres. Chegaram a uma cabana e bateram á porta. Um ancião, de barbas brancas, appareceu-lhes. « Conduza-me a um campo onde eu possa encontrar provisões para as minhas tropas. » — « Estou ás suas ordens, senhor ! » respondeu-lhe o velho. E acto continuo, pondo-se á frente dos soldados, atravessou o valle. Apóz meia hora de marcha, appareceu-lhes um

bello campo de cevada. « Isto serve-nos perfeitamente ! » disse o official.— « Não, acudiu o camponez, esperem mais um pouco, e terão o que necessitam. » Continuaram a caminhar, até chegarem a outro campo de cevada. Os soldados apeiaram-se, ceifaram o grão, e, enfeixando-o, montaram de novo a cavallo. « Amigo, disse o official ao velho, por que motivo nos trouxeste tão longe ? O primeiro campo que encontrámos era tão bom como este. » — « Tem toda a razão, respondeu o velho ; mas aquelle campo *não era meu !* »

CAPITULO IV

HOMENS QUE NÃO SE VENDEM.

Se a verdade ensinar é o que desejas,
Primeiro, de coragem provas dá;
Vive honestamente, e a tua vida
Um grande e nobre credo então será.
E' excellente o mundo em que vivemos
Para emprestar, gastar, dar o que temos.
Para obter, porém, o que nos é devido
E' este o peor mundo conhecido.

(BULWER LYTTON.)

O nome, o nome honesto, quando o temos,
E' a joia melhor, de mór valia;
Quem a bolsa me rouba pouco leva;
Foi minha, é sua então; embora! *guarde-a!*
Mas quem do nome a honra quer furtar-me
Me furta o que não pôde enriquecel-o,
Ao passo que me torna a mim pauperrimo

(SHAKESPEARE.)

L'homme vaut mieux que l'argent.

(*Proverbio francez.*)

Ha homens que se vendem. Innumeros são aquelles que por dinheiro e por bebidas não trepidam em vender corpo e alma. Quem não terá ouvido fallar em eleições annulladas pela corrupção? Não é este o modo de gozar a liberdade e de conserval-a. Os homens que se vendem tornam-se escravos; os que os compram são deshonestos e immoraes. A liberdade tambem tem as suas patranhas. — « Os meus pés descansam no solo da liberdade! » clamava um orador. — « Não ha tal! replicou um sapateiro que se achava presente; os seus pés descansam em um par de botas que o senhor ainda não me pagou! »

A tendencia dos homens é acompanhar sempre a maioria. « O que quer dizer maioria? exclama Schiller. O bom

senso é partilha de poucos. Os votos deveriam ser pesados, e não contados. O Estado, onde o maior numero governa e a ignorancia resolve, cedo ou tarde encontrará a ruina! »

Os ignorantes e indolentes estão á mercê dos velhacos; e a maioria é sempre de indolentes e ignorantes. Quando um charlatão, accusado de obstruir a passagem da Ponte Nova, em Pariz, foi levado á barra do tribunal correccional, perguntou-lhe um magistrado: « Por que é que o senhor attrahe tanta gente em redor de si e lhes apanha o dinheiro com a venda da droga *infallivel* que lhes apresenta? » — « Quantas pessoas julga o Sr. juiz que atravessam a Ponte-Nova no espaço de uma hora? » replicou o charlatão. — « Não posso calcular, » respondeu o juiz. — « Pois eu lh'o digo: cerca de dez mil; e nesse numero quantos terão bom senso? » — « Oh! talvez cem! » — « E' muito, continuou o charlatão; mas, emfim, cedo-lhe essas cem pessoas. As outras nove mil e novecentas são minhas freguezas! »

Em toda a parte ha homens venaes. Não têm probidade, nem dignidade. Se a tivessem, resistiriam á corrupção sob todas as fórmãs. Os empregados do governo deixam-se seduzir mediante recompensa na compra de fazendas e de generos imprestaveis. Eis a razão por que os sapatos dos soldados rebentam-se em meio de uma marcha, e por que as suas fardas de panno avariado esfarrapam-se e suas provisões em latas apodrecem. O capitão Nores deu-nos tristes noticias dos generos fornecidos aos marinheiros nas regiões articas. Tudo isto acontece por causa da corrupção que reina nas posições subalternas do governo civil.

Muita cousa se obtem por meio de gratificações illícitas. E' por isso que muitos homens enriquecem, apesar dos seus diminutos vencimentos. Uma companhia

publica, tendo descoberto um acto de venalidade praticado por um dos seus empregados, mandou afixar a seguinte declaração: « Os empregados desta Companhia não podem aceitar gratificações. »

Acontece o mesmo em todos os paizes. A Russia, o Egypto e a Hespanha são as nações onde se encontra mais corrupção no funcionalismo. Na Russia, semelhante corrupção, que chega aos mais elevados funcionarios, é das mais evidentes e completas. Tudo se consegue a peso de ouro. O suborno, sob todas as fórmulas, está inegavelmente estabelecido,—desde os arranjos entre fornecedores e funcionarios, até a entrega dos generos fornecidos. Desculpam-se com a exigua retribuição dos empregados. A estrada de ferro de S. Petersburgo a Moscow foi construida com enormes despezas. Sommas inauditas, dadas para pagar engenheiros e trabalhadores, foram roubadas pelos directores e superintendentes. O principe Mentchikoff acompanhou o seu imperial amo em uma excursão á capital, organisada para obsequiar o embaixador da Persia, que tinha ido visitar o paiz. O Persa examinou as cupulas de ouro, as columnas de granito, as milhas e milhas de deslumbrantes lojas da grande cidade, com a proverbial indiferença oriental. O Imperador, incommodado finalmente com isto, inclinou-se para o seu favorito e disse-lhe: « Não haverá cousa alguma que surprenda este homem? » — « Ha, magestade, respondeu o principe: mostre-lhe as contas da estrada de ferro de S. Petersburgo a Moscow! » Em Alexandria, no Egypto, a « quebra », como lhe chamam, é enorme. Na Hespanha, todo o navio, para entrar em um porto qualquer, tem que pagar uma commissão aos guardas da alfandega. A desculpa ahi é a mesma que na Russia. Os empregados na Hespanha não podem prescindir, para viver, de taes commissões illicitas.

Até nas republicas os homens se deixam subornar. O dinheiro vence muitas difficuldades, resolve muitos problemas. Nos Estados-Unidos, a nata das republicas, o suborno se faz por atacado. Os honorarios que o governo paga não bastam aos empregados publicos. Até os mais altamente collocados são subornados por presentes de carruagens e cavallos, e mesmo por moeda sonante. Os estadistas americanos mais perspicazes e honestos já percebem que o suborno e a corrupção estão minando rapidamente a administração e a virtude publica.

Em todo o mundo tem existido sempre a mesma cousa, sob todas as fórmas de governo, monarchico, aristocratico ou republicano. Não é a fórma de governo que pecca ; os culpados são os homens que o compoem. O poder politico é um flagello quando em mãos interesseiras ; se, porém, o governo é intelligente e imparcialmente administrado, então torna-se elle uma das maiores felicidades do paiz. Se o interesse se estabelece na classe administrativa, ai do paiz governado por ella ! O mal parte de cima para baixo, e estende-se sobre todas as classes, até ás mais pobres. A honradez se torna uma virtude ignorada. Os bons principios jazem no olvido. Esmorece a fé, e a sociedade trava uma eterna contenda afim de alcançar dinheiro e posição.

No entanto, em todos os tempos e em todos os seculos têm havido homens que não se vendem. Mesmo os mais pobres, inspirados pelo dever, têm recusado vender-se. Entre os Indios da America do Norte, o des jo de riqueza é considerado indigno de um bravo,— de modo que, frequentemente, o chefe é o homem mais pobre da tribu. Os maiores bemfeitores da raça humana têm sido homens pobres, entre os Israelitas, os Gregos e os Romanos. Quando chamado a occupar o lugar de propheta, Elias trabalhava com o arado ; Cincinnato cultivava os

seus campos quando foi escolhido para commandar os exercitos de Roma. Socrates e Epaminondas eram pauperrimos. Tambem o eram os pescadores da Galileia, os inspirados fundadores da nossa fé.

Aristides foi cognominado «o justo» por causa da sua inabalavel integridade. A sua justiça era sem macula, e a sua abnegação incontestavel. Bateu-se em Marathona e Salamina, e commandou a batalha de Platéa. Embora tivesse exercicio os mais altos cargos do Estado, morreu pauperrimo. Não havia dinheiro que o comprasse; não havia consideração que o desviasse da senda do dever. Dizem que os Athenienses se tornaram mais virtuosos contemplando aquelle nobre exemplo. Em uma representação das tragedias de Eschilo, quando um dos personagens proferiu uma sentença ácerca da virtude, os olhares do auditorio se volveram involuntariamente do actor para Aristides.

Phocion, o general athenfense, homem de grande coragem e prudencia, recebeu o epitheto de—«o bom». Alexandre o Grande, quando invadiu a Grecia, procurou seduzir Phocion. Offereceu-lhe riquezas e a escolha de quatro cidades na Asia. A resposta do Atheniense foi digna de um immaculado caracter. «Se Alexandre me estimasse quanto diz que me estima, não procuraria roubar-me a honra».

Demosthenes, o eloquente, porém, vendeu-se. Quando Harpalo, um dos generaes de Alexandre, foi a Athenas, os oradores publicos deixaram-se fascinar pelo ouro do conquistador. Entre elles estava Demosthenes. De que serve a eloquencia sem a honradez? Quando o tribuno visitou Harpalo, este percebeu que Demosthenes se enamorava de uma das esplendidas taças cinzeladas do rei. O general convidou o orador a examinal-a de perto e verificar o seu peso. «Quanto vale ella?» perguntou

Demosthenes. — « Vale vinte talentos », respondeu Harpalo. Naquella mesma noite, o general enviou a Demosthenes a taça, contendo vinte talentos. O presente foi aceito. Esse facto acarretou o descredito do orador, que pouco tempo depois envenenou-se.

Cicero recusou todos os presentes, não só dos amigos como dos inimigos de sua patria. Pouco tempo depois de seu assassinato, Cesar Augusto encontrou o neto com um dos livros de Cicero nas mãos. O moço procurou occultar-lh'o; Cesar, porém, lh'o arrebatou. Passou-lhe os olhos rapidamente, e restituiu-o ao neto, dizendo: « Meu filho, Cicero foi um homem eloquente, e amante sincero da sua patria. »

Quando perguntaram a Bias por que motivo não levava, como os seus compatriotas forçados a fugir, parte do que possuia, o philosopho respondeu: « Não ha razão para semelhante pergunta: levo em mim mesmo todos os meus thesouros. »

Tendo Deocleciano abdicado, havia algum tempo já, a purpura imperial, convidou-o Maximiliano a tomar de novo as redeas do governo. Deocleciano respondeu: « Se eu pudesse mostrar-te os repólhos que plantei com as minhas proprias mãos em Salona, se visses os magnificos melões que tenho cultivado e as lindas plantações que fiz em torno da minha habitação, não mais me pedirias que abandonasse o gozo dessa ventura pelas desillusões do poder. »

O fructo do seu trabalho e das suas fadigas lhe pertencia; ganhara-o. Nessas fadigas e nesse trabalho aprendêra a diligencia, que gera a perseverança no homem laborioso, a intrepidez no guerreiro e a firmeza no estadista. O trabalho suspende os primeiros passos dados no caminho deshonesto, abre largo campo ao desenvolvimento da intelligencia; incute novo vigor ao

cumprimento de todos os deveres, tanto sociaes como religiosos. Eis a razão por que os Romanos reclamavam Deocleciano para o exercicio dos deveres politicos.

O contentamento vale mais do que o luxo e o poder; constitue por si só uma riqueza natural. Maria, a sanguinaria, irmã de Isabel de Inglaterra, desejou muitas vezes ter nascido camponeza em vez de rainha. Não houvera soffrido as torturas do amor não retribuido, nem o aviltamento do poder nas mãos dos seus ministros. Muitos martyres teriam sido salvos da fogueira.

Homens honestos e corajosos não trabalham por dinheiro. Quando Socrates preferiu morrer a repudiar as suas idéas de sã moral; quando Las Casas procurou mitigar as torturas dos pobres Indios, — nenhum delles pensou no dinheiro ou na patria. Trabalharam pela exaltação de todos aquelles que pensam e pelo allivio de todos aquelles que soffrem.

Quando o papa ordenou a Miguel Angelo que tomasse a direcção das obras da igreja de São Pedro, o grande artista só consentiu nisso com a condição de não receber salario algum; trabalharia « pelo amor de Deus unicamente. »

Na vida politica procura-se demasiado a posição e o dinheiro. O bom emprego, quando não é alcançado pelo merecimento no serviço publico, torna-se apenas um corruptor da moral. E' a substituição de uma razão patriotica por uma razão de interesse; e, sempre que este influe mediante consideração de favoritismo pessoal, avilta a politica e macúla o character.

André Marvell foi um patriota da antiga tempera romana. Viveu em uma epocha de agitação politica. Nasceu em Hull, no principio do reinado de Carlos I. Quando moço, cursou quatro annos no collegio da Trindade, em Cambridge. Em seguida, viajou pela Europa.

Na Italia encontron-se com Milton, e ali encetou uma amizade que durou a vida inteira. Quando regressou á Inglaterra, ardia a guerra civil. Não consta que elle tomasse parte na lucta, embora tenha sido defensor e promulgador convicto da liberdade. Em 1660, a sua cidade natal o elegeu membro do parlamento, e, durante o tempo que occupou essa posição, Marvel escreveu, por todos os correios; ao presidente da municipalidade e aos seus constituintes, relatando-lhes as occurrencias do parlamento.

Marvell não sympatisava com as tendencias antemonarchicas de Milton. O seu biographo chama-o « amigo da Inglaterra, da liberdade e da magna carta. » Não se oppunha a uma monarchia convenientemente restricta, e eis a razão por que favoreceu a restauração de Carlos II. O povo almejava-o, julgando que a volta do principe restabeleceria a paz e a lealdade. Foi um terrivel engano. Marvell foi nomeado para acompanhar Lord Carlisle em sua embaixada á Russia, querendo desse modo o rei dar prova de que não o considerava inimigo da côrte. Durante a sua ausencia, os males do povo recrudesceram. O novo soberano estava constantemente sem dinheiro. Empregou todos os meios, vendendo empregos e concedendo monopolios, para supprir as suas constantes necessidades. Marvell, em uma de suas cartas aos seus constituintes, dizia : « A côrte chegou ao mais alto gráo do luxo e da penuria, e o povo está cheio de descontentamento. » No processo dos « Quakers » Penn e Mead, o juiz assessor, entre outras cousas, elogiou a Inquisição hespanhola, dizendo : « Jamais conseguiremos cousa alguma emquanto não tivermos instituição semelhante na Inglaterra. »

O rei continuava a extorquir dinheiro sem escrupulo algum, por meio dos seus cortezãos e dos patriotas

aposthatas. Comprava-os com presentes e milhares de libras sterlinas. Marvel, porém, não se vendia, e publicou as suas satyras sobre a côrte e seus parasitas. Foram estas lidas por todas as classes, desde o rei até a plebe. Marvell foi ameaçado, foi lisongeadado; contrariaram-n'o e afagaram-n'o; cercaram-n'o de esbirros e rodearam-n'o de mulheres que o seduzissem. Nenhuma Dalila, porém, conseguiu descobrir o segredo daquella força. A sua integridade estava á prova do perigo e da corrupção. A dignidade e a moral se alliaram contra as ameaças e o suborno. Naquella côrte, onde nenhum homem era considerado honesto e nenhuma mulher pura, os requisitos da seducção eram apurados ao maximo gráo; Marvell, porém, acatando a sua dignidade, resistiu a todas aquellas seducções.

Conta-se que o presidente do conselho Lord Danby, suppondo poder comprar o seu velho companheiro dos bancos collegiaes, foi visitar Marvell na sua modesta agua-furtada. Ao despedir-se, o presidente do conselho deixou cahir na mão de Marvell um vale sobre o thesouro da importancia de mil libras sterlinas, e metteu-se na sua carruagem. Marvell, examinando o papel, chamou o ministro. « Milord, peço-lhe mais um momento de attenção », disse-lhe. Subiram de novo á agua-furtada, e João, criado, foi chamado. — « João, que tive eu para jantar hontem? » — « Não se lembra, meu amo? a perninha do carneiro que mandou buscar ao mercado. » — « Ah! sim!... e que tenho para jantar hoje? » — « Pois não se recorda que mandou-me aquecer o osso que sobrou de hontem? » — « Sim, sim, tens razão. Vai-te embora... — Milord continuou Marvell, voltando-se para Lord Danby, ouviu que acaba de se passar? André Marvell ainda tem o que comer; tome o seu papelucho, não necessito d'elle. Comprehendo a sua bondade. Mas estou aqui para servir ao

meus constituintes; o ministerio que procure outros homens para os seus fins; eu não pertença ao numero delles. »

Marvell procedeu nobremente até o fim. O seu caracter se conservou sempre immaculado. Era leal representante de seus constituintes. Embora não fosse pobre, o seu viver era simples e sobrio. Em Julho de 1678 visitou os seus constituintes pela derradeira vez. Pouco tempo depois do seu regresso a Londres, sem que precedesse molestia ou abatimento visivel, expirou. Dizem alguns que morreu envenenado. Talvez não seja verdade. O certo é, porém, que morreu como homem honesto.

Goldsmith tambem foi homem que não se vendia. Conheceu a mais profunda miseria. Vagueára pela Europa vivendo da sua flauta. Dormira em telheiros e ao relento. Fez-se actor, guarda-portão e curandeiro. Em todas essas profissões padeceu fome. Depois fez-se autor e tornou-se um cavalheiro. Nunca, porém, escapou á pobreza. Descrevia-se a si proprio « em uma trapeira, escrevendo para ganhar o pão, e temendo que o vaqueiro o perseguisse pela conta do leite. » Um dia o Dr. Johnson recebeu um recado de Goldsmith, dizendo-lhe que se achava na maior difficuldade. O doutor foi visital-o, e soube que a senhoria da casa mandára prender Goldsmith por causa do aluguel. A unica cousa de que elle podia dispôr era um rôlo de manuscripto. Johnson apoderou-se dos papeis, e verificou que era o *Vigario de Wakefield*. Tendo reconhecido o merecimento da obra, Johnson levou-a a um editor e vendeu-a por sessenta libras. (*)

(*) Gœthe refere que aquelle livro foi uma das suas maiores consolações. Estando já proximo do termo de seus dias, na idade de 80 annos, disse elle a um amigo que, na época decisiva do desenvolvimento intellectual, fôra o *Vigario de Wakefield*

Pauperrimo como era naquella época, e pobre como sempre foi até o fim de seus dias, — pois morreu indigido, — Goldsmith não se vendia. Negou-se a fazer trabalhos politicos de natureza pouco honrosa. Sir Roberto Walpole dispendia cerca de 50.000 libras annualmente em serviços secretos do governo. Diariamente defendiam escriptores subornados os actos do governo, denegrindo os da opposição. No tempo de Lord North, « Junius » era o escriptor da opposição. O governo resolveu subornar Goldsmith a fim de replicar aos terriveis sarcasmos de « Junius » O Dr. Scott, capellão de Lord Sandwich, foi encarregado de propôr o negocio a Goldsmith. « Encontrei-o, diz Scott, habitando em um miseravel aposento em Temple-Bar. Disse-lhe qual o fim a que ia; que tinha ordem para pagar-lhe quanto exigisse pelo seu trabalho; e, cousa incrível! teve a coragem de responder-me: « Ganho quanto me basta para occorrer ás minhas necessidades, sem escrever para partido algum; o auxilio que me offerecem é, pois, desnecessario! » E deixei-o na sua trapeira! »

Eis ahi como o pobre e honesto Goldsmith rejeitou o salario da indignidade. Preferiu escrever *historias da carochinha* para as crianças, a tornar-se pasquineiro mercenario da prostituição politica.

Tendo Pultney, chefe da opposição na camara dos Communs, feito uma citação latina em um dos seus discursos, sir Roberto Walpole emendou-o, apostando um guineo em como a citação não estava exacta. A aposta foi aceita, o classico latino foi consultado, e verificou-se

que formára a sua educação, e que ainda recentemente tinha relido aquella obra, de principio a fim, não pouco commovido com a recordação de quanto devêra, setenta annos antes, ao seu autor. — FOSTER.

que Pultney não havia errado. O ministro atirou o guineo em cima da mesa; Pultney apanhou-o, pedindo á camara que fosse testemunha de ser aquelle o primeiro guineo dos dinheiros publicos que lhe entrava na algibeira! Essa mesma moeda acha-se hoje no Museu Britannico, e é conhecida como o « guineo de Pultney.»

Quando Pitt, conde de Chatham, foi nomeado pagador geral das Forças, declarou que não aceitaria nem um ceutil além do salario que a lei lhe marcava. Em tempo de paz, assistia ao pagador o direito de conservar em seu poder uma grande quantia, talvez muitas libras, e os juros desse dinheiro lhe pertenciam. Chatham recusou todas essas vantagens. O seu character era tão henesto e desinteressado quanto o eram as suas transacções pecuniarias.

William Pitt, o grande parlamentar da camara dos Communs, não era menos leal. Considerava elle o dinheiro, comparado com o interesse e a estima publica, abaixo do pó que calcava aos pés. As suas mãos estavam limpas. Na epocha em que lutava contra a opposição dirigida por Fox, vagou o logar de chefe da chancellaria. Era supposição geral que Pitt, reconhecidamente pobre, pediria para si aquelle emprego. Ninguem o accusaria por isso. Elle pedio o emprego, mas para um amigo cego, o coronel Barré.

O desinteresse de Pitt era geralmente conhecido. Foi calumniado e injuriado em libellos diffamatorios; nunca, porém, ousaram accusal-o de ter auferido lucros illegaes, embora os milhões lhe estivessem constantemente passando pelas mãos. Ao passo que os mais ricos homens da nação lhe solicitavam marquezados, ducados e condecorações, Pitt desdenhava semelhantes honrarias. Tinha supremo desprezo pelo dinheiro e por tudo quanto o dinheiro dá. Pitt era o homem

magnanimo de que falla Aristoteles. Nada elevou mais o seu character do que a sua pobreza.

Conta-se que Chamillard, distincto advogado francez, perdeu uma causa unicamente porque não pudera apresentar um documento importante. A decisão do juiz foi levada ao tribunal superior, que a confirmou. Não havia appellação possível. O litigante foi ter com Chamillard, e queixou-se amargamente da perda de sua riqueza, acrescentando que a causa desse desastre fôra não ter o advogado produzido em juizo um documento importante, no qual se baseava a demanda. Chamillard protestou não ter visto tal documento; o cliente insistiu em dizer que lh'o entregára com outros papeis. Afinal, Chamillard se resolveu a verificar na sua pasta; examinou-a cuidadosamente, e encontrou o documento. Reconheceu que, se esse papel tivesse sido apresentado e lido no tribunal, a causa teria sido ganha; era tarde, porém, não havia mais possibilidade de appellar da sentença. O advogado resolveu immediatamente o procedimento que devia ter. Pediu ao cliente que viesse á sua casa na manhã seguinte. Reduziu a dinheiro tudo quanto possuia, e no dia marcado entregou esses valores ao cliente, embora semelhante acto acarretasse a sua pobreza. Eis como esse homem manteve a dignidade do seu nome. Fez mais: foi ter com o presidente do tribunal e rogou-lhe que nunca mais o aceitasse como advogado, pois que não o merecia, depois daquella grande falta, embora já a houvesse reparado nobremente.

O primeiro ministro da côrte de Hyderabad, na India, offereceu a sir Arthur Wellesley (depois duque de Wellington) uma importante quantia para que este lhe revelasse quaes as vantagens reservadas ao príncipe daquelle Estado depois da batalha de Assaya.

Sir Arthur encarou durante alguns momentos o ministro e perguntou : « O senhor é capaz de guardar um segredo ? » — « De certo que sou ! » respondeu o outro. — « Pois eu tambem ! » concluiu o general. Recusou a offerta e pediu ao ministro que se retirasse. O rajah de Kiltur, pouco tempo depois, offereceu-lhe dez mil pagodas (moeda de ouro indiana) para obter certos favores. A offerta foi dignamente repellida, com estas palavras do general ao mensageiro : « Diga ao rajah que eu e todos os officiaes inglezes tomamos taes offertas como insultos, seja quem fôr que as faça ! »

O seu nobre parente, o marquez de Wellesley, recusou do mesmo modo um presente de dez mil libras que lhe fôra offerecido pelos directores da Companhia das Indias Orientaes. Nada o demoveu a aceitá-lo. « E' ocioso, disse elle, alludir á independencia do meu character e á dignidade do posto que occupo... Lembrome tão sómente do nosso exercito. Muito sentiria que os meus bravos soldados não recebessem, por minha causa, todo o quinhão que lhes é devido nas recompensas distribuidas. » Sir Carlos Napier mostrou o mesmo desinteresse, quando na India. « Poderia ter obtido trinta mil libras logo á minha chegada no Scinde; felizmente, porém, as minhas mãos estão limpas, não carecem de lavagem. A espada dos meus avós está immaculada. »

Sir James Outram levava a sua generosidade e dedicação ao ultimo extremo. Quando ainda capitão de data recente, na India, offereceram-lhe o commando das tropas que iam ser enviadas a combater os insurgentes. Sir James declinou dessa honra em favor de um amigo cuja patente era mais antiga. Julgou que era dever seu demonstrar que a nomeação de um official tão recentemente promovido poderia provocar o descontentamento

em uma corporação onde tão necessaria era a boa harmonia. O official mais antigo então presente era tambem o capitão mais antigo no exercito. Sir James escusou-se deste modo : « As aptidões deste official são muito superiores ás minhas. Sem o menor constrangimento, dou a minha humilde reputação illibada como garantia da sua conducta. Associado a elle, como presumo que o serei, no cumprimento do dever, a elle caberão todas as honras do bom exito, e a mim todas as culpas da derrota nas medidas que eu haja proposto. » O general em chefe, porém, não quiz aceitar esse alvitre, e Outram viu-se obrigado a aceitar a nomeação.

Quando o dinheiro das presas de Scinde foi distribuido, Outram não quiz receber as tres mil libras que lhe tocavam como major. Recusava, dizia elle, aceitar uma rupia proveniente dos despojos de uma politica a que se oppunha. Applicou a somma inteira em obras de caridade. Entre outras instituições a que favoreceu contam-se as escolas das missões indianas do Dr. Duff. Deu tambem citocentas libras ao Asylo Escolar em Kussawlee. Lady Lawrence escreveu-lhe em seguida a esse acto : « O seu donativo não se torna menos aceitavel, porque nos vem em fórma de um protesto em favor de uma causa que julgamos justa. »

Sir James Outram jamais se lembrou de vantagens para si, ou de dinheiro, senão quando podia ser util a alguém. Nunca existiu homem mais simples e despido de considerações egoistas. Quanto mais se estudava sua vida, tanto mais se reconhece como elle estimava ao proximo mais do que a si mesmo, occupando-se com os interesses de outrem de preferencia aos seus proprios interesses. A sua compaixão era illimitada. Foi essa compaixão, essa faculdade de soffrer conjunctamente com o coração dos afflictos, faculdade

que tanto faltou aos nossos governadores da India, produzindo as mais arduas difficuldades naquelle paiz, que tornou Outram um adversario tão tenaz da injustiça manifestada sob qualquer fórma.

Refere-se que lord Lawrence, por occasião do julgamento de um rajah, percebeu que o joven principe procurava entregar-lhe por baixo da mesa um sacco de rupias. « Principe, disse Lawrence, acaba de dirigir-me o maior insulto que é possível dirigir se a um Inglez. Por esta vez desculpo-o em consideração á sua juventude. Aconselho-lhe, porém, em razão dessa mesma in-experiencia, a que nunca mais commetta tamanha offensa contra um cavalheiro inglez. »

E' em razão da coragem e da honestidade de taes homens que o Imperio das Indias se mantem. Cumpriram elles o seu dever, arriscando a vida não poucas vezes para o cumprirem. Na epocha da revolta indiana, muitos homens, até então quasi desconhecidos, tornaram-se notaveis:— taes faram Havelock, Neil, Nicholson, Outram, Clyde, Inglis, Edwardes e os Lawrence. O nome de Lawrence era bastante para representar a força nas provincias do Nordeste. O sentimento do dever nos dous irmãos Lawrence chegára ao maior gráo possível. O mais velho, João, e Henrique, o segundo, inspiravam a mais dedicada affeição a todos quantos o cercavam. Dizia-se do primeirc que a força do seu character, por si só, valia um exercito. O coronel Edwards assim se exprimia a respeito delles: « Geraram uma fé e crearam uma escola que ainda hoje existem. »

Na epocha em que rebentou a revolução indiana, sir John era commissario em chefe no Punjab. O paiz que elle governava acabava de ser conquistado pelos Inglezes. Sir John administrava a sua provincia prudente e sensatamente. Confiava no povo, e fel-o seu

amigo. Praticou uma cousa de que talvez não haja exemplo na historia. Mandou todas as tropas, que eram compostas de soldados indigenas, em auxilio do exercito inglez em Delhi, ficando elle na provincia sem protecção alguma. O resultado provou que não errára. Os Shiks e os naturaes do Punjab mantireram-se leaes. Delhi foi vencida e a India salva. Tudo isto foi devido ao caracter individual de John Lawrence. As palavras que seu irmão Henrique pediu gravassem no seu tumulo modestamente descrevem-lhe a vida e o caracter. «Aqui jaz Henrique Lawrence, que fez sempre por cumprir o seu dever!»

Os homens da sciencia tambem têm dado innumeras provas de abnegação. Sir Humphry Davy, tendo inventado, após longas fadigas, a sua lampada de segurança para minorar os perigos dos mineiros de carvão, que trabalham em uma atmospherá impregnada de gaz inflammavel, não quiz pedir privilegio para o seu invento, e entregou-o ao publico. Disse-lhe um amigo: «Bem podias ter garantido esse invento com um privilegio, e assim recebido de cinco a dez mil libras por anno com a sua venda.» — «Não, meu amigo, respondeu Davy, jamais me lembrei de semelhante cousa: o meu unico fim foi servir a causa da humanidade. O que possuo basta para as minhas necessidades. Maior riqueza poderia distrahir-me dos meus estudos favoritos, e não viria augmentar a minha fama e a minha felicidade. Não ha duvida que me proporcionaria meios de apparelhar com quatro cavallos a minha carruagem; mais que vantagem me adviria de ouvir dizer que «Sir Humphrey andava puchado a quatro?»

O mesmo acontecia com o seu seguidor Faraday. Trabalhava este unicamente por amor da sciencia. A sua imaginação andava a par de seus estudos. Todas

as descobertas obtidas pelo poder de sua intelligencia resolviam-se em um centro de novas cogitações. Não era materialista. A sua philosophia, porém, era um protesto contra o dogmatismo scientifico e contra o sectarianismo religioso. Era humilde na sua sabedoria, e trabalhava com infantil singeleza, — admirando-se das revelações que se faziam no seu espirito. « Que cousas pasmosas que são essa ozona e esse oxygeneo que constituem a metade do peso do mundo ! dizia elle ; e no entanto estou convencido de que nos achamos apenas no principio da descoberta de suas maravilhas ! »

Faraday contentava-se com ser um homem relativamente pobre. Não trabalhava por dinheiro ; se o tivesse feito, houvera sido immensamente rico. Não pedia privilegio algum para suas descobertas ; entregava-as ao dominio publico. Resistiu nobremente á tentação de auferir enormes lucros, embora no seu caso não tivesse sido mais que um desejo justo, — e preferiu trabalhar por puro amor da sciencia.

Volvamo-nos para um outro assumpto, — o dinheiro e o modo de ganhá-lo. A riqueza da casa Rotschild baseou-se na honestidade do seu fundador — Meyer Amschel. Nasceu elle em Francfort-sobre-o-Meno, em 1743. Seus pais eram judeus. Que historia cheia de horrores não se poderia narrar das perseguições, torturas e martyrios soffridos pelos judeus desde a idade média até nossos dias ! Em Francfort, como em outras cidades da Allemanha, os judeus, naquella época, eram obrigados a se recolherem ao seu bairro a certa hora da noite, sob pena de morte. O *Judengasse*, ou bairro dos judeus, em Francfort, era separado do resto da cidade por meio de portões, que se trancavam á noite. Napoleão fel-os voar pelos ares a tiros de peça

(uma de suas melhores acções). A perseguição dos judeus, porém, continuou.

Amschel perdeu seus pais quando tinha onze annos de idade, e achou-se sózinho a lutar pela vida. Tendo recebido alguma educação, pois os judeus são sempre bons uns para com os outros, o menino teve a felicidade de empregar-se como caixeiro em casa de um banqueiro e cambista do Hanover. Voltou a Francfort em 1772, e ahi se estabeleceu como corrector e agiota. Arvorou no seu escriptorio a taboleta do Escudo-vermelho (Rotschild, em allemão). Fazia collecção de moedas antigas e raras, e entre os amadores de numismatica que frequentavam o seu escriptorio contava-se o Landgrave Guilherme, depois principe de Hesse.

Quando Napoleão invadiu a Europa, Guilherme de Hesse foi expulso dos seus Estados, deixando todo o dinheiro que possuia em poder de Meyer Amschel, seu procurador. A somma subia a 250.000 libras. O maior empenho de Amschel, de então em diante, foi guardar e augmentar os valores que recebêra. O dinheiro naquelle periodo era carissimo; rendia doze a vinte por cento de juros, com boa caução. Continuou a guerra. Napoleão invadiu a Russia. O seu exercito pereceu quasi totalmente nos gêlos do norte. Feriu-se a batalha de Leipzick; Napoleão e as suas forças foram rechassados para áquem do Rheno. O Landgrave de Hesse voltou então aos seus Estados. Poucos dias depois do seu regresso, o filho mais velho de Meyer Amschel apresentou-se na côrte, e entregou ao Landgrave os tres milhões de florins que seu pai conservára fielmente. O Landgrave não sabia como demonstrar o seu jubilo. Considerava aquelle dinheiro, assim restituído, uma inexcedivel ventura. Para dar prova de sua satisfação, alli mesmo nomeou o joven Rotschild cavalleiro. « Jamais

se viu, exclamou Sua Alteza, honestidade igual!» No congresso de Vienna, a que pouco tempo depois assistiu, o príncipe não fallou em outra cousa senão na honradez de Rotschild. Amschel teve numerosa familia. Seus filhos seguiram-lhe o exemplo de probidade, e assim os Rotschild se tornaram os primeiros banqueiros do mundo.

Póde-se dizer do fallecido Lord Macauley que era um homem incorruptivel. Tendo sido educado com Wilberforce, Henrique Thornton e Zacharias Macauley, não podia elle deixar de se tornar um homem patriota e desinteressado. No tempo em que apenas ganhava duzentas libras por anno com a sua penna, o Rev. Sydney Smith dizia a seu respeito: «Creio que Macauley é incorruptivel. Seria baldado deitar-lhe aos pés fitas, commendas, titulos e riqueza para corrompel-o. Tem genuino e honesto amor pelo seu paiz, e o mundo inteiro não o faria esquecer os interesses de sua patria.»

Macauley geria os seus negocios de tal maneira, que esse trabalho era-lhe mais um passa-tempo do que um incommodo. As suas maximas economicas eram das mais simples; consistiam em considerar os seus lucros litterarios e provenientes do seu emprego como se fossem um capital, e em pagar todas as suas dividas dentro de vinte e quatro horas. «Sabendo como sei, dizia elle, quanto é doloroso adiar um compromisso, considero o pagamento prompto um dever moral. — Não ha sentença tão verdadeira como a de Ricardo: «Pagamos mais pesado imposto ao nosso orgulho do que ao Estado.» Macauley, quando ainda muito moço, acostumou-se a gastar sómente o seu rendimento, pois era este o unico meio de conservar illibada a sua reputação de integridade publica e particular, e de gozar uma independencia cheia de dignidade.

Possuia apenas o sufficiente para viver. Escreveu

elle a Lord Lansdowne, que lhe offerecia um logar no Conselho da India : « Quanto mais vivo, menos deseioso me torno de possuir riquezas. De dia para dia, porém, reconheço mais a importancia do salario. Sem um modesto rendimento, é muito difficil ao homem publico conservar-se honesto, e é quasi impossivel que o considerem tal. Acho-me em circumstancias de só poder ganhar a vida por duas maneiras : ou pelo emprego publico, ou pela minha penna... A idéa, porém, de tornar-me servo mercenario do editor ; de escrever, não para dar expansão á exuberancia de espirito, mas para encher as algibeiras ; de impellir a imaginação exaltada a fazer um trabalho que repugna ; de cobrir com frivolidades folhas de papel unicamente para augmentar o numero de linhas ; de ouvir dos livreiros e editores a narração dos sofrimentos de Dryden nas mãos de Thomson, e das humilhações a que Mackintosh submetteu-se quando empregado de Ladner, me horrorisa. No entanto, será esta a minha existencia, se eu deixar o emprego publico. Procurar, porém, emprego só por causa dos emolumentos, cousa é essa que me repugna ainda mais.

O resultado desta carta foi ser Macauley nomeado para um logar honroso na India, dende voltou com sufficientes meios para publicar a sua famosa *Historia da Inglaterra*.

CAPITULO V

CORAGEM. — RESIGNAÇÃO.

De praticar baixezas quem se teme
Valor revela; e quem soffrel-as sabe
Tambem mostra valor. . .

(BEN JONSON.)

Não me dêz luz mais viva, ó céo, do que a energia
Da fraternidade humana!
Nem maior força além da sã virilidade,
Herança soberana!

(GEORGE ELLIOT.)

Não é só quando a vida corre leda
Que em nós a força nasce e a verdade!
Nascem tambem quando a corrente turva
Estranho acaso, e quando o nosso corpo
Se alquebra, e a doença, a fome, a magoa,
A fadiga, o desanimo, o perigo,
Da morte a vizinhança nos assaltam.

(R. BROWNING.)

A coragem é o predicado que os homens prezam mais. E' a energia que se desenvolve em todas as emergencias da vida. E' a perfeita força de vontade que nenhum terror abala. Anima o homem a morrer, se necessario fôr, no cumprimento do seu dever.

Quem terá uma palavra que seja para louvar a covardia? Não a condemna a consciencia universal? O covarde é vil e ignobil. Não tem coragem para sustentar as suas opiniões. Está prompto a fazer-se escravo. « Metade de nossa virtude, diz Homero, abandona-nos quando nos fazemos escravo; » e « a outra metade, accrescenta o Dr. Arnolds, nos foge quando nos tornamos escravos relaxados. »

No entanto, é mister coragem para lidar com o covarde. Tendo um moço leviano altercado com sir

Philippe Sydney, e querendo provocal-o a um duello, chegou a cuspir-lhe na face. « Criança, exclamou sir Philippe Sydney, se eu pudesse apagar o teu sangue na minha consciencia tão facilmente como apago da minha face o teu insulto, bater-me-hia contigo neste momento. » E' esta a coragem de uma alma nobre. Deve servir de lição a todos : é a coragem de sofrer e perdoar.

O homem corajoso é um exemplo para os timoratos. A sua influencia é magnetica. Crea e propaga sentimentos nobres. Os homens seguem-n'o até á morte. Não são sómente os bem succedidos que merecem estima. Homens ha que, embora infelizes, continuam a exercer poderosa influencia sobre a raça humana. O chefe das sentinellas avançadas póde cahir na brecha, mas o seu corpo forma a ponte por onde passam os vencedores para entrar na cidadella.

O martyr perece nas torturas, mas a verdade pela qual elle morre fulge com maior esplendor. O patriota que entrega a cabeça ao algoz apressa, quiçá, a victoria da causa pela qual se sacrifica. A memoria de uma vida nobre não se apaga com essa vida ; sobrevive na mente dos homens. Os homens ardentes e entusiastas muitas vezes baqueam na luta ; os pacientes continuam nessa luta e se apossam do terreno em que succumbiram os seus predecessores. Desse modo, a victoria de uma causa justa póde ser tardia ; entretanto, não deixa por isso de ser tão devida áquelles que morreram como aos que venceram.

As grandes obras do mundo têm sido todas o fructo da coragem. Todas as venturas de que gozamos, — a liberdade individual e constitucional, a segurança, foram obtidas sómente após longa aprendizagem na escola da submissão. O direito de existir como nação

só foi conquistado depois de passados varios seculos de guerras e de horrores. Foram precisos quatro seculos de martyrios para se estabelecer o christianismo, e um seculo de guerras civis para se realizar a reforma religiosa.

E' a singela fidelidade á crença que dá esse eterno valor ao martyrio. Na luta do progresso do pensamento, todos os martyres, — não importa qual a sua crença, — são martyres da humanidade : morreram para libertar-nos. Catholicos e protestantes, christãos e idolatras, orthodoxos e hereges, todos compartilham da gloriosa herança do passado. « Os anjos do martyrio e da victoria, diz Mazzini, são irmãos ; ambos estendem as azas sobre o berço da vida futura. »

Os primeiros christãos foram dilacerados pelas feras no circo de Roma, até o terceiro seculo depois de Christo. Eram assassinados para deleite do povo romano. O espectáculo predilecto dos romanos eram a luta dos christãos com as feras e os combates dos gladiadores. O mesmo genero de divertimento existia em quasi todo aquelle imperio. Nos logares que elles povoavam erguiam um amphitheatro. O unico, talvez, que ha na Inglaterra existe em Richboroug, no condado de Kent. Em Treves, cidade do imperio romano, ao norte dos Alpes, ainda se encontram muitas ruinas daquelles tempos. Entre estas se destaca um amphitheatro talhado na rocha viva, capaz de conter milhares de espectadores. No anno 306, Constantino offereceu ao povo o espectáculo dos « Jogos francos, » que consistiu em expôr ás iras de animaes ferozes milhares de prisioneiros francos, inteiramente desarmados. As feras fartaram-se de sangue a tal ponto que não terminaram a sua horrivel tarefa. Os sobreviventes foram constrangidos pelo povo a lutarem uns contra os outros. Em vez de

satisfazerem a ferocidade dos espectadores, os francos preferiram deixar-se cair sobre as suas espadas e morrer sem lutarem. Esse amphitheatro e as jaulas dos animaes ainda se conservam.

Em França existem ainda muitos amphitheatros romanos, apesar de terem sido alguns delles destruidos para se utilisarem da pedra. Os amphitheatros de Nîmes e de Arles são os mais vastos, sendo o ultimo tão extenso que os mouros construíram quatro castellos na sua muralha exterior, quando defendiam o paiz contra a invasão dos francos. O amphitheatro que existe em Verona está quasi perfeito. O maior amphitheatro, porém, é o Coliseu, em Roma, o qual tem accommodação para oitenta e sete mil pessoas. Diz a tradição ecclesiastica que o desenho do Coliseu foi feito pelo architecto Gaudencio, um dos martyres do christianismo; refere-se que foram empregados na sua construcção milhares de captivos judeus, aprisionados por Tito em Jerusalem. Ainda bem recentemente foram encontradas ossadas de leões e tigres nos subterraneos do circo.

Nos dias de grande espectáculo no Coliseu, Roma inteira trajava de gala. Homens, mulheres e crianças iam assistir ao sanguinolento espectáculo. Os magistrados e os senadores, os altos funcionarios, os nobres e os plebeus, e até as Virgens Vestaes, alli se reuniam, presididos pelo imperador. Os gladiadores desfilavam em frente á tribuna imperial, exclamando « *Avé, Cesar! morituri te salutant!* » Encetavam as feras o espectáculo, e os gladiadores terminavam-n'o. Os « jogos » continuavam até á noite, retirando-se os espectadores ebrios de sangue.

Esses divertimentos continuaram até o tempo em que Roma já era nominalmente christã. No anno 400, porém, um velho ermitão, horrorisado com semelhantes

orgias de sangue, resolveu intervir afim de fazel-as cessar, devesse embora a sua coragem custar-lhe a vida. O nome desse martyr é ignorado. Dizem uns que se chamava Alymaco, outros que Telemaco. Viera do Oriente. Não conhecia ninguem e ninguem o conhecia. Corrêra a noticia de que haveria um combate de gladiadores no circo. Roma em peso dirigiu-se para alli. O velho acompanhou o povo, resolvido a pôr em execução o seu plano. Os gladiadores entraram na arena, armados de lanças e espadas. Era um combate de morte. Quando elles se approximaram, o velho pulou a divisão que separava a arena dos espectadores e arremeçou-se entre os combatentes que iam encetar a luta. Pediu-lhes que não vertessem o sangue innocente, que cessassem. Gritos, reclamações e assuadas se levantaram de todos os lados. « Fôra! fôra o velho! » clamavam os espectadores. Nada, porém, fez recuar o ermitão. Os gladiadores atiraram-n'o para um lado, e avançaram para o combate. O velho precipitou-se de novo e postou-se entre as espadas desembainhadas, brødando-lhes que não commettessem o crime de homicidio. « Morra! morra! » era o clamor geral. O Prefeito fez um signal de acquiescencia. Os gladiadores mataram-n'o e combateram sobre o seu cadaver.

A morte do ancião, porém, não foi inutil. O povo começou a reflectir no seu crime. Haviam assassinado um santo homem, que protestára com a vida contra a sêde de sangue que os devorava. Horrorisaram-se então da sua crueldade, e os combates do Coliseu terminaram no dia em que o velho dêra tamanho exemplo de abnegação. A morte daquelle eremita foi uma victoria. Os combates de gladiadores foram abolidos por Honorio no anno 402. Não ha muito tempo ainda, os despojos daquelle santo foram conduzidos em procissão

ao redor da arêna, e em seguida depositados na igreja de S. Clemente.

A corrupção, a libertinagem e a crueldade foram as destruidoras da gloriosa Roma antiga. A immoralidade nas classes elevadas nunca deixa de exercer perniciosa influencia em todas as camadas sociaes. Os máos instinctos da natureza humana facilmente tomam ascendencia sobre os homens, e destroem toda a virilidade moral do character. A Grecia e Roma cahiram por causa da corrupção de seus chefes, corrupção que se estendeu ao povo. Roma, a antiga senhora do mundo, foi vencida pelas hordas selvagens das florestas da Europa central. Os ricos estavam entregues á volupia, os pobres á miseria e á fome. Não tiveram forças para defender a patria.

Veu depois o christianismo, revelando aos homens a verdadeira religião. S. Paulo levou-o a Roma, para de lá regenerar o mundo. A nova religião tomou primeiramente raizes entre os pobres esclarecidos. Porque? Porque essa religião é a explicação do destino humano, a poesia da nossa existencia terrena e a promessa consoladora de um futuro melhor. Trouxe a elevação da mulher. Até então, a vida das mulheres estava á disposição de seus maridos. Eram apenas escravas. O christianismo restituiu-as á justiça. Trouxe-lhes pela primeira vez a esperanza.

Dispertando-se o sentimento religioso no coração dos homens, a irreverencia, a intemperança e a immoralidade foram subjugadas. O instincto da pratica do mal foi vencido e aniquilado. A religião satisfez os desejos nobres da natureza humana. Foi consagrado o dia de repouso, mitigando-se desse modo as fadigas do labor. A Igreja convocou os seus adeptos para as suas solemnidades, e sob as cupulas dos templos, a população christã

sem distincção de classe, se reuniu para orar, pois na presença de Deus eram todos irmãos. Quão pouco tempo durou esse deslumbrante espectáculo! Prouvera a Deus que tivesse continuado!

O clero tornou-se instrumento de oppressão, fez-se defensor dos interesses de poucos contra a felicidade de muitos, participando dos lucros daquelles que defendia. Existiam differenças de opiniões ácerca dos dogmas religiosos. Os christãos fizeram aos seus antagonistas o mesmo que os pagãos haviam feito já aos christãos. Arderam de novo as fogueiras da perseguição, e os martyres morreram queimados como dantes. A coragem e a resignação foram mais uma vez necessarias áquelles que lutavam pela verdade.

A perseguição começou na Italia; dalli estendeu-se á Hespanha, á França e aos Paizes Baixos. A Allemanha resistiu.

« E' estranho, diz F. W. Newman, que a religião, sob to las as fórmãs, tenha gerado a crueldade. A Inquisição, estabelecida depois que o christianismo triumphára do paganismo, foi um systema de cruieza. Durante seculos subsistiu como pia instituição; os posteros, porém, marcaram-n'a com o labéo de infame e abominavel. No entanto os seus actos eram baseados em nome de uma religião de amor e de perdão. »

O clero de Hespanha, auxiliado pelo poder secular, só conseguiu vencer a reforma religiosa por meio da força physica. Só em uma noite os calabouços de Sevilha receberam oitocentos protestantes. Em toda a parte eram presos e condemnados ao fogo. O clarão das fogueiras inquisitorias illuminava as principaes cidades da Hespanha. Ainda não ha muito tempo, em um campo perto de Madrid, onde antigamente eram queimados os protestantes, fazendo-se umas escavações para escoamento das aguas, foram

encontrados, de mistura com a terra negra, os ossos calcinados daquelles que haviam perecido em nome da santa religião.

E o que lucrou a Hespanha com a sua crueldade? As suas riquezas fugiram-lhe, e eil-a bem proxima da bancarrota. O seu povo vive ignorante e negligente. D'entre oito pessoas, apenas uma sabe ler ou escrever. Hoje o povo considera os padres como seus inimigos. A maior parte da população é descrente. Até os padres são pobres. « Parecia incrível, observa o Dr. Lees, que a Hespanha haja prosperado mais sob o dominio dos mouros do que sob o dos christãos. O governo daquelles era mais liberal, mais tolerante, mais intelligente; o povo era melhor educado, a terra melhor cultivada. Depois da expulsão dos mouros, a Hespanha tem quasi continuamente retrogradado. »

Philippe II de Hespanha foi o mais infame soberano que tem occupado um throno. Só pôde ser comparado a Nero e a Caligula. No seu decreto de 1568 ordenou elle que fossem mortos todos os protestantes dos Paizes Baixos. Não foi o decreto posto em execução, por falta de sufficientes meios para cumprir aquella ordem infernal. O duque D'Alba, porém, seu ministro, fez o que pôde. Auxiliado pelo seu Conselho de Sangue e pelos algozes da Inquisição, pôde condemnar e executar em uma semana cerca de oitocentas pessoas. Ser protestante era o maior dos crimes, e após este vinha o crime de ser rico. Por causa da riqueza soffreram tantos os catholicos como os protestantes. A posse de cabedaes tornava quasi que impossivel a prova de orthodoxia. Ao cabo de uma meia duzia de annos, o duque D'Alba jactava se de ter mandado enforcar, afogar, queimar, ou degollar, mais de dezoito mil pessoas! E não contava os milhares de individuos que pereceram nos combates e assedios durante a sua administração. Os

seus roubos, como as suas carnificinas, foram collosaes.

A França foi tão feroz como a Hespanha. Desde a sua adhesão á Roma, a França saqueou, queimou, degollou, ou baniu, todos aquelles que não adheriram ás opiniões do Hierarcha de Roma. Os Albigenes foram destrôçados e banidos para além dos Pyreneos. Os protestantes de Vaud foram, com o auxilio da Saboia, enforcados e queimados em todo o sul da França, assim como no norte da Italia. A perseguição estendeu-se pela França inteira. Em Pariz foram queimados seis mil lutheranos, para lisongear aos grandes de Hespanha que alli se achavam.

Contam-se, porém, muitas excepções nesse louco ardor de perseguição. O chanceller de Pariz aconselhou aos seus correligionarios que se adornassem com a pratica de sãs virtudes, atacando os seus adversarios com as armas da caridade, da predica e da persuasão. « Ponhamos de lado, disse elle, as infernaes palavras — partidos, facções, e sedição; mudemos os epithetos de Lutheranos, Huguenotes e Papistas, para o nome de christãos.» Por esse motivo foi o chanceller considerado atheu.

Quando o visconde d'Orte, governador de Bayonna, recebeu ordem de Carlos IX para exterminar os protestantes daquella cidade, o nobre fidalgo respondeu ao rei que havia communicado as ordens de Sua Magestade á guarnição e aos habitantes de Bayonna; que entre elles encontrára unicamente soldados valentes e subditos leaes, e que nem um só carrasco achára.

Vieram em seguida as matanças de Voissy e de S. Bartholomeu, que foram imitadas na França inteira. A lembrança da horrivel noite de S. Bartholomeu se conserva sempre viva na memoria dos protestantes.

Aquella carnificina e a invasão da Inglaterra tentada por Philippe II com a sua Invencível Armada foram os dous grandes factos historicos da segunda metade do seculo dezeseis.

A revogação do edito de Nantes por Luiz XIV não foi menos cruel do que a Inquisição. Mandava aquelle decreto expulsar de França todo o protestante, sob pena de morte ou de *conversão*. Fidalgos, cavalheiros, negociantes, camponeses e operarios protestantes, todos se recusaram unanimemente a se fazer hypocritas. Não podiam conformar-se com aquillo em que não acreditavam. Nobres e proprietarios abandonaram as suas terras, renunciaram os seus titulos e entregaram aos inimigos tudo quanto possuiam. Os negociantes fugiram, levando em sua companhia os artezãos, em procura de outras terras onde pudessem adorar a Deus segundo a sua consciencia, e gozar em paz o fructo de seu labor.

A morte não os amedrontava. O duque de Maienne revelou o segredo do character huguenote, quando disse: « Essa gente, de pais a filhos, estava preparada para morrer. » Milhares delles pereceram degolados, rodados, e em meio de inconcebiveis torturas. Os supplicios e a morte não os puderam domar. Entregavam a vida em sacrificio ao dever. O cunho de nobreza e dignidade que distinguia os chefes huguenotes nunca mais se reproduziu na França. De facto, a grandeza e lealdade de alma, a profunda convicção religiosa dos protestantes catholicos crearam os mais elevados typos de character que se encontram na historia daquelle paiz. A historia, porém, o mais das vezes só trata dos reinados de reis e rainhas; recorda as victorias e as derrotas, mas dos perseguido não se lembra.

Luiz XIV e os seus exercitos não puderam derrubar

o insuperavel baluarte da consciencia. Durante mais de sessenta annos, a inexoravel politica daquelle rei manteve na França um perpetuo S. Bartholomeu. E o que resultou? O rei foi mallogrado e vencido. Deixou a França arruinada e sobrecarregada de impostos. Com o exilio dos huguenotes, destruiu elle o commercio e a agricultura, entregando o paiz á anarchia que mais tarde se desenvolveu na revolução de 1789.

« A fuga dos huguenotes, diz Michelet na sua *Historia de França*, foi um nobre acto de lealdade e sinceridade. Foi o horror á mentira. Foi o respeito á idéa. E' um facto glorioso para a humanidade terem tantos homens e tantas mulheres sacrificado tudo por amor da verdade; passaram da opulencia á miseria, arriscaram a vida, a familia, tudo, no perigoso apprehendimento de tão difficil fuga. Alguns consideram esses homens apenas como sectarios obstinados; eu vejo nelles creaturas de idéas elevadas a respeito da honra, que provaram ao mundo serem os mais bellos florões da nação franceza. A estoica divisa que os livres pensadores popularisaram synthetisa a idéa que provocou a emigração dos protestantes que affrontaram a morte e os supplicios para se conservarem leaes e nobres: *Vitam impendere vero*, A vida sacrificada á verdade. » (*)

Antes disso, já as fogueiras da perseguição haviam sido ateadas na Inglaterra e na Escossia. Frequentemente Smithfield, em Londres, se illuminava com o supplicio dos protestantes e dos feiticeiros. Entretanto,

(*) Tendo já publicado dous volumes sobre o mesmo assumpto, *Os huguenotes, seu estabelecimento, Igrejas e industrias na Inglaterra e Irlanda* e *Os huguenotes em França depois da revogação do Edito de Nantes*,—o autor considera desnecessario desenvolver mais esta materia.

na Inglaterra os catholicos têm os seus martyres como os protestantes. Forest, um frade franciscano, foi queimado porque negou a supremacia de Henrique VIII. A fogueira foi empregada de ambos os lados. Os supplicios, por causa de crenças religiosas, foram dez vezes mais numerosos no tempo de Maria a Sanguinaria do que em outro qualquer reinado anterior. John Rodgers, vigario da igreja do Santo Sepulchro, foi queimado em frente ás torres da mesma igreja. John Bradfort morreu abraçando a grelha em que foi suppliciado, e consolando o seu companheiro de martyrio. John Philpot, arcidiago de Winchester, morreu na fogueira, pela mesma epocha. Ocioso é mencionar os nomes de Latimer, Cranmer e Ridley. Os grandes homens daquelle tempo não eram da tempera dos homens de hoje. Nós, que gememos por causa de um dedo escaldado, admiramo-nos dos homens que, não só se deixavam queimar por amor á sua fé, como até se glorificavam desse supplicio. « Recuarei eu diante desta fogueira, disse John Philpot, quando o meu Redemptor não recuou perante a mais ignobil das mortes, por amor dos homens ? »

A perseguição por causa de idéas religiosas estendeu-se até o reinado de Carlos II. William Penn disse a esse respeito: « Depois da restauração do rei, ficaram arruinadas mais de quinze mil familias; muito mais de cinco mil pessoas morreram condemnadas, por causa de divergencias ácerca de deveres de consciencia. » Carlos II, e apoz elle Jacques II, levaram estas perseguições ao seio da Escossia. Nos tempos do catholicismo, o unico systema empregado para com os protestantes era a fogueira. O cardeal Beaton mandou queimar Jorge Wishart, em frente ás muralhas do castello, de Santo André, presenciando de uma das janellas o supplicio da sua victima. Nos reinados de Carlos e Jacques eram os protestantes

que perseguiram aos proprios protestantes por causa das divergencias de opinião. Os satellites dos Stuarts perseguiram os presbyterianos, matando-os a tiro, assassinando-os barbaramente, ou enforcando-os. O resultado foi entranhar mais a crença na alma e no coração das victimas.

«Durante quantos annos, diz Sidney Smith, não tentámos nós obrigar os Escossezes a mudar de religião? A artilharia a pé e a cavallo, soldados armados foram mandados contra os ministros e congregados presbyterianos. Muito sangue se derramou, e, com enorme espanto dos anglicanos, foi impossivel impôr áquelle povo metaphysico a adopção do nosso rytho, bem como impedil-o de buscar o caminho do céo a seu modo em vez de procurar-o ao nosso. Afinal foi experimentado o unico remedio verdadeiro. Consentiu-se que os Escossezes adorassam a Deus conforme o seu rytho fastidioso, sem penalidades, nem restricções. Por emquanto, os raios da ira celeste ainda não os fulminaram; o paiz não está arruinado, e o mundo ainda não se acabou; aquelles, porém, que prophetisaram estas consequencias da nossa tolerancia jazem no olvido, e a Escossia, desde então, se tornou uma das mais abundantes fontes da força da Grã-Bretanha.»

A tolerancia é uma descoberta recente. Cessámos o supplicio da fogueira; hoje é necessario empregar a persuasão. O seculo do martyrio, como o dos milagres, já passou. Já não padecemos os supplicios da fogueira ou da roda como naquelles tempos; soffremos, porém, as torturas da calumnia, do ridiculo e da censura. A coragem é tão necessaria, como dantes, para aquelle que quizer sustentar a consciencia innata da verdade. E' mesmo mais difficil, em nossos dias de indifferentismo, conservar-se o homem leal ás leis da crença e dos instinctos

puros, do que nos tempos do martyrio. « A perseguição activa e o feroz castigo, diz um escriptor distincto, são incentivos; a desanimadora convicção, porém, do indifferentismo dos nossos semelhantes de que não ha humanidade que nos honre, nem divindade que se compadeça de nós, é mais efficaç em destruir todos os sentimentos virtuosos do que o conflicto com a tyrannia e com o barbarismo.»

William Penn era de opinião que não havia maior erro do que suppôr que um paiz ou uma nação se fortalecia com a unanimidade das opiniões do povo, quer na doutrina, quer na pratica religiosa; dizia elle que a diversidade de opiniões, de profissões de fé e de pratica, era a força de um povo e de um governo, desde que todas essas divergencias fossem toleradas. E' necessario proteger a individualidade, porque sem ella não pôde existir a liberdade. A individualidade deve ser acatada e respeitada, pois é a base de tudo quanto ha de bom. « O proprio dispotismo, diz John Stuart Mill, não produzirá os seus peiores resultados emquanto a individualidade existir sob o seu regimen; tudo aquillo, porém, que sobrepuja a individualidade é despotismo, seja qual for o nome com que o alcunhem, e embora affirme estar apenas impondo a vontade de Deus, ou apoiando as leis dos homens.»

Até os grandes homens que trabalharam para o adiantamento da sciencia soffreram os perigos do martyrio. Nos tempos antigos, quasi que não houve grandes descobertas na astronomia, na historia natural, na physica, que não acarretassem a accusação de heresia. Giordano Bruno foi queimado vivo em Roma porque denunciou a falsa philosophia em voga no seu tempo. Os discipulos de Copernico foram estygmatisados com o ferrete de irreligiosos. Depois que Lippersley de Midelburgo inventou o telescopio,

Galilêo aproveitou a idéa e construiu um telescópio seu, com o qual subiu á torre da igreja de S. Marcos em Veneza para dalli contemplar os corpos celestes. Assestou-o para os planetas e para as estrellas fixas, que observou com « incrível satisfação. » Descobriu os satellites e os aneis de Jupiter, as phases de Venus e as manchas do sol. Referiu fielmente as revelações que assim lhe vinham dos céos. Continuou as suas observações, e durante a sua vida fez mais do que, talvez, outro qualquer astronomo que haja existido depois.

Tudo isso, porém, ia de encontro ás idéas daquella epocha. A Inquisição se encarregára de dirigir a sciencia astronomica. Galilêo foi chamado á presença dos inquisidores em Roma, afim de responder pelas doutrinas hereticas que publicára. Obrigaram-n'o a renegar as idéas que sustentára, e elle declarou que abandonava a sua opinião do movimento da terra em torno do sol. Os inquisidores inseriram no Indice dos livros prohibidos as obras de Galilêo, de Kepler e de Copernico. Galilêo, porém, encheu-se de nova coragem e publicou outra obra, em fórma de dialogo, na qual defendia as suas doutrinas. Foi outra vez chamado á presença do tribunal da Inquisição, e então forçaram n'o a renunciar e abjurar, de joelhos, as suas gloriosas descobertas. Não tinha elle a coragem das suas opiniões. Era, porém, um velho de setenta annos quando negou a sua fé. Não o teriam perseguido, se as suas theorias pudessem ter sido refutadas. Entretanto, a verdade luziu, e os vindouros tomaram o caminho indicado por elle, afim de fazerem as suas observações.

Pascal exprimiu-se do seguinte modo ácerca da condemnação de Galilêo : « Foi em vão que os jesuitas conseguiram do Papa um decreto contra Galilêo, condemnando a sua theoria do movimento da terra. Jamais puderam provar que a terra é immovel ; e, se tivermos

observações mathematicas exactas da sua rotação, a humanidade inteira não poderá impedil-a de gyrrar, nem deixar de gyrrar com ella. » A verdade póde durante muito tempo jazer occulta; mas, cedo ou tarde, ella se revela, e o seu triumpho é em proporção dos obstaculos que encontra e da luta que trava.

A vida de Kepler é tão cheia de vicissitudes como a de Galilêo. Pobre de origem, foi elle admittido na escola do mosteiro de Maulbroom, tornando-se eventualmente um sabio. Aceitou a cadeira de astronomia em Gratz, na Styria, e dedicou-se á observação dos planetas. Foi em seguida nomeado mathematico imperial, ao serviço do imperador; os seus vencimentos, porém, eram tão exiguos, que não bastavam para o seu sustento e o de sua familia. Em Lintz, foi excommungado pelos padres catholicos, por causa de suas opiniões ácerca da transubstanciação. « Julga, escrevia elle a Hoffmann, se te posso servir em um logar onde o vigario e o inspector das escolas se combinaram para marcarem-me com o estygma publico de heresia, sómente porque em todas as questões eu tomo o partido que me parece mais consoante á vontade de Deus. »

A cadeira de professor de mathematicas de Bolonha foi então offerecida a Kepler; tendo elle, porém, presente na memoria a renuncia e a condemnação de Galilêo, recusou o logar. « Poderia, dizia então, augmentar muitissimo a minha riqueza, aceitando; mas, sendo eu Allemão, e vivendo entre Allemães, habituei-me a uma liberdade de linguagem e de maneiras que, usadas em Bolonha, acarretar-me-hiam, se não o perigo, ao menos a notoriedade, expondo-me á suspeita e á malevolencia partidaria. »

Em 1619, Kepler descobriu a celebre lei, que será sempre memoravel nos annaes da sciencia: « Os quadrados

pos tempos das revoluções planetarias estão (entre si) como os cubos de sua distancia média do sol. » Reconheceu com transporte a absoluta verdade de um principio que durante dezeseite annos fôra o objectivo dos seus incessantes trabalhos. « Está jogada a carta, disse elle; o livro acha-se escripto para ser lido, agora, ou pela posteridade, pouco importa! Posso bem esperar um seculo para ter um leitor, assim como Deus esperou seis mil annos para ter um observador. »

O livro de Kepler, *Resumo da astronomia copernica*, foi condemnado em Roma e incluído no Indice. Nessa epocha, porém, o espirito de Kepler era victima de muito maior afflicção. Sua mãe, de setenta e nove annos de idade, acabava de ser presa, condemnada á tortura, e ia ser queimada como feiticeira. Kepler partiu immediatamente para a Suabia afim de valer-lhe, e chegou a tempo para salvá-la. Novos dissabores, porém, vieram acabrunhá-lo. O governo de Styria ordenou que fossem publicamente queimados todos os exemplares do calendario de 1624, organizado por elle. A sua livraria, por ordem dos jesuitas, foi posta debaixo de sellos, e o astrónomo viu-se coagido a fugir de Lintz por causa da insurreição popular. Foi para Sagan, na Silesia, sob a protecção de Alberto Wallenstein, duque de Friedland. Pouco tempo depois, porém, morreu de amolecimento cerebral, sendo a sua molestia resultado do demasiado estudo.

Colombo tambem póde ser considerado um martyr. Sacrificou a vida na descoberta de um mundo novo. O filho do tecelão de Genova teve que sustentar longa luta contra as mesquinhas condições que se oppunham á realização da sua idéa. Christovão Colombo tivera o arrojo de acreditar naquillo que os homens d'aquella epocha negavam, e de que zombavam e escarneciam.

Acreditava que a terra era redonda, quando os seus contemporaneos diziam que era chata como uma taboa. Acreditava que era impossivel que o circulo da terra, além dos continentes conhecidos, fôsse sómente occupado pelo mar; julgava que, com todo o fundamento, deviam existir outros continentes. Havia todas as probabilidades para que a sua theoria fôsse verdadeira; as mais nobres qualidades da alma, muitas vezes, se expandem em vista de probabilidades que para muitos parecem não existir. Na opinião dos Genovezes era fóra de duvida que Colombo não sobreviveria aos perigos que o aguardavam nos mares e nas terras desconhecidas do novo hemispherio.

Colombo era um heróe, não só intelligente, como pratico. Foi de Estado em Estado, instando com os reis e imperadores para que tomassem a si a iniciativa da descoberta de um mundo novo, que o seu espirito esclarecido entrevia em mares longiquos. Dirigiu-se em primeiro logar aos seus patricios de Genova; nenhum, porém, quiz attendel-o. Em seguida foi a Portugal e apresentou o seu projecto a D. João II, que por seu turno o apresentou ao conselho de estado. Foi rejeitado como extravagante e chimerico. Não obstante, o rei tentou apoderar-se da idéa de Colombo. Mandou que uma armada navegasse na direcção indicada pelo Genovez; a frota, porém, acossada pelo vento e pela tempestade, voltou a Lisboa ao cabo de quatro dias de viagem.

Christovão Colombo regressou a Genova, e tornou a apresentar a sua proposta ao governo da Republica, sendo ainda mal succedido. Nada, porém, o desanimava. A descoberta de um mundo novo era o objectivo da sua vida. Dirigiu-se á Hespanha e desembarcou em Andaluzia, na cidade de Palos. Por acaso, foi bater á porta de um convento de frades franciscanos, e pediu pão e agua.

O prior recebeu-o como amigo, hospedou-o e delle soube a historia da sua vida. Animou-o nas esperanças que tinha e deu-lhe uma carta de apresentação para a côrte de Hespanha, então em Cordova. O rei Fernando recebeu amigavelmente o navegante, mas quiz, antes de tomar uma decisão, apresentar o projecto de Colombo ao conselho dos sabios de Salamanca. Colombo teve que responder, não só ás arguições scientificas que lhe foram dirigidas, como ás citações da escriptura sagrada.

O clero hespanhol declarou que a theoria dos antipodas era hostil á fé christã. Diziam que a terra era um immenso disco chato; e, se existisse uma terra nova além do oceano, não poderiam todos os homens descender de Adão. E despediram Colombo, tratando-o de louco.

Sempre possuido da sua idéa, escreveu Colombo aos reis de França e de Inglaterra, sem obter resultado. Finalmente, em 1492, Colombo foi apresentado por Luiz de Santo Angelo á rainha isabel de Hespanha. Os amigos que o acompanharam advogaram a sua causa com tanta energia e tão instantemente, que a rainha cedeu aos seus rogos e prometeu tomar a si a empreza. Organizou-se uma frota, composta de tres caravellas, só uma das quaes tinha convéz, e Colombo fez-se á vela, sahindo do porto de Palos no dia 3 de Agosto de 1492. Longa e ardua foi a empreza. A luta contra os mares desconhecidos, contra os perigos do oceano, contra o receio da fome, contra o desanimo em presença do mar sem termo, contra a desesperança dos marujos, que chegaram á amotiar se, não desanimou a coragem de Colombo, que tudo venceu. Afinal, após setenta dias de viagem, descobriu-se terra, e Colombo arribou á ilha de São Salvador. Cuba e Hispaniola foram descobertas em seguida. Colombo tomou posse dellas em nome do rei e da rainha de Hespanha. Na

ultima daquellas ilhas construiu-se um forte. Colombo deixou nelle um official com alguns homens, e voltou á Hespanha, afim de dar conta da sua descoberta.

O entusiasmo com que o receberam no seu regresso foi enexcedivel ; a sua fama espalhou-se, não só naquelle reino, como no mundo inteiro. Não se demorou elle muito tempo em Hespanha. Fez-se outra vez de vela para o Novo-Mundo, commandando então quatorze caravellas e duas náos, que conduziam a todo cerca de mil e duzentos homens. Grande numero de fidalgos tomava parte nessa expedição. Desse feita foram descobertas as ilhas de Guadelupe e da Jamaica, sendo exploradas as de São Domingos e da Cuba. As fabulosas minas de ouro, porém, que os fidalgos esperavam encontrar não foram achadas. Começaram as conspirações, que terminaram em derramamento de sangue. Colombo tentou em vão reanimar a coragem de seus companheiros. Estes olhavam-n'o com desdem, accusando-o de ser o autor da sua desgraça.

Colombo voltou segunda vez á Hespanha, porém não foi então recebido com os mesmos applausos. Os soberanos receberam-n'o com interesse, não podendo porém, occultar a sua frieza. O navegante percebeu logo a vil inveja e o ciume dos cortezaños. No entanto, outra expedição se organisou. Seis náos foram enviadas ao Novo-Mundo, levando Colombo e seus companheiros. Nessa viagem foram descobertos o continente americano e o archipelago das Antilhas. Durante esse tempo os indigenas de S. Domingos se revoltaram contra os hespanhoes, que os tratavam com atroz crueldade. Os colonos questionavam entre si, e não tardou que se declarasse a guerra intestina. Colombo, em extremo desgostado com taes acontecimentos, enviou uma mensageira

ao rei de Hespanha, pedindo-lhe que enviasse para S. Domingos um governador e um juiz.

Por instigações de alguns membros da côrte, invejosos e hostis, o rei enviou D. Francisco de Bobadillo, com plenos poderes, nomeado governador do Novo-Mundo. Não era um juiz, mas um algecz. A primeira cousa que elle fez, logo que desembarcou, foi mandar que mettessem a ferros Colombo e seus dous irmãos. Ordenou em seguida a Alonzo de Villego que levasse os prisioneiros para a Hespanha. Colombo foi conduzido para bordo, carregado de ferros como um malfeitor. Na viagem, Alonzo de Villego, compadecendo-se do navegador, quiz allivial-o das cadeias. « Não ! disse Colombo ; quero conserval-as como recordação da recompensa dos meus serviços. » — « Muitas vezes, escreveu Fernando, filho de Colombo, vi esses ferros pendurados no gabinete de meu pai, o qual me pediu que, quando morresse, os enterrasse com elle. »

Quando a não chegou á Hespanha, o rei e a rainha, envergonhados do procedimento de Bobadillo, restituiram a liberdade aos prisioneiros. Colombo queixou-se amargamente da sua sorte. « O mundo, disse elle, combateu-me em mil conflictos, e a todos resisti até hoje ; agora não me pude defender, nem com as armas, nem com a prudencia. Com que barbarismo me pagaram sempre ! »

Não obstante, o seu espirito ardente e esclarecido estudava o vasto oceano. Obteve meios de organizar uma quarta expedição, que, julgava elle, enriqueceria a Hespanha, o paiz que até então o recompensára tão mesquinhamente. Descobriu dessa vez a ilha de Guanaja ; costeou o litoral de Honduras, Nicaragua e Panamá. Desembarcou em Veraguas, e nessas regiões encontrou ricas minas de ouro ; tentou fundar uma colonia no rio Belém ; mas, sobrevindo uma tempestade, os seus navios foram atirados

á mercê das ondas, e elle viu-se obrigado a se fazer de vela para S. Domingos. Nessa epocha, Colombo já estava velho e alquebrado pelas fadigas e pelos soffrimentos; estava doente de cama, e os seus homens se amotinaram, tentando contra a sua existencia; o navegante não poderia resistir, assim, isolado e sem auxilio. Teria succumbido; mas avistou-se terra, e elle pôde aportar a S. Domingos sem mais perigo.

Pouco tempo depois regressou á Hespanha. Foi a sua ultima viagem. Tinha então cerca de setenta annos de idade. Após tão longos e arduos padecimentos, alegrou-se com a idéa de repousar em Hespanha. Esperava alguma recompensa; ao menos, o sufficiente para viver. Baldados, porém, foram os seus esforços para conseguil-o. Viveu mais alguns mezes, pobre, abandonado e presa de mortal enfermidade. Quando moribundo, trataram-n'o como a um mendigo impertinente. Chegou a sua miseria a ponto de ficar sem roupa sem abrigo. Foi então que nos ultimos momentos de vida elle pronunciou as seguintes palavras, tão sublimes na sua singeleza: «Eu, filho de Genova, descobri no longiuquo Occidente o continente e as ilhas da India. Expirou em Valladolid no dia 20 de Maio de 1506. As suas ultimas palavras foram estas: «Senhor, entregue a minha alma em vossas mãos». Assim morreu o grande martyr da descoberta. A sua derrota foi uma victoria. Lutou nobremente, e morreu com honra.

Homens ha que estão promptos a morrer na pratica de uma grande idéa. Os primeiros martyres, os primeiros descobridores, os primeiros inventores, os aventureiros da civilisação, — todos aquelles, emfim, que traballaram e que trabalham pela verdade, pela religião e pelo patriotismo, são as sentinellas avançadas da humanidade. Vivem, traballham e morrem sem esper

recompensas. Basta-lhes conhecer o valor da sua obra. O homem de energia e genio é guiado pela comprehensão das mais elevadas tendencias. Podem querer frustra-lo e desanimal-o; podem cercal-o de mil difficuldades: invencivel coragem impelle-o a proseguir, e, se elle morre no desempenho da sua tarefa, deixa após si um nome que a humanidade venera. A morte fructificou a sua vida e tornou-a util aos outros. « Quando Deus permitte que os seus ministros baqueiem na predica de suas palavras, disse Brousson, a voz desses mesmos ministros se torna mais vibrante, sahindo da sepultura, do que quando elles eram vivos. » Jeremias Taylor diz: « O bem que semeamos nos momentos perdidos da nossa existencia se transforma em fulgentes cordões e sceptros que nos aguardam em uma feliz e gloriosa eternidade. »

Não serão necessarios os soffrimentos e as difficuldades para formar os mais elevados exemplos de character e de energia? O esforço e a resignação, a submissão e a luta, a energia e a paciencia entram no destino de todo o homem. Ha na resignação passiva uma virtude que vale, muitas vezes, mais do que a gloria do triumpho. E' essa virtude que sabe supportar, soffrer, resignar-se e esperar sempre. E' esta que vai sorrindo ao encontro das difficuldades, e que procura manter-se firme sob os mais pesados fardos. A afflicção, paciente e resignadamente supportada, é um dos mais bellos attributos do homem. Ha nesta qualidade tanta nobreza que chega a elevar o homm ás regiões do heroismo. Milton repetia sempre esta maxima: « Quem melhor sabe soffrer melhor sabe proceder. »

E' engano suppôr que ha epochas em que não é necessaria a virtude heroica, ou que são sómente as epochas de martyrio e os periodos de luta com a tyrannia que

reclamam essa virtude. Talvez seja tão necessario o heroismo para resistir á corrente de uma geração que perdeu o sentimento do elevado destino do homem, e consentiu que o gozo e os prazeres usurpassem o lugar do dever, como é necessario para lutar contra o poder da tyrannia ou para affrontar o cutello do algoz.

Até na guerra a resignação e a paciencia são tão necessarias como a coragem; e agora, que a guerra se tornou uma sciencia, a resignação occupa um lugar proeminente. O soldado bem disciplinado deve conservar-se firme no posto que lhe foi designado. A voz é sempre « Firme! » O soldado deve affrontar o perigo sem mover-se, ao passo que as balas chovem em redor d'elle, trazendo consigo a morte. Não póde fazer fogo sem a voz do commando. E' só então que carrega. Não é unicamente no combate que se fazem necessarias a paciencia e a resignação. São ellas imprescindiveis na retirada, provocada pela derrota. Encarada por esse lado, a retirada dos dez mil de Xenophonte é mais gloriosa do que todas as conquistas de Alexandre; e a retirada de sir Jonh Moore para Corunna vale todas as victorias de Wellington.

Muitos são os homens que foram martyrisados na defesa de sua patria. Na França conta-se uma antiga historia (que é a mesma em todos os paizes): Clovis, contemplando os bellos campos cultivados além do Garona, exclamou: « E' uma vergonha que taes terrenos pertençam a miseraveis que não adoram o nosso Deus! Avante! Apossemos-nos daquellas terras! »

Quando Xerxes tentou conquistar a Grecia, Leonidas, com trezentos homens, marchou para o desfiladeiro das Termopylas, afim de resistir ao numeroso exercito persa. Deu-se alli um feroz combate; muitos

invasores foram mortos; Leonidas e o seu troço de heroes pereceram; a Grecia, porém, foi salva.

Não menos heroico do que Leonidas foi Judas Machabeu, o « malhador ». Com a sua guarda-avançada de oitocentos homens, resistiu ao ataque de vinte mil Syrios que haviam invadido a Terra-Santa. Judas Machabeu concentrou, pela ultima vez, as suas forças em Eleasah. Os seus companheiros tentaram persuadil-o a que batesse em retirada. — « Deus me livre, disse elle, de recuar perante o inimigo. Se é chegada a nossa hora de morrer, morramos corajosamente, pelos nossos irmãos; não maculemos a nossa honra. » A batalha foi demorada e violenta; Judas e os seus homens combateram com denodo, e morreram todos com o rosto voltado para o inimigo. A sua morte não foi vã. Os Judeus se reanimaram, repelliram os invasores, o Templo foi reconquistado, e a Judéa tornou-se de novo a nação mais prospera do Oriente.

Os Romanos tambem conheciam o valor do heroismo e da dedicação por amor da patria. Tratemos, porém, de epochas mais recentes. Pequenos paizes, de população comparativamente diminuta, têm conseguido conservar e manter a sua liberdade, apezar de difficuldades enormes. Não é o tamanho do paiz, mas o character do seu povo, que dá valor a uma nação. Estamos constantemente vendo homens a clamar pela liberdade, e que no entanto nada fazem por merecel-a. Entregam-se á inercia, ao ocio, ao egoismo. Existe um pretendido patriotismo que não passa do ulular dos lobos. O verdadeiro patriotismo é outro. Basea-se na honestidade, na lealdade, na coragem, na abnegação e no genuino amor da liberdade.

Citemos o exemplo da pequena Republica da Suissa, que tem estado sempre cercada, durante seculos, por governos tyrannicos. O seu povo é corajoso, sobrio, honesto e unido. Não quizeram ter senhor, e resolveram governar-se

por si mesmos. Elegeram os seus representantes, como em Apenzell, nos mercados publicos, levantando para o ar uma das mãos. Proclamaram a liberdade de consciencia, e a Suissa, como a Inglaterra, tem sido sempre o asylo dos perseguidos por causa da consciencia.

Não foi sem arduas lutas que a Suissa conquistou a sua independencia. Muitos chefes daquelle povo corajoso sacrificaram a vida em prol da patria. Recordemos, por exemplo, a historia de Arnaldo von Winkelried. Em 1481, os Austriacos invadiram a Suissa, e um pequeno numero de homens resolveu resistir-lhes. Os Austriacos foram primeiro vistos em um logar perto da pequena cidade de Sempach, avançando em fileiras cerradas, e formando uma linha de pontas de lança. Os Suissos foram ao seu encontro; mas, sendo as suas lanças muito mais curtas do que as do inimigo, e achando-se elles em numero muito inferior, viram-se na necessidade de recuar. Observando isto, e percebendo que todos os esforços para abrir uma brecha nas fileiras do inimigo eram baldados, Arnaldo von Winkelried exclamou: «Abrirei eu o caminho da liberdade! Amigos, entrego á sua protecção minha mulher e meus filhos!» Dizendo isto, precipitou-se para a frente, e, prendendo nos braços quantas lanças inimigas pôde abarcar, enterrou-as no peito. Caiu; mas a sua quédia abriu um espaço, e os Suissos precipitaram-se nas fileiras austriacas e ganharam uma grande victoria. Arnaldo von Winkelried morreu, mas salvou a sua patria. A pequena republica das montanhas conservou a sua liberdade. Esse combate feriu-se no dia 9 de Julho de 1481, e até hoje os Suissos comemoram a sua libertação dos Austriacos, conquistada com o sangue do seu chefe.

As mulheres suissas mostraram-se tão heroicas como

os homens. Affrontaram ellas os perigos moraes e physicos com denodo que iguala ao dos homens mais corajosos.

Em 1622, quasi duzentos annos depois da batalha de Sempach, o Imperador da Austria quiz assenhoriar-se dos Grisões, afim de extinguir a religião protestante e expulsar os seus ministros. O exercito apresentou-se no valle de Pratigau. Esse valle é cercado de altas montanhas, possui fertes pastagens, e até hoje é famoso pela excellencia do gado que alli se cria. Os homens estavam todos nas collinas apascentando os seus rebanhos. Só as mulheres se achavam no valle, e, assim que souberam da aproximação dos Austriacos entre Klosters e Landquart, lançaram mão das armas de seus maridos (fouces, ancinhos e forcados), e correram ao encontro dos inimigos. Ha, nas montanhas da Suissa, desfiladeiros onde um pequeno numero de homens ou de mulheres póde affrontar e bater um exercito. Arremecendo pedras do alto das montanhas, as mulheres conseguiram a victoria. Os Austriacos foram rechassados. É fóra de duvida que os homens da Suissa foram tão corajosos como as mulheres. Pouco tempo depois, o castello de Castel, perto de Fideris, foi atacado e conquistado pelos camponios, que não possuíam outras armas senão os seus cajados ! Em razão da intrepida defesa das mulheres, ainda hoje é costume no valle irem ellas adiante ao altar receber a communhão, seguindo-se depois a vez dos homens.

São assim os heroes e as heroínas que a Suissa venera: — Tell, o arrojado bésteiro, e Winkelried, o lanceiro dedicado. Talvez que o primeiro seja apenas um heroe imaginario (*); o segundo é com certeza um

(*) Existem diversos Tell: um na Dinamarca, outro na

personagem historico. A casa em que elle viveu existe ainda em Stanz, no Unterwalden; a sua cota de malhas se conserva até hoje no Rath-haus; e na praça do mercado erigiram uma estatua representando-o com um feixe de lanças sobraçadas.

Ha cinco seculos, pouco mais ou menos, a Inglaterra soffreu uma derrota no norte, que mais tarde veio a ser uma de suas maiores felicidades. Foi na batalha de Bonnokburn, em 1314, quando os Escossezes, commandados por Bruce, combatiam pela sua liberdade. Antes da batalha, o exercito escossez ajoelhou-se em oração. Edwardo II, da Inglaterra, viu o movimento do inimigo. Voltou-se para o seu cavalleiro favorito e disse: « Olha, Argentine! os rebeldes cedem! estão pedindo misericordia! » — « Tem razão, Magestade! foi a resposta; mas *a misericordia que elles imploram não é a vossa.* » A batalha terminou ficando a Escossia victoriosa e o exercito ing'ez debandado.

Os embaixadores inglezes na côrte ecclesiastica induziram o papa João XXII a excommungar Roberto Bruce e fulminar a Escossia com um interdicto. O interdicto foi repellido por um parlamento heroico que se reuniu em Arbroath, em 1320. Oito condes e vinte e um fidalgos assignaram uma carta dirigida pelo parlamento ao papa, a qual, pelo principio que defendia, é comparavel aos mais preciosos documentos que existem na Europa. Pedia a carta ao papa que exigisse do rei de Inglaterra que respeitasse a independencia da Escossia, e se occupasse com os negocios de seu paiz. « Emquanto existirmos, diziam os signatarios, não nos

Finlandia, e outro na Suissa. No Oriente tambem existe a tradiçãõ de um Tell. E' muito provavel que a historia de Tell não passe de um mytho indiano.

submitteremos de maneira alguma aos Inglezes. Não nos batemos para grangear honras, por amor de glórias ou de riquezas; fazemo-l'o para conquistar unicamente a liberdade, a qual homem nenhum deve deixar escapar-se-lhe senão com a vida. »

E, embora se seguissem prolongadas guerras, o resultado foi sempre o mesmo. A historia da Escossia foi sempre um protesto contra o despotismo.

Ha outra derrota soffrida pelos Inglezes na mesma epocha, pouco mais ou menos, que, embora considerada tão desastrosa como a batalha de Bonnockburn, transformou-se, como esta, em uma das maiores felicidades. Fallamos do cerco de Orleans, que, diz o Dr. Arnold, « foi um dos marcos da historia das nações ». (*) Os Inglezes tinham invadido a França. Haviam ganho muitas batalhas; tinham entrado em Pariz e acabavam de sitiá-la a cidade de Orleans. A França achava-se nas mais horrorosas condições. Os principaes

(*) São estas as palavras do Dr. Arnold: « O cerco de Orleans é um dos marcos da historia das nações. Se o dominio inglez se tivesse estabelecido na França, homem nenhum poderá dizer quaes teriam sido as consequencias para a Inglaterra, que provavelmente se tornaria um appendice da França. A prosperidade de um povo depende tão pouco da victoria na guerra, que as nossas duas maiores derrotas foram as nossas maiores venturas, — Orleans e Bounockburn. — E' tambem digno de nota o seguinte: no reinado de Edwardo II a victoria de Athunree sobre os Irlandezes foi a nossa desgraça, como a nossa derrota pelos Francezes foi a nossa felicidade. Se a Irlanda se tivesse conservado independente, é muito provavel que mais tarde ella se uniria a nós como a Escossia; e, se a Escossia tivesse sido vencida, ella se houvera tornado a nossa maldição, comó o é hoje a Irlanda! »

nobres haviam abandonado o rei (Carlos VII), e cada um tentou constituir-se príncipe soberano. As cidades entregavam-se sem resistencia. Os impostos eram cobrados á força, o rei quasi que não tinha meios de manter-se, e muito menos de conservar um exercito. O povo não se fiava nem no rei, nem nos nobres, e pedia a Deus que indicasse um meio de libertar o paiz.

E' extraordinario como pequenas circumstancias podem muitas vezes mudar o destino de uma nação. Foi uma mulher, uma rapariga do campo, que vivia a fiar e a apascentar ovelhas, quem veio em auxilio da França. Joanna d'Arc nasceu na aldeia de Domrémy, na Lorena. Era ingenua, virtuosa e devota. Sendo de temperamento excessivamente nervoso, no seu estado de exaltação tinha sonhos e visões, e ouvia palavras que lhe eram dirigidas por entes invisiveis. Diziam-lhe elles que « acudisse em auxilio do rei de França », e asseguravam-lhe que « ella lhe restituiria o reino. » O capitão Baudricourt, que fôra informado das visões de Joanna, a principio julgou-a douda. Depois commoveu-se tanto com a sinceridade da rapariga, que lhe offereceu um destacamento de homens armados para acompanhala á presença do rei. Joanna atravessou o paiz, occupado pelos Inglezes, e afinal chegou sem novidade a Chilon, onde se achava o soberano com a sua côrte.

Considerava-se este muito feliz em obter qualquer auxilio, viesse donde viesse. Os bispos e os padres consideravam Joanna como feiticeira e inspirada pelo demonio. Não obstante, o rei enviou-a para Orleans. Os Inglezes já começavam a desanimar. Tinham principiado o assedio no inverno, e as suas forças pareciam diminuir com o rigor do frio. Após a morte do conde de Salisbury, muitos dos homens de armas que estavam

ao seu serviço abandonaram o campo. Os Burguinhões, que se haviam alliado aos Inglezes, foram retirados do exercito pelo duque. Restavam apenas dous ou tres mil Inglezes, destacados em meia duzia de bastiões, sem communicacão alguma entre si. « Lendo-se a enorme lista de capitães que entraram na cidade, com suas tropas, diz Michelet, a libertação de Orleans não nos parece tão miraculosa como a querem fazer. »

Joanna d'Arc commandou o ataque contra os Inglezes que se achavam nos reductos. Foram elles expulsos das suas posições, na tomada do ultimo bastião (*les Tournelles*), mas a virgem de Domrémy foi ferida. Não se contentou ella, no entanto, em desfazer o cerco de Orleans. Quiz expulsar os Inglezes do paiz. O exercito francez, sob o seu commando, seguiu o inimigo até Patey, e ahi bateu-o de novo. Seguiu-se a essa victoria a coroação de Carlos VII em Reims, como já o havia predito Joanna. « A originalidade da donzella, diz Michelet, o segredo do seu triumpho, não consistiu nem na sua coragem, nem nas suas visões, mas no seu bom-senso. Levando Carlos VII immediatamente para Reims, e fazendo-o coroar, obteve sobre os Inglezes a decisão dessa coroação. »

Tinha ella cumprido o que tencionára fazer; desejou, pois, regressar á sua aldeia, para o seio da sua familia. O rei negou-lhe o consentimento. Tinha elle visto como Joanna reanimára o exercito francez; desejava por isso a sua presença entre os soldados. Mas de então em diante já não depositava ella a mesma confiança em si; sentia-se irresoluta e desanimada, e, embora continuasse a combater, foi sem resultado nenhum definitivo.

Os Inglezes e os Burguinhões coaligaram-se de novo e sitiaram Compiègne sobre o rio Oise. Os habitantes

da cidade se declararam a favor de Carlos VII, e a Donzella marchou immediatamente para lá. No mesmo dia commandou uma sortida e tinha quasi sorprendido o inimigo, quando foi presentida e rechassada até ás portas da cidade, onde os Burguinhões cercaram-n'a, derrubaram-n'a do cavallo em que ia montada e levaram-n'a prisioneira. Foi entregue pelos seus compatriotas aos Inglezes, que a enviaram á Inquisição, afim de que esta a julgasse. O Vigario presidia ao tribunal, coadjuvado pelos bispos de Beauvais e de Lisieux, e por outros padres francezes. Esteve, um des conegos de Beauvais, foi nomeado accusador.

O soberano, Carlos VII, que devia o seu throno aos esforços da entusiasta, não deu um só passo para libertal-a. A Sorbona, tribunal theologico, quando appellaram para ella, declarou que « a rapariga pertencia inteiramente ao demonio, » e que devia ser tratada conforme merecia. Os Burguinhões francezes não protestaram contra a punição terrivel que ella ia receber. O processo empregado naquelles tempos para punir as bruxas e os feiticeiros era a fogueira; e Joanna d'Arc foi, pois, condemnada a ser queimada viva. O seu martyrio effectuou-se em Rouen, no logar hoje denominado Praça da Donzella, não distante do caes do Havre, onde está erecta a estatua levantada á sua memoria.

« A historia, diz Michelet, mostra-nos martyres mais ou menos puros, mais ou menos gloriosos. O orgulho, assim como o odio e o espirito de controversia, têm tido os seus martyres. Não ha seculo que não possua os seus martyres militantes, os quaes, sem duvida, morreram de bom grado quando já não podiam matar... Estas palavras, porém, não têm relação com o assumpto de que nos occupamos. A santa rapariga de Domrèmy não se compara a estes ultimos martyres ;

possuia os seus distinctivos,— a bondade, a caridade e a doçura de alma. Tinha a abnegação dos martyres do christianismo, com uma differença, porém: os primeiros christãos conservaram-se puros fugindo da acção, poupando-se ás lutas e ás provações do mundo. Joanua era meiga na mais ardua luta, era boa entre os máos, pacifica na propria guerra, e levava ao combate o espirito do Senhor. »

O povo francez-não olvidou Joanna d'Arc. Levantaram-lhe innumeradas estatuas. Ella tem sido objecto venerado durante gerações de gerações de soldados francezes. Quando qualquer regimento atravessa a aldeia de Domrémy, faz alto e os soldados apresentam armas em honra ao berço da heroína. Causa emoção vêr como esse costume tem sobrevivido tantos annos, e como a memoria da heroica virgem se conserva tão viva na alma da patria a quem ella tão fielmente serviu.

CAPITULO VI

RESIGNAÇÃO COMPLETA.—SAVANAROLA.

A' dor domina amor; a alma, que esquecida
Parecia por Deus, de novo que a soccorre
Sente-o, e nos seus braços
Feliz, contente morre.

(KEBBLE.)

E' melhor morrer, concluida a obra,
Do que favorecido já nascer na terra.

(G. MACDONALD.)

Não consiste a vida no viver sómente,
Nem no morrer a verdadeira morte.

(HYMNO.)

Se me perguntarem, em geral, qual será o fim
de um conflicto, responderei: A victoria. Se,
porém, me perguntarem qual o seu resultado,
em particular, direi: A morte.

(SAVANAROLA.)

Contemplemos agora os heroes-martyres da Italia, Arnaldo de Brescia, Dante e Savanarola. Pouco depois da quêda do imperio Romano, mais uma vez tomaram grande ascendencia os instinctos baixos da humanidade. A igreja não os pôde vencer. De facto, a igreja deixou-se dominar por elles. S. Bernardo de Clairvaux estygmatisou da seguinte fórma os vicios dos Romanos: « Quem não conhece seus vicios e a sua arrogancia? E' um povo criado na sedição, intratavel, e que só obdece porque é demasiado fraco para resistir. Habei em praticar o mal, os Romanos nunca aprenderam a sciencia do bem. A adulação e a calumnia, a perfidia e a traição, eis os actos familiares da sua politica. »

A corrupção e a leviandade nas altas classes nunca deixam de exercer pernicioso influencia na condição da

sociedade em geral. Estendem-se ás mais baixas camadas, que se tornam tão dissolutas como as mais altas. A Italia achava-se, nas classes elevadas, entregue ao luxo e ao ocio, ao passo que a pobreza, a miseria e o vicio minavam a plebe. O clero era tão ruim como o povo. « Se queres que teu filho seja perverso, faze-o padre » era o proverbio popular. Desta maneira, o povo, que fôra forte e valente, collocara-se á borda do abysmo da destruição moral.

No seculo decimo-segundo, Arnaldo de Brescia fez soar o clarim da liberdade italiana. A sua posição, na Igreja, era das mais infimas. Era elle, porém, um prégador eloquente e ardego. No entanto, o povo reverenciava-o como patriota. Não lhe faltavam inimigos que fossem repetir as suas palavras ao papa. Innocencio II condemnou-o, e os magistrados de Brescia iam proceder á execução da sentença, quando Arnaldo, que fôra avisado, atravessou os Alpes e se refugiou em Zurich, na Suissa.

O medo do castigo, porém, não o fez recuar, e elle de novo atravessando os Alpes e seguindo para Roma, onde ergueo o seu estandarte. Os fidalgos e o povo protegeram-n'o, e durante dez annos a eloquencia de Arnaldo de Brescia troou sobre as sete collinas. Exortou elle os Romanos a proclamarem os seus direitos como homens e como christãos, a restaurarem as leis, a magistratura e a republica, e disse-lhes finalmente que limitassem o governo do seu pastor á direcção espirital do seu rebanho.

A sua influencia durou a vida de dous papas ; mas quando Adriano IV, o unico Inglez que se sentou no throno de S. Pedro, assumiu o poder, Arnaldo foi combatido com vigor e energia. O papa declarou o povo interdito, exigindo como preço de sua absolvição

o exilio do reformador. Arnaldo foi preso e sentenciado á morte. Foi queimado vivo em presença daquelle povo ingrato e negligente, e as suas cinzas foram atiradas ao Tibre, para que os discipulos do grande homem não as recolhessem e acatassem como reliquias do seu mestre.

A Italia proseguiu na sua carreira de devassidão, de frivolidade e de vicios. Os Estados guerrearam-se uns aos outros. Guelfos e Ghibellinos devastaram o paiz. No seculo decimo-terceiro, surgiu Dante, e ergueu de novo o grito da liberdade. Acreditava elle na justiça eterna. Em virtude da lealdade e do grande amor que lhe enchiam a alma, Dante contrastou a vida da Italia com as tendencias mais nobres e mais elevadas da humanidade. A louca sociedade italiana vacillava, á luz do tempo, entre o céu e o inferno. Elle discerniu a eterna justiça nas desordenadas lutas dos homens. A sua alma inteira elevou-se á altura do grande argumento, e espalhou entre os homens, em canticos incomparaveis, a sua defesa das obras de Deus.

Durante os longos seculos de degradação e miséria da Italia, as suas ardentes palavras foram o pharol das leaes e fieis á patria. Foi elle o arauto da liberdade da sua nação, — afrontando a perseguição, o exilio e a morte por amor della. Na sua obra *De Monarchia*, como Arnaldo de Brescia, Dante advogou a separação do poder espiritual do poder temporal, e sustentou que o governo temporal era uma usurpação do papa. Esta obra foi queimada publicamente em Roma, por ordem do delegado do papa, e o titulo do livro foi incluído na lista do Indice Romano. Dante foi sempre o maior nacional, o mais amado e o mais lido dos poetas italianos. Em 1301 foi banido de Florença, a sua casa foi entregue ao saque, e elle foi sentenciado á morte, para

ser queimado vivo. Durante o exilio, escreveu as suas mais sublimes obras. Os homens pensavam nelle, revereuciavam-n'ò, amavam-n'ò. Era desejo unanime que a sua sentença de exilio fòsse revogada, e que elle voltasse á Florença.

Era costume antigo nessa cidade perdoar a certos criminosos no dia de S. João, — o apóstolo « que tanto amou ». Communicaram a Dante que receberia o seu perdão naquelle dia, com a condição de que elle se apresentasse como criminoso. Quando lhe foi feita a proposta, o poeta exclamou : « Pois que ! é essa a gloriosa revogação de uma sentença injusta, pela qual Dante Alighieri é chamado á sua patria ao cabo de tres lustros de soffrimento e de exilio ? De que vale então o patriotismo ? Será essa a recompensa do meu continuado labor e estudo ? Se é esse o unico meio que se me offerece para voltar á Florença, Florença não me verá mais ! E demais, não posso acaso contemplar o sol e as estrellas onde quer que eu esteja, e meditar na doce verdade, sob outro céu, sem entregar-me, despido de gloria, e quasi envolto em ignominia, ao povo florentino ?... Até o presente ainda não me faltou o pão. Não ! não voltarei á Florença ! » Dante recusou, pois, o perdão que lhe era offerecido. Conservou-se no exilio durante vinte annos, e morreu em Ravenna em 1321.

Um seculo mais tarde, levantou-se novo mensageiro da liberdade, o mais fiel e corajoso dos homens que rutilam entre as gemmas da historia, — Jeronymo Savanarola. Nasceu elle em Ferrara, no anno de 1452, de uma familia de fidalgos, embora pobres. Seu pai occupava o cargo de official da côrte, o que era um patrimonio da familia. Sua mãe era uma senhora de muita energia de character. Tencionavam elles educar Jeronymo para a

carreira medica, mas as suas inclinações levavam-n'o para outra direcção.

A Italia continuava immersa na corrupção e no vicio. Os ricos tyrannisavam os pobres, e estes viviam na miseria e no abandono. Jeronymo imbebêra bem cedo idéas religiosas. Dedicou-se ao estudo da Biblia e dos escriptos de S. Thomaz de Aquino. Achou-se logo em guerra aberta contra a sociedade, indignando-se com as profanações que via em torno de si. « Não existe ninguem, disse elle, não ha um só homem que deseje praticar o bem: é necessario aprendel-o com as crianças e com as mulheres ignorantes, pois que é nellas sómente que se depara algum vestigio de innocencia. Os bons são opprimidos, e o povo da Italia se tornou como os Egepcios que subjugaram o povo de Deus. »

Jeronymo resolveu afinal fugir daquella sociedade viciosa, e entregar-se inteiramente á religião. Na idade de vinte e tres annos, juntou em uma trouxa a pouca roupa que possuia, sahiu de casa sem se despedir de seus pais, e caminhou até Bolonha. Dirigiu-se ao convento de S. Domingos e pediu que o admittissem na ordem como servente. Receberam-n'o logo e elle preparou-se para começar o noviciado.

Depois, escreveu ao pai, explicando-lhe as razões por que abandonára o lar paterno: « Os motivos que me levaram a abraçar a vida religiosa, dizia, são os seguintes: os grandes soffrimentos do mundo; as iniquidades dos homens; os seus adulterios e roubos; o seu orgulho, a sua impiedade, e as suas horriveis blasphemias. Eu não podia mais supportar a enorme maldade do cégo povo da Italia. Por toda a parte via escarnecer da virtude e honrar o vicio. Não podia haver magoa maior para mim, e eis porque ergui uma

prece a Jesus Christo e lhe pedi que me salvasse desse abysmo de infamias... Tinha eu constantemente esta prece nos labios, rogando fervorosamente a Deus que me indicasse o caminho que devia trilhar... Nada mais me resta que dizer, se não pedir-lhe, meu pai, que, como homem forte, console minha mãe, e que me enviem ambos a sua benção.»

A corrupção do clero, naquella epocha, se tornára quasi intoleravel. A insaciavel avareza de Paulo II, a perfidia e deshonestidade de Xisto IV, os indiziveis crimes de Alexandre VI, o Borgia, causavam geral asombro entre os homens virtuosos da Italia. « Onde estão, disse Savanarola na sua cella, os antigos doutores, os santos da antiguidade, a sapiencia, o amor e a pureza das passadas éras? Oh! Deus meu! porque não se quebram essas arrojadas azas, que só levam á perdição? »

Ao mesmo tempo, a liberdade quasi desaparecêra de todo. Os principotes que tyrannisavam o povo não possuíam a energia, nem a sagacidade de seus antepassados. O seu unico desejo era gozar de um poder desenfreado. Muitas vezes o seu comportamento incitou as iras dos subditos, de modo que muitos delles foram assassinados á luz do dia. O duque Gabazzo foi morto na cathedral de Milão. O duque Nicoláo d'Este foi assassinado em Ferrara. O duque Julião de Medicis cahiu fulminado por mão homicida na cathedral de Florença, na occasião da elevação da hostia.

Foi no meio dessa geral desmoralisação que se formou a vida de Savanarola. Não decorreu muito tempo sem que o prior do convento dominicano de Bolonha descobrisse as suas raras aptidões. Em vez de empregal-os nos trabalhos manuaes, como elle pedira, fizeram-n'o professor dos noviços. A obediencia era o seu dever, e

o moço entregou-se ao novo labor com a melhor vontade. De mestre dos noviços, foi elevado á posição de prégador. Quando tinha trinta annos de idade, enviaram-n'o á Ferrara, sua cidade natal, para prégar. Allí, os seus sermões não attrahiram a menor attenção, por ser elle filho da cidade. O povo não acreditava que o seu patricio lhe pudesse revelar cousa alguma que elle não soubesse já. Viveu, pois, desconhecido na sua terra natal. Em seguida prégou em Brescia, em Pavia e em Genova, onde a sua eloquencia foi apreciada.

Tendo ficado durante sete annos no convento de Bolonha, Savanarola foi finalmente mandado para Florença. A estrada que devia seguir atravessava logares novos para elle. Nunca viajára tanto para o sul. Foi a pé, e teve tempo bastante para admirar a magnifica paisagem que o cercava. Tomou o caminho das montanhas, em direcção á Laguna, contemplando daquellas alturas Bolonha e a paisagem do norte, que estava destinado a nunca mais visitar. Atravessou aquellas desertas eminencias, estereis e frias, até o alto de La Futa, que se eleva a tres mil pés acima do nivel do mar. Alcançou em seguida o valle do Siva, e d'ahi os Apeninos, que separam aquelle valle do Arno. Ahi, estendia-se então a seus pés a magnifica Florença, — o theatro da sua brilhante carreira, da sua corajosa existencia e do seu martyrio tambem.

Chegando á Florença, Savanarola dirigiu-se immediatamente ao convento de S. Marcos, onde foi admittido como irmão. Naquella epocha, Lourenço o Grande achava-se no apogêo do seu poder. Livrava-se de seus inimigos por meio do exilio, da prisão e da morte. Conser- vava o povo a seus pés, distrahindo-o com festas, com bailados e torneios. Era o favorito tanto dos nobres como da populaça. Parece que toda a devassidão da sua vida

foi olvidada pelos posteros, simplesmente porque elle foi protector das lettras e das artes. Villari diz que naquella epocha « os artistas, os homens de lettras, os politicos, os fidalgos e a canalha eram tão corruptos uns como os outros ; não havia virtude publica nem privada ; e, sem sentimentos moraes que a guiassem, a religião era empregada de preferencia como instrumento de governo, ou como arma de baixa hypocrisia. Não havia lealdade nas transacções civis, nem na religião, nem na moral, nem na philosophia. Até o scepticismo que existia não era sincero. Reinava como soberana uma fria indifferença em todos os principios. (*)

Savanarola indignou-se com esse estado de cousas. Na primeira occasião em que prégou, em S. Lourenço, fallou largamente sobre a corrupção que reinava. Zurziu o vicio com açoite de ferro. Censurou o jogo, a mentira e a falsidade, citando trechos da escriptura. Os ouvintes se mostraram a principio sorprendidos, depois enfastiados e afinal colericos. Quem seria aquelle monge, de roupas pardas, que vinha das montanhas denunciar e profligar os vicios de Florença ? Riram-se e escarneceram. Naquella cidade de bellezas physicas, Savanarola estava longe de ser formoso. Era um homem de mediana estatura e tez morena. As suas feições eram grosseiras e angulosas ; o seu nariz grande e aquilino ; a boca larga, de labios grossos, e o queixo comprido e quadrado. Mesmo na idade de vinte e tres annos, já tinha elle a testa cavada de rugas. Era esse, porventura, um homem digno de influir nos destinos de Florença ?

Havia então um outro frade que prégava, e a cujos

(*) O professor Villari, *Historia de Jeronymo Savanarola e do seu tempo.*

sermões a multidão acudia pressurosa. Esse conhecia o povo, e lisongeava-lhe os vícios. Era amigo de Lourenço o Grande. Quando contaram a Savanarola o triumpho obtido pelo seu rival, respondeu elle : « A elegancia da linguagem ha de ceder á simplicidade das sãs doutrinas. » Convencêra-se da sua missão divina. Considerava ser esse o principal dever da sua vida, e o seu unico pensamento era cumpril-o.

No convento de S. Marcos reassumiu elle o seu logar de mestre dos noviços, e ás vezes prégava no convento, tendo um escolhido auditorio de pessoas indulgentes. Insistiram estas para que elle fôsse prégar do pulpito. Consentiu, e no dia 1º de Agosto de 1490 prégou um extraordinario sermão. Tinha então trinta e oito annos de idade. No anno seguinte prégou no Duomo durante a quaresma. O povo acudia aos seus sermões. Incutiu elle na multidão excitada o fervor dos seus proprios sentimentos. Já não era mais o frade insignificante que prégara na igreja de S. Lourenço. Fulminou com todo o rigor da sua eloquencia os vícios daquelle povo entorpecido, e procurou despertar-o da lethargia em que jazia. Os ouvintes pareciam presos aos labios d'elle, e o enthusiasmo crescia de dia em dia.

Tudo isto desagradava enormemente a Lourenço de Medicis. Enviou este a Savanarola cinco dos principaes cidadãos de Florença, afim de o avisarem dos perigos que corria, bem como o seu convento. Respondeu Savanarola : « Sei perfeitamente que não vieram ter comigo de motu-proprio ; foram enviados por Lourenço de Medicis. Digam-lhe que se prepare para arrepender-se dos seus crimes, pois que o Senhor não poupa a ninguém, e não teme os principes da terra. »

Naquelle mesmo anno foi elle eleito prior do convento de S. Marcos. Conservou a sua integridade e

sua independencia. Apesar dos valiosos presentes que Lourenço de Medicis enviava ao convento, Savanarola julgava com immensa severidade o character daquelle principe. Conhecia o mal que elle fizera á moral publica. Considerava-o não só inimigo, mas tambem destruidor da liberdade; dizia-o principal obstaculo para que o povo se corrigisse e tornasse ao caminho da vida honesta e christã. Continuou a censurar o jogo, embora com elle lucrasse o Estado; condemnou o luxo e a prodigalidade dos ricos como desmorolisadora do povo.

Savanarola insistia sempre na necessidade das boas obras, e por conseguinte na livre vontade dos homens. «A nossa vontade, dizia elle, é, pela sua natureza, essencialmente livre, é a personificação da liberdade.» Deus é o nosso melhor auxiliar, mas exige que o auxiliemos tambem. — «Sê fervoroso na tua prece, dizia Savanarola; não te descuides, porém, dos meios humanos. E' necessario que te ajudes a ti mesmo por todos os modos e meios para que o Senhor te auxilie tambem. Coragem, meus irmãos, e sobretudo sejam unidos.» Ainda é elle quem diz: «Entendemos que a veracidade é um certo habito, pelo qual o homem, quer nas acções, quer nas palavras, se revela tal qual é, sem excesso nem diminuição. Embora não seja legal, é este um dever moral, pois é uma divida que todo o homem honesto contrahe para com o proximo e a manifestação da verdade é uma das partes essenciaes da justiça.»

Afinal, Lourenço de Medicis retirou-se de Florença para a sua *Villa Corregi*, onde tinha de morrer. Foi para lá em principios de Abril, quando a natureza está mais formosa e louçã, — quando a voz do rouxinol não emmudece. A villa fica situada no espaçoso valle

do Arno, tres milhas ao norte de Florença. Das janellas do palacete avistam-se o Duomo e o Campanile, bem como as torres de muitas igrejas. Ao norte estão as collinas de Fiesole e ao longe ondulam suaves as linhas das montanhas toscanas. Todas essas bellezas, porém, não conseguiram afugentar a molestia e o soffrimento. Lourenço jazia no leito de morte. Tinham-se experimentado todos os remedios. Até as beberagens de pedras preciosas distilladas já não produziam effeito. Nada alliviava o soffrimento do principe. Voltou elle então o pensamento para a religião. Parecia-lhe que os seus peccados augmentavam á proporção que a morte se ia approximando. As ultimas consolações da religião não lhe proporcionaram allivio. Perdeu toda a fé nos homens, porque estes se haviam curvado sempre aos seus desejos. Não acreditava no seu proprio confessor. « Ninguem ousou ainda dizer-me um *não* resolutos », exclamava elle. Lembrou-se então de Savanarola. Esse jámais cedera quer ás suas ameaças, quer ás suas lisonjas. « E' o unico frade honesto que hei conhecido! » disse. Mandou-o buscar para confessar-se a elle. Quando Savanarola soube do estado desesperador em que se achava o principe, dirigiu-se immediatamente á *Villa Corregi*.

O professor Villari narra pela seguinte maneira a ultima entrevista de Lourenço de Medicis com Savanarola :

Pico della Mirandola acabava de sahir quando Savanarola entrou e approximou-se respeitosa-mente do leito do moribundo. Disse-lhe este ter trez crimes que lhe confessar e para os quaes pedia absolvição : o saque de Volterra ; o dinheiro roubado ao Thesouro das Donzellas, e que tantas mortes causou ; e o sangue derramado após a conspiração dos Pazzi. Dizendo isto,

mostrava-se Lourenço agitadissimo, e Savanarola procurava acalmal-o, repetindo-lhe amiudadas vezes: « Deus é bom, Deus é misericordioso.»

Mal acabára Lourenço de fallar, quando Savanarola lhe disse: « São necessarias trez cousas para a vossa absolvição.» — « Quaes são, meu pai? » A physionomia de Savanarola tornou-se grave, e, levantando os dedos da mão direita, começou assim: « Primeiro, é preciso terdes inteira e viva fé na misericordia de Deus.» — « Tenho-a! » — « Segundo, é mister restituir aquillo de que vos apossastes injustamente, recommendando aos vossos filhos que o façam.» Esta exigencia pareceu causar dolorosa surpresa ao principe; no entanto fez elle um esforço, e consentiu com um aceno de cabeça. Savanarola ergueu-se então, e, á medida que o moribundo assustado se encolhia no leito, o confessor parecia elevar-se acima de si proprio, dizendo: « Por ultimo, é forçoso restituir a liberdade ao povo de Florença! » A sua physionomia tornára-se solemne, a sua voz adquirira inflexões quasi terriveis, e os seus olhos se cravaram nos de Lourenço, como que para lerem nelles a resposta. O principe, concentrando todas as forças que a natureza ainda lhe deixava, sem pronunciar uma só palavra, voltou desdenhosamente costas ao frade. Savanarola deixou-o naquella posição, sem absolvel-o, e Lourenço, lacerado pelo remorso, falleceu pouco depois.

Sucedeu-lhe no governo seu filho Pedro. Foi, a todos os respeitos, peor do que o pai. Não dava apreço nem ás bellas-artes nem ás lettras; e entregou-se inteiramente á levandade e á devassidão. Savanarola continuou a prégar como anteriormente. O seu fervor crescia de dia para dia, e a sua fama espalhou-se por toda a parte. Pedro fel-o banir de Florença durante algum tempo, e então prégar elle em Piza, em Genova e em outras

idades. Voltou de novo á Florença. Impôz ao seu convento a lei da pobreza, e obrigou os monges a viverem do seu trabalho. Animou especialmente o estudo da Escriptura Sagrada, e manifestou o desejo de ir com seus irmãos prégar ao gentio e aos infieis. Quando lhe sobrevieram as attribuições, pensou elle seriamente em abandonar Florença e entregar-se á vida de missionario.

Deixou-se ficar, porém. O povo não consentiu que elle partisse. Continou, pois, a prégar á enorme quantidade de ouvintes, no pulpito do Duomo. Não se mostrava sómente severo para com os vicios do seu tempo; flagellava tambem os padres que se descuroavam do seu dever. « Vendo-os com as cabeças oroadas de mitras de ouro cravejadas de pedras preciosas, apoiados em baculos de prata, servindo o altar envoltos em capas de fino brocado, entoando vespervas e cantando missas com acompanhamento de orgão, fica-se estupefacto !... Os primeiros sacerdotes do christianismo, com certeza, não possuíam tantas mitras e tantos calices de ouro; e, se os possuíssem, desfar-se-hiam delles para acudir em ás necessidades dos pobres. Os padres de hoje obtêm os seus calices de ouro arrancando aos pobres o que elles ganham para seu sustento. Na Igreja primitiva, os calices eram de madeira e os padres de ouro; hoje, porém, os calices é que são de ouro e os padres de páo ! »

Pedro de Medicis, com as vistas postas no poder soberano de Florença, entrára em intima alliança com o papa e com o rei de Napoles. Abandonou, porém, os seus alliados, apenas soube que os Francezes tinham invadido a Italia. Ludovico Mouro usurpára o governo de Milão e convidára o rei de França, Carlos VIII, a invadir a Italia e se apossar do reino de Napoles. A' vista disto, um exercito francez atravessou a fronteira

e dirigiu-se para o sul. Saqueavam as villas e as cidades que invadiam, e derrubavam todos os obstaculos que se lhes antepunham. Pedro de Medicis lembrou-se então de ir ter com Carlos VIII e fazer pazes com elle. Entregou a importante fortaleza de Sarzana, bem como a villa de Pietra-Santa, e as cidades de Pisa e Livorno.

O povo de Florença exasperou-se com a vilania de seu chefe. Recusou-lhe entrada no palacio dos magistrados. A sua segurança pessoal achava-se em perigo, e elle apressou-se em procurar refugio na cidade de Veneza. Florença caminhava para uma revolta geral.

Os sequazes dos Medicis queriam um rei; a massa do povo exigia a republica. Estavam os dous partidos em guerra aberta. Savanarola era o unico homem que tinha influencia sobre o povo. Reuniu-o no Duomo, e alli procurou-o apazigual-o. Ao mesmo tempo chamou-o ao sentimento da união, da caridade e da fé. Deste modo, a revolta, que parecia imminente, desfez-se.

Elegeu-se uma embaixada dos principaes cidadãos de Florença para ir ter com o rei de França; Savanarola foi um dos membros escolhidos. Os embaixadores dirigiram-se em carruagem para o sitio aprazado; Savanarola para lá se encaminhou a pé, sua maneira usual de viajar. Os embaixadores tiveram uma entrevista com o rei, e não obtiveram cousa alguma. No seu regresso á Florença, encontraram Savanarola na estrada. Dirigiu-se elle sósinho ao campo inimigo, e fallou ao rei. Pediu-lhe, exigiu-lhe quasi, que respeitasse a cidade de Florença, as suas mulheres, os seus cidadãos e a sua liberdade. Foi tudo em vão. Pouco depois, o exercito francez entrava em Florença sem encontrar a menor opposição. As tropas começaram por saquear o palacio dos Medicis, e levar comsigo as mais preciosas obras de arte. Nesse acto foram coadjuvadas pelos proprios florentinos, que

abertamente roubaram tudo quanto consideraram raro ou precioso. Assim, em um só dia, destruíram-se e dispersaram-se as ricas accumulações de um seculo.

Quando o exercito francez proseguiu em sua marcha para o sul, Florença ficou sem chefe. Os partidarios dos Medicis haviam desaparecido como por encanto. A direcção das vontades do povo ficára nas mãos de Savanarola. Tratando da futura fórma de governo, propôz elle ao conselho, que reunira, a adopção da fórma governativa de Veneza. Tinha sido esse, dizia elle, o unico governo que resistira á ruina geral, e que, ao contrario, augmentára sempre em solidez, poder e honra. Seguiu-se á sua proposta uma longa discussão, que terminou pela adopção temporaria daquella fórma de governo. Assim, apenas em um anno, estabeleceu-se a liberdade de Florença.

Savanarola não deixou, no entanto, de prégar. Insistiu pela reforma do Estado, pela reforma da Igreja e pela dos costumes. Procurou inculcar no povo o modo recto de usar da sua liberdade. « A verdadeira liberdade, disse elle, a unica que póde perdurar, é a que consiste em viver uma vida sã e honesta. Que especie de liberdade é essa que consente deixarmo-nos subjugar pelas nossas paixões? Quereis, pois, Florentinos, a liberdade? Então, para obtel-a, cumpre amar a Deus sobre todas as cousas, amar ao proximo e amar o bem commum. Quando existir entre vós esse amor e essa união, então tereis conquistado a verdadeira liberdade. »

Entre as cousas de valor pratico que foram introduzidas, estavam a reduccão dos impostos, a reforma judiciaria e a abolição da usura pelo estabelecimento de um Monte do Soccorro. Os judeus que emprestavam dinheiro cobravam de juros 32 1/2 por cento sobre pequenas quantias adiantadas aos operarios. O Monte do Soccorro foi estabelecido como instituição publica afim de emprestar

aos pobres pequenas sommas, nos mais razoaveis termos. Foi devido aos unicos esforços de Savanarola que se fundou essa instituição. A republica tambem chamou do exilio os descendentes de Dante, que naquella epocha se achavam reduzidos á extrema pobreza.

Durante esse tempo mudára muitissimo o aspecto da cidade. As mulheres haviam abandonado os seus luxuosos vestuarios, e trajavam com simplicidade. Os moços tornaram-se modestos e religiosos. Durante as horas de descanso, em meiado do dia, viam-se os negociantes nas suas lojas lendo a Biblia, ou alguma obra de Savanarola. As Igrejas enchiam-se de devotos, e as esmolas aos pobres que mereciam eram regularmente distribuidas. O facto mais maravilhoso, porém, foi vêr os negociantes e banqueiros restituirem, por escrupulos de consciencia, sommas que ás vezes subiam a milhares de florins, de que se haviam apossado illegalmente. Tudo isto se realisou pela influencia individual de um unico homem.

Após as prédicas da quaresma de 1495, Savanarola achou-se completamente exausto de forças. Alimentava-se mal; guardava fielmente os dias de jejum. A sua cama era mais dura do que as de seus irmãos, a cella em que elle habitava era mobilhada com mais pobreza: tinha abjurado todas as commodidades. Se era severo para com os outros, era-o ainda mais para comsigo mesmo. Ficou extraordinariamente magro; as suas forças estavam visivelmente exauridas, e a debilidade se lhe augmentára com interno soffrimento. «Tal era, porém, diz Villari, a indomovel coragem do frade, que, apenas terminadas as lutas politicas, enctou elle uma serie de sermões sobre Job. A sua debilidade physica parecia augmentar-lhe a exaltação moral. Os olhos chammejavam-lhe, o corpo tremia-lhe

todo. A sua linguagem tornou-se mais apaixonada do que habitualmente, sendo ao mesmo tempo, porém, mais compassiva e meiga ».

Em 1495, Savanarola foi ameaçado de morte pelos Arrabiati, um club florentino composto de conspiradores a favor dos Medicis. Julgavam que com a morte do frade cessaria a republica. A' vista disto, um corpo de voluntarios armados acompanhava-o e cercava-o no trajecto do Duomo ao convento de S. Marcos, e vice-versa. O papa Borgia, Alexandre VI, enviou de Roma um breve, suspendendo as suas prédicas, e declarando-o ao mesmo tempo propagador de falsas doutrinas. Durante o tempo em que elle foi obrigado a guardar silencio, os Arrabiati tentaram reviver os divertimentos obscenos do carnaval. Savanarola tentou pôr termo a isso, organisando a « Reforma das crianças ». Os filhos dos seus adeptos formaram uma procissão e percorreram as ruas de Florença, esmolando para os pobres protegidos do convento de S. Marcos.

Afinal o papa revogou a sua ordem, e permittiu que Savanarola continuasse a prégar. Offereceu-lhe a dignidade de cardeal, com a condição, porém, de que elle mudaria o estylo de seus sermões. O frade recusou o offerecimento. No seu sermão prégado na manhã seguinte, no Duomo, dizia : « Não quero chapéo nem mitra, Não desejo cousa alguma além daquillo que foi dado aos santos, — a morte. Se eu quizesse dignidades, bem sabem que ha muito tempo teria deixado de me envolver no meu esfarrapado habito. Estou preparado para dedicar a existencia ao cumprimento do meu dever. »

Sobrevieram grandes afflicções para a republica. Durante o cerco de Piza, ficaram os Florentinos reduzidos á maxima miseria. Os pobres morriam á fome nas ruas e nas estradas. Espalhou-se depois a peste, que

fez estragos enormes. Invadiu ella o convento de S. Marcos. Savanarola mandou para o campo os timidos e os enfermos, e deixou-se ficar entre os seus fieis. Na cidade morriam cerca de cem doentes por dia. Savanarola estava sempre prompto a visitar as casas empestadas, e a prestar os ultimos soccorros da religião aos moribundos. Ao cabo de um mez, a peste diminuiu de intensidade, e recommçaram as conspiraçõs contra a republica.

Savanarola conservava-se a maior parte do tempo no convento. Trabalhava diligentemente na sua obra « *A victoria da cruz,* » corregindo as provas que lhe iam da typographia. Naquelle tratado demonstrava elle que o christianis.no se basea na razã, no amor e na consciencia. Era uma resposta aos breves do papa, e foi adoptado como livro das escolas pela congregaçã *de propaganda fide.*

Nã obstante, em Maio de 1492 o papa lavrou sentença de excommunhão contra Savanarola. Os fieis foram prohibidos de lhe prestarem auxilio de qualidade alma, ou de se communicarem com elle, como pessoa excommungada e suspeita de heresia. No mez seguinte, foi a excommunhão lida publicamente, com toda a solemnidade, na cathedral. O clero, os frades de muitos conventos, o bispo e os altos dignitarios acharam-se presentes. Depois de lido o breve, foram apagadas todas as luzes do templo, que ficou entregue ao silencio e á escuridão.

Dous dias depois, os monges de S. Marcos foram interrompidos em seus canticos religiosos pela vozeria que fóra do convento fazia a multidão, apedrejando as janellas do edificio. As autoridades nã quizeram intervir, e as cousas foram, de dia para dia, indo de mal a peor. Reinava a devassidão mais uma vez. As igrejas

esvasiaram-se, e encheram-se as tavernas. As idéas de patriotismo e de liberdade jaziam todas no olvido. Eram estes os primeiros fructos da excommunhão de Savanarola fulminada pelo Borgia. Muitas tentativas se fizeram para que o papa annullasse a sentença; foram baldadas. O papa ameaçou a cidade com um interdicto, com o confisco dos bens dos negociantes florentinos estabelecidos em Roma. Ordenou ás autoridades que para alli enviassem Savanarola. Responderam ellas que exilar o frade de Florença era expôr a cidade aos maiores perigos. Persuadiram Savanarola a ir novamente prégar na cathedral, e elle consentiu. Prégoou o seu ultimo sermão no dia 19 de Março de 1498.

Seguiu-se então uma grande mudança na opinião publica. Transformou-se esta rapidamente, como que impellida pelo sôpro do vendaval. Savanarola trabalhára durante oito annos na cidade de Florença. Chamára o povo ao arrependimento, á vida honesta e á paz commum; exhortara-o a lutar pela liberdade, a abandonar o jogo e a devassidão, e, o que é mais, incitara-o a exigir a reforma da Igreja. Tinha sido o homem mais popular de Florença, e era agora o menos querido do povo. A maré mudára repentinamente. Os seus amigos tinham desaparecido, ou se occultavam, porque Florença inteira parecia ser-lhe hostile.

Os franciscanos desafiaram-n'o ao julgamento do fogo, — um dos barbaros costumes da idade-média. Savanarola oppôz-se, embora o seu irmão Domenico quizesse que elle aceitasse, tal era a confiança e a fé que depositava no frade. Outros monges estavam promptos a acompanhal-o. Elle, porém, reconheceu a inteira inefficacia e parvoice da prova proposta, e recusou-se a entrar no fogo. Os resultados dessa recusa não se fizeram esperar. O convento de S. Marcos foi atacado pela

população, a cuja frente se achavam os Campagnacci, que quizeram deitar fogo ao edificio. Alguns amigos de Savanarola, que estavam armados, quizeram defender o mosteiro; o frade, porém, deteve-os, dizendo: « Deixem-me ir, pois esta tempestade se desencadeia por minha causa; deixem-me entregar-me ao inimigo. » Os monges prohibiram-n'o de fazer semelhante cousa.

As autoridades, isto é, os oito cidadãos que, sob a designação de Senhoria, estavam incumbidos do governo da cidade, enviaram uma força armada a Piazza. Os officiaes dessa força intimaram aos homens que se achavam no convento a entregar as armas, e declararam Savanarola banido, com ordem de sahir do territorio florentino no prazo de doze horas. Os homens do convento tentaram defendel-o, e muitos combatentes, tanto de um como de outro lado, foram mortos. Savanarola continuou a orar. Afinal, vendo a morte dentro e fóra do mosteiro, ordenou aos irmãos e aos amigos que abandonassem a defesa e seguissem-n'o á bibliotheca, situada no interior do convento.

No centro da sala, sob as singelas arcadas de Michelozzi, collocou elle o Santissimo Sacramento, e, reunindo os seus irmãos em torno de si, dirigiu-lhes as suas ultimas palavras:— « Meus filhos, aqui, na presença de Deus, perante a sagrada Hostia, e com os meus inimigos no convento, confirmo de novo a minha doutrina. Tudo quanto hei dito tem-me sido inspirado por Deus, e no céo me é elle testemunha de que as minhas palavras são verdadeiras. Nunca pensei que a cidade de Florença tão cedo se voltasse contra mim. Cumpra-se a vontade do Senhor! O meu ultimo conselho é o seguinte: sejam as vossas armas a fé, a esperança e a oração. Deixo-vos com magua e dôr para entregar-me aos meus inimigos. Não sei se exigirão a

minha vida ; de uma cousa, porém, estou eu certo : é que, morto, eu poderei auxiliar-vos mais no céo, do que, vivo, pude fazel-o na terra. Consolai-vos, abraçai-vos á cruz, que encontrareis nella o porto da salvação. »

As tropas, nessa occasião, invadiram o convento e apoderaram-se de Savanarola. Ataram-lhe as mãos nas costas, e conduziram-n'o preso á presença da Senhoria. O povo mostrava-se feroz, e foi com difficuldade que o impediram de trucidar o frade. Dous dos irmãos da ordem insistiram em acompanhal-o. Chegados ao seu destino, os frades foram enviados para as suas cellas. A Savanarola foi designada a cellula conhecida sob o nome de *Alberghettino*, um pequeno quarto na torre do palacio, o mesmo onde estivera preso durante algum tempo Cosme de Medicis.

Savanarola foi immediatamente torturado. Levaram-n'o á presença dos magistrados na torre do Bargello ; e, depois de o interrogarem, de o ameaçarem, de o insultarem, applicaram-lhe a tortura da corda. Nessa tortura, enfiava-se uma corda em uma roldana fixada na extremidade de um poste bastante elevado. As mãos da victima eram atadas nas costas, e passava-se-lhe em torno dos pulsos a ponta da corda ; e nessa posição era ella alternativamente suspensa e abaixada com rapidez pelo carrasco. Os braços, assim distendidos pelas costas, descreviam um semicirculo ; os musculos repuchavam-se no movimento e os membros todos tremiam com a dôr. Quando continuado por algum tempo, esse supplicio produzia o delirio e a morte.

Savanarola, desde a mais tenra idade, fôra sempre de uma saude delicada e de corpo franzino ; e, em consequencia de sua abstinencia, de suas longas vigalias e de suas quasi ininterrompidas prédicas, alliadas a uma séria enfermidade, tornára-se tão fraco e nervoso, que a sua vida

para bem dizer, era um continuo padecimento, e só se preservava pela extraordinaria força de vontade que o frade possuia. Tudo quanto lhe acontecêra nos ultimos dias, os perigos que corrêra, os insultos que ouvira, a dôr de vêr-se abandonado pelo povo de Florença, não pouco haviam concorrido para augmentar a sua sensibilidade. Nessas condições é que elle foi submettido áquella violenta e cruel tortura. Foi suspenso e arriado pela corda repetidas vezes. Em pouco tempo o seu espirito vacillou, as palavras se lhe tornaram incoherentes, e afinal, como que desesperando de suas proprias forças, Savanarola exclamou com voz capaz de commover o mais empedernido coração : « Oh ! Senhor ! Senhor ! por que não me tirais a vida ? ! »

O supplicio foi, finalmente, interrompido. Reconduziram Savanarola abatido e banhado em sangue para a sua prisão. Não se imaginam os soffrimentos que elle supportou durante a noite. Raiou afinal o sol, e por volta do meio-dia começou o seu julgamento. Os juizes eram todos seus inimigos. Foi interrogado, e elle respondeu ás perguntas. Um advogado florentino, Ceccome, ouvindo os juizes se lastimarem porque nada podiam encontrar que condemnasse Savanarola, disse-lhes : « Quando não existe uma causa, cumpre invental-a. » Foi-lhe feito pelos juizes o offerecimento de quatrocentos ducados se elle fizesse uma minuta falsa do interrogatorio, adulterando as respostas, de modo a condemnar Savanarola.

A tortura continuou todos os dias, durante as horas tristes da quaresma até os triumphantes jubilos das solemnidades da Paschoa. O interrogatorio durou um mez. Em um só dia foi Savanarola suspenso á corda quatro vezes. Não lhe faltou a coragem um só momento. Seu corpo estremecia de dôr, mas a sua indomavel resolução não vacillava. Applicaram-lhe brasas ardentes á planta dos pés.

Sua alma se manteve firme. Foi de novo recolhido á prisão, onde esteve mais de um mez.

Os delegados do papa chegaram á Florença no dia 15 de Maio de 1498. Savanarola foi, pela terceira vez, chamado á presença dos juizes. Por ordem do cardeal Romolino, foi elle de novo despido e suppliciado com barbara crueldade. Ficou então delirante, e deu respostas incoherentes, que o advogado se apressou em adulterar. Fel-o dizer aquillo que os algozes queriam que elle dissesse. Cmtudo, não conseguiram seus fins. O interrogatorio não foi assignado, nem publicado.

Os delegados reuniram-se no dia 22 de Maio e lavraram sentença de morte aos tres frades, com o consentimento da Senhoria. A sentença foi immdiatamente communicada ás victimas. Estas esperavam-n'a já. Dominico recebeu a noticia de sua morte como se fôsse o convite para uma festa. Savanarola foi encontrado de joelhos, orando. Depois de ouvir a sentença, continuou a orar fervorosamente. Ao cahir da noite, offereceram-lhe a ceia; elle, porém, recusou-a, dizendo que ia preparar o seu espirito para caminhar ao encontro da morte.

Pouco depois, um monge, Jacopo Niccolini, penetrou na cellula de Savanarola. Trajava um habito preto e occultava a cabeça em um capuz. Era um *Balthute*, pertencia a uma associação cujos membros iam voluntariamente assistir aos ultimos momentos dos condemnados á morte, afim de consolal-os. Niccolini perguntou a Savanarola se podia servir-lhe em qualquer cousa. «Póde, respondeu Savanarola; peça á Senhoria que consinta em deixar-me conversar alguns momentos com os meus companheiros de infortunio; desejo dirigir-lhes algumas palavras antes de morrer». Durante a ausencia de Niccolini, foi um frade beneditino ouvir

de confissão os prisioneiros; ajoelhando-se humildemente, cumpriram elles os seus deveres religiosos com a maior unção.

Os tres frades encontraram-se ainda uma vez. Era a primeira, após quarenta dias de prisão e de torturas. Não tinham então outra idéa senão a de caminharem corajosamente ao encontro da morte. Os dous irmãos ajoelharam-se aos pés de Savanarola, seu superior, e receberam a sua benção. A noite ia adiantada quando elle voltou á sua cellula. O caritativo Niccolini lá se achava. Em signal de affeição e reconhecimento, Savanarola deitou-se no chão aos pés do monge e adormeceu com a cabeça no seu regaço. Ao alvorecer, despertou e fallou a Niccolini. Procurou incutir no espirito deste as futuras calamidades de Florença.

Pela manhã, os tres frades se encontraram novamente, afim de receberem o Sacramento. Savanarola administrou-o aos seus dous irmãos. Receberam-n'o com jubilo e consolação. Foram então conduzidos a Piazza. Tinham sido levantadas tres tribunas na Renghiera, destinadas ao Bispo de Vasona, aos delegados do papa e aos *Gonfalonieri* (os principaes magistrados da republica de Florença). O cadafalso estava armado no largo do Palazzo-Vecchio. Em uma das extremidades havia uma trave, da qual pendiam tres cordas e tres correntes. Os tres frades deviam ser enforcados, e as correntes eram destinadas a suspender os tres cadaveres enquanto a fogueira embaixo os consumia.

Os prisioneiros desceram as escadas do palacio. Despiram-lhes os habitos pardos, deixando-os apenas com as tunicas. Caminhavam descalços com as mãos atadas ás costas. Foram conduzidos primeiro á presença do bispo de Vasona, que proferiu-lhes a degradação. O bispo pegou no braço de Savanarola e disse:

« Separo-te da Igreja militante e triumphante! » O frade retorquiu: « Da militante; *da triumphante* não! Não tens o poder de fazel-o! » Levaram-os em seguida á presença dos delegados do papa, que os declararam schismaticos e hereticos. Em ultimo logar, foram conduzidos perante os *Gonfalonieri*, os oito membros do governo, os quaes, segundo o uso, puzeram a condemnação a votos, passando a sentença sem protesto.

Estavam promptos então para o supplicio. Os frades adiantaram-se a passo firme para o cadafalso. Um padre, chamado Nerotti, perguntou a Savanarola: « Em que estado de alma soffres tu o martyrio? » — Respondeu o condemnado: « Mais do que eu, soffreu o Senhor por mim. » Foram as suas derradeiras palavras. Fr. Salvestro foi o primeiro executado; seguiu-se-lhe Domenico; após elles, foi Savanarola impellido a tomar logar entre os dous. Subiu até o alto da escada e contemplou o povo, que havia tão pouco tempo ainda ficava pendente de seus labios no recinto do Duomo. Que mudança! A inconstante populaça clamava pela sua morte. Entregou o pescoço á corda e o carrasco executou-o. A sua morte foi instantanea. Por seu turno as correntes cingiram os corpos, e o fogo consumiu-os em pouco tempo. As cinzas foram recolhidas e atiradas, do alto da ponte Vecchia, no Arno. Realizou-se a execução no dia 23 de Maio de 1498, quando Savanarola contava apenas quarenta e cinco annos de idade.

Embora Luthero o canonisasse como martyr do protestantismo, não foi essa a razão da condemnação de Savanarola (*): matou-o o seu intenso amor da

(*) Savanarola era, de facto, mais catholico do que os proprios catholicos. Uma das accusações que elle mais frequentemente fazia aos padres era a da falta de crença na transubstanciação.

liberdade. Não era seu fito abandonar a Igreja; queria apertar mais os laços da liberdade e da religião, restaurando-as ambas aos seus verdadeiros princípios. Foi por ellas que elle supportou o martyrio; foi para conseguir o seu intento que consagrou a vida ao seu Deus e á sua patria. Quando se realizarem as reformas que elle almejava, o christianismo attingirá o seu completo desenvolvimento, e a Italia se achará collocada á frente da nova civilisação.

Florença é uma das mais memoraveis cidades. Tem sido a patria de grandes pensadores, de grandes poetas e de grandes artistas,—a patria de Dante, de Galilêo, de Leonardo de Vinci, de Miguel Angelo, de Raphael (*), de Donatello, de Lucca della Robbia, de Machiavel, e de muitos outros homens illustres. Encontam-se alli « a estatua que assombra o mundo », as obras gloriosas dos mais notaveis pintores da Italia, o observatorio de Galilêo, a casa em que nasceu Dante, o palacio em que morreu Lourenço de Medicis, o lar e o tumulo de Miguel Angelo.

Os logares, porém, mais interessantes de Florença talvez sejam o Duomo, onde Savonarola prégou com tão fervorosa eloquencia; o convento de S. Marcos, onde elle passou a vida toda de pobreza, de devoção e estudo; e o Palazzo Signora, onde foi entregue ao poder dos tyrannos para morrer da morte dos martyres. No convento de S. Marcos ainda se conservam intactas a pequena cella em que elle vivia, a Biblia com que ia ao pulpito prégar,—uma bibliasinha de algibeira, com as margens cobertas de innumeradas notas autographas, escriptas com letras tão miuda que quasi

(*) Nascido em territorio dependente de Florença.

não podem ser lidas sem o auxilio do microscopio. Tudo alli se acha reunido, o seu retrato, os seus manuscritos, os seus emblemas de devoção, e muitas outras reliquias interessantes.

Ha muito que a Italia revogou a condemnação de Dante por Florença; que apagou a injusta sentença, elevando nas principaes cidades estatuas á memoria do grande poeta. Porque não fará tambem justiça a Savonarola, o patriota e martyr, erigindo-lhe um monumento? O logar alli está,—o largo do Palazzo-Vecchio, onde elle tão corajosamente entregou a sua vida á causa da religião e da liberdade!

CAPITULO VII

O MARINHEIRO.

Inglaterra! que o mar ovante cerca,
E cujas praias repellem de Neptuno
As ondas curiosas!

(*Falconer.*)

Em ti, glorioso e bello cceano,
A saude, a alegria, a benção'stão ;
Solemne e meiga a tua voz me pede
O jubilo e o pranto ao coração :
Pranto pelos que teu seio encerra,
Jubilo pelos que não vence a guerra !

(*O capitão HARE da «EURYDICE.»*)

Na prôa do navio está a dadiva de
um outro mundo. Sem elle, qual se-
ria a prisão mais forte do que o im-
menso mar? As cavilhas que unem
as taboas do navio são os elos da
amizade das nações. Aquelle ferro
faz mais do que attrahir o raio : le-
va o amor em volta do mundo.

(*RUSKIN.*)

O mar tem embalado os mais esforçados homens. Os perigos da vida do mar educam o homem na escola da coragem, e incutem-lhe no animo um profundo sentimento do dever. A vida do marinheiro é uma vida de paciencia, de actividade e de vigilancia. E' cheia de cuidados e de responsabilidade. Não é como a vida em terra, onde o homem, findo o trabalho diurno, póde recolher-se ao lar e dormir tranquillo.

O marinheiro deve estar sempre alerta, tanto de dia como de noite. Nas viagens longas, o piloto póde descansar no seu camarote enquanto os ventos estão brandos e as ondas calmas. Tem obrigação, porém, de desenvolver a sua vigilancia e actividade quando

a tormenta se desencadeia e as ondas se revoltam. Cumpre metter as velas nos rizes, ou então mudar o rumo da embarcação. Póde isto acontecer á noite. O marinheiro tem que subir ás vergas. Vai só, e com risco de vida. A refrega do vento póde derrubá-lo; um choque inesperado do navio, sacudido por um vagalhão, póde fazel-o cair, e, no meio do fragor da tempestade e da escuridão da noite, a sua quéda passa despercebida. O navio continúa na sua derrota.

O primeiro homem que foi ao mar alto, em um bote sem convez, fóra da vista de terra, deve ter-se achado possuido de assombro ao contemplar a sua situação. Nada em torno de si; por cima o céo, e embaixo o mar; — e entre elle e a morte apenas uma taboa! Que nova sensação de responsabilidade e coragem não terá experimentado aquelle marinheiro! Mesmo para os que vivem em terra o mar é um grande educador. O Dr. Arnold diz que não ha nada que disperte mais o character de uma criança intelligente como a primeira vista do mar. O Dr. Channing, quando ainda menino, passou a maior parte do seu tempo nas praias de Newport. Mais tarde, repetia elle sempre: «Um dos principaes auxiliares da minha formação como homem foram aquellas praias.»

Alguns chamão ao mar um vasto deserto de aguas. O mar, para quem o contempla do alto de um rochedo, parece illimitado: — não se percebe nada além da agua. Se o tempo está sereno, as ondas vêm mansas lambem-nos os pés. Outras vezes volta-se e revolve-se; vem loucamente, em enormes ondas enoveladas, lançar na praia as suas alvas espumas. Ora, é quieto e cheio de espreguiçamentos felinos; ora, ruge e uiva como a panthera. O mar de nada se lembra. Esmaga o navio de encontro ás penedias, e depois deixa-se embalar em somnolencias.

«Ha magoas no mar, disse Jeremias, pois que elle jamais repousa.» Nelle se afogam a humanidade e o tempo. Pertence á eternidade. O seu queixume dura sempre e sempre.

O mar, porém, tem intima relação com o progresso da humanidade. Por que razão a Inglaterra excede a todas as outras nações nos cuidados com que cerca aquelles que vivem no mar? Porque somos uma nação essencialmente maritima, e é por esse mesmo motivo que o povo inglez é tão commercial. Desde as barcas de pesca das nossas costas, que diariamente nos fornecem o peixe, até os enormes vapores que viajam para a America e para a China, para a India e para os portos europeus, em busca dos necessarios productos para as commodidades da nossa vida, muito devemos aos nossos marinheiros. Nunca, talvez, houvessemos conseguido ser uma grande nação, ou, em todo o caso, uma nação livre e grande, se não fôsse o mar que nos cêrca.

O profundo fôssco maritimo que nos separa do continente tornou o nosso paiz asylo dos perseguidos de todas as nações. Ha duzentos annos, com a revogação do edito de Nantes, recebêmos em nosso seio os melhores homens do commercio da França; e a nossa actual supremacia no commercio é em grande parte devida ás lições de industria e manufactura que aprendemos com os refugiados francezes. E' o commercio que mantem a nossa marinha. E' elle que traz o pão ás nossas plagas. Não é só isso: é o commercio que tende a civilisar o mundo.

Sir Samuel Baker, em uma conferencia que fez em Londres, disse que o commercio era o melhor systema de missões para conquistar os paizes da Africa. Os indigenas, que são homens de bom-senso, deixam-se influenciar por aquillo que reconhecem como proveitoso e

benefico para elles. Nada póde aproveitar mais áquelles selvagens do que a introduccão do commercio em seus paizes, pois o commercio tenderia a excitar-lhes o desejo de produzir na sua terra aquillo — que ella é apta para produzir com mais abundancia, afim de trocarem o fructo de seu trabalho por varias commodidades, que, embora desconhecidas presentemente entre elles, em breve se tornariam imprescindiveis necessidades. (*)

(*) Em outra occasião, Sir Samuel Baker exprimiu-se nos seguintes termos: — « Como exploradores e viajantes, temos um dever a cumprir. Não consiste a exploração sómente em penetrar nos paizes desconhecidos; consiste principalmente em regressar de lá trazendo informações que sejam de valor commercial para a patria. Sempre notei que, por muito arduos que fossem as fadigas e os soffrimentos do explorador, nenhum valor teriam as suas viagens, se nellas não encontrasse elle algum producto natural que tivesse valia mercantil, de modo que aos seus passos, que seriam os primeiros, se seguissem logo os passos das empresas commerciaes. Devemos ter orgulho, e muito, da parte tomada pela Inglaterra, nos ultimos seculos, principalmente no reinado de Izabel, na civilisação do globo. O novo mundo da America foi quasi que totalmente conquistado por Inglezes, bem como a Australia; e é digna de nota a enorme quantidade de colonias onde predomina a lingua ingleza. Essas conquistas são mais o resultado das empresas commerciaes do que da descoberta dos viajantes, e mostram como os paizes até então barbaros se podem civilisar gradualmente. Os mais audazes viajantes e descobridores foram os Portuguezes e os Hollandezes; mas é só pela actividade commercial que os descobrimentos dos viajantes se tornam uteis á humanidade. Volto para a Inglaterra firmemente convencido de que, se esta nação quizesse tomar a si o desenvolvimento dos recursos naturaes da Africa Central, dia viria, e não muito remoto, em que paizes até agora habitados apenas por tribus

O descobrimento de todos os paizes novos é devido a marinheiros, — desde Colombo até o capitão Cook. Suppõe-se que os primeiros descobridores da America do Norte foram os Islandezes ; porém não se estabeleceram alli. Christovão Colombo e Americo Vespuccio foram os primeiros que relataram ao mundo as suas descobertas. Os Portuguezes e os Hollandezes figuram entre os mais notaveis descobridores do mundo. Fernando de Magalhães foi o primeiro que fez a volta do globo. Contava elle apenas vinte annos de idade quando Christovão Colombo descobriu a America. A sua primeira viagem foi para a Africa e para as Indias. A seguinte foi para a America do Sul. Desceu pelas costas de Guiné e do Brazil, e aportou na bahia do Rio de Janeiro. Continuou a sua derrota para o sul, e descobriu o estreito de Magalhães, por onde entrou no Oceano Pacifico.

Os Hollandezes foram tambem muito ousados nas suas descobertas. Foram os primeiros, sob o commando de Barentz, a se exporem aos perigos do cabo do Norte. Descobriram então a Nova Zembla ; dahi se dirigiram para o sul, e descobriram a Australia (Nova Hollanda), a terra de Van Diemen, e as ilhas do Mar Malaio.

A descoberta do caminho das Indias pelo Cabo da Boa-Esperança, feita por Vasco da Gama, foi um grande acontecimento na historia commercial. Revelou ás nações do Occidente o caminho do mar para as longiquas regiões do Oriente. Essa descoberta é disputada pelos Hollandezes. Dizem que os primeiros a alcançarem as

selvagens, achar-se-hiam, gradativamente, englobados no circulo da civilisação. Este resultado se obteria simplesmente por meio do commercio. »

Índias pelo caminho do Cabo foram os irmãos Houtman, e que naquellas paragens lançaram elles os primeiros fundamentos do grande monopólio que se chamou Companhia Hollandeza das Índias, com o qual a pequena republica dos Paizes-Baixos conquistou tanto poder material por meio de seus navios, de suas colónias e de seu commercio.

Os Inglezes, naquella epocha, ainda não se haviam feito um povo commercial. O commercio tendia a espalhar-se pelo occidente da Europa, mas ainda não havia chegado até á Inglaterra. O paiz produzia unicamente a materia prima. A propria lã ingleza era mandada para a Belgica afim de ser tecida. Existiam muitos marinheiros na Inglaterra; não tinham, porém, emprego, porque não havia commercio. Eram no entanto de uma disposição extraordinariamente bellicosa. Quando não havia guerra com paiz estrangeiro, lá iam elles para o mar a combaterem uns com os outros. Os portos vizinhos de Lowestoft e Yarmouth estavam, o mais das vezes, em guerra aberta. Não se lhes dava, de vez em quando, exercitarem-se um pouco na honrosa profissão da pirataria. Aventuravam-se ao mar alto, e apossavam-se dos navios que passavam na altura de seus respectivos portos.

Foi sómente no reinado de Izabel que a Inglaterra produziu a sua phalange de grandes homens de mar. Conhecem todos os nomes de Drake, Raleigh, Hawkins e outros heroes inglezes que primeiro sulcaram o oceano. Nas suas casquinhas de nozes, lá iam elles em busca de mares desconhecidos e de novas terras, que mais tarde seriam a patria de seus descendentes. Naquella epocha a Hespanha e a Inglaterra estavam em guerra, e muitas e renhidas foram as lutas dos Inglezes com os inimigos, em terra e no mar. E, quando a Hespanha, a mais poderosa das nações europeas, tentou invadir a Inglaterra com a sua Armada

Invencível, este ultimo paiz tinha conseguido já formar nas lutas anteriores um corajoso bando de marinheiros disciplinados. Foi esta uma das maiores lutas pela patria, pela religião, pela honra e pela independencia, que a historia tem conhecido.

Sir Francisco Drake é um dos heroes do mar que se destacam com mais proeminencia nos annaes daquella epocha. O Sr. Motley diz que elle foi um dos grandes vultos do seculo decimo sexto. Drake foi um perfeito homem do mar. Era de origem obscura. Foi a principio aprendiz a bordo de um lúgar, onde se exercitou na arte da navegação. Morrendo o mestre da embarcação, deixou-a elle ao seu aprendiz. Após algum tempo consumido em navegar nos pequenos mares, Drake ariscou as suas economias em uma viagem com o almirante Hawkins. Foi aprisionado pelos Hespanhoes, e a muito custo escapou com a vida. Nas suas futuras expedições contra os Hespanhoes, foi sempre bem succedido. O rei de Hespanha fechou os seus portos a todos os navios de propriedade ingleza, então na Hespanha ou em suas possessões. Drake fez-se ao mar com seis navios armados, e capturou San Domingo, Carthagená e Santo Agostinho. Philippe II preparou então a mais formidável armada que as marinhas unidas da Hespanha, Portugal, Napoles, Sicilia, Genova e Veneza podiam enviar através dos mares, a fim de esmagar a rainha heretica da Inglaterra. O papa abençoou a expedição. A Inglaterra não se atemorizou com aquelle grande empreendimento maritimo. A nação inteira uniu-se em um só pensamento, em um só coração. Os homens de todos os partidos se juntaram, catholicos e protestantes. Shakspeare vivia então, e assim exprimiu-se elle a respeito do audacioso attentado contra a liberdade ingleza :

« Embora contra nós tres mundos venham,
« Fazer-nos recuar, oh ! não ! não podem,
« Se a Inglaterra fiel fôr a si mesma ! »

Drake resolveu descarregar um golpe no proprio plano dos hespanhoes. Fez-se á vela do porto de Plymouth com quatro náos da rainha e vinte e quatro navios fornecidos pelos negociantes de Londres. Nos primeiros dias do mez de Abril de 1587, a esquadra ingleza entrou no porto de Cadiz e cahiu sobre os navios destinados á invasão da Inglaterra. Alguns dellés eram os maiores então conhecidos. Um era de 1.500 toneladas, outro de 1.200 e diversos de 1.000 e de 800. Drake destruiu 10.000 toneladas do material da armada, com o seu armamento. Durou duas noites a sua obra de destruição, consistindo ella em metter a pique, aprisionar, desarmar e incendiar os navios hespanhoes. Quando elle sahiu do porto, ardiam em chammas cento e cincoenta navios inimigos, illuminando com o clarão do seu incendio as muralhas e as fortalezas de Cadiz.

Na sua volta para a Inglaterra, Drake aprisionou e destruiu mais cem navios hespanhoes, apoderando-se de parte do seu carregamento e prendendo as suas tripolações. Apprehendeu tambem um galeão cujo carregamento era de extraordinario valor. Conduziu tudo para a Inglaterra. Alli chegado, declarou que pouco era o que havia feito, pois immenso era o poder e extraordinarios os preparativos da Hespanha. « Em pouco tempo, disse elle, quarenta mil homens estarão no mar, bem armados e bem providos, e toda a energia da Inglaterra nos seus preparativos de resistencia não será demasiada. »

Philippe II empregou todos os meios para tornar a sua armada invencivel. Dispendêra perto de cincoenta

mil ducados para preparal-a. O papa emprestara-lhe mil ducados para as despezas do armamento. Além disso, o rei tinha dous milhões de ducados em reserva. A armada compunha-se de cento e trinta e seis náos. Eram as maiores que até aquella epocha se haviam construido. Levavam a bordo trinta mil soldados de infantaria hespanhola, dous mil galés para remarem quando falhasse o vento, e duzentos e noventa frades, padres e familiares da Inquisição. Além deste grande exercito, trinta mil homens se achavam de promptidão nos Paizes-Baixos, á espera do primeiro signal para acudir em auxilio das tropas da armada. Eram estas as forças contra as quaes se iam bater os soldados inglezes. Antes de fazer-se a armada ao largo, o papa Xisto V publicou a sua bulla declarando Izabel illegitima e usurpadora, e conferiu solemnemente a Philippe II o throno da Inglaterra, com o titulo de « defensor da fé com obrigação de conservar o novo reino como tributario e feudo de Roma. » Estava, pois, tudo preparado para a conquista da Inglaterra, e a Armada Invencivel fez-se á vela.

Os primeiros navios foram avistados nas costas inglezas a 29 de Julho de 1588. Havia muito que eram esperados. Acenderam-se immediatamente os fogos de signaes nas eminencias do Lizzard, da ponta de Dodman e dos picos de Gibbin e Rame. Quando chegou a Plymouth a noticia de que o inimigo fôra avistado, Drake estava jogando a bola com seus companheiros ; no entanto, antes do anoitecer, sessenta dos melhores navios inglezes sahiram do Porto de Plymouth afim de irem ao encontro do inimigo. Desceram pelo canal inglez. Só no dia seguinte, porém, foi que avistaram os pesados navios hespanhoes. Passou-se ainda outro dia, e afinal tiveram o primeiro encontro.

Os commandantes inglezes eram Drake, Hawkins e Frobisher. Eram perfeitos homens do mar, de coragem, pertinacia e pericia já provadas. Tinham encarado o perigo sob todas as fórmas, e estavam promptos a soffrer tudo pela patria. A sua superioridade tornou-se manifesta logo ao primeiro encontro. Souberam, com rara habilidade, aproveitar-se das vantagens que podiam obter do vento, e bombardearam o inimigo, conservando-se sempre fóra do seu alcance. Os navios inglezes, sendo muito leves e faceis de manobrar, gyravam com rapidez em torno dos pesados galeões, mettendo-lhes balas em todas as suas evoluções. Quizeram os Hespanhoes provocar um combate geral; os Inglezes, porém, esquivaram-se, limitando-se a se afastarem pouco do inimigo e a seguirem-n'o tenazmente. Continuaram a bater em retirada ao longo da costa, até passarem o porto de Plymouth, donde sahiram embarcações com reforço para a esquadra ingleza. Chegada a noite, atearam-se novamente os fogos de signaes, de modo que se conhecesse sempre o logar onde continuava a peleja. Os Hespanhoes confundiram-se uns com os outros, e um dos seus navios foi incendiado por um alliado hollandez. Ficando afastado um dos navios da recta-guarda da armada hespanhola, Frobisher e Hawkins bombardearam-n'o até á noite; mas foi sómente na manhã seguinte que elle se rendeu á *Revenge*, commandada por Drake.

A' proporção que a armada, acompanhada pela esquadra ingleza, seguia, combatendo, pela costa de Devon e Dorset, o povo se agglomerava nas praias para assistir á peleja. De todos os pequenos portos por onde passavam, Darthmouth, Teighmouth, Lyme e Weymouth, sahiram embarcações, levando homens e provisões, a

encontro da esquadra ingleza, e innumerous navios mercantes faziam-se ao mar para tomar parte na luta. A armada hespanhola chegou até á bahia entre Portland e a enseiada de Santo Albano, quando o vento mudou para o nordeste, dando-lhe vantagem. Os Inglezes foram pouco depois atacados pelos inimigos, que sobre elles avançaram. Todos os navios, uns após outros, entraram no combate, mas os Hespanhoes não puderam lutar com os adversarios, nem abordal-os, em razão dos seus rapidos e arrojados movimentos. E o troar do canhão continuou a fazer-se ouvir por todo o longo da costa. Foram lutas seguidas, sem haver um combate decisivo.

A armada hespanhola passou além da ilha de Wight, em caminho para a enseiada de Calais. Os Inglezes, refeitos de homens e munições, seguiram-n'a vagarosamente. Estavam á espera da junção de Lord Henrique Saymor com a sua flotilha de dezeseis navios, que devia achar-se entre Dungeness e Fokestone. Verificada sua junção, a esquadra ingleza dirigiu-se para Calais, onde encontrou a Armada Invencível, ancorada em semicirculo. Estava á espera dos trinta mil veteranos armados que deviam chegar dos Paizes-Baixos. Ao general Farnese fôra confiada a honra de commandar o exercito hespanhol na sua marcha triumphal até á capital da Inglaterra. A armada esperou em vão. As esquadras aliadas, da Hollanda e da Zelandia, de tal modo bloquearam todos os portos dos Paizes-Baixos, que nem uma casca de noz poderia passar.

Lord Howard, chefe da esquadra Ingleza, reuniu os commandantes em conselho. Resolveram atacar a armada. Era alta noite, o mar estava negro, e ao longe roncava o trovão; de repente, surgiram seis brulotes no meio da armada. O pannico apossou-se dos Hespanhoes. Ouviu-se um só grito na esquadra inteira.

Todos os cabos foram cortados, e os navios começaram a garrar. Os maiores abalroavam-se, e alguns foram incendiados pelos brulotes. O melhor navio da armada, *Capitana*, garrou até á praia, e foi tomada de assalto pelos Francezes. Quando raiou o dia, parte da esquadra hespanhola estava fóra de combate;—o maior numero de navios, porém, tinha-se feito ao mar e demandava os portos dos Paizes-Baixos. Os Inglezes levantaram ferro e seguiram-n'os. Alcançaram a esquadra inimiga na altura de Gravelines e atacaram-n'á immediatamente. Desbarataram a vanguarda e atacaram os navios almirantes. Crivaram-n'os de lado a lado, desmantelaram-n'os, destruíram o seu maçame e rechassaram-n'os até o grosso da armada. Quatro das náos hespanholas abalroaram-se. Os Inglezes continuaram o combate durante seis horas, sempre esquivando-se ás tentativas dos Hespanhoes para a abordagem. Tres navios destes foram a pique antes de terminada a peleja; muitos outros haviam já garrado em direcção ás fataes areias da Hollanda. Dezeseis náos hespanholas estavam inutilizadas, e o numero de soldados inimigos mortos subia a quatro ou cinco mil; no entanto, não se perdêra um só navio inglez, e o numero de mortos não attingira a cem.

O vento soprava com violencia, impellindo os navios para sotavento; vendo isto, Medina Siçonia, capitão-general da armada hespanhola, deu ordem para a retirada. A Invencivel Armada tomou o rumo de nordeste e dirigiu-se para o mar alto. Lord Howard seguiu-a com parte da esquadra; os restantes navios, achando-se desprovidos de munição, recolheram-se ao Tamisa. Caiu então um tufão tremendo. O vento soprando do sul impelliu os galeões hespanhoes para os frios e tradicionais mares do norte. Howard perseguiu-os até á

embocadura de Forth. Foi desnecessario proseguir. Os ventos tinham á sua mercê as nãos inimigas. Os navios, desmantelados, naufragaram uns após outros. Andavam dispersos por todos os lados. Diversos foram a pique nas costas rochosas da Noruega. Não podiam navegar para o sul. O canal da Inglaterra estava bloqueado. Só poderiam alcançar a Hespanha contornando pelas costas occidentaes da Irlanda. Esse rumo, porém, era perigosissimo. Procurando alcançar o mar occidental, muitos navios naufragaram nos rochedos das ilhas Shetland e Orkney. (*)

Uma vez alcançadas as aguas occidentaes, novos perigos assaltaram os Hespanhoes entre as ilhas Hibridas e as do occidente da Escossia. A estação fria já ia muito adiantada, e nessa epocha as tempestades agitam o mar com extraordinaria violencia, de oeste para este. As praias da Escossia e da Irlanda cobriram-se de destroços. Poucos Hespanhoes sobreviveram para narrar os seus desastres; apenas os montões de madeira, arremeçados á praia, revelaram o fim das nãos. Sabe-se, porém, que trinta e seis navios hespanhoes, incluindo o grande galeão do almirante Oquendo, naufragaram nas costas da Irlanda, tendo perecido quasi toda a tripolação. O resto da armada chegou á Hespanha em completa ruina. Os navios estavam estragados de tal maneira, que ficaram completamente inutilizados.

Philippe nunca mais quiz repetir o apprehendimento da sua Armada Invencivel. Foi lhe necessario,

(*) Suppõe-se que um desses naufragios se haja dado na Ilha-Bella, recife constantemente batido pela tormenta. Alguns homens da tripolação devem ter escapado, pois que até hoje se nota certo sangue hespanhol no typo dos naturaes daquella ilha.

porém, manter uma grande esquadra para sustentar a comunicação com as suas possessões americanas, e para proteger o regresso dos seus galeões carregados de ouro. Como continuaram em guerra a Inglaterra e a Hollanda contra a Hespanha, frequentes foram os combates navaes entre as esquadras dessas nações. Os Inglezes e os Hollandezes estavam sempre álerta em procura dos galeões hêsphanhoes, afim de conquistar-lhes o ouro com que Philippe sustentava a luta contra a liberdade da Inglaterra e da Hollanda.

Grandes feitos foram praticados pelos Inglezes heroes do mar. Citemos o ultimo combate de Sir Ricardo Granville, vice-almirante da esquadra da rainha Izabel. Foi elle enviado para as aguas dos Açores, afim de interceptar a passagem da esquadra hespanhola que vinha do Rio da Prata. Philippe II, tendo conhecimento dessa medida, enviou uma poderosa esquadra, composta de cincoenta e tres navios, para frustrar a tentativa dos Inglezes, e para conduzir a salvamento os galeões carregados de ouro. As esquadras encontrarm-se, — seis navios inglezes contra cincoenta e tres navios hespanhoes. Era tamanha a superioridade destes ultimos, que cinco dos navios inglezes, sob o commando de Lord Howard, foram obrigados a fugir. Sir Ricardo Grenville commandava a *Revenge*, o mesmo navio que, sob o commando de Sir Francisco Drake, se batêra tão valentemente contra a Armada Invencivel. Sir Ricardo não quiz ceder: fez frente á toda a esquadra Hespanhola.

Tinha elle comsigo apenas cem homens; estes, porém, eram tão corajosos como elle proprio. Durante doze horas os Hespanhoes crivaram de balas o navio inglez. Abordaram-n'o quinze vezes e quinze vezes foram repellidos com pertinaz denodo. Sir Ricardo foi ferido duas vezes. Conduzido para a camara, recebeu um novo ferimento na

cabeça, ao passo que o cirurgião que o estava curando cahia a seu lado fulminado pela mesma bala. Vendo-se naquelle estado, sem poder mais commandar o navio, Sir Ricardo quiz mettel-o a pique, de preferencia a entregal-o aos Hespanhoes; a tripolação, porém, oppoz-se ao seu intento, e a *Revenge* arriou bandeira, — sendo esse o unico navio aprisionado pelos Hespanhoes. Estava elle, porém, tão estragado pelas balas, que impossivel foi conserval-o á tona d'agua; e, ao cabo de dous dias, a *Revenge* afundou-se.

A força e o commercio caminham sempre juntos. A nação que perde o seu commercio, perde a força tambem. A primeira nação commercial da historia moderna foi a republica de Veneza. Vemos ainda vestigios da sua grandeza nos magnificos palacios que bordam o grande canal, embora a cidade, hoje em dia, esteja entregue á maior pobreza. Depois da batalha de Lepanto, o commercio encaminhou-se mais em direcção ao occidente. Genova tornou-se então o emporio commercial da Europa meridional, ao passo que as cidades anseaticas da Allemanha concentravam o commercio do norte. A Belgica, apezar da pequena extensão de seu territorio, tornou-se um dos paizes mais productores de toda a Europa, mesmo na epocha em que a Hollanda, que então lhe pertencia, ainda não se desenvencilhára totalmente do lodo do Rheno.

O terrorismo do duque d'Alba, no reinado de Philippe II, veiu destruir, porém, o commercio da Belgica. A Hespanha, que fôra durante tanto tempo o almoz do Novo Mundo, — da Allemanha, da Italia, dos Paizes-Baixos, — tornou-se mais tarde o ludibrio da Europa. O grande emporio do commercio foi a Hollanda, ao passo que o trafico da Hespanha declinou gradativamente, até que ella se tornou a nação pauperrima que hoje conhecemos.

O commercio de Inglaterra acompanhou o da Hollanda. Foram ambas nações de marinheiros formadas na mesma origem. Ambas inauguraram uma nova era na historia do mundo. A sua divisa foi sempre esta: « Navios, colonias e commercio. » Cultivaram novas terras e espalharam suas colonias pelo universo. A França, a Hespanha, a Inglaterra e a Hollanda tiveram, ao mesmo tempo, colonias na America do Norte; e ainda hoje existem vestigios dessas colonias; as dos Inglezes, porém, são em numero muito superior a todas as outras. A lingua ingleza é fallada no Canadá, nos Estados-Unidos, na Australia, na Nova-Zelandia, no Cabo da Boa-Esperança e nas ilhas da India, e daqui a um seculo será a lingua mais espalhada e conhecida do universo. Tudo isto é gerado pelos navios e pelos marinheiros.

Durante a guerra da Revolução franceza, Napoleão fechou todos os portos da Europa aos navios inglezes. Sua prohibição estendeu-se desde Napoles, na Italia, Toulon, em França, e Cadiz, na Hespanha, a todas as enseiadas da Hollanda, Allemanha e Dinamarca até Dantzic no Baltico. Napoleão odiava a esquadra ingleza. Seguiu-o ella pelo Mediterraneo e alcançou-o em Aboukir. Foi ella quem destruiu os navios francezes em Boulogne; foi ainda ella que conduziu as tropas inimigas a Coruna, a Torres-Vedras, á Belgica, tropas que o venceram. Napoleão nunca perdoou a esquadra ingleza.

No entanto, a sua força fez-se sentir em toda a parte. Muitos heroes a commamdam, e acima de todos elles Nelson. Foi este um homem de extraordinario genio. Possuia rara clareza de percepção e descommunal energia em suas acções. Sentia que a sua missão e o seu dever eram velar pela existencia da Inglaterra. Homens e mulheres ficavam tranquilos de animo quando Nelson vigiava o mar. Não era apenas um marinheiro habil e corajoso.

Ardia-lhe tambem no coração a pura chamma do patriotismo. As suas fraquezas eram tão distinctas como o seu talento e as suas qualidades. Apesar disso, porém, ha de elle ser sempre um dos mais heroicos vultos do mundo. As suas ultimas palavras foram estas: «Cumpro meu dever; rendo, por isso, graças ao Senhor!»

Os nossos marinheiros são nossos sómente, e são unicos, formados pela tradicção de uma raça naval, seguindo o commercio pelos seus instinctos, soffrendo em seus habitos a reacção desse mesmo commercio, e constituindo pela isolacção da patria o typo especial do povo inglez. Na sua galeria de retratos, não cita Plutarcho ninguem que nos lembre Drake ou Grenville, Collingwood ou Nelson. Os nossos marinheiros pertencem-nos, não se confundem com outros. O seu character foi assim descripto por Lord Sandon, em Liverpool, fallando elle a um grande numero de moços que se destinavam á carreira da marinha mercante: «Haverá cousa mais nobre do que um bom marinheiro inglez? E quaes são os melhores predicados do character do marinheiro inglez? Na minha opinião consistem em *ser leal, brioso, benigno, indulgente para com os fracos, e firme no cumprimento do seu dever para com Deus e para com a patria*. Os homens mais felizes são aquelles que pensam nos outros antes de pensarem em si, que cumprem o seu dever, confiando o resto a Deus. É esta a melhor norma de vida, é assim que se formam os mais nobres caracteres inglezes.»

As condições prescriptas pela rainha para se obter o premio que Sua Magestade confere aos aprendizes marinheiros são as seguintes: «*Submissão, sem constrangimento, aos seus superiores, pundonor e independencia de character, benevolencia e protecção aos fracos, promptidão em perdoar as offensas, desejo de concillar as desavenças*

dos outros, e, acima de tudo, corajosa dedicação ao dever e sinceridade á toda prova. » Se taes principios forem postos em acção, produzirão um character quasi perfeito e digno de figurar em todas as posições da sociedade.

O marinheiro deve ser leal ao seu navio. Na hora do perigo, o capitão deve ser o ultimo a abandonal-o. Seja qual fôr o perigo, o fogo ou a tempestade, o capitão deve tratar de salvar em primeiro logar as mulheres e as crianças, em seguida os passageiros, após estes a tripolação, e em ultimo logar a si proprio. Em taes casos, a coragem, como a virtude, encerra em si mesma a recompensa. Não deve pôr a mira nos applausos. « Cumpriu o seu dever », eis o melhor elogio do marinheiro. O perigo proporciona ao marinheiro o ensejo de patentear as suas mais nobres qualidades. Quando muitas vidas se acham em perigo, a honra nos obriga a empregar todos os meios para salval-as. Embora o homem corajoso reconheça todo o perigo que o ameaça, não deve elle temel-o, mas sim affrontal-o com todo o denodo viril; deve encarar a vida e a morte com serenidade igual.

Um dos factos mais dignos de menção, em que o capitão de um navio do rei ficou a bordo até o ultimo momento, é o que se passou com o commandante Riou. No meio do oceano, durante espessa cerração, o seu navio, o *Guardian*, abalroou em uma montanha de gelo. O naufragio parecia imminente; trabalharam as bombas sem descanso. Tudo quantô poderia alijar o navio foi lançado ao mar, — armas, munições e mantimentos. Após quarenta e oito horas de trabalho incessante, sem esperanças de salvação, soltou-se o grito: « Aos botes! » O criado de Riou veio ter com o seu commandante, e perguntou-lhe em que bote embarcaria, pois não queria elle separar-se do amo. A resposta de Riou foi a

seguinte : « Ficarei com o meu navio, salvall-o-hei se puder, e, se preciso fôr, irei ao fundo com elle. »

Antes dos botes largarem com parte da tripolação, Riou escreveu uma carta ao Almirantado, informando-o do desastre, louvando a conducta dos officiaes e dos marinheiros, e despedindo-se de seus superiores com estas palavras : « provavelmente, não ficarei por muitas horas neste mundo. » Os botes largaram, e Riou ficou a bordo com a outra metade da tripolação. Muitos dos botes se perderam ; o navio, porém, salvou-se. Ao cabo de dous mezes de heroica fortaleza de animo e extraordinaria habilidade nautica para conservarem o *Guardian* a nado, chegaram os naufragos ao caminho dos navios baleeiros da Hollanda, e foram por elles recebidos e levados a salvamento. O capitão Riou morreu algum tempo depois, combatendo valentemente a bordo do seu navio, na batalha de Copenhague.

Citemos um outro facto, no qual foi heroe o capitão de um navio mercante, habituado ao cumprimento do dever. Referimo-nos ao finado capitão Knowles, a quem o Sr. Gladstone chamou « maior heroe do que Napoleão, » pois a sua vida não fôra manchada pela flaucia. A circumstancia a que nos referimos é a seguinte : O navio *Northfleet*, que elle commandava, levando a seu bordo grande numero de emigrantes, estava ancorado em Dungeness. Acabavam de soar onze horas da noite, e a escuridão era completa. Os pharoes do navio estavam acesos, indicando claramente o logar em que elle se achava. Inesperadamente, o vapor hespanhol *Murillo* abalroou de encontro ao *Northfleet*, fazendo-lhe um grande rombo no casco. Este ultimo começou logo a fazer agua e a afundar-se. O vapor hespanhol safou-se e, recuando, afastou-se á toda a força da sua machina para longe do logar do sinistro, deixando em perigo trezentas vidas,

sem ao menos offerecer-lhes auxilio. O capitão Knowles deu ordem para que trabalhassem as bombas, e fez todos os signaes de navio em perigo. Espalhou-se a confusão entre os passageiros, e as mulheres possuiram-se de terror quando perceberam que o navio se afundava. Os botes foram lançados ao mar, e o capitão ordenou que primeiro embarcassem as mulheres e as crianças. Os homens, porém, precipitaram-se logo em direcção ás embarcações; mas o capitão Knowles, de revolver em punho, declarou que atiraria sobre o primeiro que ousasse infringir as suas ordens. Um delles adiantou-se; o capitão metteu-lhe uma bala na perna, impossibilitando-o de mover-se. Dous grandes botes encheram-se de gente; o navio afundava-se rapidamente, as ondas abriram-se e o navio desapareceu. O heroico capitão morreu no seu posto. Sua mulher, ou antes sua noiva, pois havia pouco tempo que se casára, foi salva com mais oitenta e cinco pessoas.

Quando, ha quatorze annos, pouco mais ou menos, o *London* soçsoubrou na bahia de Biscaia, a indignação se manifestou na Inglaterra inteira. O navio tinha demasiada carga. No mais sereno mar, as ondas lhe passavam por cima do convés. Naquella epocha era desconhecido ainda o apparelho para reconhecer-se o calado dos navios. O Sr. Plimsoll não tinha encetado ainda a sua propaganda contra os armadores de navios avidos de dinheiro. O comportamento, porém, dos passageiros e da tripolação foi digno dos maiores encomios, exceptuando se vinte e um marinheiros hollandezes que se recusaram a trabalhar. O celebre actor Gustavo Brook foi dos passageiros o que mais corajoso e dedicado se mostrou. Trabalhou com todas as forças para se conservar o navio a nado. Corria descalço e sem chapéo pelas cobertas do navio, trajando apenas uma camisa

de flanela e uma calça de marujo, trabalhando em todas as bombas, lutando denodadamente contra a morte. Quatro horas antes de se afundar o vapor, quando já perdidas as esperanças de salvamento, Gustavo Brook descansava com a maior calma encostado á amurada do navio; foi visto ahi pela derradeira vez. Um dos passageiros salvos, referindo o facto, dizia: «Brook trabalhou dedicadamente; na realidade, foi o homem que se portou com mais coragem e denodo durante todo o tempo.»

O Sr. Plimsoll já narrou como veio a abraçar a causa dos pobres marinheiros empregados na marinha mercante. De uma vez, durante uma grande tempestade, fez elle uma viagem do Tamisa para Redcar, e chegou sã e salvo ao seu destino, graças ao facto de ser passageiro de um vapor pertencente ao governo. Na viagem encontraram tres cascos de navios e viram o mastro de um outro que tinha ido a pique; soube-se mais tarde que a tripolação inteira dessas embarcações havia perecido. O Sr. Plimsoll encontrou ainda sua mulher soffrendo as consequencias da afflicção e des-assocego com que aguardava o regresso do marido; e, vendo isto, lembrou-se das mulheres daquelles pobres homens mortos, as quaes baldadamente aguardariam o regresso de seus companheiros. Desde então resolveu dedicar o seu tempo, a sua energia e o seu dinheiro á obra por elle encetada para conseguir a prevenção de taes naufragios, tão faceis de evitar, causados pela cobiça dos armadores de navios. E, embora queiram outros hoje participar com elle da gloria de haver provocado a salvaguarda de que os marinheiros gozam conjunctamente com a protecção que a lei dispensa ás outras classes da nação ingleza, ao Sr. Plimsoll se deve fazer a justiça de declarar que não foi sómente o

iniciador daquelle campanha, como seu unico sustentaculo.

Ao tempo em que estavamos escrevendo estas linhas, dous factos se acabavam de dar ; são os seguintes :

Quando a fragata ingleza *Invencivel* se dirigia em Fevereiro de 1880 para Aboukir, ouviu-se o grito de « homem ao mar ! » As boias de salvacão foram lançadas ás ondas. Parou-se a machina, e, em menos tempo do que o necessario para descrevel-o, os botes estavam na agua. No entanto o homem agarrara-se á sonda, e foi por ella impellido para o fundo. Perdeu os sentidos, e boiou á ré como massa inerte.

O honrado E. W. Freemantle, commandante do navio, e que estava no convez, percebeu que um momento de demora seria fatal ao homem. Atirou-se ao mar tal como estava, de bonet, de farda e sapatos. Por mais rapido, porém, que fosse o seu movimento, quando elle chegou ao ponto onde avistára a victima, já se achava esta a alguma distancia debaixo da agua. Mergulhou e conseguiu trazel-o á tona já meio morto. Sobrecarregado como estava pelas suas roupas, o commandante conservava com difficuldade a cabeça do afogado fóra da agua. Então o 2º tenente Moore e o ajudante de machinista Cuningham atiraram-se em auxilio do commandante, e, chegando os escaleres, foram os quatro trazidos para bordo sem mais perigo. O afogado foi levado para a enfermaria, onde, pouco tempo depois, tornou a si ; seu corajoso salvador, após algum tempo de repouso, não sentia mais os effeitos da luta.

Não menos corajosa foi a conducta do capitão Moore e de Mac'Intosh, da *Annabella Clark*, quando salvaram a tripolação da barca franceza *Melanie*, incendiada em Novembro de 1878. Estavam os dous navios ancorados proximo um do outro no rio Adour, junto de Bayona. A *Melanie* continha um carregamento de petroleo. Parte

deste incendiou-se, o calor produziu a explosão do resto e em poucos minutos a barca estava envolvida em chamas. O liquido inflammado derramou-se pelos embornaes correndo até ao mar, e a *Melanie* viu-se cingida por larga cinta de labaredas. Alguns homens da tripolação lançaram-se ao mar; outros, porém, se deixaram ficar, igualmente aterrorisados pelos perigos do fogo e da agua.

A tripolação da *Annabella Clark* ouviu a explosão e viu as chammas lançarem-se á grande altura no espaço. Apesar do perigo a que se arriscavam, dous homens resolveram salvar os francezes. O capitão Moore saltou para dentro de um bote, e Mac'Intosh, o carpinteiro, seguiu-o. Foram remando cautelosamente por entre aquelle mar de fogo, até chegarem á *Melanie*. As suas roupas ficaram completamente queimadas, as mãos e os braços soffreram horribes queimaduras. Conseguiram, porém, alcançar o navio francez, e julgaram-se amplamente recompensados quando viram a tripolação, que estava condemnada, sã e salva a bordo da *Annabella Clark*. Foi este um acto dos mais heroicos que é possível praticar, inspirado pela dedicação e pela abnegação. Não o inspiraram nem o dinheiro, nem a gloria; foi apenas o cumprimento do mais sagrado dever, — fazer aos outros o que queremos que nos façam. E' triste, porém, lembrar-se a gente de que um desses homens dedicados ficou inutilisado para toda a vida, com a pratica de tão bella acção. John Mac'Intosh, o carpinteiro, ficou tão queimado nas mãos e nos braços, que não pôde mais trabalhar pelo seu officio. Foi levado para sua casa, em Androssan, invalido, e até hoje ainda assim se conserva. Verdade é que o capitão e o carpinteiro receberam a medalha de bronze de 1ª classe, dada pela rainha; o governo francez offereceu-lhes uma medalha de ouro, e receberam elles ainda a medalha do Lloyds por haverem

salvado vidas no mar. Um homem inutilizado, porém, não póde viver de medalhas.

Victoria igual á de Waterloo póde ser ganha a bordo de um navio incendiado ou que se afunda. Quem não se recorda da conducta heroica dos soldados e dos marinheiros a bordo da *Berkenhead* ? (*) Não menos denodado foi o comportamento do batalhão 54.^o de infantaria, então a bordo da *Sarah-Sands*, no Oceano Atlantico. Quando se ouviu no navio o grito de «Fogo!» os homens correram todos aos postos que lhes foram designados. Todos os meios foram empregados para se alcançar o fóco do incendio, mas sem resultado. O mais que se póde fazer foi livrar e esvasiar o paiol da polvora, que ficava no porão. Na occasião, porém, em que os homens se occupavam com esse serviço, dous barris de polvora fizeram explosão, levando o castello de pròa e incendiando a mastreação. O casco, porém, resistiu ao choque, e permittiu á tripolação empregar a agua com tanto effeito sobre a parte incendiada, que impediu o fogo de estender-se ao porão. Construíram-se rapidamente diversas jangadas e arriaram-se os botes ao mar na melhor ordem. As mulheres e as crianças foram collocadas nelles, ao passo que os soldados formavam no convéz com a regularidade de uma parada. Foram em seguida destacados para diversos serviços, principalmente para extinguir as chammas que ameaçavam consumir o navio.

Com indomavel coragem lutaram durante dous dias contra o fogo, vencendo-o afinal. Mas então o navio era apenas um destroço. O vento pôz-se a soprar com violencia e as ondas se revoltaram como se quizessem

(*) *O poder da vontade.*

atirar aquelles esforçados homens ao fundo do mar. Conservaram-se todos impavidos nos seus postos. Passaram sirgas no fundo do navio, afim de impedirem que elle se partisse ao meio, e com velas e cobertores taparam o rombo que havia na prôa. Essa luta tenaz pela vida durou sem cessar até que o vento abrandou um pouco e permittiu que se soltassem as velas. Ao cabo de mais oito dias de navegação sob a direcção constante do capitão Castle, chegou aquelle destroço á ilha Mauricia sem perda de uma unica vida.

Quando algum viajante, visitando a cathedral de Norwich, pergunta a quem pertencem aquellas bandeiras rôtas que alli estão suspensas sobre o altar-mór, o sachristão, cheio de orgulho, responde que são os estandartes do 54, o batalhão da *Sarah-Sands*. Nem uma palavra diz elle ácerca da gloria militar do batalhão, embora esta não seja pequena; falla sómente da sua coragem no mar, que é a sua principal honra. E assim devia ser.

Não é o mar revolto e tempestuoso que offerece mais perigos ao navio; muito mais temiveis são os recifes proximo de terra. Quando um navio é bem construido, equilibrado com segurança e tem uma boa tripolação, está tão seguro no alto mar como dentro de uma doca. E' só quando o navio se afasta ou se aproxima de terra que corre o risco de naufragar. Eis a razão por que se constroem pharoes ao longo das costas: é para guiar o marinheiro. Ninguem imagina o beneficio dessas luzes senão aquelles que se têm aproximado do litoral em noites escuras, por occasião de tempestade; sómente os que conheceram a luta do marinheiro entre a esperança de chegar a salvamento e o receio dos perigos ignorados e dô naufragio imminente podem dizel-o. O primeiro apparecimento das

luzes que indicam a costa, faceis de reconhecer pelas suas côres ou pela sua occultação periodica, alenta e consola o animo do marinheiro, apontando com segurança o rumo que o navio deve seguir para alcançar o porto desejado.

A construcção de um pharol é um dos maiores perigos que existem no mar. Os primeiros pharoes construidos na costa meridional da Inglaterra foram de madeira. Eram assim o pharol do Smalls e os dous primeiros construidos no Eddystone. O Smalls é um pequeno rochedo que existe no canal de Bristol, e foi durante muito tempo a causa de innumeros naufragios de navios que se dirigiam para o Avon e para o Severn. A primeira tentativa para a fundação do pharol foi das mais ousadas. Um grupo de mineiros de Cornwall reuniu-se em Solva, logarço da costa, distante do rochedo umas vinte milhas, e dirigiu-se para o Smalls em um bote, no intento de furar a pedra e fazer os alicerces para levantar pilares de ferro. Desembarcaram aquelles homens no logar a que se destinavam, e já haviam conseguido fincar na rocha uma longa barra de ferro, quando se levantou uma tempestade medonha. O bote teve que afastar-se afim de não ser despedaçado. Os homens no rochedo agarraram-se á barra de ferro que haviam fincado, e seguiu-se então uma luta desesperada da coragem e energia do homem contra a furia do mar revolto. Ficaram alli agarrados durante duas noites e um dia; só na manhã do terceiro dia foi que o tempo serenou e os mineiros foram salvos. Proseguiram na sua obra; soldaram no rochedo argolas e barras de segurança, ás quaes pudessem agarrar-se quando o mar se tornasse tempestuoso. Afinal ergueu-se no Smalls um barracão de madeira, suspenso em altos esteios tambem de madeira, e nelle se estabeleceu o

pharol. Alli existiu, avisando aos marinheiros com a sua luz, durante cem annos, até que afinal veio substituil-o uma forte torre de granito, que será eterna quanto podem ser eternas as cousas humanas.

Não menor coragem revelaram Winstanley, Rudyerd e Smeaton, quando construíram os pharoes de Eddystone, que fica no meio do mar, em frente ao estreito de Plymouth. Os dous primeiros foram destruidos, um pela tremenda tempestade de 26 de Novembro de 1703, e o outro pelo fogo, pois eram ambos de madeira. Veio então Smeaton, o qual resolveu que o pharol fôsse construido de granito, apezar do parecer dos membros do Instituto do commercio e navegação (Trinity-house), que declaravam « não ser possível erguer-se no Eddystone senão construcções de madeira ». Smeaton, porém, obteve o que queria, e foi resolvida a construcção de um pharol de granito.

Smeaton partiu logo para Plymouth e dalli seguiu para o mar, a fim de examinar o local da sua futura construcção. As vagas batiam com tal violencia de encontro aos rochedos, que elle não pôde desembarcar. Insistiu, porém, e tres dias depois conseguiu pôr o pé no Eddystone. Apenas encontrou alli as travações e os encaixes fixados no rochedo pelos dous precedentes. Subsequentemente, tentou por tres vezes diversas chegar de novo ao rochedo, sendo sempre repellido pelo mar. A sua sexta tentativa foi bem succedida, e, com o auxilio da vasante da maré, pôde elle desembarcar. Nessa occasião tomou todas as dimensões do pharol projectado. E' desnecessario seguir as difficuldades com que o engenheiro teve que lutar. De uma feita, Smeaton e seus trabalhadores quasi naufragaram. Regressavam nessa occasião para Plymouth ;

o vento começou a soprar com violencia até desencadear-se a borrasca. O *Nepluno*, navio em que iam, tomou o rumo de Forway, e foi quasi de encontro aos recifes. Conseguiu-se livral-o, mas as ondas arrastaram-n'o insensivelmente para o alto mar. Quando raiou o dia, a terra estava fóra da vista e o navio garrava em direcção á bahia de Biscaya. Depois de andarem á mercê dos ventos durante quatro dias, avistaram o cabo de Finisterra, e conseguiram tomar o rumo de Plymouth, onde aportaram afinal.

Smeaton dirigiu e fiscalizou a construcção de todo o edificio. Se havia algum trabalho perigoso ante o qual os seus homens recuavam, punha-se elle logo á frente e tomava a si esse trabalho. « E' o posto de honra! » dizia. Quando deslocou o pollegar, cahindo entre os rochedos, resolveu immediatamente reduzir a luxação por si mesmo, e, puchando o dedo com força, fello voltar a seu lugar. Logo após essa dolorosa operação, proseguiu no seu trabalho, collocando a pedra central do edificio. As obras continuaram sem interrupção até se completarem. Queria Smeaton que a sua obra fôsse forte e perpetua. Dizia elle: « Considerando o uso e o beneficio de uma obra destas, as minhas idéas a respeito da sua duração não se limitam a um seculo ou dous, visam a uma perpetuidade! » Ai dos desejos humanos! Embora o pharol de Eddystone haja resistido ás tempestades de cento e vinte annos, vai ser desmantelado e substituido por um outro pharol, que já se acha em vias de construcção. Comquanto seja solido como o rochedo,—mais solido mesmo, pois foi o rochedo em que o construíram que se deixou minar pelo bater das ondas, é forçoso abandonal-o, e tudo quanto restará será apenas o esqueleto do edificio de Smeaton. No entanto o pharol de Smeaton foi uma grande obra.

Todos os pharoes subsequentes, construidos no oceano, têm sido apenas modificações daquelle.

A pedra fundamental do novo pharol de Eddystone foi lançada a 19 de Agosto de 1879. O Sr. Douglas vem succeder a Smeaton. E' tão habil e tão corajoso como o seu antecessor. Já está affeito aos perigos do oceano, pela construcção de outros pharoes. Como Smeaton, elle não recúa ante o perigo. Os seus trabalhadores tomam-n'o como modelo. Poucos dias antes do lançamento da pedra fundamental de Eddystone, trabalhavam esses homens com o mar a precipitar-se sobre elles. Quando a maré encheu, parecia que o mar revolto ia derrubar-os do rochedo. De lá sahiram elles molhados até os ossos.

O finado James Walker, engenheiro civil, apresentando o Sr. Douglas pai, que tambem foi um grande constructor de pharoes, ao duque de Wellington, disse-lhe: « Sr. duque, apresento-lhe um homem que se tem batido em tantas batalhas como V. Ex., sem perder uma só vida. » — « Eu quizera dizer outro tanto! » respondeu o duque. Na verdade, victorias sangrentas têm sido ganhas, correndo os commandantes menos perigos nas suas campanhas do que os perigos a que se arriscam todos os dias os constructores de pharoes. O engenheiro chefe deve ser sempre o primeiro a indicar o caminho a seguir. Deve ser o primeiro a saltar no rochedo e o ultimo a deixal-o. Com o seu exemplo deve elle inspirar os trabalhadores que executam os seus planos, e que, como elle, em pouco tempo se habituam aos perigos que os cercam.

Um dos mais ousados empreendimentos dos tempos modernos foi a erecção do pharol de Sherryvore, ha uns quarenta annos. O recife de Sherryvore fica distante, no mar alto, em frente á ilha de Tyree, na costa occidental

da Escossia. Os naufragios alli eram innumerados, e a commissão dos pharoes do norte resolveu edificar um pharol em Sherryvore. O Sr. Alan Stevenson foi encarregado de proceder aos estudos preliminares no local, estudos que elle só pôde completar em 1835. As obras foram encetadas tres annos mais tarde. Consistiram em preparativos para a construcção de um barracão provisório. Tinham sido terminadas as pyramidaes pilastras para essa construcção, e os operarios se retiraram do rochedo; na manhã seguinte o mar destruiu todo o trabalho feito. Um anno depois, foram as obras recommçadas. Cavou-se um poço de 42 pés de profundidade, e em 1842 ficou construido o barracão, onde o engenheiro e seus companheiros se estabeleceram durante a continuação das obras.

« No primeiro mez, refere o engenheiro chefe, sofremos muito pela continua invasão das aguas em nossos aposentos. Uma occasião, estivemos quatorze dias sem communicação alguma com a terra firme, nem mesmo com o nosso vapor, e durante esse tempo só avistavamos, até onde a vista podia alcançar, immensas planicies da espuma do mar, e só ouviamos o sibilar do vento ou o bramido das ondas, que em certos momentos chegava a tamanho fragor que não podiamos ouvir as nossas proprias vozes. Ficando a menos de vinte jardas distante de nós as ruinas do antigo barracão, é facil conceber a triste perspectiva que tinhamos na imaginação; e ainda me recordo do indefinivel sentimento de pavor que se apoderou de mim uma noite em que acordei ao bramido das ondas, as quaes batiam com tanta força de encontro ao barracão que atiraram com a minha maca de uma parede á outra, ouvindo eu ao mesmo tempo o grito de terror dos homens que dormiam no compartimento superior, e que, despertados pelo ruido da

minha quéda e pelo tremor do barracão, julgaram que a construcção inteira tinha sido engulida pelas ondas.»

A tempestade serenou, e os engenheiros, que já estavam quasi sem viveres, depois de se refazerem de provisões, continuaram o trabalho. Foi então que se levou para a ilha a cantaria destinada aos alicerces, e que a collocaram em seus logares. Ao cabo de seis annos de trabalho, ficou a obra concluida, e no 1.º de Fevereiro de 1814 a luz do pharol brilhou pela primeira vez aos olhos dos navegantes da costa occidental.

No entanto, os pharoes são apenas uma parte daquillo que é necessario para auxiliar os navios que se aproximam da costa. O mar se embravece e ruge entre os rochedos com fragor bastante para dominar o troar de toda a artilharia que tem servido para destruir a humanidade. O pharol aponta o porto; mas esse porto será facil de entrar? Se alguém se der ao trabalho de examinar a estatistica dos naufragios que se publica todos os annos, verá que o maior numero de sinistros se dão ao longo da costa oriental da Inglaterra, ao longo do rumo seguido pelos navios de carvão que navegam entre Newcastle e Londres. Os vestigios de naufragios encontram-se com mais frequencia na costa de nordeste, especialmente nas proximidades de Tynemouth. Não causará, pois, surpresa quando dissermos que o primeiro bote salva-vidas foi inventado por um habitante daquellas paragens. O primeiro que concebeu a idéa de um bote insubmergivel e que se equilibrasse por si mesmo foi Henrique Greathead, de South-Shields. Henrique Lukin, de Londres, tambem inventou um bote insubmergivel. Como a costa de Bamborough era frequentemente o local de muitos naufragios, o Rev. Dr. Sharp, que então residia alli, enviou ao Sr. Lukin um

bote de pesca dos usados na Escossia, para que o tornasse insubmergível. O Sr. Lukin fez o que lhe pediam, e esse bote, no primeiro anno de sua existencia, salvou innumeradas vidas. O bote salva-vidas, porém, não se tornára ainda conhecido; o unico que se construira até aquella epocha tinha sido o de Bamborough.

No anno de 1789, o navio *Adventurer*, de Newcastle, naufragou na embocadura do Tyne. Ao passo que o navio jazia encalhado na entrada do rio, cercado de tremenda resaca, a tripolação, que se agarrára ás vergas, cahia no mar, a menos de trezentas jardas da praia, homem a homem, completamente exausta. Esse horrivel espectáculo se passava em presença de milhares de espectadores, nenhum dos quaes se atrevia a levar soccorro aos naufragos. Ainda sob o dominio da emoção causada por aquelle sinistro, elegeu o povo uma commissão e estabeleceu um premio para julgar e recompensar o melhor modelo de um bote salva-vidas, « construido para resistir aos perigos do mar, sobretudo os que se encontram nas rebentações das vagas. » Dous dos modelos apresentados foram aceitos pela commissão, um construido por William Wouldhave e outro por Henrique Greathead. A commissão premiou o modelo de Greathead por causa da fórma da quilha, aproveitando, porém, a idéa de Wouldhave para tornar o bote mais leve *por meio da cortiça*. Sem contestação possivel, foi esta a parte fundamental para a construcção do bote salva-vidas, a verdadeira invenção, e a Wouldhave cabia, pelo menos parte do premio. Wouldhave foi primeiramente pintor e depois secular da igreja de Santa Hilda. No cemitério da mesma igreja erigiu-se-lhe um monumento, que tem na parte superior o modelo de um bote salva-vidas; uma cópia desse modelo está pendurada, como ornamento

na lampada do altar-mór; o modelo original se conserva ainda na bibliotheca publica de South-Shields. No monumento foram gravadas as seguintes palavras: «Inventor da grande benção para a humanidade, — o bote salva-vidas.»

O bote construido por Greathead, modificado quanto ao emprego da cortiça, foi o meio de se salvarem para mais de duzentas vidas na foz do Tyne. O duque de Northumberland offertou outro com um rendimento annual para a sua conservação, fazendo igual offerta á cidade do Porto; o Sr. Dempster fez doação de um desses botes á cidade de Santo André, na Escossia, onde salvou muitas existencias. Antes de findar o anno de 1803, Greathead tinha construido não menos de trinta e um botes salva-vidas, — cinco para a Escossia, oito para paizes estrangeiros e dezoito para a Inglaterra. O mais antigo dos botes de Greathead, que ainda está em uso, foi construido em 1802. Pertence aos barqueiros de Redcar, logar cercado de perigosissimos rochedos. Muitas vidas se têm salvo alli, não só pela extrema leveza do bote, como pela grande coragem da sua tripolação.

A sociedade dos botes salva-vidas é hoje uma instituição real e pertence á nação. Aquellas construcções, combinadas com o systema de morteiros do capitão Manby, têm sido o meio de salvar centenas de vidas de naufragos. A instituição tem hoje uma flotilha de salva-vidas, composta de mais de 300 botes, tripolados por 25,000 homens corajosos. Durante o tempo da sua existencia tem salvado para mais de 27,000 vidas dos perigos do naufragio. De quantos jubilos não tem sido essa sociedade causa no seio das mulheres e dos filhos dos salvos!

Seria difficil narrar minuciosamente os valorosos

serviços prestados pelos barqueiros. Entre os botes salva-vidas da instituição conta-se o *Van-Kook*, offerecido pelo Sr. E. W. Cook, da academia real de pintura. Deu-se aquelle nome ao bote por causa da origem allemã do seu doador. Foi elle enviado para a estação de Deal, no anno de 1815. Já tem salvo 161 vidas, e auxiliado a livrar do naufragio sete navios. Na hora em que o velho artista jazia em seu leito de morte, o bote por elle doado e os homens que o tripolavam cumpriam a sua mais denodada acção.

A uma hora da tarde do domingo 28 de Dezembro de 1879, um canhão da barca-pharol de South-Sands, presa nos bancos de Goodwind, distante sete milhas, pouco mais ou menos, de Deal, assignalou um navio em perigo entre os recifes. Soprava furioso vendaval de sudoeste, e os navios no abrigo, relativamente seguro, da enseiada estavam fundeados a duas amarras. Era uma ventania de « metter os dentes pela boca dentro » como dizem os nossos marujos. Os barqueiros correram todos á praia. Fez-se ouvir o sino chamando a postos a tripolação do bote salva-vidas, e todos os homens, sem excepção, se apresentaram. A tripolação compôz-se de quatorze homens, tendo por mestre Roberto Wilds. Com simultaneo movimento e de um só jacto lançaram o bote ao mar, e apoderaram-se dos remos. Um brado de admiração e applausos partiu dos espectadores, animando os salvadores na sua perigosa missão.

Eram trez os navios encalhados nos bancos de Goodwind. A tripolação de um delles já se havia lançado aos botes, e, abandonando a embarcação á mercê da tempestade, encaminhara-se para a enseiada de Margate. Outro navio, uma escuna dinamarqueza, suppõe-se, perdeu-se com todos os que levava a seu bordo. O

navio que restava, pois, a salvar era a *Leda*, de nacionalidade allemã, trazendo um carregamento de petroleo, de New-York para Bremen. Os homens do bote salva-vidas, ao chegarem a Goodwind, descobriram o navio envolvido pelos vagalhões. Estava elle preso na peor parte do banco, o South-Spit, onde as ondas, mesmo nos dias mais calmos, estão constantemente revoltas. Não era isso razão para recuar. Cumpria chegar ao navio. Quando os salvadores se aproximaram, viram que o mastro grande e o mastro da mezena tinham sido cortados, e que a tripolação agarrava-se á amurada, onde os iam cobrir verdadeiros lençoes de agua.

O *Van-Kook* ganhou o vento ao navio condemnado, e, largando o ferro, descahiu em direcção a elle. Se a amarra se partisse e o bote fôsse de encontro ao navio com toda a força, nem uma só vida se salvaria. A tripolação do bote, porém, não olhou para o perigo, e com todo o sangue-frio caracteristico de sua raça, «ousando tudo quanto o homem ousado póde ousar», concentrou toda a sua energia em chegar o bote bastante junto do navio para arremeçar-lhe um cabo. Foram batidos e repellidos pelos vagalhões que arrebatavam com enorme fragor em cima delles, enchendo o bote quasi a ponto de alagal-o. Vendo aproximar-se uma onda enorme, o mestre gritou para seus homens: «Cuidado!» agarrando-se elles aos bancos para não serem levados pela força do mar. Um vagalhão arremeçou o bote de encontro ao navio, de modo que, por segurança, foi necessario afastar-se por alguns momentos.

De novo, porém, voltaram ao navio, e afinal conseguiram atirar-lhe um cabo, por onde os homens desceram, um a um, para o bote salva-vidas. Embarcado o ultimo, o bote seguiu em direcção á praia, levando a seu bordo trinta e quatro almas. Um dos marinheiros allemães já

tinha sido salvo duas vezes pela *Van-Kooh*, e animava os companheiros com a narração das suas aventuras anteriores. Afinal, molhados até os ossos, salvadores e naufragos chegaram á praia de Deal, onde os aguardava uma multidão enthusiastica. Edarwd W. Cook ainda viveu para ouvir mais uma vez o « Abençoado sejas! » dos salvos, e morreu sete dias depois deste ultimo sinistro.

Podem-se citar centenas de accções semelhantes, praticadas annualmente pelas tripolações dos botes salvavidas que existem em Inglaterra. Se avistam um navio, ou mesmo uma barca de pesca, lutando contra o mar, nada ha que os detenha em levar-lhes soccorro. Occasiões ha em que a borrasca os impelle trez e quatro vezes para a praia donde partiram ; mas, desafiando os ventos, eil-os de novo remando para o alto mar. Não poucas vezes tem o bote sido jogado de encontro aos rochedos ; equilibra-se de novo, e prosegue na sua santa missão. Não ha muito tempo, o bote afastou-se quatro milhas pelo mar fóra afim de salvar uma barca de pesca.

Citemos mais um exemplo de abnegação. Em um domingo á tarde, durante uma tempestade fortissima, na occasião em que terminava o serviço religioso na cathedral de Great-Sarmouth, ouviu-se o signal de soccorro, partido de um navio em perigo no banco de Groby. O navio encalhára nas areias, e os vagalhões cobriam-n'o quasi totalmente. Os marinheiros correram todos para a praia e prepararam-se para lançar um bote ao mar. Estavam á espera de um momento de calma para realizarem o seu intento, quando um moço veio correndo pela praia, e, chegando junto a um dos homens que ia embarcar, exclamou : « Não, João ! desta vez não te irás expôr ! Já o fizeste tres vezes para impedir-me de ir em teu lugar, sómente porque me casei ! Agora toca a minha vez ; a cada

um o seu quinhão. E' justo que assim seja. » Deitou-se o bote ao mar, e já se ia afastando da praia quando uma onda immensa levantou se e fel-o sossobrar. Tres homens pereceram afogados, sendo um delles o moço que se casára havia tão pouco tempo, e não consentira que seu irmão o substituisse. Sem a menor hesitação, e sem um momento de demora, os marinheiros que haviam ficado na praia prepararam outro bote e se atiraram com elle ao mar; era tarde, porém, demasiado tarde. O navio naufragado fizera-se em pedaços, e toda a tripulação tinha perecido.

CAPITULO VIII

O SOLDADO.

Sou uma autoridade ; em tendo soldados ás minhas ordens, digo a um : Vai ! e elle vai ; digo a outro : Vem ! e elle vem.

(*O centurião de S. MATHEUS.*)

E' meu destino, ou antes o meu dever. Os mais elevados entre os homens não passam de sentinellas no seu posto.

(WHYTE-MELVILLE.)

O sangue do homem, quando vertido na causa da familia, dos amigos, de Deus, da patria e da humanidade, está bem empregado ; tudo o mais é vaidade, tudo o mais é crime.

(BURKE.)

Vim aqui para cumprir o meu dever, e não encontro satisfação alguma senão no seu cumprimento para com a patria.

(WELLINGTON *em Portugal.*)

A vida do soldado é a vida do dever. O soldado deve ser obediente, disciplinado e prompto para o serviço. Quando se lhe ordena o cumprimento de qualquer missão perigosa, ha de cumpril-a. Não póde discutir ; deve obedecer, sem hesitar, ás ordens recebidas, mesmo que sejam para avançar até á boca do canhão inimigo.

Obediencia, submissão, disciplina e coragem são virtudes que devem adornar todo o homem,— são predicados do verdadeiro soldado. Deve existir a mais estricta obediencia do inferior para o superior, bem como a confiança mutua entre ambos. « E' só a disciplina do soldado, diz Ruskin, que póde desenvolver

todo o poder e toda a força do homem. Individuos que em outro genero de vida ter-se-hiam entregue a indolencia e aos prazeres regeneram-se no serviço militar, que lhes desperta e dirige ao mesmo tempo todas as forças do espirito.»

O soldado não deve nunca abandonar o seu posto, tanto na victoria como na derrota. Deve estar sempre alerta. Se estiver de sentinella, á noite, deve afugentar o somno que delle se apodera. Um momento de descuido póde destruir o exercito de cuja vigilancia foi elle incumbido. O soldado tem obrigação de estar sempre prompto a arriscar a vida em defesa de seus patricios. Dormir nos postos avançados é morrer.

O soldado deve ser activo. Cumpre-lhe estar sempre de promptidão.— «Alerta!» era a divisa de Lord Lawrence. A coragem e a actividade de Henrique IV compensavam amplamente a sua falta de recursos militares. Com 5,000 homens resistiu ao duque de Mayenne, que o atacava com 25,000, e ganhou a batalha de Arquez apesar dessa grande desigualdade de numero. Este extraordinario acontecimento foi devido, talvez, em parte á differença da indole pessoal dos dous generaes. Mayenne era vagaroso e indolente; de Henrique dizia-se que elle se demorava menos tempo na cama do que Mayenne se detinha á mesa; que gastava muito pouco panno de gibão, mas que, em compensação, não havia couro de botas que lhe resistisse. Um individuo lembrou-se, uma occasião, de elogiar, na presença de Henrique IV, a habilidade e a coragem de Mayenne. «Tem razão, disse Henrique, é um grande general; mas eu ando sempre cinco horas mais adiantado do que elle.» Henrique levantava-se sempre ás quatro horas da madrugada, ao passo que Mayenne só sahia da cama ás dez horas

da manhã. Isso era quanto bastava para estabelecer a grande differença que existia entre os dous.

O marechal Turenne era o idolo dos seus soldados. Participava de todas as suas fadigas, e elles depositavam plena confiança no seu chefe. Em 1692 foi elle enviado com seu exercito para a Allemanha afim de guerrear o Eleitor de Brandenburgo. Era no rigor do inverno, e a marcha por caminhos lamacentos e alagados se tornava das mais difficeis. Em uma occasião, quando a tropa atravessava um extenso pantano, os soldados recrutas queixaram-se amargamente. Um veterano disse-lhes, afim de animal-os: « Fiquem certos de que Turenne sente mais as nossas fadigas do que nós mesmos as sentimos; e neste momento está provavelmente estudando os meios de poupar-nos. Turenne vela por nós, mesmo quando dormimos. E' nosso pai, e não nos faria supportar taes fadigas se não tivesse em vista algum grande fim, que nós ainda não pudemos adivinhar ». Estas palavras foram ouvidas pelo marechal, o qual mais tarde declarou que nunca tinha ouvido louvores que lhe causassem maior satisfação do que aquella conversação. Turenne reconhecia com a maior presteza os meritos do commandante contra o qual se batia. Quando elle commandava as tropas reaes durante a guerra da Funda, o principe de Condé era o adversario contra o qual tinha de bater-se. Por occasião de um combate, espalhou-se a noticia de que o principe estava ausente; Turenne, porém, pelo modo como era dado o ataque reconheceu o contrario. « Condé está alli! » dizia elle e observava nos habeis movimentos do inimigo a mão de um mestre.

O soldado deve ter a coragem de sacrificar-se pelos outros. No outomno de 1760, Luiz XV enviou um exercito

contra a Allemanha. O marquez de Castries despachou uma força de 25.000 homens em direcção a Rheinberg. Fortificaram-se em Kloster-camp. Na noite de 15 de Outubro, o cavalleiro de Assis, um official muito moço ainda, foi incumbido de fazer um reconhecimento, e afoutou-se sózinho em um bosque, deixando os seus homens a alguma distancia. Inesperadamente, viu-se elle cercado de soldados inimigos. As suas baionetas apontavam todas ao peito do cavalleiro, ao passo que uma voz lhe murmurava ao ouvido: « Se pronuncias uma palavra, morres! » Em um apice o cavalleiro comprehendeu a situação. Os inimigos avançavam afim de sorprendere o acampamento francez. O cavalleiro ergueu a voz e bradou com todas as forças: « Álerta, d'Auvergne! o inimigo está aqui! » Estas palavras decidiram da sua sorte. Foi morto immediatamente; a sua morte, porém, salvou o exercito. A surpresa meditada pelo inimigo foi burlada, e elle viu-se obrigado a recuar.

Um escriptor já disse algures que os periodos guerreiros de todas as nações são justamente aquelles em que as artes mais prosperam, e em que o talento litterario tem resplandecido com maior fulgor. Esta asserção poderia suscitar duvidas; basta, porém, citar a historia da Grecia. Socrates, Eschylo, Sophocles e Xenophonte foram todos elles guerreiros, que, terminadas as suas batalhas, conferiram as maiores glorias litterarias á sua patria. O mesmo aconteceu com Roma, quando no apogeu do seu esplendor. Julio Cesar, sendo um dos maiores guerreiros da Roma Imperial, foi tambem um dos seus melhores escriptores. Até o velho Horacio, na sua mocidade, tinha sido soldado, e das mãos de Bruto recebeu o commando de uma legião.

Causa surpresa vêr como tão grande numero de homens illustres, — poetas, prosadores e homens de

sciencia —, têm seguido a carreira das armas, e têm-se batido por mar e por terra, na patria e fóra da patria. Talvez a obediencia, a disciplina e a actividade, que constituem a alma do viver do soldado, exerçam poderosa influencia no character, desenvolvendo a faculdade da concentração disciplinada, que tão essencial é para a formação do verdadeiro genio.

Dante assistiu como soldado á batalha de Campaldino, onde se bateu valentemente á testa da cavallaria guelfa. Foi esse um dos motivos por que o exilaram de Florença. Pedro o Eremita, — o prégador das cruzadas —, tinha sido soldado na sua mocidade, e servira sob o commando do conde de Boulogne, na guerra das Flandres. Pedro não se distinguiu como soldado, e retirou-se do exercito; casou-se mais tarde e foi pai de numerosa prole. Morrendo sua mulher, recolheu-se elle a um convento, e em seguida fez-se eremita. Fez uma peregrinação a Jerusalem, e em seu regresso revelou ao mundo os tormentos a que eram submettidos os peregrinos. Prégou por toda a Europa, e pôz-se á testa dos primeiros cruzados, em numero de cem mil homens. Pereceram quasi todos; não obstante, seguiram-se outras cruzadas.

Entre os poetas inglezes, Chaucer serviu no exercito, sob o commando de Edwardo III, na invasão franceza, em 1379. Foi feito prisioneiro de guerra proximo da villa de Retten, onde esteve captivo durante algum tempo. Jorge Buchanan, quando moço, serviu como soldado raso no exercito escossez, e esteve presente no ataque do castello de Wark, em 1523. Ben Jonson foi praça de pret. Sir Philippe Sydney foi militar. Algernon Sydney commandou uma tropa na rebellião irlandeza. Davenant e Lovelace commandaram tropas no reinado de Carlos I, ao passo que Withers era major

do exercito revolucionario. Bunyan era praça do exercito de Cromwell. Otway foi porta-estandarte de cavallaria no exercito das Flandres. Furquhar tinha um posto subalterno no regimento do conde Orrery.

Além desses, Sotheby era official do 10º de dragões antes de ser o distincto poeta e traductor das *Georgicas* de Virgilio, William Cobbet sahiu das fileiras para ser sargento-mór antes de ser autor. F. R. Lee, da Real Academia de Pintura, era official do 54 de infantaria antes de se dedicar á arte da pintura, e sir Rodrigo Murchison foi capitão dos dragões de Enniskilling antes de se tornar um dos luzeiros da moderna geologia.

Na brilhante epocha da florescencia litteraria da Hespanha, todos os seus grandes poetas e prosadores foram soldados que se bateram na patria e fóra della, tanto em terra como no mar. Lopo de Vega era soldado a bordo da Armada Invencivel. Foi um dos poucos que voltaram á patria. Escreveu então aquella multidão de peças theatraes de que temos noticia (duas mil); em seguida fez-se padre e familiar da Inquisição. O grande Cervantes era militar, e bateu-se valentemente no mar e em terra. Distinguiu-se pela sua coragem na batalha de Lepanto, onde recebeu tres ferimentos de bacamarte, dous no peito e um na mão, que o aleijou para sempre. Elle, porém, provou mais tarde o que dissera nas suas conhecidas palavras: « A lança jamais pôde embotar a penna » — escrevendo a sua grande obra, o *Dom Quixote*.

Calderon, outro militar hespanhol, foi grande dramaturgo, e depois padre. Mendonza de Santillana, um dos mais valentes soldados da Hespanha, era considerado o mais eloquente sabio da côrte de João II, ao mesmo

tempo que Boscan, Montemayor, Garcyllago e Ercilla eram denodados militares e escriptores eminentes. (*)

Ha certa semelhança entre Cervantes, a gloria da Hespanha, e Camões, a gloria de Portugal. Ambos foram soldados e poetas. Cervantes perdeu a mão esquerda, combatendo pela patria, e Camões perdeu o olho direito. Tanto um como outro, só se tornaram famosos muitos annos depois de mortos. Não se sabe onde nasceu Cervantes. Madrid, Esquivias, Sevilha e Lucena disputam a honra de lhe terem sido berço. Morreu em extrema pobreza; foi sepultado em um local hoje ignorado, e as suas cinzas jazem no olvido.

Não ha muito tempo que os Portuguezes commemoraram o tricentenario de Camões, o seu maior poeta. Lisboa trajou galas então, enfeitou-se de bandeiras e galhardetes, assistiu a procissões, e viu o povo entregar-se aos maiores festejos. No entanto, trezentos annos antes, Camões, sem um farrapo com que se cobrir, morreu de fome. Camões foi um soldado valente e um nobre poeta. Em Ceuta, juntamente com a sua tropa, deu elle grandes provas de valor. Em um combate naval, nas aguas de Gibraltar, perdeu um dos olhos. Entretanto, não recebeu recompensa, nem foi promovido. Pouco depois do seu regresso a Lisboa, embarcou para a India, e foi durante

(*) Os ultimos heroes da velha infantaria hespanhola, formada por Gonçalo de Cordova, pereceram todos, firmes como um só homem, na batalha de Recroy, em 1643; nem um só soldado abandonou a fileira. O regimento inteiro foi encontrado morto, jazendo enfileirado como estivera no combate. Que differença entre aquella e a infantaria hespanhola da guerra peninsular! Em uma occasião o duque de Wellington viu fugir um contingente de 10,000 homens. Correram até se perderem de vista.

as longas horas de viagem que escreveu os *Luziadas*, para distrahir-se. Da India dirigiu-se para Macau, na China. No seu regresso para Gôa, naufragou na foz do rio Mecon. Tratou de chegar á terra. Em uma das mãos trouxe o manuscrito do seu poema, nadando só com um braço. Nesse naufragio perdeu tudo quanto possuia. Quando tornou a voltar a Lisboa, reinava a peste nesta cidade. Estava elle então na miseria, comquanto sempre tivesse sido pobre. Dous annos depois da sua chegada foram publicados os *Luziadas*. O poema foi recebido com immenso enthusiasmo, e o rei concedeu ao poeta uma pensão de cinco libras. Camões, porém, adoeceu, a pensão não lhe foi paga, a côrte esqueceu-o, e o poeta viu-se reduzido a recorrer á caridade. O seu fiel Jáo foi o unico amigo que elle teve. Sahia á noite para pedir a esmola de um pão. Em 1580, morreu Camões na enxerga de um hospital, e o seu corpo foi conduzido para a igreja de Sant'Anna, onde o sepultaram.

« Que triste cousa, escreveu o fradé José Judis em uma das paginas dos *Luziadas*, é vêr-se tão grande genio assim tão mal recompensado ! Vi-o morrer em um hospital, sem possuir, se quer, um trapo com que se cobrir, depois de haver combatido tão valentemente na India e ter viajado 5.500 leguas no mar ! Sirva isto de lição áquelles que trabalham noite e dia sem pro-veito !... » A 10 de Junho de 1880, Lisboa inteira pres-tava enthusiastica homenagem ás cinzas do grande poeta.

Ignacio de Loyola, o homem cuja existencia tanto tem influido na historia em relação á existencia de todos os outros homens, foi soldado de Hespanha. Um grave ferimento na perna, recebido no cerco de Pam-peluna, prendeu-o ao leito durante algum tempo. Foi nessa occasião que lhe chegou ás mãos a *Vida dos*

Santos, obra que elle leu attentamente: desde então seu espirito pareceu descobrir uma nova existencia. Loyola dirigiu-se logo para o mosteiro de Montserrat, e alli se demorou algum tempo. Uma noite, foi elle velar as suas armas na capella, segundo o antigo uso estabelecido na cavallaria, e sahiu dalli intitulado-se Cavalleiro da Virgem. Em seguida apresentou-se como fundador dessa ordem militante, a Companhia de Jesus, cujos membros, apezar de tudo quanto se diz a seu respeito, renunciaram aos habitos do ostentado e do luxo.

Um dos mais notaveis soldados francezes foi Renato Descartes. Nasceu em Turena, no anno de 1596. Foi educado pelos jesuitas, que haviam estabelecido um collegio nas vizinhanças da casa paterna de Descartes em La Flèche. No collegio ligou-se elle em estreita amizade com o padre Marsenna, que o decidiu a dedicar-se aos estudos mathematicos e philosophicos. Descartes, porém não se animou a publicar as suas primeiras cogitações. Pertencendo á classe dos nobres; teve que seguir a carreira das armas. Serviu primeiro como voluntario no exercito francez destacado na Hollanda, e serviu depois sob as ordens do duque da Baviera. Esteve presente na batalha de Praga, em 1620, onde portou-se com extraordinario denodo. Durante a sua carreira como soldado empregava as horas de folga nos seus estudos favoráveis de mathematica e de philosophia. Uma occasião, estando-se estacionado em Breda com o seu regimento, viu um grupo de individuos lendo attentamente um escripto. Era este escripto em flamengo, lingua que elle não entendia; disseram-lhe que era um desafio para se resolver um problema mathematico. Quem lh'o explicou foi Hermann, o director da academia de Dort, o qual deu o passo que traduzia o problema para Renato, admirando

de vêr um soldado tomar interesse por semelhantes estudos. Vendo isto, comprometteu-se Descartes a resolver o problema, cuja solução Beckmann recebeu logo na manhã seguinte.

Após a campanha bavara, o regimento a que Descartes pertencia foi invernar em Neuberg, sobre o Danubio ; alli, quando contava apenas vinte e tres annos de idade, concebeu Descartes a ousada idéa de fazer uma completa reforma na philosophia moderna. Pouco tempo depois, deixou o exercito e pôz-se a viajar pela Europa, visitando successivamente a Hollanda, a França, a Italia e a Suissa. Quando completou as suas viagens, resolveu dedicar todo o seu tempo a cogitações mathematicas e philosophicas, e, se fôsse possível, renovar todo o círculo das sciencias. Vendeu parte do seu patrimonio em França, — conhecendo o perigo de viver sob a tyrannia dos reis francezes, — e retirou-se para a Hollanda. Nesse paiz, porém, os seus escriptos envolviam-n'o em controversias. A Igreja levantou-se contra a heresia da sua philosophia. Foi então que elle aceitou o convite de Christina, rainha da Suecia, para residir em Stokolmo, onde foi trabalhar e onde veio a morrer. Conseguiu o que tencionára. Revolucionou os estudos de philosophia, de geometria e de optica.

Outros soldados francezes houve que se distinguiram na carreira scientifica. Maupertuis proseguiu nos seus estudos de mathematicas, em que mais tarde se distinguiu, quando occupava o posto de capitão de um regimento de dragões. Malus, servindo no exercito como engenheiro, empregava as suas horas de descanso, nos instantes avançados, em estudar a optica. Niépce era capitão do 1.º de dragões quando encetou os seus estudos de chimica, e particularmente o da acção

chimica da luz, que redundou na descoberta da photographia. O Sr. Droz serviu durante alguns annos como praça de pret, antes de encetar os estudos de que resultou a sua nomeação para a cadeira de sciencias moraes e politicas do Instituto de França. Lamark, o naturalista, serviu tambem, durante muitos annos, como soldado no exercito francez, e sob o commando do marechal Broglie muito se distinguiu pelos seus actos de bravura. Tendo sido ferido em combate, e ficando invalido, foi Lamark obrigado a abandonar a carreira das armas; dedicou-se então ao estudo das sciencias, ás quaes o seu nome se ligou tão indissolavelmente, e que tanto o distinguiram. A sua *Historia dos animaes invertebrados* é uma das obras mais profundas e completas da historia natural.

Entre os litteratos francezes que foram militares estão: De La Rochefoucauld, o autor das *Maximas*, o qual foi seriamente ferido no assedio de Bordeaux e na batalha de Santo-Antonio, por occasião das guerras da Funda; Paulo Luiz Courier, autor dos *Simple Discours*, que serviu no exercito republicano, no Rheno, e foi depois para a Italia como official de artilharia. Em suas cartas refere elle a magoa que sentiu quando, no tempo em que estudava grego, descobriu que o seu Homero tinha sido roubado pelos Austriacos, durante a sua ausencia.

Em todas as epochas, em todos os tempos, a guerra tem sido acompanhada por actos da mais feroz crueldade. Na delirante febre da conquista, cidades têm sido saqueadas, nações têm ficado extinctas, e sacrificadas innumeradas vidas. Na idade média, foi instituida a cavallaria para, em parte, reprimir os horrores da guerra. Para habilitar-se o homem a cumprir os seus

deveres de cavalleiro, era elle, desde a mais tenra infancia, acostumado á obediencia e á cortezia. Instruam-n'o na arte de manejar a lança e de guiar o cavallo; obrigavam-n'o a frequentar a sociedade de senhoras afim de, com ellas, aprender a ser bom, modesto e gracioso. Chegando á idade viril, era elle, com toda a solemnidade, revestido do gráo de cavalleiro. A religião associava-se á solemnidade; eis a razão do jejum rigoroso, da vigilia nocturna na igreja, do baptismo, da confissão e da communhão, que se realisavam antes da investidura. Dessa maneira se estabeleceu o mais alto gráo de valor e de verdadeira nobreza.

Bayard tem sido sempre citado como nobre e leal cavalleiro *sans peur et sans reproche*. Nasceu elle no anno de 1495, no castello Bayard, no Delphinado. Escolheu a carreira das armas, e seguiu a educação usual de cavalleiro antes de entrar para o exercito do rei. Desnecessario é seguir a historia da sua vida, na qual se comportou sempre como cavalleiro leal. Os seus principaes serviços á patria foram prestados na Italia, sob as ordens de Francisco I, em Fornova, em Milão, em Genova, em Padua, em Verona, em La Bastia e em Brescia. No assedio desta ultima cidade Bayard commandou o ataque. Saltou por cima dos baluartes, e recebeu um terrivel ferimento de alabarda na verilha, ficando-lhe presa nas carnes a farpa da arma. «Está ganha a cidade, disse elle; eu, porém, não poderei entrar nella. Estou ferido de morte.» O duque de Nemours, ao saber que o primeiro forte havia sido tomado ao inimigo, mas que Bayard estava ferido, sentio tamanha magoa como se elle proprio houvesse recebido o ferimento. «Soldados e camaradas, avante! exclamou; vinguem a morte do

mais leal cavalleiro que tem existido!» Brescia foi tomada e os Venezianos vencidos.

Quando os francezes saqueavam a cidade, Bayard foi encontrado entre os feridos, e, como ainda estivesse com vida, levaram-n'o em uma liteira para a casa mais proxima. Ahi foi pensado e curado, e, ao cabo de algumas semanas, recuperou de todo a saude.

Foi então que o papa Julio offereceu ao cavalleiro o posto de capitão general da Igreja. A esse offerecimento respondeu Bayard dizendo que « tinha só um senhor no céu, Deus, e na terra outro, o rei de França; que sómente a elles rendia preito e homenagem; que a nenhum outro jamais serviria!»

Após muitas batalhas e aventuras, sempre levadas a bom exito com lealdade e valor, recebeu Bayard o seu ferimento mortal, em Rebec, proximo de Milão.

O almirante Bonivet, um dos favoritos de Francisco I, enviára Bayard, talvez por ciume, a occupar uma posição perigosissima. Estando elle no seu posto, um tiro de arcabuz, do contingente hespanhol, veio feril-o. O projectil apanhou Bayard nas costas e fracturou-lhe a espinha. Sentindo a pancada, exclamou elle: « Deus do céu! estou morto!» Beijou a cruz de sua espada, immediatamente, como se fôra um crucifixo.

Os seus camaradas quizeram afastal-o do logar da peleja. « Não, disse elle, não quero, nos meus ultimos momentos de vida, voltar, pela primeira vez, costas ao inimigo.» Mandou que o levassem para debaixo de uma arvore. Teve ainda forças bastantes para dar a voz de assalto. « Deixem-me morrer, disse, com o rosto voltado para o inimigo.» Os companheiros que estavam a seu lado não podiam

conter as lagrimas. «E' a vontade do Senhor; cumpra-se! acrescentou. Conservou-me elle neste mundo bastante tempo já, e dispensou-me mais misericordia do que aquella de que me tornei merecedor... Peço-lhes, meus amigos, que me deixem; do contrario, podem ser aprisionados pelos inimigos, e isso seria para mim ainda uma grande magoa. Vou morrer; nada podem fazer por mim.»

Os hespanhoes aproximaram-se então para o aprisionarem. Ao vê-lo naquelle estado, o marquez de Pescara exclamou: «Prouvera a Deus, Sr. cavalleiro, que, dando todo o meu sangue, eu o pudesse aprisionar no gozo de sua saude. Desde que pego em armas, ainda não conheci ninguem que o igualasse!» O marquez dispensou ao heroe moribundo todas as homenagens, todas as attentões. Quando, porém o condestavel de Bourbon, — o condestavel que desertára de sua patria e do seu rei para entrar ao serviço do imperador de Hespanha, — adiantou-se, dizendo: — «Ah! Bayard! não imaginas quanto te lastimo!» Bayard ergueu-se um pouco e respondeu com voz firme: «Agradeço-vos, principe. Não me lastimo eu. Morro como homem leal. Morro servindo ao meu rei. *Vós* é que sois digno de lastima, pois que voltastes as armas contra o vosso principe, contra a vossa patria e contra o vosso juramento!» Pouco depois de proferir estas palavras, o cavalleiro Bayard expirou.

Bayard foi sempre valente, nobre e puro. Era um homem sem macula e sem temor, justo, misericordioso e leal. A sua coragem crescia sempre na proporção das difficuldades que tinha a superar. Desdenhava os perigos, desde que não fossem bons. Jamais se esquivou a auxiliar o proximo, quer com serviços, quer com dinheiro; e fazia-o sempre sem alarde. Diz-se que elle

dotou e casou mais de cem orphãs que se haviam distinguido pela sua modestia e docilidade. As viúvas sempre encontraram nelle um amigo. Era extremamente bom para os que serviam sob as suas ordens. Jamais deixou uma casa em paiz conquistado sem pagar o agasalho e as despezas feitas pelos seus homens. Era inimigo nato dos bajuladores, e aborrecia os calumniadores. As suas virtudes revelaram-se na infancia e desenvolveram-se com a idade. E a historia coroou-o com a aureola que os mais remotos vindouros hão de sempre admirar e respeitar.

A guerra em defesa da patria foi sempre considerada justa e honrosa. A guerra por amor da conquista foi tida sempre como abominavel. No entanto, encontra frequentemente defensores que apregoam-n'a em nome da propaganda da civilisação. Nestes casos, o abutre é sempre o maior conquistador. O patriotismo é um sentimento que nasce de nobres impulsos e de idéas elevadas. E' gerado no amor do torrão natal. Quem não sympathisa com Arnaldo von Winkelried em Sempach, e com Bruce em Bonnuckburn? As suas acções foram nobres; a recordação daquelle exemplo tem contribuido muito para elevar o espirito de seus patrios. Deixaram após si uma idéa do dever que nunca poderá ser olvidada.

O patriotismo não é de modo algum incompativel com a philosophia mundana. Aquelle que tem o coração preso pelos laços da familia e da patria é mais susceptivel de sentir emoções puras, ardentes sympathias e dedicação illimitada, do que aquelle que concentra todos os seus sentimentos em si proprio, que emprega o seu tempo no gozo, na ociosidade e na indiferença.

O patriotismo, a nobreza de alma e a tactica militar attingiram o seu maximo gráo de perfeição na

vida de Washington, o chefe, o libertador de sua patria. Foi elle um dos maiores vultos do seculo dezoito, não só pelo seu genio, como pela pureza e lealdade de seu character. A sua origem ingleza foi a sua mais gloriosa herança. Descendia de uma familia anglo-saxonia do condado de Durham, a qual emigrou para a America e estabeleceu-se no Estado da Virginia em 1659.

O character de Washington era tal que, sendo ainda muito moço, occupou posições de grande confiança e responsabilidade. Na idade de dezenove annos, foi nomeado ajudante general do Estado da Virginia com a patente de major, não tendo nunca abusado da confiança nelle depositada. Foi sempre prompto, obediente e cumpridor de seus deveres. Aos vinte e tres annos, foi nomeado coronel commandante em chefe das forças levantadas na Virginia para cooperarem com as tropas inglezas enviadas em defesa do territorio occidental, invadido pelos francezes. Cedo habituou-se, não só á victoria, como á derrota, a qual incitava sempre a sua indomavel energia.

A vida de Washington já tem sido narrada tantas vezes, que desnecessario seria referil-a ainda, se não fóra com o intuito de apontar a inteira sinceridade, o espirito de abnegação, a pureza do motivo com que elle encetou e levou ao cabo a luta pela independencia e libertação de sua patria. Não houve homem mais puro, nem mais dedicado. Na victoria, sabia conter a sua expansão; a derrota não o podia abalar. Era em tudo magnanimo e immaculado. Na vida de Jorge Washington é difficil dizer o que causa mais admiração, — se a nobreza de seu character, se o ardor do seu patriotismo, ou se a pureza da sua conducta.

Concluindo o seu discurso aos governadores dos diversos Estados da nova nação, quando se demittiu

do cargo de commandante em chefe, Jorge Washington pronunciou as seguintes palavras : — « A minha constante prece é que o Senhor conserve, sob sua santa protecção, a vós e aos Estados a que presidis ; que elle inspire aos cidadãos a pratica da submissão e da obediencia ao governo que os dirige ; que se desenvolva a affeição fraternal entre todos os concidadãos dos Estados-Unidos, e sobretudo entre aquelles que irmãmente se bateram no campo da batalha ; e, finalmente, que inculca em nós todos o espirito da justiça e da misericordia, que nos inspire o desejo de nos ennobrecermos com as virtudes da caridade, da humildade e da serenidade de animo, que são os caracteristicos do Divino Autor da nossa abençoada religião ; e, se não procurarmos seguir o seu exemplo, jamais poderemos ser uma nação feliz. » Quanta modestia, quanta verdade e belleza não encerram estas palavras de Washington !

Fallando da vida do soldado, fôra impossivel concluir sem mencionar o duque de Wellington. Foi elle o Bayard da Inglaterra. A sua primeira e a sua ultima palavra foi sempre o *dever*. O dever foi o principal motor da sua existencia. Na sua vida publica e privada, era elle a personificação da lealdade. Como homem publico, tinha em vista unicamente um fim : melhorar quanto possivel fôsse o serviço militar da sua patria, empregando nesse empenho todas as suas forças, todo o seu engenho. Nunca lhe serviu de incentivo o desejo de conquistar honra e poder. Não tinha ambição pessoal. Contentava-se com cumprir o seu dever.

Seria ocioso fallar da sua coragem. Em nosso seculo de infantaria e artilharia, o general não é obrigado a expôr-se ao perigo. Não obstante, todas as vezes que a sua presença era necessaria em algum ponto do ataque, ou á testa de uma columna, Wellington expunha-se

corajosamente ás balas inimigas. Na batalha de Assaye, dous cavallos que montou foram mortos debaixo d'elle. No Douro viu-se cercado por um corpo de cavallaria franceza; atravessou por meio d'elle, de sabre em punho, lutando denodadamente. Em Salamanca recebeu uma contusão na coixa, e o chapéo foi-lhe levado por uma bala. « Achei-me perto d'elle na noite de Salamanca, refere Napier, no momento em que o clarão da artilharia e o fuzilar dos mosquetes revelavam quanto havia elle ganho. Wellington estava só, a luz da victoria lhe brilhava na frente, seu olhar scintillava de animação; sua voz, porém, conservava-se calma, e mesmo suave. »

A paciencia do duque era extraordinaria. Quando cercado pelo exercito de Massena em Torres-Vedras, no anno de 1810, os seus officiaes quasi que se revoltaram contra elle. Estavam constantemente requerendo licença afim de voltarem á Inglaterra. « Neste momento, escreveu o duque, temos sete officiaes em vias de partir, ou já em viagem para a Inglaterra; e, excepto o general Campbell e eu, não se acha presente nem um só dos que vieram com o exercito. O resultado é que nestas ultimas operações me tenho visto obrigado a ser general de cavallaria e de guarda avançada, e a commandar duas ou tres columnas em um só dia. »

Na Inglaterra; a imprensa voltou-se contra o duque, accusando-o de morosidade. « Não ousava arriscar uma batalha! » dizia ella. O Lord Mayor e os membros do conselho commum da cidade de Londres, esses homens admiraveis, dirigiram uma representação ao rei, requerendo uma investigação sobre a conducta do duque. A camara dos communs murmurava. O ministerio vacillou. Wellington, porém, persistiu na sua tactica em Torres-Vedras. Contava apenas com o auxilio das tropas inglezas, pois que as portuguezas pouco ou mesmo

nada faziam. Referindo-se ás accusações que lhe fazia a imprensa ingleza, disse elle : « Espero que a opinião do povo da Grã-Bretanha não se deixe influir por artigos de jornaes, e que esses mesmos artigos não sejam os interpretes da opinião ou do sentimento publico a meu respeito. Eis a razão por que eu (que mais do que qualquer outro homem tenho o direito de me queixar dos libellos da imprensa) nunca lhes presto a menor attenção, nem jamais autorisei contestação ou rectificação alguma em réplica ás innumeradas mentiras e acervos de falsos raciocinios que têm sido publicados contra mim ou contra as minhas ordens como general.» Quanto ás ameaças do Lord Mayor e do conselho commum, Wellington limitou-se a dizer : « Pódem fazer o que lhes aprouver ; não abandonarei, porém, a partida, emquanto houver probabilidade de ganhar a ».

Os Francezes foram derrotados pelas tropas inglezas em Torres-Vedras, e começaram a bater em retirada. O duque seguiu-os. Os Francezes destruíram a maior parte de suas armas e munições a fim de facilitarem a marcha da retirada. Saqueavam e assassinavam os camponeses a seu bel-prazer. Innumerados camponios foram encontrados enforcados ao longo das estradas, tendo sido o seu unico crime não se mostrarem benignos para com os invasores. A linha de retirada dos Francezes se revelava pela fumaça das aldeias que elles incendiavam na sua marcha. O duque alcançou o exercito de Massena em Fuentes-d'Onoro, e infligiu-lhe terrivel derrota. Wellington em seguida apoderou-se de Almeida, tomou de assalto Ciudad Rodrigo e Badajoz, derrotou Marmot em Salamanca e immediatamente depois entrou em Madrid. E' digno de reparo o seguinte : ao passo que o brigadeiro-general hespanhol não tinha menos de quarenta e tres ajudantes de campo, Wellington, na

sua entrada triumphal em Madrid, ia acompanhado por um unico official, Lord Fitzroy Somerset.

Wellington sempre se mostrou extremamente bemfazejo para com os habitantes dos logares por onde passava. Os Hespanhoes temiam mais os seus proprios soldados do que os soldados inglezes. Aquelles saqueavam tudo quanto encontravam na sua marcha, ao passo que semelhantes actos eram prohibidos ao exercito de Wellington. No entanto, este ultimo achava-se privado de tudo, de dinheiro e de meios de transporte. Quando as tropas inglezas perseguiram Massena, os soldados de Wellington foram buscar lenha nos mattos do conde de Castello-Melhor afim de acenderem os fogos do acampamento. O duque, com rara generosidade, pagou do seu bolsinho o custo da lenha. « A consideração pelos interesses do exercito, e sobretudo a compaixão para com os pobres habitantes dos paizes invadidos, deveriam impedir a leviana destruição das suas provisões e do mais. »

Ao passo que os soldados hespanhoes, sobretudo depois da batalha de Talavera, por diversos modos revelavam os seus sentimentos hostis contra os inglezes, o duque exigia « que os habitantes de Hespanha fôsem tratados com toda a consideração possivel. » — Quando as tropas hespanholas penetraram na França, começaram logo a saquear e assassinar os habitantes das aldeias e localidades por onde passavam. Tendo noticia disto, Wellington ordenou que voltassem immediatamente para a Hespanha, dando a batalha de Orthez sem o auxilio dellas. « Ainda não sou bastante vil para consentir no saque e no roubo, escreveu elle a Dom Freyre; se deseja que os seus homens se entreguem ao saque e á pilhagem, nomeie outro commandante. »

Wellington não encontrava apoio no governo de Inglaterra. Negaram-lhe a faculdade de recompensar ou premiar os seus officiaes pelos actos de bravura que praticavam. Ao passo que os marechaes francezes tinham autorisação para estimularem os seus homens, promovendo-os, Wellington não podia promover official algum no campo de batalha. Todas as promoções eram feitas pelo governo na Inglaterra, e homens que nunca haviam sahido da Grã-Bretanha foram promovidos, de preferencia aos heroes da Peninsula! O tenente-coronel Fletcher, que entrincheirára as forças em Torres-Vedras, que dirigira os cercos de Ciudad Rodrigo, Badajoz, Burgos e Salamanca, ainda era tenente-coronel tres annos mais tarde, quando foi morto pela explosão de uma bomba das trincheiras de San-Sebastian. O bravo e infatigavel tenente-coronel Waters' occupava em 1815, em Waterloo, o mesmo posto que conquistára em 1809, na passagem do Douro. No entanto Wellington não cessava de, nos seus officios para o governo, exaltar os valiosos serviços dos seus officiaes.

Os soldados reconheciam os incessantes esforços do duque para melhorar as suas condições; commo-via-os ver a anciedade e solicitude do chefe para poupar a vida dos seus homens. Eram admiradores da sua imparcialidade, justiça, lealdade e desinteresse. Inspirava elle, tanto aos officiaes, como aos soldados, illimitada confiança. Perdoava mais do que punia. Era necessario, para manter a disciplina no exercito, castigar o erro; elle, porém, procurava sempre encerrar pelo lado mais perdoavel a falta commettida. Quando um official fraqueava em presença do inimigo em vez de entregal-o ao conselho de guerra, Wellington pedia a demissão do infeliz. « Prefiro, dizia, que elle se retire a expol-o ao escarneo da sociedade.

Em uma occasião, um sargento desertou, levando consigo o soldo do seu batalhão. Uma mulher tinha sido a causadora dessa culpa, induzindo o homem a commettel-a. Até então o sargento havia gozado de excellente reputação. O duque perdoou-lhe o crime. Voltou o homem ao seu posto de official inferior; foi mais tarde recommendado para a promoção, e em seguida tornou-se um excellente official de estado-maior na guerra da Peninsula.

Wellington tratava os seus subordinados com extrema cortezia. Possuia no mais alto gráo a urbanidade, a calma e aquelle encanto que só nasce ou da nobreza da origem, ou da natural elevação de character. Nas suas ordens militares, jamais determinava; limitava-se a pedir, a rogar. Em suas conversações com os officiaes, rogava-lhes sempre que nunca usassem de palavras asperas para com os seus subalternos. « Expressões dessas não são necessarias, dizia elle; podem muitas vezes ferir; convencer, isso nunca!»

Apezar de affeito aos horrores da guerra, sentia immensa commiserção pelos soffrimentos dos seus homens. Napier refere que, após o assalto de Badajoz, viu o duque chorar quando lhe foram dizer que mais de 2.000 homens tinham perecido naquella terrivel noite. Quando o Dr. Hume, na manhã de 18 de Junho, entrou no aposento do duque afim de apresentar-lhe a relação dos mortos e feridos na batalha de Waterloo, encontrou-o na cama, dormindo ainda com a roupa que trajava na vespera. Tendo despertado, o duque sentou-se na borda do leito, afim de ouvir a leitura da relação. Era esta longa bastante, e, quando o doutor levantou os olhos, viu Wellington torcendo convulsivamente as mãos, ao passo que as lagrimas lhe cahiam uma a uma pelas faces enrugadas ao ferir de tantas batalhas.

Escrevendo no mesmo dia ao seu amigo o marechal Beresford, exprimia-se elle do seguinte modo : « As nossas perdas acabrunharam-me, e vejo-me de todo indifferente ás vantagens que obtivemos. Rogo a Deus para que nunca mais me veja obrigado a presenciar batalhas como esta; tenho o coração dilacerado pela perda de tantos amigos e velhos companheiros. » A lord Aberdeen disse Wellington : « A gloria de um triumpho tal não me póde trazer consolação. » No entanto havia ganho uma grande victoria, e os alliados se desvaneciam com o esplendor daquelle triumpho ! Passando revista ao campo de batalha, ouvindo os gritos e gemidos dos feridos, o guerreiro deu expansão ás dolorosas sensações do homem nestas memoraveis palavras : « Não conheço nada mais terrivel do que a victoria, — excepto a derrota. »

Quando mais tarde se dirigiu á camara dos Lords, expressou-se da seguinte maneira : « Sou um dos homens que têm passado a maior parte da vida na guerra, principalmente em guerras civis, e devo declarar que, se com qualquer sacrificio, fôsse qual fôsse, eu pudesse evitar um só mez de guerra no paiz em que me acho, fal-o-hia, embora *me custasse a vida* para conseguil-o. »

O duque era homem de extrema bondade. Protegeu o povo hespanhol contra a crueldade dos seus proprios soldados. Protegia até os inimigos. Depois da batalha de Talavera, tiveram os Inglezes que lutar contra os soldados de Cuesta afim de os impedir de matarem e mutilarem os feridos francezes. O Sr. de Châteaubriand assim se exprime : « Respeitamos demasiado a gloria para não exprimirmos a nossa admiração por Wellington. Na verdade, sentimo-nos extremamente commovido ao vermos aquelle homem promettendo, por occasião da nossa retirada de Portugal, dous guineos por prisioneiro francez que lhe fôsse entregue com vida. »

A historia de Wellington está cheia de exemplos desses. Na India, resgatou elle e educou o filho de Doondiah, encontrado entre os feridos no campo de batalha. Interessou-se pela libertação do general Franceschi, que os Hespanhoes haviam abandonado moribundo em uma prisão pestilencial. Libertou o moço Mascarenhas, e muitos outros, da crueldade do governo hespanhol. Protegeu com solícitude, contra a furia dos Portuguezes, os francezes feridos, bem como a todos os soldados inimigos que os azares da guerra atiraram nas mãos delles depois da evacuação do Porto. « Pelas leis da guerra, disse elle, os prisioneiros têm direito á minha protecção, e eu estou resolvido a mantel-as. » Permittiu aos cirurgiões francezes tratarem dos doentes que haviam pertencido ao exercito de Soult, dando-lhes um salvo-conducto para entrarem no campo alliado e delle sahirem.

Manteve sempre illesa a sua dignidade, quando tratando dos meios de vencer o inimigo. Na India, quando lhe propuzeram pôr termo á guerra com Doondiah por meio de uma punhalada, Wellington rejeitou a proposta indignado. Em outra occasião, ao pedirem-lhe o apoio para uma revolta projectada no exercito de Soult, o duque recusou-se a isso com inexcedivel firmeza. Considerava indigno de si, e da causa de que o haviam feito campeão, obter por meio de uma revolta militar aquillo que devia ser a recompensa da sua coragem e do seu engenho.

Em Torres-Vedras, o principe de Essling desejava anciosamente observar e inspeccionar as linhas inglezas. Avançou até postar-se sob uma das baterias, e pôz-se a examinal-a com um oculo de alcance apoiado ao muro de um jardim. Foi visto pelos Inglezes, e, embora pudessem estes ter destruido o estado-maior inimigo com uma descarga geral dos canhões, limitaram-se

a descarregar uma unica peça afim de avisarem ao principe do perigo a que se expunha. O tiro foi visado com tal mestria e certeza, que derrubou o muro em que se apoiára o oculo do principe. Massena comprehendeu o cortez aviso. Cômprimentou a bateria, montou a cavallo e voltou ao seu acampamento.

Facto identico se passou em Waterloo. Em uma occasião em que o duque observava as manobras dos Francezes, um official de artilharia dirigiu-se a elle, e, apontando para o lugar em que se achava Napoleão com o seu estado-maior, disse-lhe «que poderia facilmente alcançal-os, e que sem a menor duvida poderia derrubar alguns delles.» — « Não, não ! respondeu o duque; os generaes que estão dirigindo uma grande batalha têm mais que fazer do que estarem a se derubar uns aos outros.»

Depois da quéda do imperio, Wellington repelliu com indignação a proposta de se livrarem de Napoleão por meio da morte deste. «Semelhante acto deshonnar-nos-hia no conceito da posteridade. Dir-se-hia que não fomos dignos de ser vencedores de Napoleão.» A sir Charles Stewart escreveu elle o seguinte: «Blutcher quer matar Napoleão; já lhe declarei que oppor-me-hei a semelhante attentado, e que insistirei para que se decida da sorte de Bonaparte por commum accordo. Como amigo particular, já aconselhei a Blutcher que não se envolvesse em tão vil acção; disse-lhe que elle e eu representámos papeis demasiado distinctos para nos tornarmos carrascos. E decidi que, se os soberanos allia-dos quizerem condemnar Napoleão á morte, terão de procurar outro algoz, que não eu ! »

Estranha coincidencia! Ao passo que Wellington se mostrava tão desejoso da conservação da vida de Napoleão, correspondia este á sua solicitude deixando um

legado de 10.000 francos ao miseravel que tentou assassinar o duque!

Era Wellington um homem leal, e desejava sempre que os seus subordinados o imitassem. Em 1809 escrevia elle a Killerman: « Quando officiaes inglezes prisioneiros derem a sua palavra de que não tentarão evadir-se, póde ficar certo de que cumpril-a-hão. Asseguro-lhe que eu não hesitaria um só momento em prender e mandar entregar-lhe immediatamente qualquer que tentasse praticar o contrario do que acabo de escrever. »

O duque era magnanimo. Nada havia que o seduzisse, ameaça nenhuma o fazia vacillar. Sendo-lhe offerecida uma posição inferior á que elle então occupava, Wellington limitou-se a responder: « Dêem-me as suas ordens, obedecerei. » A sua obediencia, rectidão e fidelidade eram perfeitas. Nunca pensava em si, e sempre nos outros. Era inteiramente despido de inveja. Jamais diminuiu o merecimento ou a fama dos outros para dar mais realce á sua gloria. Acatava tanto a reputação de seus officiaes como a sua propria. Quando tinha alguma cousa que censurar, como em Burgos, chamava a si todas as faltas. Defendeu Graham, Hill e Crawford contra as accusações feitas na Inglaterra a estes officiaes. Posuía em alto gráo a firmeza de convicção e grandeza de animo que permitem ao homem desprezar a injustiça e a calumnia. Quando a municipalidade de Madrid o congratulou pela terminação da guerra, não quiz o duque aceitar os cumprimentos feitos aos seus serviços militares, dizendo que « os resultados finaes da guerra estavam nas mãos da Providencia. »

O caracteristico, porém, mais distincto de Wellington era o seu inabalavel sentimento do dever. Era a feição principal do seu character, o omnipotente sentimento que subjugava todos os outros sentimentos.

Era desejo constante e resolução inabalavel de Wellington cumprir fielmente tudo quanto elle via que lhe era imposto pelo dever. A sua vida concentrou-se em uma só cousa,— no cumprimento do dever como soldado, a todo o custo, a todo o risco, exercendo-o do melhor modo possivel, com toda a sua intelligencia, com todos os seus recursos, de maneira a conseguir sempre o mais completo exito. Brialmont, por occasião da morte de Wellington, exprimiu-se nos seguintes termos, a seu respeito : « Foi o homem mais elevado, porque foi o mais leal que têm produzido os tempos modernos. Foi o mais recto, o mais fiel dos subditos de throno britannico. »

Citemos agora um exemplo do como foi formada uma nação solida e prospera. Quando a Prussia se achava sob o calcanhar de Napoleão, quando o seu governo não passava de um simples zero, e ella era apenas uma tributaria do imperio francez, apresentou-se Von Stein para salvar a sua patria. Em Outubro de 1809, concebeu Stein a idéa de emancipar a Prussia, conferindo a liberdade ao povo. A essencia do seu plano se concentrava nas seguintes palavras : « O que o estado perde em grandeza de territorio deve ser compensado pela consolidação interna. A verdadeira solidez de um reino não se encontra sómente na aristocracia, mas sim na nação inteira. Para salvar um povo, é necessario dar liberdade, independencia e propriedade ás classes opprimidas, e estender a protecção da lei a todos igualmente. Emancipar o camponio, porque sómente o trabalho livre pode manter uma nação. Restituamos ao camponez o terreno que elle lavra, porque é sómente o proprietario independente que é corajoso na defesa do lar e

patria. Libertemos o cidadão do monopólio e da tutela da burocracia, pois que foi a liberdade na officina e na municipalidade que deu ao antigo burguez da Allemanha a invejavel posição que elle durante tanto tempo occupou. Ensinemos aos fidalgos proprietarios de terrenos que é sómente o desinteressado serviço ao Estado e á patria que póde manter a legitima preeminencia da aristocracia, a qual se acha murada por injustificaveis privilegios. A burocracia, em vez de embrenhar-se no pedantesco conhecimento das leis e decretos, e na arrecadação do sello e dos emolumentos acima de tudo, deve estudar o povo, conviver com elle e adoptar os seus habitos para conformar-se com as realidades dos tempos em que vivemos.»

Eis o modo como procedeu Stein para pôr em pratica o seu plano.—Foi abolido o direito de feudo, indemnizando-se aos feudatarios. Foram abolidas as distincções de classes perante a lei. Estabeleceu-se o systema municipal. A mocidade da Prussia foi gradativa e universalmente educada no manejo das armas. No entretanto teve Napoleão noticia de um certo Stein (*) que se

(*) Quando Stein se predispunha a deixar Berlim, com destino a Breslau, o novo embaixador francez junto á côrte da Prussia chegou á capital levando consigo o seguinte decreto:

« I. Le nommé Stein, cherchant à exciter des troubles en Allemagne, est déclaré ennemi de la France et de la Confédération du Rhin.

« II. Les biens que le dit Stein posséderait, soit en France, soit dans la Confédération du Rhin, sont sequestrés. Le dit Stein sera saisi de sa personne par tout où il pourra être atteint par nos troupes ou celles de nos alliés.

« NAPOLEON. »

« Le 16 Decembre 1808. »

empenhava em reparar os revezes da Prussia, e em 1808 Stein foi obrigado a pedir demissão da posição que occupava e a refugiar-se na Austria. Os seus planos, porém, foram fielmente executados pelo seu successor, o conde Von Hardenberg. Pouco tempo depois feriu-se a batalha de Leipzig, sendo o exercito de Napoleão rechassado para a França. Alguns dos planos de Stein não haviam ainda sido postos em pratica, e a representação nacional que elle propunha foi transferida para mais tarde. No entanto, já se achava abolido o direito de feudo, e os alicerces da futura prosperidade da Prussia já estavam implantados. Stein morreu em 1831, deixando a reputação de ter sido um dos mais rectos caracteres e dos melhores estadistas da Prussia.

Nós, que vivemos actualmente, vimos fazer-se e crescer uma nação. Ha quarenta annos, a sorte da Italia parecia bem negregada, mesmo na opinião dos seus mais fervorosos admiradores. Parecia estar extincta aquella aptidão para o governo proprio que durante tantos annos foi a gloria das republicas italianas. O mundo julgava que aquelle povo tinha perdido as suas antigas qualidades politicas. Apóz a quèda de Napoleão, a Italia foi repartida aos pedaços e entregue a um bando de mesquinhos absolutistas que governavam o povo com mão de ferro. Foi sómente em 1848 que Carlos Alberto, rei da Sardenha, se adiantou ousadamente e proclamou os principios do governo constitucional. Naquelle anno propagou-se pela Europa a febre da revolução. Ergueram-se barricadas nas ruas de Pariz, e Luiz Philippe fugiu para a Inglaterra. Em Berlim, a tropa e o povo lutaram nas praças, e a cidade foi declarada em estado de sitio. Rebentou uma revolução na Polonia, que foi subjugada após horriveis carnificinas. A cidade de Praga

insurgiu-se contra os Austriacos. Messina foi bombardeada pelo rei de Napoles. O papa fugiu para Gaeta, e proclamou-se a republica de Roma. O povo de Milão se revoltou contra os Austriacos e expulsou-os. Veneza seguiu-lhe o exemplo, e organisou-se um governo provisorio sob a direcção de Daniel Manin.

Carlos Alberto acudiu em auxilio dos Milanezes. Os Austriacos, com forças muito superiores ás do rei, rechassaram-n'o para Turim, derrotaram-n'o em Novara e reconquistaram as provincias revoltadas. O rei abdicou em favor de seu filho Victorio-Emmanuel. Quando o principe recebeu a corôa, desembainhou a espada, e, apontando com ella para o acampamento austriaco, exclamou: « *Per Dio, l'Italia sarà!* » Naquelle momento, as palavras do novo rei pareciam inspiradas por vaidosa basofia. Mas a sua prophesia cumpriu-se. O marechal Radetzky propôz ao joven rei que abolisse a carta constitucional offerecida por Carlos Alberto ao povo, e que seguisse a politica austriaca de repressão e obscurantismo. Victorio-Emmanuel rejeitou a proposta, dizendo que preferia renunciar não só a uma corôa, mas a mil que lhe offerecessem, a subscrever taes condições. « A casa de Saboya, disse elle, já conhece o caminho do exilio; nunca, porém, conheceu a senda da deshonra! » Radetzky, embora conquistador, reconhecia a grandeza de animo do novo rei. « Esse homem é uma nobre alma; ainda nos ha de dar muito que fazer. »

Victorio-Emmanuel foi auxiliado e sustentado por habéis estadistas. Nos dias de soffrimento que se seguiram á batalha de Novara, Cavour dizia: « Todo o dia de existencia é um dia ganho. » Quando rebentou a guerra da Russia, pareceu audaciosa affouteza da parte do rei da Sardenha enviar quinze mil homens para a Criméa. Quando foram dizer a Cavour que a infantaria sarda

estava atolada no lodo das trincheiras, o grande estadista exclamou: « Não importa! é daquelle lodo que ha de surgir a Italia! » A Austria contemplava indignada o poder crescente do novo rei, e exigiu que a Sardenha se desarmasse sob pena de hostilidade immediata. Victorio-Emmanuel publicou uma proclamação. « A Austria, dizia elle, está augmentando o numero de suas tropas em nossa fronteira, e ameaça-nos com a invasão, sómente porque reina aqui a liberdade com ordem, porque não é a prepotencia, mas sim a concordia e a affeição que existem entre o povo e o rei, que governam a patria; porque aqui os gemidos da Italia encontraram echo. E a Austria ousa exigir de nós, armados em defesa propria, que baixemos as armas e nos submettamos á sua clemencia. Esta insultuosa exigencia recebeu a resposta merecida: rejeitei-a com desprezo... Soldados, ás armas! »

O imperador Napoleão III tomou o partido do rei da Sardenha, e declarou a guerra contra a Austria. Começou a luta, e os Austriacos foram derrotados em Montebello, Palestro, Magenta, Malignano e Solferino. O tratado de Villafranca pôz termo á campanha; e a Lombardia, a Toscana, Parma, Modena e Bologna, reunindo-se, formaram a Italia Septentrional. Foi então que Garibaldi tomou a iniciativa de invadir a Sicilia. Ganhou batalha sobre batalha, e entrou em Napoles sózinho, como passageiro de primeira classe da estrada de ferro meridional. Jamais foi reino algum conquistado deste modo. Os tempos, porém, eram propicios, e o povo suspirava pela Italia-Unida. Veneza e Roma foram os ultimos Estados a entrar no pacto nacional.

A Italia congregou-se em um só Estado. Unida, formou uma nação. E hoje é uma das grandes potencias da Europa. Em poucos annos tomou ella o seu papel

no theatro do mundo, revelando a sua futura grandeza. Consideramos este facto como uma das grandes conquistas moraes do decimo-nono seculo. As nações não nascem em um dia; aqui, porém, temos o exemplo de uma nação atravessando seculos de vicissitudes e de lutas para, finalmente, proclamar o seu direito supremo, e revelar o supremo privilegio de um povo unido.

Não nos esqueçamos, porém, de citar os horrores da guerra em nossa exemplificação da vida do soldado e do patriota. A Europa está cheia de exercitos em pé de guerra. A sciencia tem-se ultimamente dedicado á invenção e producção de machinas homicidas,—o canhão raiado, as espingardas Menié, Gatting e Martini-Henry, o torpedo, e outros instrumentos de guerra. As nações parecem todas estar á espreita umas das outras, e á menor provocação acham-se preparadas para a luta, quer por desforra, quer por supremacia, ou simplesmente por conquista. Dá-se isto na França, na Allemanha e na Russia.

A ultima guerra européa foi no Oriente. Os Russos atacaram a Turquia, e, após longos e ferozes combates, rechassaram os Turcos até os muros de Constantinopla. Contemplemos o campo de batalha depois de passados os fulgores da luta, depois de extinctas as pompas marciaes, a carga, o intenso entusiasmo, os actos de bravura e os hymnos da victoria.

Em Maio de 1879, o Sr. Kinnaird-Rose acompanhou o general Scobeloff em uma visita ao desfiladeiro de Shipka. « Perto das aldeias de Shipka, refere o Sr. Rose, o general Scobeloff sahiu de sua barraca, acompanhado por todo o estado-maior, e começou uma inspecção minuciosa das posições que occupavamos. Tinhamos dado apenas alguns passos, quando deparámos uma cruz de madeira levantada á sombra de quatro copadas arvores.

O general descobriu-se immediatamente, exemplo que foi seguido por todos, e deixou-se ficar alli alguns minutos em completo silencio. Ao afastar-se, disse-me elle: « E' a sepultura de um heroe ; no dia da batalha recomendei mui particularmente que erguessem aquella cruz sobre a sua sepultura, afim de reconhecer-lhe a ultima morada. Era uma criança de quinze a dezeseis annos de idade, e pertencia a uma das principaes familias da Russia. Possuido de ardente enthusiasmo militar, e convencido da santidade da causa pela qual a Russia se batia, fugiu da escola e do lar paterno, e dirigiu-se para o theatro da guerra. Reunindo-se ao exercito em Plevna, aceitei-o como voluntario, e elle bateu-se valentemente no assalto e depois na tomada da fortaleza de Osman Pachá. Em Senova commandou uma companhia do regimento 32, cujo dever era assaltar o reducto central. Impellido pelo enthusiasmo, e sem o menor receio do perigo, o valente menino distanciou-se muitissimo dos seus homens, e, escapando á chuva de balas que cahia sobre elle, foi morrer de encontro a uma bayoneta no momento em que entrava no reducto. »

Eis o heroismo ; veja-se agora o reverso. « Atravesando um riacho, continúa o Sr. Kenniard, penetrámos no reducto central da pequenina peninsula, e que triste espectaculo se apresentou aos nossos olhos ! Em torno da porta do reducto, jaziam espalhados no chão armas partidas, estilhaços de bombas e restos de fardas rasgadas, como se a batalha se tivesse ferido apenas alguns dias antes. Não estavamos preparados, porém, para a horrorosa scena que se nos offereceu mais para o interior do reducto. Varias centenas de homens tinham sido enterrados alli apressadamente ; a chuva e a neve haviam espalhado a terra fôfa, lobos e cães famintos tinham terminado a obra terrivel, e no chão do reducto

via-se uma vasta confusão de ossos humanos. Vertebrae, tibias e biceps se mesclavam do mais estranho modo com as caveiras embranquecidas pelo sol e pela chuva. « Repara como sorriem essas bocas sem vida ! Escarnecem de ti, e no entanto foram o que tu és ! » escreveu um grande autor. Já experimentei todo o horror de passar por um campo de batalha immediatamente depois do combate, ainda quando o terreno estava coberto de cadaveres ; nunca, porém, senti o terror que me causou o aspecto daquella pavorosa scena, dezeseis mezes depois de haverem cessado a guerra e os combates. O general Scobeloff dirigiu-me as seguintes palavras, ao contemplar aquelle ossuario : « E isto chama-se a gloria ! » — « Sim, respondi, é forçoso confessar, general, que

« Enxugar uma lagrima que seja

« Vale mais que expargir [ondas de sangue ! »

« Tem razão, replicou Scobeloff ; e no entanto eu sou um soldado ! »

CAPITULO IX

HEROISMO NO BEM-FAZER.

Main de femme, main de fer.

(*Prov. francez.*)

Chi non soffre non vince.

(*Prov. italiano.*)

He who tholes overcomes.

(*Prov. escocez.*)

A senda do dever nesta vida é o caminho da salvação na outra.)

(*Sabio Judeu.*)

Nenhum de nós vive para si sómente, nem por si sómente morre homem algum.

(S. PAULO.)

Nos tempos antigos,— virtude e valor eram synonymos. O valor, o antigo valor dos Romanos, significava merecimento, valia. Era a energia, a força empregada em nobres emprehendimentos. Aquelle que melhor serve aos seus semelhantes, que os eleva,— que os salva,— é quem maior valor possue.

Ha tambem o valor, a coragem de animo, a coragem da consciencia, da honestidade, do sacrificio, da abnegação, da ousadia de praticar o bem perante o escarneo do mundo. O seu primeiro carácterístico é a grandeza de coração. A abnegação e a energia são dualidade que constitue a alma do merecimento, do verdadeiro valor.

O heroismo que tem por theatro o campo de batalha não é o mais elevado heroismo. Entre o trou-

do canhão e o tenir das espadas, o homem é incitado a praticar actos de bravura, e sente-se prompto a dar a vida pela patria. Honra lhe seja feita!

A mulher, cujas attribuições parece que são unicamente soffrer e perdoar, é tambem capaz de tanta coragem e abnegação como o homem. Nas sanguinolentas lendas da guerra, não ha nenhuma talvez que mais nos commova do que aquella que narra como uma mulher vestiu-se com um traje masculino e acompanhou o noivo ao combate, conservando-se a seu lado quando elle cahiu, e preferindo, finalmente, affrontar a morte a separar-se do corpo do amado. Quantos destes combatentes do mundo não existem, pelejando sempre na ardua batalha da vida, lutando para attingir uma posição sem jamais alcançal-a, vencidos pela artilharia da necessidade, rechassados, derrotados, quasi desesperançados, mas no entanto voltando sempre á carga!

O heroe christão não se inflamma com os actos de bravura que enthusiasmam o heroe soldado. A arena em que aquelle peleja não é a da aggressão e da luta, é a do soffrimento e da abnegação. Não refulgem medalhas no seu peito, sobre a sua cabeça não fluctuam estandartes. E quando elle cahe, como é frequente, no cumprimento do seu dever, não lhe vêm cobrir o tumulo os louros da nação, nem as orações pomposas; sobre a sua cova se derramam apenas algumas lagrimas silenciosas.

O homem não foi creado para a fama, para a gloria, para o triumpho, e sim para alguma cousa de mais elevado do que aquillo que o mundo póde dar. « Deus deu ao homem, diz Jeremias Taylor, poucos dias de existencia na terra, mas é desses poucos dias que depende a eternidade. Devemos lembrar-nos de que temos muitos inimigos que vencer, muitos males que impedir,

muitos perigos que correr, muitas difficuldades que superar, muitas necessidades que servir e muito bem a que attender. »

A abnegação é a chave do christianismo. Os melhores homens e as melhores mulheres jámais foram egoistas. Sempre se sacrificaram pelos seus semelhantes, sem visar a gloria ou a fama. Encontraram a sua melhor recompensa na consciencia do dever cumprido. « Faze aos outros o que desejas que te façam a ti » é um mandamento de immensa applicação. E no entanto não é facil, — sobretudo para aquelles que vivem no seio da opulencia ou do indifferentismo, — cumprir esse mandamento.

Não haveria em nossa existencia uma só cousa desnecessaria, se entendessemos os seus mysterios ; não haveria uma unica provança em nossa vida que não fôsse cheia de significação para nós, se a pudessemos comprehender. Mesmo o infortunio é a mais segura pedra de toque da resignação humana. O mais notavel dos poetas da Allemanha disse que « aquelle que ainda não trago o pão amassado em lagrimas, que ainda não passou noites de pranto e de afflicções, não póde ter sentido a scintella divina. » As nossas afflicções nos são talvez enviadas para experimentar-nos. Se nos conservamos firmes em nossas horas de provança, essa firmeza nos dá a serenidade de animo que sempre acompanha a consciencia do cumprimento do dever.

As occasiões de praticar o bem apresentam-se para todos quantos trabalham por pratical-o. A paciencia e a perseverança tudo vencem. Quantos homens e quantas mulheres não têm affrontado voluntariamente a morte, sem se lembrarem dos louvores do mundo. Empregam a existencia em beneficiar os pobres ; tratam dos enfermos, soffrem com elles, e não poucas vezes adquirem o mal

contagioso de que vêem a morrer.— Muita vida se tem sacrificado assim na pratica do dever e da caridade. Não cubicaram recompensa alguma. O sacrificio feito pelo amor do proximo é sempre sagrado.

Epimenides, um poeta e philosopho de Creta, foi chamado a Athenas para atalhar a peste. Accedeu ao pedido e conseguiu impedir os progressos da epidemia, recusando toda a recompensa, além da amizade e benevolencia dos Athenienses para os habitantes de Gnossus, logar donde elle tinha ido.

Nos tempos antigos, a peste causava terror. O povo fugia espavorido. Os homens afastavam-se uns dos outros. Muitas vezes os atacados do mal eram abandonados para morrerem sem soccorro. No entanto muitos homens e mulheres, verdadeiramente nobres, offereciam-se para debellar o mal. Ha trez seculos, a peste invadiu a cidade de Milão. O cardeal Carlos Borromeu, então arcebispo, estava naquella epocha (1576) residindo em Lodi. Preparou-se immediatamente para ir á cidade infectada. O clero aconselhou-lhe que não fizesse tal, que esperasse até que o mal houvesse diminuido. A resposta do bispo foi a seguinte: « Não! o dever de um bispo é dar a vida pelo seu rebanho; não posso abandonar o meu na hora do perigo. » — « E' verdade, disseram-lhe, que o mais ballo caminho a seguir seria esse. » — « Então o dever de um bispo não é seguir sempre o caminho mais recto? » E partiu immediatamente para Milão.

Durou a peste quatro mezes, e em todo esse tempo o cardeal visitou pessoalmente os enfermos, em suas casas, nos hospitaes, em toda a parte. Velava-lhes á cabeceira, dava-lhes a dieta, applicava-lhes os remedios, e na hora da morte administrava-lhes os sacramentos. O seu exemplo foi seguido pelo clero, que

começou a cuidar dos enfermos com a mesma dedicação do seu chefe. E não foi senão quando o mal se achava inteiramente extinto que o santo varão voltou ás suas occupações episcopaes.

O cardeal tem jus á nossa admiração em outro ponto. Foi o primeiro a instituir a escola do Domingo para a instrucção dos filhos dos indigentes. « O Domingo foi feito para o homem, e não o homem para o Domingo. » Toda a boa obra podia ser feita naquelle dia como em outro qualquer. O cardeal chamava para junto de si as crianças das ruas de Milão, nos Domingos á tarde, e, reunindo-as no interior da cathedral, ensinava-lhes a ler e a escrever. Levavam ellas comsigo os seus cadernos e as suas lousas, afim de escreverem as lições do mestre. Os padres auxiliaram-n'o, e a sua obra se tornou Popular. Já são passados trezentos annos, mas a escola do Domingo do cardeal Borromeu ainda existe. Na primavera do anno de 1879, o autor deste livro viu as crianças se reunirem na cathedral de Milão, levando comsigo os seus livros, afim de receberem as lições do Domingo.

O cardeal despendia todos os seus rendimentos na edificação de escolas e collegios, e em obras de caridade e misericordia. Na epocha em que elle viveu, o vicio reinava supremo, e o cardeal empregou todas as suas forças em combatel-o. Empenhou-se pela reforma do clero, especialmente nas ordens monasticas. Tentou moralisar a ordem dos *Umilitati*, que provocavam grandes escandalos com a licenciosidade de seu comportamento. Elles por sua vez se escandalisaram, porque o cardeal ensinava a ler ás crianças pobres no adro da cathedral. Accusaram-n'o de profanar o Domingo, o sancturio e o sacerdocio (*). A sua escola do Domingo foi considerada

(*) « E hoje, diz um escriptor americano, se um homem

como uma «perigosa innovação.» Os *Umilitati* compraram um homem para assassinar o cardeal, quando este estivesse officiando no altar. No momento em que o côro entoava um dos canticos, o assassino disparou o arcabuz á queima-roupa sobre o prelado. O projectil bateu nas costas da victima; sendo, porém, a capa de asperges muito encorpada e bordada a ouro, a bala resvalou e cabiu. O cardeal nem sequer vacillou. Ao passo que a congregação inteira dava mostras de consternação, elle proseguia na sua prece.

Voltemos, porém, á peste. Visitou ella por diversas vezes a Inglaterra, no tempo em que o povo se alimentava peor do que actualmente, e quando as condições de hygiene eram totalmente descuradas. Foi fatalissima em Londres, onde as ruas eram estreitas, immundas, mal ventiladas e desprovidas de agua. A ultima apparição da peste em Londres foi no anno de 1665; ceifou mais de 100.000 vidas, e isto quando a população da capital não attingia á sexta parte do que é hoje. De Londres espalhou-se pelo paiz inteiro. Embora o povo em geral fugisse da terrivel enfermidade, contam-se

se animar a inaugurar o trabalho das escolas do Domingo por aquelle systema amplo e extenso que abraça a vida inteira da criança, que é o unico meio pratico e aproveitavel de continuar a obra de Christo como elle a começou, será coberto de accusações. Tente elle, por exemplo, pôr um paradeiro á crescente maré da litteratura perniciosa, dando aos seus discipulos livros sãos, escolhidos na livraria secular, ou procure impedir a vagabundagem, instituindo uma commissão de empregos na sua escola, immediatamente os protectores do Dia do Senhor e os defensores da leitura da Biblia bradarão á alerta! E' que em todos os tempos e em todas as gerações os Pharisaeus têm tido um justo que se apresente ao Senhor. Oh! Jesuitas! quando se extinguirá a vossa raça obstruente?»

muitos exemplos de abnegação. Dentre muitos nomes citemos o do bispo Morton, do condado de York. Dedicou-se elle de corpo e alma ao seu rebanho, sem considerar em si proprio. Um hospital foi organizado para receber os indigentes enfermos. Iam-n'os buscar aos seus miseraveis casebres e os conduziam para o hospital, onde eram tratados com o maior desvelo. Ao passo que era difficil encontrar quem se prestasse a servir de enfermeiro, o bispo não arredava pé de junto dos seus doentes. Como um soldado, estava sempre firme no seu posto. Quando havia falta de viveres para os enfermos, elle proprio montava a cavallo e ia buscal-os á sua herdade, trazendo-os em um sacco á garupa do animal. Não consentia que os seus criados corressem o risco a que elle proprio se expunha; não só apparelhava pessoalmente o seu animal, como mandou abrir uma porta pela qual podia entrar e sahir sem communicar com os habitantes da herdade. O bispo era um homem de abnegação, cheio de generosidade e inteira virtude. Quando os seus rendimentos foram augmental-os, despendeu-os todos em obras de caridade e na promoção de toda a sorte de beneficios. A sua vida foi um só acto de sincera piedade e de benevolencia christã.

Na cidade de Londres, quasi todos os medicos, e entre elles Sydenham, fugiram da peste; alguns, porém, ficaram. Entre esses conta-se o Dr. Hughes, o qual não abandonou o seu posto nem um só momento. Dedicou-se elle exclusivamente ao tratamento dos empestados. Nenhum lucro auferia pelas suas fadigas; tinha em recompensa apenas a approvação de sua consciencia. Posteriormente, ficou reduzido á pobreza, foi encarcerado em Ludgate por dividas, e alli morreu em 1683. Deixou a melhor noticia que existe da ultima visita da peste.

Já dissemos que de Londres a peste se espalhou pelo

paiz inteiro. Em muitas aldeias longiquas ainda hoje se aponta o logar onde « foi enterrada a peste. » Na remota aldeia de Eyam, no Derbyshire, um alfaiate recebeu de Londres um caixão de roupas. Quando as des-encaixotava, foi accommettido de subito incommodo, e ao cabo de quatro dias morreu da peste que então grassava na capital. O mal propagou-se. Os habitantes da aldeia, apenas 350, combinaram um exodo geral; isto, porém, foi impedido pelo heroismo do pastor, o Rev. Guilherme Mompesson. Demonstrou elle aos seus fieis que, se tal fizessem, levariam o mal para outros logares, e elles consentiram em ficar. O pastor mandou para fóra da aldeia os seus filhos, e desejou mandar com elles sua mulher, então muito debilitada de saude; ella, porém, não quiz abandonar seu marido.

O Rev. Mompesson resolveu isolar a aldeia, de modo que a peste não se propagasse pelos districtos circumvizinhos. O conde de Devonshire concorreu com tudo quanto foi necessario, — viveres, medicamentos e outras provisões. Para não agglomerar o povo na igreja, o pastor officiaava ao ar livre. Escolheu um rochedo no valle para pulpito, e o povo se reunia em um outeiro que ficava em frente e muito proximo, donde era elle perfeitamente ouvido.

Os estragos da peste duraram sete mezes. De todas as vezes que se reunia a congregação, contava-se menor numero de fieis. O pastor e sua mulher estavam constantemente entre os enfermos, medicando-os, alimentando-os e velando por elles. Afinal, a dedicada esposa adoeceu, e, debil como estava, succumbiu rapidamente. Foi sepultada, e o pastor murmurou sobre a sua cova as palavras que tantas vezes dissera junto ao tumulo de seus fieis: « Abençoados os que morrem no seio do Senhor, disse o

Verbo, porque descansam das suas fadigas. » O pastor quasi morreu de dôr; resistiu, porém, por amor de seu rebanho. Quatro quintas partes dos habitantes succumbiram ao mal e foram enterrados em uma collina, perto da aldeia.—« Com verdade posso dizer, escreveu o Rev. Mompesson a um amigo, que a nossa aldeia tornou-se um Golgotha, um repositorio de caveiras... Na minha parochia foram visitados pela peste vinte e seis familias, das quaes morreram 295 pessoas. » O bom pastor viveu longos annos. O deado de Lincoln foi-lhe offerecido, mas elle recusou. Preferiu ficar entre o seu fiel rebanho, junto á sepultura de sua esposa. Morreu em 1708.

Cincoenta annos mais tarde, deu-se um estranho facto na mesma aldeia. Estavam alguns trabalhadores cavando a terra junto ao logar em que « fôra enterrada a peste », quando puzeram a descoberto uns restos de roupas brancas, sem duvida pertencentes a algum corpo sepultado alli; quasi immediatamente foram todos accommettidos de febre typhoide. Trez desses homens succumbiram; a infecção espalhou-se na aldeia e della morreram setenta pessoas. O typho parece ser o successor da peste, e muitas são as cidades e povoações da Inglaterra onde essa terrivel enfermidade faz milhares de victimas annualmente.

O autor tem viva lembrança de uma epidemia de typho que grassou em Leeds ha trinta annos, pouco mais ou menos. A febre manifestou-se primeiro nos quarteiros pobres da cidade, espalhando-se em seguida pelos mais ricos. Em um pateo onde havia sete casas, vinte e sete pessoas foram atacadas do mal, e tres dessas casas não possuiam camas. O mesmo aconteceu

em outros pateos (*) e estalagens. Em uma casa onde havia doze doentes de typho, uma só cama não existia. A casa de convalescença e o hospital da febre estavam totalmente cheios. Construiu-se um barracão de madeira para servir de hospital provisório, e uma das fabricas foi também utilizada para o recebimento de enfermos.

O Dr. Hook, então vigario de Leeds, e o Rev. G. Hills, depois bispo da Columbia, visitavam diariamente esses logares. Administravam aos doentes todo o conforto e auxilio que podiam. Os padres catholicos também se mostravam extremamente dedicados. Logo que se manifestou a peste, accudiram elles em soccorro dos pobres. Eram vistos cheios de piedade e intrepidez, nas casas em que o proprio ar era pestilencial, onde um só momento de estada era quasi morte certa. Constantemente eram encontrados junto aos leitos dos moribundos e dos que acabavam de morrer. Não havia perigo que fizesse recuar aquellas almas resolutas. Viam diante de si a morte e não a temiam. A peste, porém, não os poupou, e matou-os um por um. O Rev. Henrique Walmsey, o decano dos padres catholicos, foi o primeiro a morrer. No dia seguinte ao da sua morte, falleceu o seu immediato em hierarchia; havia apenas vinte dias que chegára a Leeds. Outros padres se apresentaram na estacada, como se se tratasse de ganhar uma victoria. Pediam instantemente que os deixassem occupar os postos mais perigosos. O successor do Rev. Walmsey foi a terceira victima. Morreram mais dous, completando

(*) Estes pateos muito se assemelham aos nossos *cor-tiços*.

o numero que havia então em Leeds. A cidade ergueu um singelo monumento sobre a sua sepultura commum, chamando-os « homens succumbidos victimas da febre, no desempenho dos seus sagrados deveres, em 1847.»

Além desses, um dos pastores da igreja parochial morreu victima da mesma enfermidade. Dous dos medicos da cidade foram atacados do mal, e um delles falleceu. Ao todo, fez a peste 400 victimas. Os medicos e os cirurgiões estão sempre em contacto com toda a sorte de molestias, por mais contagiosas que sejam. Muitos desses homens affrontam a morte sob todos os aspectos, muitas vezes sem a menor esperanza de recompensa. Vão para onde são chamados, cumprindo o seu dever sem hesitar, muitas vezes sem receber, sequer, um só agradecimento. Trabalham e lidam, dedicam-se corpo e alma em combater o mal, até que lhes faltam as forças: então a febre se apossa delles e mata-os. Heroes como esses, ha-os muitos, que passam na vida calados e desconhecidos, sem que a fama lhes repita os nomes. Os maiores heroes que têm existido são, quiçá, homens de quem o mundo não tem noticia.

Medicos e cirurgiões têm cumprido o seu dever, não só nos casebres dos pobres, como nos campos de batalha. Têm affrontado o fogo e as balas, afim de salvar os feridos e de conduzil-os para as ambulancias. O cirurgião francez Larrey foi um grande heroe. Por occasião da retirada de Moscow, foi elle visto fazendo uma operação, litteralmente sob o fogo do inimigo. Tinha apenas o seu manto de campanha para proteger o paciente; estendeu-o á maneira de tôlido sobre o lugar em que jazia o ferido, afim de impedir que a neve, que então cahia, lhe fizesse mal. Em outra occasião, nos ardentes arciaes do Egypto, o corajoso cirurgião deu

mostras de igual valor. Acabava de ferir-se um combate entre francezes e inglezes ; o general Silly recebêra uma bala que lhe fracturára um joelho. Larrey, prevendo os resultados fataes que poderiam sobrevir se a perna não fosse immediatamente amputada, propôz a operação ao general. Este consentiu, e a operação se fez, sob o fogo do inimigo, no espaço de trez minutos ! Entretanto, aproximava-se a cavallaria ingleza. Que seria feito do heroico medico e do seu caro doente ? « Mal tive tempo, narra Larrey, de tomar o ferido ás costas e fugir com elle rapidamente em direcção ao nosso exercito, então em plena retirada. Avistei uma serie de vallados pouco profundos, alguns delles plantados de alcaparreiros, atravéz dos quaes me embrenhei, ao passo que a cavallaria ingleza era obrigada a seguir caminho mais afastado. Desse modo tive a satisfação de alcançar a rectaguarda do nosso exercito antes do corpo de dragões. Pudemos finalmente chegar á Alexandria, onde completei a cura do meu valente ferido. »

Citemos mais um heroe. O Dr. Salsdorf, cirurgião do principe Christiano da Saxonia, teve a perna despedaçada por uma bomba no principio da batalha de Wagram. Jazia ferido no chão, quando avistou, a uns quinze passos distante de si, o Sr. de Kerbourg, ajudante de campo, o qual, ferido por uma bala, cahira vomitando grande quantidade de sangue. O cirurgião percebeu que, se o official não fôsse promptamente soccorrido, morreria infallivelmente. Concentrou, pois, todas as suas forças, toda a sua energia, e arrastou-se pelo chão até chegar junto do ferido ; sangrou-o, e assim salvou-lhe a vida. O Sr. de Kerbourg não teve ensejo de agradecer ao seu salvador. O cirurgião ferido foi levado para Vienna ; mas achava-se tão exausto de forças, que só viveu quatro dias em seguida á amputação da sua perna.

Quando um exercito avança contra o inimigo, é costume trazer na retaguarda os carroções preparados para a accommodação dos feridos. Se algum soldado cabe, é logo levado para alli, afim. de ser soccorrido pelo cirurgião. Se, porém, o exercito é rechassado, os cirurgiões e feridos têm que fugir ou ficar prisioneiros do inimigo. Por occasião da batalha do Alma, os Russos fugiram, sendo seguidos pelos Inglezes e Francezes. Grande numero de feridos tinham sido abandonados. Foram levados para o lado oriental do campo de batalha, onde os estenderam em fileira, á pouca distancia do rio. Felizmente para elles, existia no quartel-general um cirurgião cujos sentimentos de honra e de dever eram secundados por pouco vulgar energia, por irresistivel rectidão, raras vezes unidas á grande actividade. Era o Dr. Thompson do regimento 44. Embora o paiz estivesse completamente abandonado pelos Russos, conseguiu elle obter quatrocentas libras de bolacha e o numero de homens necessario para ajudal-o na sua empreza. Tratou immediatamente de dar de comer aos feridos, que não tinham tomado o menor alimento durante vinte e quatro horas. Em seguida foi elle proprio curar-lhes os ferimentos. Esse trabalho occupou-o desde as sete horas da tarde até ás onze da noite.

A'quella hora, os soldados que se haviam prestado a auxiliá-lo já estavam a bordo dos navios em Eupatoria, para onde haviam sido conduzidos os feridos inglezes. O Dr. Thompson e o seu criado, John M'Garth, ficaram sós entre os feridos russos. Alli se conservaram durante tres dias e tres noites, queimados pelo sol abrasador de dia, e de noite tremendo de frio, causado pelo relento do norte. Afinal apresentou-se um ensejo de embarcar os Russos e de envial-os, protegidos pela bandeira branca, a um porto de sua patria. « Quando

na manhã do dia 24, escreveu Kinglake, o capitão Lushington, da *Albion*, desembarcou e avistou os seus dous compatriotas ainda firmes no seu posto, sentiu se possuido de admiração por aquelle dedicado procedimento, e de compaixão por vêr as fadigas que elles haviam supportado. »

Mencionemos agora a dedicação de dous officiaes inferiores do 7º regimento, durante a epidemia do cholera em Moultan. Não havendo naquella occasião enfermeiros nos hospitaes, trataram elles, noite e dia, com o maior desvelo, dos doentes. O cabo de esquadra Derbyshire adoeceu, afinal, de fadiga. O outro cabo, Hopper, offereceu-se para enfermeiro do hospital de Topah, e ahi mereceu a gratidão das autoridades, tanto medicas como militares. Os cirurgiões do exercito eram encontrados constantemente no desempenho do seu dever em todos os logares onde grassava a terrivel enfermidade, affrontando a morte a todo o momento. Quando o commandante em chefe, pouco tempo depois, visitou Moultan, agradeceu publicamente aos dous officiaes, Derbyshire e Hopper, na presença de seus camaradas enthusiasmados.

A mesma qualidade se revela muitas vezes em meio do troar dos canhões e do estampido das espingardas. No cerco de Cadiz pelos Francezes, em 1812, homens e mulheres cahiam mortos ou feridos, nas ruas, nas janellas, dentro das proprias casas. Quando o inimigo enviava uma bomba contra a cidade, um dobre do sino grande da cathedral dava signal aos habitantes, afim de que estivessem prevenidos. Um dia ouviu-se um dobre mais forte para assignalar uma bomba. O projectil veio bater no sino, fazendo-o em estilhaços. O frade que estava incumbido de assignalar o perigo voltou-se com a maior calma para o sino immediato e continuou a dobrar.

Por occasião do mesmo cerco deu-se um exemplo de

extraordinaria coragem por parte de uma mulher. Matagorda era um pequeno forte afastado de Cadiz, desprotegido, sem um fôssco, se quer, ao redor d'elle. Dentro desse forte achavam-se estacionados 140 soldados inglezes, afim de impedirem a conclusão das obras dos Francezes. Uma flotilha hespanhola cooperava na defesa do forte; até, porém, á occasião a que nos referimos, uma bateria encoberta fizera fogo cerrado contra os navios, obrigando-os, após algum tempo, a se recolherem á bahia de Cadiz. Quarenta e oito canhões e morteiros do maior calibre concentraram os seus fogos sobre o forte. O fragil parapeito desapareceu immediatamente sob a chuva de balas e granadas, deixando a descoberto os baluartes, por traz dos quaes se abrigava a guarnição. Durou essa tempestade de fogo trinta horas; e foi nessa occasião que se deu o facto da mulher em Matagorda. Era ella casada com um sargento, de nome Retson, e estava em uma casamata tratando de um ferido. O enfermo queixou-se de sede e pediu que lhe dessem alguma cousa para beber. A mulher chamou um menino, que era tambor, e pediu-lhe que fôsse ao pôço buscar um balde de agua. O menino hesitou, pois sabia que o pôço ficava mesmo sob o fogo do inimigo. A mulher tomou então o balde das mãos do menino e foi ella propria buscar a agua. Affrontou o terrivel bombardeamento, foi até ao pôço, encheu o balde, e, embora uma bala viesse e cortasse a corda que prendia a vasilha, ella não se atemorizou, conseguiu apanhal-a e voltou á casamata trazendo a agua ao doente.

As balas cahiam em jorro sobre o forte condemnado. Um páo de bandeira, que ostentava as côres hespanholas, foi derrubado seis vezes em uma hora. Afinal, sir Thomas Graham (depois lord Lynedoch), reconhecendo que a defesa era impraticavel, enviou uma flotilha de escaleres

para salvar os sobreviventes. Os Francezes, sob o comando do major Lefebre, fizeram saltar um dos bastiões. O major, porém, cahiu com elle, e foi o ultimo homem que banhou com o seu sangue as ruinas abandonadas. Os escaleres já estavam cheios e regressavam a Cadiz. Em um delles ia a heroína de Matagorda.

Ha senhoras que se prestam a servir como enfermeiras dos soldados em tempo de guerra. Trabalham corajosa e nobremente. Outr'ora as enfermeiras eram mulheres de infima condição. Foi sómente quando Florencia Nightingale, tomando a si o tratamento e a cura dos feridos e enfermos, conseguiu conquistar tão honroso lugar na historia patria, que o povo começou a reconhecer que a arte de cuidar de um doente era uma arte que necessitava de longa aprendizagem, que requeria intelligencia, bondade e geito, além da caridade, da doçura e da dedicação. « Tenho visto escripto muitas vezes, disse Miss Nightingale, que toda a mulher é boa enfermeira. Acredito, ao contrario, que os proprios rudimentos da arte de tratar de doentes são quasi inteiramente desconhecidos. »

Como, porém, veiu esta senhora dedicar-se áquella ardua profissão? Simplesmente impellida por um sentimento de caridade, de dever. Miss Nightingale nunca se havia dedicado á tão difficil quanto desagradavel occupação. Era uma moça de educação esmerada e que possuia abundantes recursos. Vivia querida e feliz no seio de sua familia, estimada de todos, e era alvo de grande numero de admiradores. Possuia tudo quanto pôde tornar venturosa a vida domestica e social. Abjurou, porém, todas essas considerações, preferindo trilhar a senda que conduz ao soffrimento e á magoa. Sentira-se sempre impellida a dedicar-se aos seus semelhantes. Ensinava nas escolas dos pobres, visitava os indigentes,

e, quando estes cahiam enfermos, alimentava-os e curava-os. Vivia a trabalhar em um cantinho desconhecido da Inglaterra, em Embley, no Hampshire; é que as boas acções brilham tanto na escuridão da noite como ao rutilo fulgor do sol.

A sociedade abria-lhe os braços. Miss Nightingale poderia ter-se divertido como as outras senhoras em Londres. O seu coração, porém, chamou-a para outra parte. Interessou-se pelos afflictos, pelos opprimidos da sorte. Visitava constantemente os hospitaes, as prisões e os recolhimentos. Emquanto os seus iguaes em hierarchia passavam as férias na Suissa, na Escossia, ou á beira-mar, internava-se ella em uma escola allemã de enfermeiros, ou em algum hospital da mesma nação. Começou por aprender os mais infimos misteres da sua profissão. Aprendeu a lavar o assoalho, a varrer e espanar, e aperfeiçãoou-se gradualmente na arte de tratar dos enfermos. Durante trez mezes, noite e dia, não se afastou um só momento da cabeceira dos doentes, e desse modo accumulou consideraveis conhecimentos e extraordinaria experiencia dos deveres e trabalhos de uma enfermeira de hospital.

Regressando á Inglaterra, Miss Nightingale continuou nos seus trabalhos. O Hospital das Professoras enfermas estava a ponto de extinguir-se por falta de direcção, e ella tomou a si essa incumbencia. Furtou-se ás affeições de sua familia, ás brisas vivificadoras do campo, para dedicar-se ao triste Hospital da rua Harley, onde sacrificou o seu tempo, os seus recursos e o seu trabalho para tratar de suas irmãs enfermas. Salvou a instituição; a sua saude, porém, não resistiu áquellas pesadas fadigas, e Miss Nightingale viu-se obrigada a recolher-se durante algum tempo a Hampshire.

Nessa occasião, porém, ergueu-se novo grito de socorro. Ardia a guerra da Criméa. Havia falta de enfermeiros. Os feridos jaziam quasi em abandono nos hospitaes do Bosphoro. Florencia Nightingale obedeceu aos nobres impulsos que a incitavam, e acudiu immediatamente em auxilio dos soldados. Embarcou em um vapor que devia aportar em Scutari. Punha em risco a vida, affrontando perigos, fadigas e soffrimentos de toda a natureza. Quem pensa, porém, em riscos quando o dever impelle as almas nobres? Miss Nightingale prestou-se a tudo. Entrou em meio daquelles atrozes padecimentos, tratou dos soldados e marinheiros feridos, organisou turmas de enfermeiros e tomou a si a direcção de todos esses trabalhos.

Os feridos experimentaram indiziveis melhoras com o carinho paciente e desvelado da Dama Ingleza. Os soldados murmuravam bençãos, quando viam a sombra do seu vulto projectar-se-lhes nos leitos, pelas longas e atormentadas horas da noite. Não lhe conheciam o nome, chamavam-n'a a « Senhora da Lâmpada. » Adoravam a santa donzella. Evitavam empregar qualquer termo aspero em sua presença. Quando se tornava necessaria alguma operação, soffriam os maiores tormentos sem gemer. Faziam todo o possivel para lhe seguirem os conselhos e o exemplo.

Ella, por sua parte, sentia viva sympathia por aquelles pobres soldados. Não só velava pelas suas necessidades pessoaes, como se correspondia com os amigos e parentes delles, residentes na Inglaterra, na Irlanda e na Escocia. Guardava-lhes o dinheiro, e separava uma parte em cada semana para receber as economias dos pobres homens e envia-las ás suas familias na patria. Não se pôde imaginar a gratidão dos soldados, nem tambem a dedicação e os desvelos com que ella os tratava.

« O soldado raso, diz ella, na sua singela coragem, na sua paciente abnegação, na energia para soffrer em silencio, não concentra, porventura, todas essas qualidades que constituem a coragem, a paciencia e a energia da sua patria quando está em guerra?... Digam embora o contrario, — ha mais abnegação christã no homem que sacrifica o seu tempo, as suas forças, e quiçá a sua vida em uma causa que não a sua, quer seja em prol do seu soberano, da sua patria ou da sua bandeira, — do que em todo o ascetismo, em todos os jejuns, em todas as humilhações, em todas as confissões que se têm feito no mundo; e essa coragem de entregar a vida sem fazer praça do sacrificio não se encontra em parte alguma como na Inglaterra. » Vemos, portanto, que mesmo na vida do soldado raso ha muito que aprender.

Miss Stanley seguiu Miss Nightingale á Criméa. Uma segunda companhia de cincoenta enfermeiras foi confiada á sua direcção. Miss Stanley estabeleceu-se com ellas em Constantinopla, demorando-se quatro mezes na Turquia, servindo no hospital naval em Therapia, e em seguida estabelecendo o hospital militar em Kou-laly. Depois de assistir á chegada dos feridos de Inkerman, escreveu o seguinte: « Não sei que espectáculo seja mais afflictivo, se o de vêr homens fortes e robustos completamente exhaustos de fadiga, morrendo de cansaço, ou se o de assistir á chegada de outros, horriavelmente feridos. O dia de hontem foi todo elle passado em fazer colchões, em lavar e ajudar o cirurgião a pensar as feridas, em accommodar do melhor modo possível esses pobres homens, que haviam estado cinco dias a bordo de um navio, durante os quaes os seus ferimentos não tinham sido tratados! Nas onze enfermarias que se acham sob a minha direcção morreram

onze homens simplesmente exauridos, o que, estou convencida, ter-se-hia evitado, se eu tivesse meios de obter os recursos que sei serem necessarios para casos taes. »

De volta á Inglaterra, Miss Stanley dedicou-se a beneficiar as mulheres e viúvas dos soldados. Comprou uma grande casa e jardim em York-Street, onde fundou uma grande lavanderia. Obteve um contrato com o governo para a lavagem das roupas do exercito, conseguindo assim, de uma só vez, emprego para aquellas mulheres. Em seguida, concentrou toda a sua energia em auxiliar e curar as mulheres indigentes de Londres. Era ella, porém, uma só, quando deveriam ter sido dez mil para cumprir aquella missão; mas a mulher forte faz e leva a bom fim o trabalho que lhe cahe nas mãos. Miss Stanley foi a personificação da abnegação. Pouco se lhe dava que a sociedade a approvasse ou não. A pessoas que queriam imital-a dizia sempre : « Não se esqueçam das palavras do Dr. Arnold ; repito-as todos os dias : — Deixai-me trabalhar para cumprir o preceito do Senhor ; não quero, porém, ser o unico cumpridor dessa vontade, se o Senhor entender o contrario. »

O bom exemplo produz sempre bons fructos. Outras senhoras seguiram as pégadas das primeiras. Entre ellas citaremos Miss Florencia Lees, que não só tem sido enfermeira no campo de batalha, como tem ensinado os preceitos scientificos da sua arte. Muitas vezes (isto é digno de nota) o primeiro impulso para a pratica de uma boa acção nasce de uma afflicção. Foi a perda de um irmão a quem muito amava que impelliu Miss Lees a dar aquelle passo. Morrêra elle no hospital naval do Shanghai, na China ; e, quando ella se lembrava de que seu irmão tinha sido tratado por mãos estranhas, sentia irresistivel desejo de fazer pelos outros o que outros tinham feito por elle.

Deu-se esse facto quando ella era ainda muito mocinha. O finado bispo de Winchester foi consultado. Respondeu-lhe que era ainda muito cedo para ella dedicar-se a essa missão. « Deixe passar a agudeza da dôr, espere que seu espirito esteja mais calmo. » A resolução da moça era, porém, inabalavel. Miss Ninghtingale era o seu ideal. Consultou-a e recebeu della os melhores conselhos e o mais amplo auxilio no que dizia respeito á sua educação como enfermeira. Em seguida foi ella para o King's-College-Hospita!, e alli adquiriu valiosa experiencia pratica. Para completar os seus conhecimentos na arte de tratar enfermos, passou alguns annos na Hollanda, na Dinamarca, na Allemanha e em França. Em Kaiserworth, na Allemanha, fez os estudos usuaes de enfermeira, e recebeu o seu diploma de profsciencia. Devido á bondade do Sr. Hasson, director geral dos hospitaes civis da França, obteve licença para trabalhar nos principaes hospitaes de Pariz, sob a direcção de religiosas cotholicas-romanas. Foi admittida como « irmã postulante » da ordem das religiosas de S. Thomaz de Villeneuve, das Agostinhas, e das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo. Com immensa satisfação das irmãs, e grande ventura sua, trabalhava, na maior harmonia, com as religiosas, apesar da differença de opiniões e crença.

A bondade das irmãs para com ella foi inexcedivel. Tratavam-n'a mais como amiga do que como pessoa separada dellas pelas differenças de religião, de patria e de viver social. Além dos conhecimentos praticos assim adquiridos, recebeu das irmãs muitas lições de resignação e contentamento em meio de difficuldades, de esperança e fé em uma Providencia omnipotente, mesmo quando tudo parecia estar perdido ; de firme abnegação e inteira

humildade perante Aquelle a quem pertenciam e a quem serviam. Ahi tambem reconheceu ella que immensa virtude é a alegria nas pessoas que tratam e curam os enfermos.

As ultimas e mais valiosas lições de Miss Lees foram recebidas por intermedio da bondosa licença do general Lebœuf, então ministro da guerra em França. Por influencia d'elle, teve ella permissão para trabalhar nos hospitaes militares francezes. Essas lições se tornaram duplamente preciosas pelo interesse que no seu aproveitamento tomou o finado Michel Levy, director geral dos hospitaes militares. Tinha elle sido, como dizia «camarada» de Miss Nightingale na Criméa, e por amizade a ella obrigou Miss Lees a seguir um curso mais severo do que seria possivel (era elle quem o dizia) a uma *Irmã* franceza, cu, em regra geral, a qualquer senhora ingleza seguir. A experiencia pratica que, por intermedio do Sr. Levy, ella adquiriu no Val-de-Grace foi tão valiosa, que jámais, no decurso de seus subsequentes trabalhos, teve occasião de olvidal-a.

Pouco depois do seu regresso á Inglaterra, após tão longos estudos na arte da enfermeira, rebentou a guerra entre a França e a Prussia. Os jornaes de então enchiam-se de noticias a respeito dos ultimos sanguinolentos combates. O exercito vencedor proseguia na sua marcha, abandonando os feridos á sorte. Jaziam elles, aos milhares, expostos ao ar, abandonados, esquecidos. O coração da caridosa senhora encheu-se de compaixão e sympathia. Partiu logo para o continente, acompanhada por tres senhoras allemãs; em breve, porém, separaram-se em direcções differentes. Miss Lees foi pela Belgica até Colonia, onde encontrou os soldados feridos deitados em fileiras ao longo da plataforma da estação do caminho de ferro. Dahi dirigiu-se para Coblentz, Treves e finalmente

para Metz, que devia ser a sua estação. A viagem foi ardua para ella. No meio da confusão, perdeu-se a sua bagagem toda, e chegou a seu destino sózinha e desprovida de tudo.

O marechal Bazaine refugiara-se em Metz com um numeroso contingente de tropas francezas, e o principe Frederico da Prussia atacava a cidade com um exercito de Allemães e Bavaros. Miss Lees foi designada para dirigir um hospital em Marangue, na rectaguarda do exercito invasor. Dirigiu-se ao logar marcado. Era uma antiga herdade. O hospital organisara-se no celleiro. O local era dos mais incommodos, as accomodações mais que miseraveis. A enfermeira dormia em cima de um sacco cheio de palha. Havia poucos medicamentos; e os viveres eram em menor quantidade ainda. A principal molestia que alli se encontrava era a febre typhoide, causada pela humidade das trincheiras. Havia naquelle hospital vinte e dous leitos, e esses estavam constantemente occupados.

A enfermeira não tinha pouco que fazer. Quando os homens chegavam atacados pela febre, antes de serem medicados era necessario limpá-os. Traziam das trincheiras os pés tão incrustados de lama, que era mister raspá-os com uma faca antes de os lavar. Uma vez limpos, eram levados para o leito e medicados. Seguia-se depois o cuidado com o asseio, a conservação das compressas nas cabeças dos enfermos, á noite, afim de evitar o delirio, a mudança de cama para prevenir as chagas;— e tudo isto tinha de ser feito no meio das mais desanimadoras circumstancias.

A's vezes, os doentes eram atacados de furioso delirio. Miss Florencia Lees já narrou a sua vida no hospital de Metz. Uma noite achou-se sózinha no hospital. Ouviu ruido no compartimento superior. Subiu e

encontrou um soldado delirante tentando arrombar a porta. O pobre rapaz queria voltar para a aldeia onde estava sua adorada mãe. Miss Lees chamou em seu auxilio um convalescente, e, promettendo ao enfermo que o deixaria partir no dia seguinte, conseguiu mettê-lo de novo na cama. Nesse interim, outro soldado delirante, no pavimento inferior, procurava apossar-se de uma faca que estava sob o travesseiro de seu companheiro de cama. Miss Lees pôde assenhoriar-se da arma e occultá-la. Quando, porém, o cirurgião veio visitar os doentes, rogou-lhe ella que não a deixassem sózinha á noite no hospital.

Durante muitas semanas a corajosa enfermeira trabalhou allí. Muitos dos doentes morreram, outros se restabeleceram, mas ficando invalidos, e alguns voltaram ao serviço. Afinal, Bazaine capitulou; os seus prisioneiros foram enviados para a Allemanha, e o príncipe com o seu exercito marchou para o cerco de Paris. Miss Lees terminára o seu trabalho em Metz; a tarefa, porém, que a si propria impuzera não estava completa. Fazendo a maior parte do trajecto em uma locomotiva a vapor, dirigiu-se para Hamburgo, onde lhe foi entregue a direcção de um hospital de feridos, sob a protecção da princeza imperial da Prussia. A principal difficuldade com que teve de lutar foi a obtenção da ventilação necessaria. Os medicos da Allemanha detestam o ar corrente. Assim que Miss Lees abria uma janella, os medicos, na sua ausencia, mandavam-n'a fechar. Ella dirigiu então uma reclamação á princeza, e obteve o que queria.

Desnecessario é acompanhar a historia de Miss Lees. Após o seu regresso da Allemanha, preparou-se para fazer uma viagem aos Estados-Unidos e ao Canadá, afim de visitar os seus hospitaes. Levou a effeito o seu projecto no inverno de 1873, examinando tudo quanto era

digno de sua attenção, nas cidades de Halifax, Quebec, Mont-real, Toronto, Cleveland, New-York, Boston, Philadelphia, Washington e Annapolis. Nestes ultimos annos, Miss Lees tem occupado o cargo de directora da Associação de enfermeiras de Westminster, e prosegue na sua boa obra.

Muitas senhoras, moças e idosas, têm-se dedicado nobremente a trabalhos como este. Afoutam-se nas viellas e pateos de nossas cidades, e tratam daquelles que alli morreriam, talvez, se não fôsem os desvelos e cuidados dellas. As suas mãos e as suas almas não se mancham naquella obra, fazendo os mais humildes e asquerosos serviços em prol de seus semelhantes enfermos. Será necessario mencionar a obra da Sr.^a Walker entre as raparigas pobres de Poplar, da Sr.^a Octavia Will nes pateos do West-End, da Sr.^a Wickars entre as mulheres perdidas de Brighton, da Sr.^a Robinson entre os soldados de Portsmouth? E', porém, forçoso confessar que são operarias excepcionaes, e que o mundo ainda se acha repleto de desamparados, de indigentes, á espera de auxilio.

Ha, na vida quotidiana e commum, muito heroismo que passa despercebido. Existe, talvez, mais heroismo entre os pobres do que entre os ricos. Os primeiros encontram mais sympathia da parte de seus congêneres. Um mendigo me disse uma vez que recebia mais esmolas das mãos das raparigas pobres do que das de todas as demais pessoas. A virtude, mesmo sob os andrajos do mendigo, inspira respeito.

Ha bem pouco tempo roubou-nos a morte Maria Carpenter, uma verdadeira irmã de caridade. Durante o longo curso de sua activissima vida dedicou-se ella á regeneração dos indigentes abandonados. Fundou e dirigiu em Bristol um recolhimento, cujo brilhante exito

foi uma revelação para o paiz inteiro. Armada unicamente com a pureza de suas intenções, penetrou em vielas e beccos onde talvez um agente de policia não ousasse penetrar. Foram-lhe revelados os horrores dos pateos de Londres. Nada atemorizou-a, nada a fez recuar. Conseguiu que as crianças daquelles miseraveis quarteirões frequentassem as suas escolas dos pobres. Entregou-se ao trabalho com descommunal intrepidez. A sua penna não cessava de escrever, conservando aquelle assumpto constantemente sob os olhos do publico. Afinal ganhou ella uma brilhante victoria, pois o governo adoptou o seu plano e fundou os Recolhimentos e as Escolas industriaes, que tantos beneficios têm prestado ás classes destituidas. Em nosso exercito, em nossa armada, em nossa industria, existem hoje milhares de homens que têm sobejas razões para bendizer o nome de Maria Carpenter. A idade não pôde oppôr paradeiro á sua grande obra. Aos sessenta annos, foi ella á India, afim de lá plantar os germens do seu systema de educação. Visitou a India quatro vezes, sendo a sua ultima visita em 1876, quando já se aproximava dos seus setenta annos de idade. Viveu para vêr o fructo de seus labores brotando de todos os lados, — para vêr o desenvolvimento de uma geração de homens e mulheres que, se não fôssem os seus esforços, ter-se-hiam criado entre o vicio e o crime. Que poderemos dizer de mulheres como estas, senão que ellas constituem a esperança e a honra da raça humana?

Julgam muitos que são estes os unicos verdadeiros exemplos de heroismo. Outros ha tão admiraveis como estes, — exemplos de homens e mulheres sacrificando-se para salvarem a vida de naufragos perdidos nas ondas do mar. Chega-nos da Australia ao conhecimento a historia dos nobres feitos de uma moça. — Graça

Vernon Bussel é o seu nome. O vapor *Georgette* havia dado á costa, em uma praia perto de Perth. Um bote fôra lançado ao mar, e nelle iam as mulheres e as crianças; os vagalhões, porém, tinham feito sosso-brar a embarcação. Estavam as pobres creaturas lutando todas no meio das ondas, agarradas á quilha do bote, e em imminente perigo de vida, quando no alto de um escarpado rochedo assomou uma moça a cavallo.

Ao presenciar aquelle espectaculo, o primeiro pensamento da cavalleira foi salvar aquellas mulheres e crianças. Desceu do rochedo a galope,— como, é impossivel dizel-o,— obrigou o cavallo a entrar no mar encapellado, e, além da segunda rebentação das vagas alcançou o bote virado. Conseguiu trazer para terra as crianças e as mulheres. Restava apenas um homem lutando nas ondas. A cavalleira metteu-se de novo no mar e salvou-o tambem. Tão furiosa era a resaca que foram-lhe necessarias quatro horas para salvar cincoenta pessoas. Assim que viu-os todos na praia, a heroica moça, alagada pela agua do mar e quasi desmaiada de cansaço, ainda galopou até sua casa, que ficava a doze milhas de distancia, para de lá mandar auxilio aos naufragos. Sua irmã incumbiu-se então de concluir a sua obra. Voltou atravessando o bosque, trazendo consigo ampla provisão de chá, leite, assucar e farinha. No dia seguinte, os naufragos salvos foram conduzidos para sua casa, onde estiveram até recuperarem as forças a fim de seguirem os seus diversos destinos. Triste, porém, é dizer que a irmã da heroína, a Sra. Brookman, constipou-se no exercicio da sua caridosa missão e veio a fallecer de febre maligna.

Não menos heroico foi o comportamento de uma rapariga dos Shetlands, que aventurou-se no mar para

salvar a vida de alguns pescadores, quando ninguem se animava a fazel-o. Uma violenta tempestade se de-sençadeára sobre a longiqua ilha de Unst, na occasião em que a flotilha de pesca,— principal meio de vida dos habitantes daquella localidade,— se achava no mar. Um por um foram os barcos alcançando o porto a salvamento ; o ultimo, porém, não chegára, e pelas pessoas que se achavam em terra foi visto a lutar com as maiores difficuldades. Sossobrára, os pescadores debatiam-se no meio das ondas. Neste momento, Helena Petrie, uma esvelta rapariga, adiantou-se, insistindo para que a todo o risco se tentasse salvar os naufragos. Os homens declararam que seria morte certa para quem tentasse affrontar aquella tempestade.

Não obstante, Helena Petrie preparou-se para desafiar a morte. Sem perda de tempo, metteu-se em uma embarcação. Sua cunhada reuniu-se a ella ; seu pai, aleijado de um braço, offereceu-se para manejar o leme. Dous dos homens da barca de pesca tinham desaparecido já : restavam ainda dous, agarrados á quilha. Salvar a estes era o que aquellas mulheres iam tentar. Após extraordinarios esforços, conseguiram chegar perto da embarcação sossobrada. No momento em que se aproximavam, um dos naufragos foi arrebatado, e teria irremissivelmente perecido, se Helena o não tivesse agarrado pelos cabellos e puchado até á sua barca. O outro homem foi salvo tambem, e alcançaram todos o porto. Helena Petrie mais tarde viu-se obrigada a empregar-se como criada de servir para ganhar o pão quotidiano, vivendo no esquecimento até o dia em que os jornaes noticiaram a sua morte, recordando a historia de sua existencia. É de suppôr que heroínas deste quilate devem ser muito numerosas em um paiz onde taes factos se dão.

E Graça Darling! Quem poderá esquecer a heroína do pharol de Longstone? As desertas ilhas de Fern distam algumas milhas da costa nordeste de Northumberland;—compõem um severo grupo de rochedos basalticos, negros e nús, em torno dos quaes rugo o mar sempre revolto. Em tempo tempestuoso, aquelles rochedos são inacessiveis durante dias inteiros, e até durante mezes. Não têm outros habitantes além das gaivotas e dos pinguins que alli fazem os seus ninhos. No ponto mais afastado, porém, no Rochedo de Longstone, ergue-se um pharol, alli construido para guiar os navios que viajam entre a Inglaterra e a Escocia. Dous anciãos,—mulher e marido,— e uma moça, sua filha, eram os guardas do pharol.

Em uma noite tempestuosa do mez de Setembro de 1838, o vapor *Forfarshire* proseguia em sua carreira entre Hull e Dundes. O navio achava-se em pessimas condições. As caldeiras estavam tão defeituosas que foi necessario apagar os fogos pouco depois de ter o vapor sahido da enseiada de Hull. No entanto, seguiu elle em sua viagem até alcançar o cabo de S. Abb; ahi desencadeiou-se terrivel borrasca, que o repelliu para traz. O navio andou á garra toda a noite, até que na madrugada seguinte foi bater com toda a força nos recifes de Hawkers. O vapor partiu-se ao meio. Nove homens da tripolação apossaram-se do bote e deixaram-se ir á garra pela unica sahida que havia; foram encontrados no alto mar e conduzidos por um navio para Shields. A maior parte dos passageiros e da tripolação foram arrebatados pelas ondas. A prôa do navio estava presa entre dous rochedos; nella achavam-se nove pessoas clamando por soccorro.

Seus gritos foram ouvidos por Graça Darling, que estava no pharol, a duas milhas de distancia. Era o ultimo quarto de vigia antes de extinguir a luz, ao alvorecer. Embora a cerração ainda não estivesse de todo dissipada, e o mar se conservasse revolto, avistou ella os naufragos agarrados ao cabrestante da prôa. Graça foi pedir ao pai que arriasse o bote e se fizesse ao mar para salvar os naufragos. William Darling respondeu que semelhante procedimento era a morte certa. No entanto arriou o bote, e Graça foi a primeira a embarcar. O velho seguiu-a. Para que fallar em perigos? As probabilidades de exito, de salvação, eram infinitesimas. Deus, porém, deu vigor áquelle braço de mulher e energia áquelle coração, e os dous, o pai e a filha, fizeram-se ao mar, confiados e humildes.

A' custa de muito cuidado e vigilancia, conseguiu o velho tomar pé no rochedo e dirigir-se aos naufragos, ao passo que Graça remava em torno dos recifes, procurando evitar que o bote se despedaçasse de encontro a elles. Um por um, embarcaram os nove sobreviventes, e foram conduzidos para o pharol, onde a velha mãe estava á espera para os receber, cural-os, alimentar-os e restituir-lhes as forças. Alli permaneceram elies durante trez dias, até que a tempestade serenasse e pudessem voltar ao littoral.

O entusiasmo de uma nação inteira se despertou ao conhecer-se aquella heroica acção. Innumeros presentes foram enviados a Graça Darling. De longe acudiam artistas para lhe tirarem o retrato. Wordsworth escreveu um poema a seu respeito. Offereceram-lhe vinte libras por noite para ella consentir em apparecer no theatro Adelphi, sentada em um bote, em uma scena de naufragio. Ella, porém, não quiz afastar-se do seu rochedo. Porque havia de abandonar o pharol? Que

throno mais adequado para sustentar aquella rainha entre as mulheres? Um escriptor, que a visitou, descreve os seus modos affaveis, a sua meiguice, a sua suprema bondade.

Trez annos depois daquelle heroico salvamento, declararam-se em Graça os primeiros symptomas da typhica. Poucos mezes depois, ella morria, serena, feliz e piedosa. Algum tempo antes do seu passamento, refere o Sr. Philips, recebeu ella a visita de uma senhora, que, trajando humilde vestuario, ia despedir-se da heroína e abençoal-a na sua viagem eterna. Essa boa senhora era a duquesa de Northumberland, e a sua corôa de fidalga resplandecerá com mais fulgor pela pratica de semelhante acção. Joanna d'Arc tem o seu monumento. Graça de Northumbria não tem nenhum. A sua acção, porém está escripta

« ... no céo, onde perpetua
 « Sua memoria ficou,
 « Thema p'r'as dulias dos anjos
 « A's altas virtudes santas
 « Que a terra presenciou... »

No litoral do condado de Northumberland, em frente ás ilhas de Fern, ergue-se o castello de Bamborough, construido sobre um alto rochedo. Em priscas éras foi elle um forte baluarte contra a invasão dos Escocozes, assim como uma importantissima fortaleza no tempo das guerras civis da Inglaterra. Nos ultimos annos foi, principalmente a instancias de Lord Crewe, bispo de Durham, e do arcidiago Sharp, apropriado para refugio de naufragos. O nobre emprego dado por lord Crewe áquelle castello tem produzido mais beneficios do que qualquer outra instituição de caridade particular na Inglaterra. Os naufragios são frequentes naquellas costas

e todo oauxilio possível é prestado ás victimas. Ha no castello aposentos preparados para receberem trinta naufragos. Em noites tempestuosas, ronda constantemente uma patrulha ao longo da costa, que tem oito milhas de extensão ; e, se um navio apparece em perigo, o bote salva-vidas é immediatamente lançado ao mar. Durante as cerrações, tocam-se sinos incessantemente, afim de indicar a costa aos navios para que se afastem. Quando se avista um navio em perigo, dispara-se um tiro de peça ; e, se o navio encalha ou vai de encontro aos rochedos, dispara-se segundo tiro. Ao mesmo tempo arvora-se uma bandeira no torreão mais alto do castello, afim de que os naufragos vejam que o seu perigo é conhecido em terra. Ha tambem signaes para os pescadores das Ilhas-Santas, que muitas vezes podem-se pôr ao largo, quando não ha meios de enviar-lhes um bote. Todo o auxilio é offerecido por esse castello aos infelizes, não só no mar, como em terra.

« Qual poderoso anjo custodio, escreve William Hewitt, ergue-se este immenso castello, espirito velador dos mares tempestuosos ; a sua divina caridade, demonstrando um glorioso exemplo, como a boa obra de um homem santo, pôde perdurar durante seculos na terra. Quando alguem avista ao longe as altas torres daquella santa mansão, tão magestosa em aspecto quanto em sua missão é divina, dispensando quotidianamente beneficios ao mar e em terra, abençôa a memoria de Lord Crewe, como milhares e milhares de individuos têm ensejo de fazer, e como o farão ainda nas gerações vindouras, quando nós, como elle, repousarmos no somno eterno.

CAPITULO X

A SYMPATHIA.

A mystica, a secreta sympathia
E' o elo macio, o brando laço,
Que pôde em um só corpo duas almas,
Dous corações unir em um abraço.

(SIR W. SCOTT.)

Eu peço apenas um amor attento
A quem constante estudo utilise,
Um coração que em paz consigo esteja,
E que tambem commigo sympathise.

(MISS WARING.)

O homem ama o homem : dentre os pobres
Os mais pobres almejam na existencia
Afanosa contar tambem momentos
Em que foram bondosos, repartindo
Benefícios, embora diminutos,
Sem outra causa além de possuirem
Um coração humano.

(WORDSWORTH.)

A sympathia é um dos grandes segredos da existencia. Vence o mal e fortalece o bem. Desarma a resistencia, commove o mais impedernido coração e desenvolve os melhores instinctos da natureza humana. E' uma das grandes verdades em que se basêa o christianismo. As palavras — « Amai-vos uns aos outros » — por si sós constituem um evangelho sufficiente para renovar o mundo.

Conta-se que S. João, quando muito velho já, — tão velho que não podia mais andar e com difficuldade fallava, — foi conduzido, nos braços de amigos, a uma assembléa de crianças christãs. S. João levantou-se e disse : « Crianças, amai-vos uns aos outros. » E tornou a dizer : « Amai-vos uns aos outros. » — Quando lhe perguntaram : « Não tendes mais nada que dizer-nos ? »

elle replicou : « Torno a repetir o que já vos disse, e isto sempre, sempre ; porque, se o conseguirdes, de nada mais necessitareis. »

Esta mesma verdade é universalmente applicavel. A sympathia funda-se no amor. E' apenas uma outra maneira de exprimir o desinteresse e a affeição. Sentindo-a, revestimo-nos do pensamento de outrem ; despidimo a nossa para assumir a sua individualidade. Sympathizamos com essa pessoa, auxiliamol-a, alliviamos-lhe os males. Não póde existir amor sem sympathia ; sem a sympathy não perdura a amizade. Como a misericordia , a sympathia é duas vezes abençoadora ; abençoa a quem a dá e a quem a recebe. Ao passo que produz abundantes fructos de ventura no coração do doador, desenvolve a gratidão e a bondade no coração de quem a merece.

« Com a nossa sympathy, diz o conego Farrar, fazemos frequentemente mais beneficios do que com as nossas obras, e prestamos á sociedade um serviço mais duradouro, despindo-nos da inveja, reconhecendo o merito alheio, do que se nos dedicassemos aos mais alentados esforços da ambição pessoal. O homem póde perder posição, influencia, riqueza, e até a saude, e no entanto continúa a viver resignado e consolado ; ha uma cousa, porém, que, se lhe faltar, a vida torna-se-lhe insupportavel fardo : é a sympathy dos seus semelhantes. »

E' verdade que muitas vezes as boas acções não são recebidas com gratidão ; esse motivo, porém, não deve nunca forçar o doador a recuar. E' esta uma das difficuldades que temos que superar na luta da existencia. As proprias creaturas mais abjectas merecem o auxilio contínuo que os homens devem uns aos outros. Cumpre-nos recordar constantemente o preceito de Bentham, o

qual dizia que a felicidade do homem máo e cruel era uma parte tão integral da ventura da humanidade inteira, como a felicidade do melhor e do mais nobre dos homens. Bentham disse ainda que o homem não pôde fazer o bem ou o mal aos outros sem fazer bem ou mal a si proprio.

Póde-se dizer que não ha influencia tão poderosa como a sympathia para despertar os affectos do coração humano. Poucas naturezas ha, mesmo as mais rudes, que não sintam o seu poder. Constrange mais do que a força. Uma palavra affectuosa, um olhar benevolo actuarão sempre sobre aquelles a quem a coerção não pôde vencer. Ao passo que a sympathia provoca o amor e a obediencia, a aspereza não faz senão produzir a aversão e a resistencia. Disse u'na grande verdade o poeta que escreveu as seguintes palavras: « O proprio poder não possui metade da força da brandura. »

A sympathia, quando segue um caminho mais amplo, assume o character de philantropia publica. Impelle o homem a procurar furtar os seus semelhantes ao estado de pobreza e de vicio, a melhorar as condições das massas populares, a difundir os beneficios da civilização entre todos os homens, e a unir nos laços da paz e da fraternidade as familias dispersas da raça humana. E' dever de todo o homem, cuja sorte tem sido mais feliz comparada á dos outros homens, e que frue as vantagens da riqueza, da sciencia ou da influencia social, das quaes estão banidos os seus semelhantes, dedicar parte do seu tempo e dos seus haveres á ampliação do bem-estar geral.

Para conseguir o que acabamos de dizer, não são impescindiveis a grande força do dinheiro e a grande força intellectual. Exageru-se o poder do dinheiro. Paulo e os seus discipulos espalharam o christianismo

pelo mundo romano com menos dinheiro do que hoje se obtem nos modernos bazares de prendas. As grandes doutrinas sociaes do christianismo se baseam nesta idéa: «Fazei aos outros o que desejais que vos façam.» Todos nós temos obrigação de nos auxiliarmos uns aos outros, os fortes aos fracos, os ricos aos pobres, os sabios aos ignorantes; e deve-se acrescentar que isto não impede aquelles que nada têm de auxiliarem aos que muito possuem.

O homem pôde fazer da sua existencia o que lhe aprouver. Pôde dar-lhe tanto valor para si e para os outros quanto é o poder que lhe foi dado. Quando não tem contra si as circumstancias, o homem exerce absoluto imperio sobre a sua natureza moral e espirital. Pôde fazer muito por si, e desenvolver pelos proprios esforços, como se fôsse obra sua, tudo quanto Deus dá.

São dignos da maior commiseração os homens que não têm dominio sobre si proprios, que não possuem o sentimento do dever para com os outros, que passam pela vida procurando unicamente o seu gozo, e que, mesmo quando praticam uma boa acção, fazem-n'o influenciados por motivos mesquinhos, impellidos por uma satisfação do espirito, ou provocados pelo receio das recriminações da consciencia. Alguns desses, que se jactam dos seus nobres sentimentos, têm em pouca consideração aquelles que lhes tocam de perto. São extremamente delicados para com os estranhos, mas diversa é a maneira como se comportam para com a sua familia. A historia contada pelo finado deão Ramsay é das mais tristes. Refere elle que, em certa occasião, procurava incutir no espirito de um menino a idéa do céo e do encontro dos mortos nas regiões divinas.— «E papai estará lá?» perguntou a criança.— «Sim,

de certo. » — « Então, replicou o menino immediatamente, eu lá não vou! »

A falsa sympathia é muitissimo commum. Sharpe diz que uma das mais sérias objecções que elle tem que fazer contra a litteratura sentimental e pathetica é que ella tende a crear no individuo um habito de sentir compaixão ou indignação sem que o incite realmente a alliviar o infortunio ou a reagir contra a oppressão. Assim, Sterne compadecia-se de um asno morto, e deixava sua mulher morrer á fome. Montaigne chama extraordinario a um homem « *qui ait des opinions supercelestes, sans avoir des mœurs souterraines.* » Nos profundos estudos de Butler, essas imitações da verdadeira benevolencia estão bem descriptas e bem expostas.

« Goethe, diz o professor Bain, evitava o espectáculo do soffrimento, porque o fazia soffrer também, provando desse modo que possuia sufficiente grandeza de alma para sentir as magoas dos seus semelhantes, mas fugindo de encontrar occasiões em que essa qualidade se pudesse expandir. »

Os homens regeneram-se, não tanto pela verdade em abstracto, como pela divina inspiração que nasce da humana bondade e sympathia. A sympathia é o sigillo da natureza « que torna a todos irmãos. » O homem que se insinúa na vida de outrem, que emprega todos os seus esforços para auxiliar-o por todos os modos, social, moral e religiosamente, exerce uma divina missão. Está, pois, abrigado pela mais ampla protecção. Desafia o egoismo. O conego Mozley demonstrou com mão de mestre que o sentimento de compaixão e o principio do auxilio mutuo, que converte em satisfacção as acções productoras de beneficios para a sociedade, foram uma descoberta do christianismo, descoberta igual a um novo principio de sciencia-

Os melhores e os mais nobres dentre os homens foram homens compassivos. O bispo Wilberforce distinguia-se pela sua faculdade de sentir a sympathia. Era de coração magnanimo, generoso e liberal. Punha-se sempre á frente de todo o plano que tinha por objectivo o bem, e a elle se entregava de corpo e alma. Dirigia todas as tentativas que lhe pareciam dignas de experimentar-se. O resultado era sempre o mais completo triumpho.

A sympathia é a faculdade de comprehender e participar os soffrimentos, as difficuldades e os desanimos de outrem. Dizia-se de Norman Macloed que o primeiro e o ultimo traço de seu character era a sympathia. Tudo na humanidade o interessava. Segundo suas opiniões, os homens e as mulheres, por mais vulgares que sejam, contribuem sempre de algum modo para o bem-estar da humanidade. « Quando elle vinha visitar-me, dizia um ferreiro, fallava-me como se fôsse ferreiro tambem; nunca se retirava sem deixar-me gravada no coração a imagem do Christo. » O homem é, acima de tudo, o ponto central da acção humana, de modo que só é importante aquillo que d'elle nasce e que nelle está.

São de Norman Macloed as seguintes palavras, que proferiu ao encetar as suas predicas em Glasgow: « Queremos unicamente homens dedicados e corajosos, e não os seus livros, os seus haveres... Os pobres e os necessitados, os nús e os abjectos, os prodigos e os desesperançados vêem e sentem, como ninguem sabe sentir e comprehender, a caridade que brilha serena no olhar, revelando a luz da alma e a profunda paz que alli reina, mostrando o repouso que pôde encontrar um cansado coração. Comprehendem e apreciam a inteira caridade, — cousa para elles até então nem sonhada, — que inspira a visita dos ricos, dos bem educados, dos cortezes á

desconhecida morada da miseria e da doença; e que exprime as palavras meigas e os affectuosos conselhos que acompanham sempre as suas dadivas... » Dá isto idéa do plano geral da obra por elle comprehendida na igreja baronial de Glasgow.

« Sou de opinião, diz mais além, que a educação no nosso povo, no que diz respeito aos seus deveres individuaes, como o trabalho diligente, a conservação de sua saúde, a sobriedade, a benevolencia, a prudencia, a castidade, as suas obrigações como pais, os seus deveres como cidadãos, — foi muitissimo descurada, e cumpre corrigir o mal, devendo a nova educação ser baseada nos principios do christianismo. »

As palavras do Dr. Macloed podem ser applicadas a Londres, a mais rica, ao mesmo tempo que a mais pobre, das cidades do mundo.

Poucos conhecem o Éste de Londres, com a sua revólta massa de miseria, de vicio e de soffrimento, sempre em fermentação. Muitos dão o seu dinheiro para elevar a massa do povo; poucos, porém, querem empregar nesse commettimento o seu talento e o seu tempo. O finado Eduardo Denison fez excepção a essa regra. Entregou-se de corpo e alma á regeneração dos miseraveis de Londres. Estabeleceu entre elles as caixas economicas, que recebiam diminutissimas quantias, sabendo elle que o primeiro passo para regenerar o homem é furtar o seu salario á taverna e obrigar-o a provêr as necessidades de sua familia, não só no presente como para o futuro. Em seguida tratou de estabelecer escolas, salas de leitura e um templo. Até certo ponto, conseguiu elevar aquelles infelizes indigentes da miseria ao bem-estar. Mas o que era elle sózinho entre tantos? « E' monstruoso, dizia, que no paiz mais rico do mundo grandes massas da população sejam

anualmente condemnadas á fome e á morte... De facto, nós os inglezes aceitamos a maravilhosa prosperidade que nos ultimos vinte annos nos foi concedida, sem reflectirmos nas condições que ella implica, sem nos animarmos ao trabalho e ao sacrificio que essas condições exigem.» O Sr. Denison apenas pôde encetar a sua obra. Morreu antes de lhe vêr os fructos sazoados. No entanto, o campo do dever ainda lá jaz inculto para aquelle que quizer seguir os passos do illustre morto.

Ouçamos agora o grito de José de Maistre no fim da sua vida de tão arduas e zelosas labutações: « Não sei qual seja a vida do velhaco, — nunca o fui; — sei, porém, que a vida do homem honesto é abominavel. Quão poucos são aquelles cuja passagem sobre o nosso doudo planeta se haja assignalado por acções realmente uteis e boas! Curvo-me até ao chão perante aquelle de quem se possa dizer: « *Pertransiuit benefaciendo* » (Passou praticando o bem); perante aquelle que haja conseguido instruir, consolar e auxiliar os seus semelhantes; perante esses campeões da caridade secreta, que se occultam e nada esperam nesta vida. Qual é, porém, o caracter commum dos homens, e quantos ha d'entre mil que possam perguntar, sem terror, ás suas consciencias: Que fiz eu neste mundo? por que modo adiantei a grande obra? e o que resta em mim para a pratica do bem ou do mal? »

As ultimas palavras que o magistrado Talfourd pronunciou foram as seguintes: « Se me perguntassem qual a razão que impede a nação ingleza de unir as diferentes classes sociaes, eu diria que é a falta de sympathy. » E' esse o principal defeito do nosso seculo. Ha um abysmo sempre crescente que separa as diversas classes da sociedade. Os ricos fogem dos pobres, e os

pobres fogem dos ricos. A primeira destas classes nega á outra a sua sympathia e os seus conselhos; a segunda recusa prestar obediencia e respeito á primeira.

Em vez do velho preceito que dizia dever o mundo ser regido por uma regra para que as desigualdades da sorte fossem em parte compensadas pela caridade espontanea e pela affeição daquelles que são mais favorecidos, — hoje o preceito geral é que o interesse proprio, sem consideração para com os outros, deve ser a estrella polar da nossa esphera social, e que tado quanto se acha no seu caminho deve ser calcado aos pés.

A sympathia parece ir desaparecendo entre patrões e empregados. Nas grandes cidades manufactureiras, os donos das fabricas e os operarios vivem separados uns dos outros. Nem, se quer, se conhecem. Entre elles não existe a menor sympathia. Se os operarios exigem augmento de salario, formam uma colligação; se são os patrões que querem diminuir os salarios, ha um fechamento geral de portas. De ambos os lados ha combinações. Propõe-se em seguida uma conferencia entre membros dos dous partidos, ás vezes com bons resultados, outras com resultados pessimos. Cresce neste caso a agitação, e ouvem-se palavras asperas. Ás vezes, a casa do fabricante incendia-se; são chamados os dragões e a infantaria, e ha uma tregua nas hostilidades. Quanto prejuizo, porém, não tem isto trazido a ambas as partes?!

E que diremos então do serviço domestico? Já não existe a sympathia entre o amo e o criado, pelo menos nas grandes cidades. Em todas as familias nota-se uma grande mudança; os criados succedem-se uns aos outros. No entretanto a vida domestica não póde ser regida pelos mesmos principios que regem o commercio: tal paga, tal serviço. Quando os criados entram na

intimidade do nosso lar, devem ser considerados, até certo ponto, como membros da familia. Hoje em dia as cousas são mui diversas; a criada, embora o seu auxilio seja essencial, é considerada apenas como uma pessoa alugada, que faz o seu serviço mediante tal quantia em moeda corrente. Vive na cozinha e dorme no sótão. Nada tem que vêr com o espaço existente entre esses dous limites, senão para o serviço que alli tem que fazer. Não existe a menor sympathia entre amo e empregados; é como se habitassem paizes diferentes e fallassem linguas diversas.

A falta de sympathia predomina na sociedade. Não nos conhecemos uns aos outros, não nos importamos com o proximo, como deveriamos fazel-o. O egoismo já deitou fundas raizes. Em nossa ancia de riqueza e de prazeres, tornamo-nos indifferentes e insensiveis. Cada qual quer proseguir em seu caminho, sem attender aos sentimentos dos outros. Não nos lembramos de auxiliar aquelles cujos fardos são mais pesados do que os nossos. As palavras de Talfourd já indicaram o mal que acarreta tal procedimento: torna os homens indifferentes á fraude e ao crime. Não reconhecendo a fraternidade da raça humana, proseguem elles em seu caminho, egcistica e cruelmente calcando aos pés os corpos e as almas, a vida e a propriedade de seus semelhantes.

O homem ocioso e egoista pouco se importa com o resto do mundo. Nada faz para auxiliar os afflictos e desamparados. « Que tenho eu com elles? pergunta; arranquem lá a sua vida. Por que hei de ser eu quem os ajude? Nada fizerão por mim! Estão padecendo? Ora, no mundo sempre ha de haver o padecimento. O que não tem remedio remediado está. Daqui a cem annos ha de ser a mesma cousa! »

Dizem os economistas politicos que a relação que

existe entre o amo e o criado é apenas uma questão de dinheiro, — tal serviço, tal salario. Nos calculos do economista é este, sem duvida, o contrato que *elles* são obrigados a cumprir. O moralista, porém, o philosofo, o estadista, o homem, em summa, deve reconhecer nas posições do amo e do criado um laço social, impondo a ambos certos deveres e affectos, nascidos de sua mutua sympathia como entes humanos, e das suas respectivas posições. Deve existir, de ambos os lados, a benevolencia, com o respeito devido ao homem. Sem esse respeito, que só póde existir quando o sentimento da dignidade do homem se acha inteiramente estabelecido, não só nas convicções como no coração, o melhoramento das condições sociaes é impossivel.

« Sim, dizia Sydney Smith, Fulano pertence á escola dos utilitarios! E' um homem tão impedernido que, se um carroção lhe passasse por cima, não deixaria nelle o menor sulco. Se o furassemos com uma varruma, estou convencido de que não deitaria sangue, mas seragem. Aquella escola considera os homens como simples machinas; o coração e os sentimentos não lhe merecem a menor consideração.»

Que é feito da nossa fidelidade, da nossa lealdade e do nosso desinteresse? A fidelidade parece ser uma cousa esquecida. E' hoje uma questão de dinheiro. O respeito mutuo fugiu-nos. « Aquelle que não respeita não póde ser respeitado! » diz Herbert. Temos que voltar-nos para os tempos antigos afim de conhecermos as maximas de conducta. O operario não respeita o patrão, e este já não sabe respeitar a quem o serve. Durante muitos annos os operarios na Inglaterra percebiam salarios muito mais elevados do que em qualquer outra parte da Europa. Essa epocha já passou. As estradas de ferro e os navios a vapor tendem a tornar iguaes

os salarios dos operarios em todos os paizes. Chegou o tempo em que todas as classes hão de vêr-se obrigadas a encetar um novo curso de vida.

Não é tanto de cultura litteraria que precisamos como de habitos de reflexão, de seriedade e bom procedimento. A riqueza não póde comprar prazeres de natureza elevada. São o coração, o gosto e o discernimento que determinam a felicidade do homem e er-guem-n'ò ao mais alto gráo do seu ser.

Quanto menos ambiciosos forem, quanto mais severa fôr a nossa vida, tanto mais felizes seremos; pois que a existencia desinteressada destroe o vicio, extingue os desejos, fortalece a alma e eleva o espirito a regiões mais nobres. « O homem, diz Socrates, quanto menos necessitar, tanto mais proximo de Deus está.» Quando Urbino, criado de Miguel Angelo, jazia em seu leito de morte, o velho esculptor velou á cabeceira d'elle noite e dia, apesar de suas proprias enfermidades. A seu respeito, assim escreveu o velho mestre a seu amigo Vasari: « Meu amigo, escrever-te-hei mal, porém não deixarei de responder á tua carta. Sabes que Urbino morreu. A sua perda foi para mim ao mesmo tempo um favor de Deus e uma inconsolavel magua; — favor, porque aquelle que durante a sua vida tanto se desvelou por mim, morrendo, ensinou-me, não só a morrer sem pezar, como a almejar a morte. Viveu em minha companhia durante vinte e seis annos, sempre bom, sempre intelligente e fiel. Eu o havia enriquecido, e, quando suppunha que elle seria o apoio da minha velhice, eil-o que foge, deixando-me apenas a esperança de vêl-o um dia no céu.»

Dionysio, o frade cartucho, deu os seguintes conselhos aos recém-casados: « Tratai os vossos criados e fallai-lhes como desejarieis que vos fallassem e tratassem se fosseis criados. Os amos devem mostrar-se

sempre affectuosos, pacientes, moderados e pacificos para com todos aquelles que os servem, sem todavia deixarem de ser justos. Não lhes devem nunca fallar com arrogancia ou severidade; se, porém, alguma falta é commettida na familia, devem supportal-a com paciencia, ou corrigil-a com caridade, lembrando-se das muitas faltas que são commettidas pelos servos do Senhor, e do quanto elle sabe perdoar. »

Não é unicamente para nós que lutamos e trabalhamos. E' tanto em prol dos outros como em nosso proprio favor. Ha laços moraes, élos de familia, affeições domesticas, governo e direcção do lar que se acham collocados em plano mais alto, e que se baseam em considerações mais dignas do que os egoisticos prazeres e gosos que o dinheiro proporciona. Devemos acautelar-nos contra as nossas proprias opiniões para que ellas não nos subjuguem. « Todo aquelle, disse Epicteto, que ama as riquezas, a gloria ou o prazer, póde amar a humanidade. » — « Amar aos homens, disse Santo Antonio, é de facto viver. » Assim, o amor é o principio universal do bem. Glorifica-se na intelligencia humana. E' o unico remedio contra os males da humanidade. E' sempre suave, quando em acção, — no estudo, na philosophia, na lei, no governo.

O amor de tudo quanto é perfeito é inseparavel do sentimento de aversão que nos inspira tudo quanto é baixo e criminoso. Froissart assim descreve Gastão de Foix : « Era em tudo tão perfeito, que não póde ser louvado bastante; amava tudo quanto era digno de amor, e aborrecia tudo quanto era digno de aversão. » Santo Agostinho disse tambem, pouco mais ou menos, a mesma cousa : « A virtude não é senão o amor bem dirigido, induzindo-nos a amar o que devemos amar, e a odiar o que é merecedor de odio. »

« O que é a temperança, diz outro theologo, senão o amor que nenhum prazer seduz? O que é a prudencia senão o amor a quem êrro nenhum attrahe? O que é a fortaleza, senão o amor que supporta com coragem as adversidades? O que é a justiça, senão o amor que por meio de certo encanto corrige as desigualdades da vida? » Os proprios estoicos reconheciam esta maravilhosa potencia. « Antes de ter nascido o amor, disse Socrates, davam-se muitas cousas terriveis, provocadas pela necessidade; quando, porém, surgio aquelle deus, todos os bens couberam ao homem. »

A solitudine, a bondade e a consideração para com os outros trazem em si proprias a sua recompensa. Produzem grato reconhecimento naquelles que são objecto dellas, e todo o serviço é feito com uma boa vontade e uma intelligencia que o dinheiro não pôde comprar. A sympathia é o verdadeiro calor, a verdadeira luz do lar domestico, o laço que prende os amos aos criados, o marido á mulher, os pais aos filhos, e não pôde ser inteiramente venturoso o lar onde ella não existe, reunindo a familia em um amplexo de afeição domestica e de concordia.

Em uma linda descripção da paz domestica, escripta por um autor anonymo do seculo decimo-quarto, vemos que os filhos das mais nobres casas serviam á mesa quando seus pais obsequiavam aos amigos.

Cardan, elogiando os nobres de Veneza, refere-se particularmente ás suas maneiras cortezes e liberaes para com os criados. Recommenda a mais ampla benevolencia e brandura para com os servos. Dizia-se do grande guerreiro Vectio que « elle governava todos aquelles que lhe eram subordinados, menos pela autoridade do que pela razão. Dir-se-hia que era antes mordomo do que senhor da sua casa. »

E' quasi desnecessario referirmo-nos á sympathia do lar. « A primeira sociedade, diz Cicero, existe no casamento, em seguida na familia e finalmente no Estado. » O pai, regendo a familia, é um soberano. Seu poder, porém, deve basear-se na sympathia entre elle e as pessoas a quem governa. Todo o progresso começa no lar domestico ; e dessa fonte, seja ella pura ou maculada, nascem os principios e as maximas que regem a sociedade. O poder motor dos pais devem ser a sympathia e o amor. « A mais nobre, a mais bella qualidade, diz João Paulo Richert, que a natureza pôde dar á mulher, para o bem da posteridade, foi o amor, a mais ardente afeição, e no entanto tão mal paga por quem não a pôde comprehender. A criança recebe o amor, os beijos, as vigalias nocturnas, e a principio a toda essa dedicação só corresponde com máo modo ; essa creatura, que tantas necessidades tem, paga sempre mal os carinhos que recebe. A mãe, porém, continúa a prodigalisar-lhe os seus desvelos, e, ainda mais, o seu amor parece augmentar á proporção que o objecto d'elle se torna mais ingrato. E ella sente mais afeição pelo mais fraco de seus filhos, ao passo que o pai se afeiçãoá ao mais forte. »

Do pai depende o governo de uma casa ; depende da mãe a sua direcção. Terá o pai aprendido a governar sua familia, empregando a brandura e a paciencia ? Terá a mãe adquirido aquelles meios que fazem do lar um asylo de paz e de conforto ? Se o não fizeram, o casamento em breve se transforma em incessante altercação.— « Em verdade, diz sir Arthur Helps, chego quasi a duvidar se um chefe de familia não causa mais damno no lar domestico, não possuindo o sentimento da sympathia, do que mesmo sendo injusto, » São explendidas as seguintes palavras de uma mulher de quem o

marido queria separar-se : « Restitua-me então, disse ella, aquillo que eu lhe trouxe. » « Sim, replicou elle, a sua riqueza ser-lhe-ha entregue. » -- Não me referia ao dote, tornou a esposa ; peço apenas que me restitua a minha verdadeira riqueza, — a formosura e a mocidade, a innocencia da alma, a alegria do espirito, e o coração que ainda não fôra desilludido. »

Para que o homem seja feliz é mister que encontre na esposa não só uma companheira de labutações, como uma companheira de alma. Em ambas as cousas deve ella ser casta, leal e compassiva. Para com os filhos devem ambos ser amorosos. Na vida da familia ha muitas provações ; com a paciencia e a abnegação, porém, todas ellas se vencem. « A paciencia, diz Tertuliano, adorna a mulher e experimenta o homem. Na criança, torna-se digna de nossa admiração, no mancebo merece os maiores louvores. Em todas as idades é sempre bella. » D. Antonio de Guevarra, aconselhando a um cavalheiro de Valencia ácerca dos deveres de marido, diz-lhe que, se elle quizer retorquir a uma palavra de ira, não lhe bastarão nem a força de Sansão, nem a sabedoria de Salomão. Deve encher-se de paciencia e ser indulgente. Uma onça de contentamento vale mais do que uma tonelada de melancolia.

A vida da mulher, moralmente fallando, não pôde jámais ser vista pela sua fórma externa, e ainda menos pela interna. A melhor maneira de preparar-se para ambas é cuidar carinhosamente de sua feminilidade, — essa herança que lhe é natural. A palavra que empregamos é indefinivel. Revela-se na necessidade que sente a mulher de um apoio, na necessidade de confiar, de amar, de respeitar alguém e de ouvil-o ; revela-se ainda na coragem com que ella sabe soffrer, proteger, defender e consolar. Encontramo-l'a ainda na plasticidade

que lhe dá tamanho poder de assimilação, bem como naquella firmeza que só cede perante o dever; na meiguice, que tudo obtem, e na dedicação que tudo vence.

A verdadeira esposa toma interesse por todos os labores do marido, comparticipa dos seus triumphos e das suas alegrias, e procura por todos os meios attenuar-lhe as tribulações. Na idade de setenta e dous annos, após longo e venturoso consorcio, Faraday escrevia á sua mulher o seguinte: « Almejo vêr-te, minha querida, para fallar contigo de cousas passadas e recordar-me de todas as bondades recebidas. Tenho o espirito e o coração repletos dessas cousas; a memoria, porém, vai-me falhando rapidamente, até mesmo em relação aos amigos que se acham na sala em minha companhia. Terás que reassumir as tuas antigas funções de sustentaculo e repouso de meu espirito, — de esposa modelo. »

Não houve homem que comprehendesse melhor a sympathia do que Carlos Lamb. Poucos ha que não conheçam o terrivel facto passado no seio da sua familia. Na idade de vinte e um annos, sua irmã Maria, em um accesso de loucura furiosa, matou sua mãe, ferindo-a no coração com uma faca de trinchar. O irmão, desde aquelle momento, resolveu sacrificar-se pela sua pobre e amada irmã, e tornou-se voluntariamente seu companheiro. Por causa della abandonou todas as suas idéas de amor e casamento. Sob a omnipotencia do dever, renunciou ao unico affecto que teve em sua vida. Com um rendimento menor de cem libras por anno, seguiu, sózinho, o caminho da existencia, confortado apenas pelo amor de sua irmã. Nem o prazer, nem o trabalho puderam demovel-o da sua resolução.

Sahindo do asylo dos loucos, Maria Lamb consagrou

parte do seu tempo á composição dos *Contos de Shakspeare* e de outras obras. Harlitt refere-se a ella como uma das mulheres mais sensatas que elle conhecêra, embora tivesse tido, durante sua vida, repetidos accessos de furia e se achasse sempre ás bordas da loucura quando no gozo de suas faculdades. Quando ella sentia a approximação de um desses accessos, Carlos dava-lhe o braço e levava-a para o asylo de Hoxton. Causava a mais sincera emoção vêr aquelle irmão conduzindo sua irmã mais velha, chorando ambos e a fallarem do seu infortunio. Levava elle na mão a camisola de força e entregava a irmã aos cuidados dos medicos do asylo. Quando recuperava o juizo—, voltava ella para a companhia do irmão, que a recebia com as maiores demonstrações de jubilo, tratando-a com extrema ternura. Durou essa convivencia quarenta annos, sem outras nuvens além das que nasciam das oscillações na saude da irmã. Lamb cumpriu nobremente o seu dever e recebeu mais tarde a sua recompensa.

A sympathia pelos outros manifesta-se muitas vezes no desejo de salvar a vida daquelles que estão em perigo. Já temos narrado muitos casos desses; faltamos, porém, mencionar um. Passeiava Lady Watson um dia á beira-mar, colleccionando conchas para o seu museu. Levantando os olhos, avistou um homem solitario, trepado no alto de um pequeno rochedo, todo cercado de agua. Do logar em que se achava não o podia conhecer; sabia, porém, que elle estava em risco de perder a vida, e resolveu salvá-lo. A maré enchia com rapidez, e as ondas já se arremecavam furiosas de encontro á praia. Parecia quasi impossivel tirar o homem daquella situação. No entretanto, pediu ella a uns barqueiros que fossem ao mar salvar o homem,

offerecendo-lhes avultada quantia em recompensa. A principio, elles hesitaram, mas afinal um bote foi lançado ao mar, e alcançaram o rochedo justamente no momento em que as forças do homem estavam exaustas. Metteram-n'o no bote e trouxeram-n'o são e salvo para terra. Qual não foi a surpresa da caridosa senhora, ao reconhecer no homem salvo seu proprio marido, Sir William Watson!

« A memoria de uma mulher salvou-me de muitas tentações, escreveu alguém que havia levado uma existencia desregrada. Ninguem da minha familia conheceu-a; tinha morrido antes de separar-me dos meus. Deram-se em muitas occasiões circumstancias que poderiam ter-me subjugado, mas a que eu pude resistir simplesmente porque havia amado aquella mulher. Nunca senti na minha alma a impressão de ter perdido o seu amor, e jamais tive animo de ir a logares onde sabia que não poderia tel-a levado. Quando me sentia um tanto triste por achar-me sózinho, longe dos meus camaradas, reanimava o coração com a idéa de que havia sido « por amor della. »

Eis agora uma narração que demonstra a absoluta falta de sympathia. Foi contada em um sermão prégado pelo Sr. Roberto Collyer, pastor da igreja da União de Chicago, actualmente pastor em Nova-Yerk. O Sr. Collyer nasceu em Kerghley, no Yorkshire, mas passou a maior parte da vida em Illkley, hoje uma das nossas cidades de banhos mais favorecidas pela moda. Foi aprendiz de João Birch, ferreiro. Sendo ainda malhadador de bigorna, casou-se. Mais tarde fez-se prégado-leigo entre os methodistas. Em seguida, foi para os Estados Unidos, continuando na sua missão de prégado-leigo. Os seus sermões são cheios de simplicidade, de vida

de poesia e de eloquencia, baseados na sua larga experiencia do character humano.

« Recordo-me, diz elle, de que em uma das nossas conferencias religiosas na igreja methodista, na Inglaterra, ha de haver uns trinta annos, um homem levantou-se e narrou-nos como havia perdido a esposa, ceifada pela febre, e após a esposa todos os filhos, um por um;—que sentia-se calmo e sereno no meio daquellas attribulações, como se nada houvesse acontecido, não sentindo a menor dôr, a menor magoa, protegido e escudado, acreditava elle, pela divina graça; e que no momento em que nos estava fallando não sentia dôr alguma no coração.

« Assim que elle acabou de fallar, o velho e santo pastor que dirigia a reunião levantou-se e disse: « Agora, irmão, vai para casa, fecha-te no teu quarto, ajoelha-te, e não te levantes emquanto não fôres outro homem. O que acabas de nos contar não é um signal da graça divina, mas sim do mais empedernido coração que hei encontrado em um homem christão. Em vez de seres um santo, nem se quer és um peccador decente. A religião nunca faz de um homem uma fera, torna-o ainda mais humano; e, se fôsses humano, soffrimentos como esses ter-te-hiam despedaçado o coração. Sei que o teriam feito ao meu, e não tenho pretensão de ser mais santo do que os outros. Aconselho-te, pois, que nunca mais refiras semelhante historia. »

A sympathia glorifica a humanidade. O seu synonymo é o amor. E' ella quem vai ao encontro das necessidades dos indigentes e afflictos. Onde quer que se encontrem a crueldade, a ignorancia ou a miseria, a sympathia estende a mão para consolar e proteger. O aspecto do soffrimento, o ruido de um soluço apoderam-se

de uma alma compassiva e não a deixam mais socegar. Da *sympathia* e da justiça emanaram alguns dos mais importantes acontecimentos dos tempos modernos. Será necessario mencionar a abolição da escravidão na Inglaterra, na America e na França? a educação dos ignorantes? a instituição das Escolas do Domingo? a propaganda da temperança? a elevação das classes opprimidas, pela qual tanto se interessam as senhoras e os cavalheiros da mais alta sociedade?

Ha ainda espaço para o auxilio *sympathico* em todas as cousas. Aquelle que ama a Deus ama ao proximo, — pobre ou rico, — e não póde deixar de ser justo, leal e caritativo. « O homem justo, disse Massillon, está acima do mundo, é superior a todos os acontecimentos. As creaturas curvam-se todas perante elle, e elle só se curva perante Deus. » Tratar dos enfermos, visitar as viúvas e os orphãos, contribuir para elevar a pobreza, são cousas essas para as quaes se tornam necessarias a diligencia, a caridade e o amor.

« Clamein embora contra os erros do enthusiasmo christão! diz o Dr. Martineau; não ha zelo, por mais racional que pareça, que tenha feito mais do que o christianismo pela humanidade soffredora. Quando, por acaso, falha em algum fim, alcança outros para os quaes nenhum mais calculado zelo teria voltado as vistas. Se não fôsse a igreja, onde estaria a escola? Se não fôsse o exercito missionario, embora tantas vezes frustrado em seus designios e batido, quaes seriam as sentinellas avançadas da civilisação, que em toda a parte está vencendo o barbarismo? Os christãos podem ter tentado muitas loucuras; quem, porém, realizou cousas mais sensatas do que elles? Talvez hajam dito demasias sobre o desprezo do mundo; mas quem tem feito mais do que elles afim de tornal-o habitavel? » Mais além, continúa:

« Se alguma vez, entre os mais indigentes, tocam-se as corções sensíveis da religião e a familia se torna temente a Deus, dá-se immediatamente nella uma completa transformação; desapparecem os andrajes; voltam os moveis; a enfermidade diminue; os filhos adquirem novo vigor; cessam as divergencias; os tempos de difficuldades são supportados e passados com mais resignação; e a miseria, que em outras epochas se expandia no desanimo e no máo humor, desperta ao calor da esperança e da fé. »

« Mesmo os mais pobres d'entre os pobres, diz Wodsworth, têm sido por sua vez paes e doadores de algum pequenino beneficio. » Um sapateiro remendão foi o primeiro a fundar as Escolas dos Indigentes em Portsmouth. Delle dizia o Dr. Guthrie: « João Pounds é uma honra para a humanidade, e é merecedor do mais elevado monumento que se haja erguido na Grã-Bretanha. » Um typographo de Gloucester instituiu as Escolas do Domingo na Inglaterra, e merece um monumento ainda mais alto do que o de João Pounds. Um sapateiro de New-Castle encetou as missões da India. Uma rapariga, empregada em uma fabrica, fundou a sociedade religiosa dos « Meninos Fundidores de Glasgow. »

Melhor do que os ricos sabem os pobres do que necessitam. As grandes cidades não têm espectaculo mais triste do que o aspecto das suas crianças envelhecidas, com o semblante astuto e preocupado, a testa franzida, onde se vê estampado o desassocego. O lar dos pobres não é muitas vezes um lar. Os ricos e os pobres vivem completamente separados. Muitas são as barreiras erguidas entre elles, impedindo as suas relações pessoases. Os pobres não têm outra sociedade além da sua propria classe. Não têm meio de escapar ao commercio dos ignorantes e dos grosseiros. Os filhos dos mais indigentes

são considerados pelos pais como outros tantos concorrentes ás migalhas com que se alimentam ; e são criados assim, entrando cedo nas duras realidades da existencia. Aos olhos das classes elevadas os pobres são como que habitantes de paizes inexplorados.

São unicamente os pobres que sympathisam real e verdadeiramente com os pobres. Só elles conhecem os soffrimentos uns dos outros ; só elles sabem quanto os seus semelhantes necessitam de conforto e de bondade. Falla-se muito na caridade dos ricos ; ella, porém, é de nenhum valor quando comparada á caridade dos pobres. Nas epochas de privação, de enfermidade, de in-clemencia, de afflicção, são os pobres os consoladores, os arrimos dos pobres, chegando a sua dedicação a um ponto que nem se quer é sonhado nas altas classes. Contentando-se em trabalhar de dia para dia, de anno para anno, afim de ganharem mesquinho salario, ainda assim encontram um obolo para darem ao irmão que delle necessita. Nem lhes falta mão amiga para alisar o travesseiro e prestar todos aquelles carinhosos serviços que tornam o soffrimento e a molestia menos acerbos. Neste ponto, as mulheres das classes indigentes são de uma dedicação e de um desvelo á toda a prova. Fazem sacrificios, aventuram-se a riscos e perigos, supportam privações, e exercem a caridade e a paciencia a um ponto que o mundo não póde conhecer, e que, embora o conhecesse, não acreditaria na possibilidade de tal dedicação.

Muito se ha escripto ultimamente a respeito de Roberto Raikes, de modo que pouco resta-nos dizer com referencia a elle. As Escolas do Domingo já existiam antes do seu tempo. Já tivemos occasião de nos referirmos á escola do cardeal Borromeu, a qual conta mais de quatrocentos annos de existencia. As escolas do

Domingo, na Inglaterra, instituíram-se muito mais tarde. Foi William King, um cardador de Dursley, quem primeiro trouxe a idéa das escolas ao espirito de Raikes. King havia estabelecido uma escola de Domingo em Dursley, a qual cahiu por falta de cooperação. Estando uma occasião em Gloucester, foi elle visitar, um domingo, a Roberto Raikes, e sahiram ambos em passeio para a Ilha, — a parte baixa da cidade. Alli encontraram muitas crianças maltrapilhas entregues a diversos brinquedos. — « E' uma lastima, disse King, que o dia do Senhor seja profanado assim! » — « Como remediar o mal? » perguntou Raikes. « — Abra o senhor uma escola do Domingo, como eu fiz em Dursley, com o auxilio de algum fiel. O augmento da minha industria impede-me de empregar muito tempo na escola, como era desejo meu. »

Raikes visitou a prisão de Gloucester. Alli encontrou um homem ainda moço, condemnado á morte por crime de roubo com circumstancias aggravantes. « Nunca recebeu a menor instrucção, diz Raikes a respeito desse rapaz. Nunca rezára uma prece ao seu Creador. » Esse individuo só empregava o nome de Deus para blasphemar. Não tinha a menor noção de uma vida futura. — Aquella entrevista produziu profunda impressão no espirito de Raikes. Poucas eram as crianças pobres da cidade que recebiam alguma educação. Assim que chegavam á idade de prestarem algum serviço, eram immediatamente enviadas para o trabalho. Nos intervallos de folga, entre os quaes o Domingo figurava em primeiro logar, as crianças gozavam de uma liberdade sem restricções.

Foi então que elle fundou uma escola do Domingo. Sympathisava com a infancia, e em breve grangeou a afeição dos « meus maltrapilhos », como os chamava affectuosamente. Era intenção d'elle ensinar ás crianças

a leitura e a doutrina christã. Em 1783, Raikes alugou quatro salas para a escola, e offerereceu um shelling a cada um daquelles que se incumbisse de ensinar ás crianças que viviam ao abandono. O cura da parochia foi convidado para ir, nos domingos á tarde, verificar o progresso dos alumnos. As escolas de Raikes possuíam o mais valioso elemento de ensino: a genuina affeição que os mestres sentiam pelas crianças. Aquelles corações infantis despertaram ao calor da affeição de seus mestres.

Perto de trinta annos depois do estabelecimento das primeiras escolas de Raikes, foi procural-o um moço da seita dos quakers, chamado José Lancaster, fundador da « Sociedade Britannica das Escolas, » cujo fim era dar instrucção aos filhos dos pobres, nos dias de semana. Nessa epocha o fundador das escolas do Domingo contava setenta e dous annos de idade, e, apesar de retirado da vida activa, ainda tomava immenso interesse pela sua instituição. Lancaster dirigiu-lhe innumeradas perguntas ácerca da origem das escolas do Domingo; e temos á vista uma interessante nota das suas respostas, de entre as quaes citaremos uma.

Apoiando-se ao braço da sua visita, o ancião levou-o pelas ruas de Gloucester até uma rua afastada, e parou no lugar em que a primeira escola funcionára. « Paremos aqui, » disse Raikes; e, descobrindo a cabeça, entregou-se á silenciosa oração. Dahi a momentos, voltando-se para o companheiro, continuou: « Este é o lugar onde primeiro conheci o abandono em que viviam as crianças pobres, e a profanação do Domingo pelos habitantes desta cidade. Perguntei a mim mesmo se não seria possível fazer-se alguma cousa para remediar o mal. Pareceu-me ouvir uma voz que me respondia: « Experimentai. » E eu fiz a experiencia; vemos hoje o

resultado. Nunca passo por este logar em que me acudiu essa inspiração, sem elevar o coração a Deus para agradecer-lhe ter-me dado tal pensamento. »

Sabendo que Raikes visitava frequentemente as prisões do condado, afim de verificar se alguma das tres mil erianças, cuja educação elle havia dirigido, merecêra o encarceramento, Lancaster perguntou-lhe sem hesitar se tal facto se havia dado. Appellando para a memoria, que mesmo em sua avançada idade era fidelissima, Raikes respondeu com firmeza : « Nunca ! » (*)

Maria Anna Clough, empregada de uma fabrica em Glasgow, occupava na esphera social uma posição muito mais humilde do que a de Roberto Raikes. Era jornaleira, ao passo que elle era jornalista. No entanto, deparou ensejo, como todos podem deparar, de auxiliar a grande obra da humanidade. Não foi o « cultivo » intellectual que a inspirou, mas sim a meiga sympathia feminil. Ganhava o pão com o trabalho de suas mãos; o amor, porém, o grande educador, conduziu-a a mais elevado campo de trabalho. Era sómente depois de concluir as suas labutações diurnas que ella encetava os seus novos trabalhos. Via empregados nas fabricas de fundição de ferro muitos meninos, que pareciam não ter ninguem que por elles olhasse. Viviam em completo abandono, e bem cedo eram iniciados na escola do vicio. A pobre rapariga compadecia-se delles. « Vou tentar, disse ella, conduzil-os ao caminho do Senhor e á pratica do bem. »

Apenas formada a resolução, Maria Anna tentou pol-a em pratica. Pediu, e obteve o uso de uma sala

(*) *Roberto Raikes : Jornalista e Philantropo.*— Por Alfredo Gregory. 1879.

no pavimento terreo da fabrica em que trabalhava. Abriu alli a sua aula em um domingo do mez de Junho de 1862. Reuniu em torno de si um certo numero de meninos, empregados nas fundições, furtando-os aos grosseiros divertimentos a que estavam habituados. Ensinava-lhes a soletrar, a lêr, a serem asseados, bons e religiosos. Amava a esses pobres abandonados.

Os seus esforços para salvar aquelles meninos do caminho do erro não se limitaram aos domingos. Na sua obra empregava a rapariga todo o tempo que lhe restava. Findo o seu trabalho diario, ia em busca das habitações dos meninos, — se habitações podiam ser chamadas. Conhecia-os a todos, sabia-lhes as tristes historias, as suas privações, os perigos a que se expunbam, e, empregando apenas os principios christãos, a brandura, a bondade, conseguiu adquirir sobre os seus educandos uma influencia que produziu os mais beneficos resultados. De facto, distinguiram-se elles tanto de seus collegas de officio, — pela sua diligencia, pela sua boa conducta e pela delicadeza de sua linguagem, que « os meninos de Maria Anna » se tornaram proverbias nas fabricas em que trabalhavam.

Durante tres annos, mais ou menos, Maria Anna proseguiu no seu nobre empreendimento; viu-se, porém, por motivos de saude, obrigada a entregal-o a outras mãos. Mas a semente que ella puzera na terra medrara, a planta criara raizes e produzia rica safra. Em 1865 formou-se a sociedade religiosa dos meninos fundidores de Glasgow. Em seis annos de existencia contava ella 14.000 alumnos, entre rapazes e meninas, com um estado maior de 1.500 decuriões e sob as vistas de mais de 500 cavalheiros. Mais de 300 destes incumbiram-se de fazer conferencias para os meninos, em diversos

pontos da cidade. Tudo se fazia para a sua elevação social. Essa sociedade formava uma especie de elo entre a escola do Domingo e a Igreja. A educação religiosa e secular era dada a todos. A temperança era a chave principal da instituição. Estabeleceram-se caixas economicas. As bandas de musica e os grupos choraes formaram uma outra fonte de poder para a sociedade. Aos sabbados organizavam-se divertimentos musicaes. Fazia-se todo o possivel para furtar a juventude ao deleixo, á ignorancia e ao vicio do viver da cidade. Com excepção dos professores superiores seculares da instituição, todos os mais que trabalham para a sociedade fazem-n'o gratuitamente.

No verão, os rapazes e as meninas, acompanhados dos seus directores, dão um passeio ao campo. Em geral, vão ao parque do duque de Argyll, em Inveranay. O duque é o presidente honorario da sociedade. Foi em uma dessas occasiões que tivemos ensejo de conhecer a obra emprehendida pela instituição. Embora conserve ainda o titulo de « Sociedade dos Meninos Fundidores », os seus beneficios se tornaram extensivos a todas as classes de operarios. E' incalculavel o bem que ella tem produzido já. Oxalá que todas as cidades contassem no seu seio uma instituição igual! No entanto, foi imitada sómente na Escocia, em Greenock, Edimburgo, Dundee e Aberdeen. O que têm feito as grandes cidades manufactureiras do norte da Inglaterra, — Manchester, Leeds, e Bradford? Instituições semelhantes áquella nessas cidades seriam de immenso valor.

CAPITULO XI

PHILANTROPIA.

Sis amicus Dei, fide, spe, et opere.

(MICHAEL SCOTT.)

Da nobreza o brazão mais verdadeiro
E', certo, a compaixão!

(SHAKSPEARE.)

Irmão, que desfalleces na existencia,
Irmã, de quem os justos vão fugindo,
Um dia ha de chegar em que potente
Um braço a carregar o fardo vos ajude!

(*Ode da vida.*)

Muitos são os gemidos dos moribundos que não ouvimos. Muitos são os prantos das viúvas e dos orphãos que não enxergamos. Muitos são os rostos banhados de lagrimas e cobertos de magoa que não podemos vêr. A tyrannia é protegida e animada. Os ladrões ganham força. E milhares de creaturas humanas, que nunca nos fizeram mal, vivem em cruel captiveiro.

(JOH WOOLMAN (*Quaker*). 1775.)

Aos homens custa muito se demoverem da sua fé ácerca da força physica como necessaria para corrigir, disciplinar e governar os outros. A força para elles é cousa muito palpavel, e dispensa todas as investigações sobre causas e effeitos. E' um meio expedito de decidir de questões sem ter que pesar argumentos diversos. E' a logica summaria dos barbaros, entre os quaes o melhor homem é aquelle que dá a mais forte pancada ou visa o alvo com mais certeza.

Até as nações civilisadas têm sido muito lentas em abandonar a sua fé na força physica. Ainda em epochas bem recentes, homens de honra, se tinham alguma questão,

decidiam as suas divergencias por meio do duello, e os governos, quasi sem excepção, recorrem ás armas para resolver as suas pendencias ácerca da posse de territorio, ou ácerca de transacções internacionaes. De facto, fomos criados na crença tão enraizada da efficacia da força, a guerra identificou-se de tal modo na historia com a gloria, com as honras e com toda a sorte de epithetos altisonantes, — que hoje nos custa crêr que o edificio social possa perdurar, se o emprego da força fôr totalmente abandonado para ser substituido pela brandura, pelo amor e pela justiça.

No entanto, a efficacia da força como meio correctivo já tem sido posta em duvida. Suppõe-se que a força provoca a resistencia, e que, se os homens são subjugados por meios violentos, a força assim empregada procrêa um espirito de rebellião que de tempos a tempos irrompe em acções violentas, em odio, em vicio e em crime. Tal tem sido, de facto, em todos os paizes em que reina a politica da força. A historia do mundo é, em grande parte, a historia do máo exito da força physica como meio de persuasão.

Será acaso porque nos estamos tornando mais conhecedores do character humano? Começamos agora a perceber que, se quizermos fazer o homem mais feliz e melhor, será necessario empregar uma força mais benefica e poderosa do que aquella que até hoje temos empregado, — a força da brandura? Este methodo de lidar com a creatura humana nunca provocou a resistencia ou a rebellião; nunca a tornou peor do que era; ao contrario, sempre a melhorou em todos os casos em que foi empregado. O amor é um poder irresistivel, eleva e civilisa todos aquelles que se acham sob a sua influencia. Indica confiança no homem, e, sem fé nos bons instinctos deste, não existe methodo algum para

obrigal-o a corrigir-se dos instinctos máos. A brandura attrahe e desenvolve os generosos instinctos do homem; desarma a resistencia, vence as más inclinações e commove o mais endurecido coração. Vence o mal e robustece o bem. Appliquemos este principio ás nações, e é elle ainda bem cabido. Já destruiu o odio entre as tribus, entre as provincias de um mesmo paiz; dêem-lhe inteira expansão, e a guerra entre as nações tambem acabará. Embora esta idéa pareça utopista na actualidade, as gerações futuras ainda virão a considerar a guerra o mais hediondo dos crimes.

O principio da força foi em tempos antigos empregado cruelmente no modo de lidar com os doudos, com os leprosos, com os galés e com os criminosos. Os doudos eram acorrentados e mettidos em jaulas como se fossem feras. Os leprosos eram banidos das cidades e forçados a viver em algum canto remoto, longe das creaturas humanas, sendo elles humanos tambem. (*) Os galés viviam presos ao remo até que expiravam em meio dos seus tormentos. Os criminosos eram todos agglomerados em estreitas prisões, sem contemplação pela sua idade e pelo seu sexo, até o ponto de se tornarem as prisões da Europa verdadeiras sentinas da iniqüidade. Ha cerea

(*) As linhas que se seguem, commoventes na sua singeleza, foram escriptas pelo poeta Heine; foram as ultimas linhas que elle escreveu para a imprensa: «No anno de 1480, diz a Chronica de Limburgo, todo o mundo cantava e assoviava as mais bellas e suaves melodias que até então tinham sido ouvidas na Allemanha; todo o mundo, moços e velhos, homens e mulheres, especialmente as mulheres, se enthusiasmava por ellas, de modo que aquelles canticos ouviam-se desde pela manhã até á noite. Sómente, accrescenta a chronica, o autor dessas melodias era um joven clerigo, que soffria de lepra e

de quatrocentos annos, os prisioneiros eram dados, em Pisa e Florença, aos cirurgiões, para serem escarpellados vivos. Hoje os medicos empregam animaes para o mesmo fim.

S. Vicente de Paulo foi um philantropo de primeira ordem. Era filho de um rendeiro do Languedoc. O pai educou-o para o sacerdocio, vendendo até o gado que possuia para pagar as despezas collegiaes do filho. Uma pequena herança foi-lhe deixada por um amigo em Marselha, e Vicente para ahi se dirigiu, por mar, afim de recebê-la. Voltou com destino á terra natal, ainda por mar; o navio, porém, em que elle ia, após denodada resistencia, cahiu em poder de tres corsarios africanos. No combate Vicente foi ferido gravemente por uma flecha. A tripolação e os passageiros foram

vivia sózinho e isolado, escondido longe do mundo. Sabes, sem duvida, leitor, que horrivel molestia era a lepra na idade média, e como os pobres desgraçados que eram atacados desse mal incuravel viviam exilados da sociedade, não lhes sendo permittido aproximarem-se de pessoa alguma. Como cadaveres viventes, andavam os leprosos envolvidos em compridas mortallas, com um capuz cahindo-lhes sobre o rosto e empunhando uma matraca, chamada a matraca de Lazaro, com a qual davam signal da sua aproximação, afim de que todos se afastassem de seu caminho. Esse pobre rapaz, de cuja fama como poeta e musico falla a Chronica de Limburgo, era um desses leprosos, que vivia abandonado e só na sua afflicção, ao passo que a Allemanha inteira, alegre e descuidada, cantava as suas melodias... Quantas vezes, nas minhas sombrias visões da noite, não me parece estar vendo o pobre cantor de Limburgo, meu irmão em Apollo, fitando em mim os seus olhos que luzem sob o capuz! no mesmo instante, porém, esvahece-se a visão, e, morrendo ao longe como o echo de um sonho, ouço o aspero som da matraca do Lazaro!»

mettidos a ferros, e entre elles Vicente. Conduziram-n'o a Tunis, e alli foi, como escravo, empregado nas galeras. Não prestando, porém, para o serviço do mar, pois estava frequentemente doente, foi vendido a um medico mouro. Ao cabo de um anno morreu-lhe o senhor e Vicente foi de novo vendido a um lavrador, que era natural de Nice. Vicente reconverteu o seu novo senhor ao christianismo, e resolveram ambos fugir. Puzeram-se ao mar em uma pequena embarcação, e chegaram finalmente a Aigues-Mortes, ao sul da França.

Pouco tempo depois, Vicente de Paulo entrou para uma ordem religiosa em Roma, e cujo serviço era tratar dos enfermos nos hospitaes. Em seguida foi para Pariz, onde continuou no mesmo serviço. Foi depois chamado para professor da familia do conde de Joigni, que era inspector das galeras ou pontões do Estado. Alli presenciou o socerdote horriveis espectaculos de homens acorrentados aos remos e tratados como escravos africanos. Dedicou-se então á obra de auxilial-os por todos os meios, de modo que Luiz XIII, tendo conhecimento dos seus esforços, nomeou-o esmoler-mór das galés. Uma vez, chegou elle a trocar o logar com um condemnado, substituindo-o. O prisioneiro achou-se livre, ao passo que Vicente carregava a sua cadeia e fazia o seu serviço de grilheta. Vivia entre os condemnados, alimentando-se do mesmo modo que elles. Em breve, porém, descobriram-n'o e puzeram-n'o em liberdade. Os ferimentos, porém, que lhe havia feito a corrente do galé duraram-lhe toda a vida. Foi reintegrado na sua antiga occupação, e continuou a trabalhar com dobrado ardor. Conseguiu chamar muitos condemnados ao arrependimento, e com as suas energicas e insinuantes reclamações alcançou melhorar as prisões.

E' muito conhecido o resto da sua vida. Voltou para Pariz, e alli estabeleceu a ordem das Irmãs de Caridade, dando assim largo á caridade e benevolencia das mulheres. Essas Irmãs têm sido as primeiras operarias em todas as obras de caridade, quer na França, quer fóra deila, tratando dos enfermos, ensinando as crianças e velando pelos engeitados, — sempre á testa de toda a boa obra. Lembrando-se do seu captiveiro, S. Vicente dedicou-se a agenciar dinheiro para libertar os captivos de Africa. Desse modo conseguiu libertar não menos de mil e duzentos escravos. Em 1816, as frotas unidas da França e da Inglaterra puzeram, finalmente, termo aos attentados dos corsarios, quando se apoderaram dos covis dos piratas em Argel.

São conhecidos os carceres e os ferros dos castellos feudaes; quantos horrores, quantas crueldades e soffrimentos não são revelados á barra dos tribunaes ácerca das prisões modernas!

O espirito bemfazejo de Jôhn Howard apossou-se da idéa de reformar as prisões, após uma aventura pessoal, devida ao acaso. Viajava com destino a Portugal, em uma epocha em que Lisboa inspirava a todos doloroso interesse, quando a bella cidade jazia em ruinas, em seguida ao memoravel terremoto. Não estava elle ainda em meio da viagem, quando o navio em que ia foi aprisionado por um corsario francez. Howard foi tratado com extrema crueldade. Durante quarenta e oito horas deixaram-n'o sem alimento; chegando a Brest, foi encarcerado na fortaleza com os demais prisioneiros. Ahi, foram todos mettidos em um calabouço immundo, onde permaneceram ainda bastante tempo sem alimentarem-se. Afinal, atiraram-lhes um quarto de carneiro, que os desgraçados viram-se obrigados a despedaçar com as unhas e a devorar como se fossem fêras. Soffreram os

prisioneiros o mesmo tratamento barbaro durante uma semana, sendo obrigados a dormir no chão daquelle immundo covil, separados apenas da nociva e pestilenta humidade por um pouco de palha.

Howard foi afinal posto em liberdade, e regressou para a Inglaterra. Não descansou, porém, enquanto não conseguiu libertar a maior parte dos seus companheiros de prisão. Entrou então em correspondencia com os prisioneiros inglezes que se achavam em diversas prisões e fortalezas do continente europeu, e veiu a saber que soffrimento igual, se não péior do que aquelle que elle supportára, era a sorte geral desses prisioneiros.

Pouco tempo depois, no exercicio de suas funcções de Scheriff (magistrado da corôa) no condado de Bedford, foi a sua attenção attrahida para o estado das prisões inglezas. Aquelle cargo é geralmente considerado como um cargo honorario, acarretando apenas alguma pompa e algum luxo. Para Howard, porém, o caso era diverso. Ser nomeado para occupar um cargo era contrahir a obrigação de cumprir os deveres desse cargo. Ia elle, pois, para o tribunal de justiça e prestava inteira attenção aos debates. Findos os julgamentos, visitava a prisão a que eram recolhidos os condemnados. Alli, conheceu então o vexatorio e brutal tratamento que era dado aos criminosos. O espectaculo que presenciou nas prisões inspirou-lhe a sua futura missão na vida.

As prisões da Inglaterra, como as de outros paizes, achavam-se naquella epocha em horrivel estado. Os prisioneiros não se achavam separados, nem classificados. Os relativamente innocentes e os abominavelmente criminosos viviam em promiscuidade, de modo que as prisões eram na realidade verdadeiras estufas do crime. O homem esfaimado que havia furtado um pão era posto

em contacto com o assassino e com o bandido. O devedor e o falsario, o gatuno e o homicida, a rapariga pobre e a prostituta,— viviam todos juntos. A blasphemia, a linguagem obscena e a maldição echoavam no carcere. A pratica da religião era desconhecida alli. O edificio pertencia a Belzebuth. Reinava nelle o demonio.

Howard assim narra singularmente as suas impressões : « De entre aquelles desgraçados, muitos que eram absolvidos, outros que o tribunal não processava por não encontrar apparencia alguma de culpa que os pudesse condemnar, e ainda outros contra quem não appareciam accusadores,— depois de estarem presos durante mezes, eram de novo levados para a prisão, e alli detidos até que pudessem fazer diversas contribuições que delles exigiam o carcereiro, o escrivão e outros de cathogoria identica.» Mais adiante observa que « os crueis credores », que muitas vezes ameaçavam os seus devedores dizendolhes que os mandariam *apodrecer na cadeia*, fallavam com toda a verdade, pois que naquellas cadeias os homens apodreciam realmente, succumbindo de immundicia e de *malaria*. — Howard calculou que pereciam tantas ou mais pessoas victimas da humidade, do frio, da molestia e da fome, quantas eram as victimas do cadafalso.

Os salarios dos carcereiros não eram pagos pelo governo, e sim pelos innocentes absolvidos. Howard requereu aos juizes de paz que se pagasse um ordenado ao carcereiro. Responderam-lhe que não havia precedentes que autorisassem essa despeza. Comprometteu-se elle a achal-os. Montou a cavallo e percorreu o paiz em busca de um precedente de não serem os carcereiros pagos pelos proprios presos. Visitou todas as prisões proximas e remotas. Não encontrou o que desejava ; nenhum carcereiro percebia um salario fixo ; encontrou, porém, taes miserias, taes horrores, sobrecarregando os prisioneiros,

que resolveu-se a reformar as prisões da Inglaterra e do mundo.

Em Gloucester encontrou o castello nas mais horri-
veis condições. Tinham utilizado esse castello para
prisão. Havia alli um pateo commum para todos os
presos, sem distincção de sexos. A sala dos deve-
dores não tinha janella. O dormitorio dos criminosos
era acanhado e escuro. Declarára-se na prisão uma
febre que já havia ceifado muitas vidas. O carcereiro
não tinha salario. Os presos por divida não recebiam
ração. A cadeia episcopal de Ely não era melhor. Ahi,
para impedir que os presos fugissem, eram todos acor-
rentados ao chão. Sobre elles collocavam-se diversas
barras de ferro, e applicava-se-lhes ao pescoço uma
gargalheira coberta de agudas pontas. Em Norwich,
as cellulas eram subterraneas. O carcereiro não só não
recebia salario, como pagava 40 libras por anno ao sub-
cheriff pelo seu emprego. Perfazia os seus emolumentos
por meio da extorsão.

Howard visitou um por um todos os carceres. A
idéa de melhorar a sorte dos presos apossára-se-lhe
do espirito com verdadeira paixão. Não havia fadiga
ou perigo, nem soffrimento physico que o demovesse
da sua resolução. Percorreu a Inglaterra de um a outro
lado, em todos os sentidos, afim de trazer á luz os
asqueirosos mysterios das prisões britannicas. Em mui-
tos casos restituiu á liberdade individuos que se acha-
vam presos por dividas mesquinhas, e muitos outros que
estavam inteiramente innocentes. — Quando elle terminou
a sua inspecção, a camara dos communs nomeou uma
commissão para ouvir o seu relatorio. Howard apre-
sentou-se a essa commissão carregado de notas. Antes
de concluido o exame, um membro da commissão, admi-
rado da extensão e minuciosidade do relatorio, perguntou

a Howard a expensas de quem tinha elle viajado. Howard hesitou muitissimo antes de responder.

Terminado o exame de seu relatorio, a camara legislativa enviou-lhe um voto de agradecimento. Seguiram o caminho por elle indicado, e em 1774, um anno depois das investigações de Howard, — foram publicados os decretos abolindo os emolumentos das prisões, creando vencimentos aos carcereiros, e ordenando a soltura de todo o preso immediatamente após a absolvição. Ao mesmo tempo ordenou-se que todas as prisões fôsem desinfectadas, caiadas de novo e ventiladas; que se estabelecessem enfermarias para os presos doentes; e que se construisssem edificios apropriados para prisões. Por occasião da publicação desses decretos, Howard achava-se enfermo e de cama; assim, porém, que se restabeleceu, da molestia e das fadigas produzidas nelle pela viagem, foi visitar de novo as prisões afim de verificar se as ordens decretadas tinham sido cumpridas.

Tendo visitado toda a Inglaterra, dirigiu-se Howard então para a Escossia e para a Irlanda, e inspeccionou os carceres desses dous paizes. Encontrou-os tão hediondos como os que vira na Inglaterra, e publicou o resultado das suas observações, tendo conseguido exito igual. Em seguida dirigiu-se para o continente europeu, afim de visitar as suas prisões. Em Pariz foy-lhe negada a entrada na Bastilha; quanto ás demais prisões, porém, embora fôsem pessimas, ainda assim achou-as muito superiores ás de Inglaterra. Quando o governo francez soube que Howard procedia a indagações ácerca da Bastilha, publicou uma ordem de prisão contra elle; Howard, porém, conseguiu escapar em tempo. Vingou-se então, publicando uma descripção daquella prisão de

Estado, traduzida de uma obra recentemente publicada, e que pôde obter só depois de muitas dificuldades.

Howard proseguiu nas suas viagens, indo á Belgica, á Hollanda e á Allemanha. Em todas as partes tomou notas e obteve grande cópia de informações, — resultado de fadigas enormes. Regressou de novo á Inglaterra, afim de verificar outra vez a obra da reforma das prisões. Os presos eram obrigados a trabalhar, não só em beneficio proprio, como para diminuir os impostos da manutenção das prisões.

Após tres annos de infatigaveis trabalhos, durante os quaes viajou mais de treze mil milhas, publicou Howard sua grande obra — « *O estado das prisões* . » Essa obra produziu immensa sensação. De novo respondeu elle á camara dos communs, que lhe exigiu informações ácerca de outras medidas a tomar para a correcção dos presos. Aconselhou que se estabelecessem casas de correcção. Tinha visto uma em Amsterdam, a qual, na sua opinião, podia servir de modelo.

Dirigiu-se ainda uma vez a esta ultima cidade, afim de estudar o systema alli adoptado. Da Hollanda seguiu para a Russia; atravessou a Siberia, passando por entre as fileiras inimigas da Austria e da Prussia. Demorou-se algum tempo em Vienna, e dahi partiu para a Italia. Em Roma requereu licença para visitar os carceres da Inquisição. Como as da Bastilha em França, as portas da Inquisição foram-lhe fechadas. Todas as demais prisões lhe foram franqueadas. Regressou para a Inglaterra, pela França, tendo percorrido nesta ultima viagem cerca de quatro mil e seiscentas milhas. Em toda a parte onde se apresentava era recebido com jubilo. Acompanhavam-n'o as benções dos presos. Distribuia elle a caridade a mancheias. Fez mais do que isto. Abriu os olhos dos homens caritativos

e sensatos, fazendo-lhes vêr a importancia da reforma das prisões.

Não descansava. Visitou ainda outra vez as prisões da Inglaterra. Reconheceu que os seus esforços já tinham produzido algum beneficio. Os abusos que observára tinham desaparecido; os carcereiros eram mais asseados, mais saudáveis, e nelles reinava mais ordem. Fez outra viagem ao estrangeiro afim de ampliar os seus conhecimentos. Tinha visitado já as prisões do sul da Europa. Desta vez decidiu-se a visitar as da Russia. Entrou em São Petersburgo, sózinho e a pé. A policia descobriu-o, e elle foi convidado a visitar a imperatriz Catharina, na côrte. Howard respondeu respeitosa e á Sua Magestade que tinha ido á Russia para visitar os carcereiros dos captivos e as moradas dos desgraçados, e não os palacios e as côrtes dos reis.

Munido de uma licença, foi assistir á applicação do castigo do *Knout*. Trouxeram para receberem esse castigo um homem e uma mulher. Aquelle recebeu sessenta e esta vinte e cinco vergalhadas do terrivel instrumento. « Vi a mulher, escreve Howard, poucos dias depois, em um estado de extremo abatimento; nunca mais, porém, tornei a vêr o homem. » Resolvido a saber o que fôra feito d'elle, Howard visitou o carrasco. — « Acaso pôde o senhor infligir o castigo do *Knout* de modo a produzir a morte em pouco tempo? » perguntou-lhe Howard. — « Posso. » — « Em que periodo? » — « Em dous dias. » — « Deu-se ultimamente algum desses factos? » — « Deu-se. O ultimo homem a quem appliquei esse castigo morreu. » — « De que modo tornam o castigo mortal? » — « Applicando o latego de maneira que arranque certos pedaços de carne aos flancos da victima. » — « E o senhor recebe

ordem para proceder assim? » — « Recebo ! » — Desse modo se desmentia a asseveração da Russia de que abolira a pena capital.

Howard escreveu de Moscow que « nada menos de setenta mil recrutas para o exercito e armada da Russia tinham morrido nos hospitaes, no curto espaço de um anno. » Era elle um homem de extrema veracidade e incapaz de affirmar uma mentira. Da Russia seguiu para a Polonia, para a Prussia, para o Hanover e Paizes Baixos Austriacos, em direcção á patria. No anno de 1783, foi elle, com o mesmo proposito, visitar a Hespanha e Portugal. Publicou os resultados dessa viagem, em um segundo appendice á sua grande obra.

Eram já passados doze annos desde que Howard se entregára á grande missão de sua vida. Visitára os carceres das principaes cidades e capitaes da Europa; dispendêra para mais de 30.000 libras em soccorrer prisioneiros, desamparados e enfermos. Não dera, porém, ainda como terminada a sua obra. Resolveu visitar os paizes onde reinava a peste, afim de, se possivel fôsse, descobrir um remedio para combater o terrivel mal. Sua intenção era visitar primeiramente Marselha, atravessando a França.

Em Novembro de 1785 dirigiu-se para Pariz. As autoridades, recordando-se do seu pamphleto ácerca da Bastilha, prohibiram-lhe pisar no solo francez. Howard disfarçou-se e entrou em Pariz. Na mesma noite em que chegou, foi despertado no leito em que dormia por agentes da policia. Uma idéa feliz proporcionou-lhe meio de afastar-se delles durante alguns minutos, em cujo espaço de tempo vestiu-se e fugiu da casa, tomando immediatamente o caminho de Marselha. Chegando a esta cidade, conseguiu ser admittido no Lazareto, onde pôde obter as informações que desejava.

De Marselha partiu para Smyrna, então assolada pela peste. Dalli, o incansavel philantropo tomou passagem a bordo de um navio infeccionado, que se dirigia para o Adriatico, afim de ser submettido á mais rigorosa quarentena e conhecel-a de perto. Foi accommettido pela febre, e ficou de quarentena, soffrendo horrivelmente, sem ninguem que o soccorresse, abandonado na sua miseria. Restabeleceu-se finalmente, e voltou para a Inglaterra. Alli chegando, visitou a sua propriedade no campo, proveu de recursos os pobres da vizinhança, e separou-se dos seus protegidos como um pai se separaria dos filhos.

Tinha ainda uma viagem que fazer. Foi a ultima. Sua intenção era ampliar as suas observações ácerca da peste. Em 1789, atravessou elle a Hollanda, a Allemanha e a Russia, tencionando visitar a Turquia, o Egypto e os Estados da Barbaria.

Ahi, como sempre, foi visitar os encarcerados, e apanhou a febre das prisões. Adoeceu o grande homem, sózinho, entre estranhos, e morreu aos sessenta e quatro annos de idade. A uma possoa que se achava á sua cabeceira indicou o logar onde queria ser enterrado, no Delphinado. « Deitem-me sem pompas na terra, sobre a minha sepultura colloquem um quadrante, e deixem-me no esquecimento. »

O grande Howard, porém, não será esquecido emquanto existir no homem a memoria. Foi o bemfeitor dos mais desventurados. Jamais pensou em si; lembrava-se unicamente daquelles que, sem elle, seriam desamparados. Alcançou em vida os mais notaveis triumphos. A sua influencia, porém, não morreu com elle, pois que as suas obras têm continuado a influir não só na legislação da Inglaterra, como na de todas as nações civilisadas.

Burke assim descreve Howard : « Visitou a Europa inteira, para penetrar no fundo das suas enxovias ; para afoutar-se no meio das infecções dos hospitaes ; para examinar as mansões da afflicção e do desespero ; para medir a grandeza da miseria, da abjecção e do vicio ; para lembrar-se dos esquecidos ; para velar sobre os desamparados ; para visitar os abandonados ; para comparar e colligir as miserias dos homens de todos os paizes. O seu plano é original, e é tão cheio de engenho quanto de benevolencia. Foi uma viagem de descoberta ; a circumnavegação da caridade ; e hoje já se sentem neste paiz, mais ou menos extensivamente, os beneficios das suas fadigas. »

Do tempo de Howard para cá, o tratamento dos presos tem melhorado muito. A principio, eram apenas pessoas isoladas, levadas por espirito bemfazejo, que ambicionavam a correccão dos criminosos, taes como Sarah Martin e a Sra. Fry. Com seus perseverantes esforços, conseguiu esta senhora effectuar uma completa reforma no estado da prisão de Newgate, bem como na conducta das mulheres presas, de modo que o magistrado accusador, em seu relatorio apresentado ao supremo tribunal de justiça após a sua visita annual áquella prisão, em Novembro de 1818, disse as seguintes palavras, tratando da Sra. Fry : « Se os principios dos seus regulamentos fôsem adoptados para os homens como o têm sido para as mulheres, em breve a prisão se converteria em uma escola de reforma ; e, em vez de reenviarmos para o seio da sociedade os criminosos já endurecidos pelo vicio e pela depravação, voltariam elles, depois de absolvidos, arrependidos e emendados, como individuos uteis e laboriosos, talvez. »

A Sra. Tatnall, menos conhecida do que a Sra. Fry, dedicou-se á correccão e regeneração dos presos do

carcere de Warwick, cujo governador era seu marido. Muitos foram os criminosos reconduzidos por ella da senda do vicio ao caminho da virtude e do trabalho. Sendo os mais novos na trilha da iniquidade os rapazes e as mocinhas, eram elles os preferidos pela desvelada senhora. Foi ella quasi sempre bem succedida nos seus esforços para restituil-os á sociedade emendados e corrigidos.

Os esforços individuaes, porém, pouco podiam fazer para corrigir e melhorar a massa geral dos presos. Era sómente com o auxilio do governo que tal questão poderia ser convenientemente tratada. Um dos principaes fins da legislação é impedir o crime, destruindo os incentivos que levam a commettel-o; e o principal alvo da disciplina na prisão é corrigir a condição moral do criminoso, afim de reconduzil-o ao seio da sociedade contra a qual peccou. Isto é apenas justiça feita ao criminoso, que as mais das vezes foi levado á pratica do mal pelas circumstancias em què foi educado, pela falta de instrucção e pela desigualdade das leis que regem a sociedade.

Nos antigos tempos, a sociedade vingava-se dos criminosos tratando-os como feras; hoje adoptou-se um systema de tratamento mais brando, com o fim de corrigil-os. Os directores da penitenciaria de Sing-Sing, em New-York, foram os primeiros a empregar o systema correctivo no modo de lidar com os presos. A sua attenção foi dirigida para esse ponto pelos relatorios do Sr. Edmonds. Dizia elle que « não tinha fé alguma no systema de violencia que tanto tem durado no mundo; o systema de atormentar o preso para conseguir aquillo a que chamam ordem, sem nunca appellar-se para sentimento mais elevado do que o temor. Tivera bastante ensejo, por experiencia, de reconhecer

que, por muito abjectos que fôsem, os criminosos possuíam ainda corações susceptíveis de se commoverem pela bondade, consciencias promptas a despertarem ante o appello feito á razão, e aspirações para melhor curso de vida, que apenas necessitavam da consoladora voz da sympathia e da esperança para se fundirem em uma correção duradoura». De conformidade com os conselhos do Sr. Edmonds, pois, inaugurou-se em Sing-Sing um novo systema de tratamento para os criminosos, o qual foi em pouco tempo coroado dos mais felizes resultados. A nova regra era castigar o menos possivel, e animar todos aquelles que mostravam o desejo, por menor que fôsse, de se corrigirem. Muitos criminosos, que até então eram considerados como impossiveis de emenda, foram, por estes meios, restituídos á sociedade como cidadãos uteis e aproveitaveis, e d'entre elles bem poucos voltaram aos seus antigos habitos.

Este systema provou muito bem em relação ás mulheres. Uma das directoras dirigiu-lhes na capella uma pequena allocução ácerca dos deveres do dominio de si proprias, e da necessidade de correção de sua má indole, afim de escaparem aos soffrimentos deste e do outro mundo. « O effeito desta experiencia, diz a directora em subseqüente relatorio, se manifestou logo nos modos mais submissos e brandos das prisioneiras, na sua linguagem mais meiga e docil, e na sua prompta e alegre obediencia. Isto veio sómente enraizar mais a minha convicção de que, por muito degradado que esteja pelo vicio ou impedernido pela injustiça e pelo máo trato, emquanto a razão impera no espirito, não ha coração tão calejado que resista á voz da sympathia, ou tão abjecto que não accuda ao chamado do amor christão.»

O capitão Pillsbury, director da prisão de Wetsbury, no Estado de Conneticut, foi tambem

notavelmente bem succedido no seu methodo de corrigir por meios brandos os criminosos. Possuia elle uma coragem moral que attingia quasi ao sublime. Antes da sua nomcação para aquelle cargo, o systema de tratamento seguido na prisão era o da violencia, que produzia o costumeiro resultado de revoltar o preso, provocando « uma maldade profundamente enraizada ». O crime augmentava em enormidade e frequencia, e a manutenção da prisão, de anno para anno, individava cada vez mais o Estado. O capitão Pillsbury alterou completamente o systema de tratamento; limitou os seus esforços, para a correcção dos criminosos, aos meios suavios e brandos. Animava-os e louvava-os pela sua boa conducta; applaudia-os pelos esforços que faziam para regressarem ao caminho do bem. Começou por livrar os galés da degradação dos ferros, dizendo-lhes *que confiava nelles !* Esta politica foi magica nos seus effeitos. Os homens começaram por depositar nelle immensa fé; tinham o maior respeito pelos seus regulamentos; a ordem e a regularidade estabeleceram-se definitivamente na prisão; e em pouco tempo o estabelecimento mantinha-se pelo seu proprio trabalho.

O seu procedimento para com um dos prisioneiros foi notavel. Esse homem era um individuo de proporções herculeas, um arrombador de prisões, o terror do paiz inteiro, e que se chafurdára de dia em dia nos mais hediondos crimes, durante o espaço de dezeseite annos. Quando esse malvado veio para o estabelecimento, o capitão Pillsbury disse-lhe que esperava que elle não repetiria alli as tentativas de evasão postas em pratica em outras prisões. — « Farei o possivel, disse-lhe o capitão, para proporcionar-lhe todo o bem-estar, e quero ser seu amigo; espero que por seu lado fará o possivel para poupar-me dissabores. Existe aqui uma cellula para

prisão solitaria ; nunca fiz uso della, e sentiria immenso pezar se me visse constringido a utilisal-a. O senhor poderá percorrer o estabelecimento com a mesma franqueza com que eu o percorro, se confiar em mim tanto quanto estou disposto a confiar no senhor.» O homem, durante muitas semanas, mostrou-se obstinado, intratavel, e parecia que não queria ceder ao tratamento benevolo do capitão. Afinal vieram dizer a este que o preso tencionava evadir-se. O capitão chamou-o á sua presença e accusou-o. O homem conservou um dos mais taciturnos silencios. — Disseram-lhe então que era forçoso recolhel-o á solitaria. O capitão, que era baixo e franzino, tomou a dianteira, seguido pelo gigante. Chegados ao ponto mais estreito da passagem que conduzia á solitaria, o governador voltou-se e encarou o preso. — « Ora diga-me cá, perguntou elle, o senhor tratou-me como eu mereço ser tratado? Fiz todo o possivel para suavisar o seu encarceramento ; confiei sempre no senhor, e o senhor nunca me deu prova de confiar em mim ; e agora procura collocar-me em difficuldades ! Isto é justo?... Entretanto, não tenho animo de trancar-o nesta horrivel cellula. Se eu tivesse o menor signal de que o senhor começa a estimar-me... » O homem deixou-se vencer pela emoção. — « Senhor, disse elle, ha dezeseite annos que vivo como um demonio, repellido por todos ; só agora é que me tratam como homem ! » — « Voltemos ! » disse simplesmente o capitão. O preso continuou a ser tratado como dantes. Desde ahi começou elle a confiar no capitão, revelando-lhe todos os impulsos de uma boa alma ; e cumpriu satisfeito a sentença a que havia sido condemnado.

O capitão Pillsbury é o mesmo que em outra occasião, quando lhe vieram dizer que um dos presos jurára matal-o, mandou immediatamente buscar esse

homem e ordenou-lhe que o barbeasse, não consentindo que ninguém assistisse a esse acto. Encarou bem para o facinora, apontou para a navalha e mandou-o que começasse o seu trabalho. A mão do criminoso tremia extraordinariamente; mas afinal conseguiu barbear o Sr. Pillsbury. Então este voltou-se para elle, dizendo-lhe: « Accusaram-n'ó de querer matar-me; eu, porém, julguei que podia ainda confiar-lhe a minha vida! » — « Deus o abençoê, senhor! » murmurou o homem, commovido e regenerado. — Tal é no homem a força da confiança!

O major Goodell, governador da prisão do Estado em Auburn, New-York, e o Sr. Isaac F. Hopper, inspector das prisões, foram igualmente bem succedidos no seu tratamento e regeneração dos criminosos. De cinquenta individuos que o ultimo destes cavalheiros conseguiu regenerar, apenas dous voltaram aos antigos habitos,— facto este que amplamente demonstra o poder da brandura. (·)

(·) Apesar do benevolo tratamento adoptado na maior parte das penitenciarias dos Estados-Unidos, William Tulloch, em uma correspondencia publicada no *Times* de 3 de Fevereiro de 1880, censura o modo de tratar os criminosos ainda moços, em alguns dos Estados da União. « Por exemplo, diz elle, em um jornal de data recente, publicado em Philadelphia, vem a narração de uma visita á penitenciaria do Estado de Georgia, onde, entre as mais condemnaveis condições para a mutua corrupção, grandes turmas de galés trabalham conjuntamente em uma mina de carvão de pedra. Estão horriavelmente accommodados, e são guardados por cães de fila, não obstante estarem carregados de ferros. Entre elles notou o visitante um rapaz de quinze annos de idade, o qual já estava alli havia cinco, desde os dez annos, em que um juiz o havia sentenciado a quarenta annos de galés pelo crime de

Uma das maiores difficuldades com que tem de lutar o condemnado é achar emprego depois de ter cumprido a sua sentença. Tem ás vezes vontade de trabalhar e está resolvido a conservar-se honesto. O agente de policia, porém, conhece-o, sabe onde elle reside, e dá ruins informações a seu respeito. E' o homem immediatamente despedido e forçado a voltar aos seus antigos habitos. Desse modo torna-se quasi impossivel a um ex-galé voltar ao caminho da honestidade. Thomaz Wright, o philantropo de Manchester, distinguio-se como verdadeiro amigo dos presos desprotegidos. Era homem de modesta posição na sociedade; não possuia outra riqueza além de uma alma repleta de sentimentos nobres.

Embora tivesse uma educação imperfeita, desde a mais tenra idade recebêra de sua mãe fortes impressões religiosas. Chegou afinal á idade em que elle se viu dispensado da tutela materna, e teve que affrontar o mundo, com os seus labores, com os seus prazeres e com os seus vicios. Em breve travava Thomaz relações

roubo com effracção ! O jornal em que esse artigo se publicou e o nome que o assigna são garantias sufficientes para acreditarmos na sua triste veracidade, pois que existem ainda na America innumerados abusos identicos, referidos e mencionados nos relatorios officiaes. O juiz que proferiu tal sentença contra uma criança de tão tenra idade devia ser por sua vez encarcerado, porém não nas circumstancias em que deparei um juiz americano na penitenciaria da Pensylvania. Esse senhor tinha sido condemnado a dous annos de prisão por deixar-se subornar ; os seus aposentos, porém, estavam mobilhados com todo o luxo, e causava surpresa vêr que um delicto, considerado naquelle paiz como « esperteza, » tivesse daquella vez merecido punição. »

com os peiores homens e rapazes que havia em Manchester. Durou isto algum tempo; afinal o seu espirito se revoltou contra os vicios e as blasphemias de seus companheiros. Acudiram em seu auxilio as lições que elle ouvira dos labios de sua mãe. Travou conhecimento com um moço religioso, e em sua companhia começou a frequentar assiduamente uma das casas do Senhor.

Na idade de quinze annos, entrou como aprendiz em casa de um fundidor de ferro de Manchester. O seu salario era de cinco shillings por semana. Sendo então um rapaz serio, diligente e sobrio, foi gradualmente subindo, até que na idade de vinte e tres annos tornou-se contra-mestre de uma das secções do estabelecimento, com o salario de tres libras e dez shillings por semana. Foi esse o seu maior rendimento; mas o bem que elle praticou mais tarde foi de todo independente de suas posses pecuniarias.

Sua attenção voltou-se bem cedo para os criminosos, o mais desesperançado assumpto em que se poderia fixar. O grilheta, quando solto da prisão, mui raras vezes encontra trabalho no antigo logar onde era empregado. Os donos das outras casas não o empregam sem um attestado, que elle não pôde apresentar. A prisão, provavelmente, só concorreu para viciar mais a sua indole. Pol'o em contacto com individuos peiores do que elle. Dessa maneira vê-se o misero repellido para os seus antigos companheiros, e recomeça a carreira criminosa.

Um dia veio um homem ter á fundição, em busca de trabalho, e obteve emprego. Era um operario zeloso, diligente e sobrio. Espalhou-se entretanto a noticia de que era elle um criminoso que havia recuperado a liberdade. Thomaz Wright foi chamado, e os patrões lhe perguntaram se elle já conhecia esse facto. Respondeu que não,

mas que ia tratar de averigual-o. Quando, no correr do dia, achou occasião de fallar ao homem, perguntou-lhe « onde havia trabalhado antes de ir ter alli. » — « Estive fóra da Inglaterra » (*), respondeu o homem. Ao cabo de algumas perguntas mais, habilmente dirigidas, o pobre homem, com os olhos razos de lagrimas, confessou a Wright que tinha sido grillheta, e que, posto em liberdade, depois de cumprida a sua sentença, não desejava voltar aos seus antigos habitos; e esperava que, á força de trabalho e perseverança, conseguiria apagar as suas culpas.

Thomaz Wright acreditou no que o homem lhe dizia. Estava convencido de que as suas palavras e intenções eram sinceras. Referiu aos patrões a historia do operario, e offereceu-se para depositar em poder delles 20 libras como garantia do procedimento futuro de seu protegido. Prometteram-lhe os patrões que o ex-calceta seria conservado; na manhã seguinte, porém, o homem não respondeu á chamada, e soube-se então que inadvertidamente a ordem de despedida não fóra retirada. Mandou-se logo um portador á casa do homem. O desgraçado, porém, já tinha deixado o alojamento, levando comsigo uma trouxa em que se continha tudo quanto possuia.

Tendo descoberto que o galé tomára a direcção de Bury, Thomaz Wright partiu a pé em seguimento d'elle. Encontrou-o sentado á beira da estrada, a algumas milhas distante de Manchester, abatido, afflicto e desesperançado. Wright estendeu-lhe a mão, levantou-o e disse-lhe que o seu emprego fóra-lhe restituído, e que

(*) Os galés inglezes são enviados para Botany-Bay, na Australia.

presentemente tudo dependia delle para manter o seu caracter de operario honesto. Voltaram juntos para Manchester, e juntos entraram na fabrica, onde a subsequente conducta do homem justificou ampla e nobremente a confiança do contra-mestre.

Este facto muito impressionou Wright. Revelou-lhe quanto podiam a benevolencia e a sympathia fazer para resgatar aquelles pobres criminosos dos abysmos de miserias em que haviam cahido. Conheceu que elles não deviam ter perdido toda a esperanza de regeneração, e que era obrigação de todo o bom christão estender-lhes mão amiga para reconduzil-os á vida do trabalho. Tornou-se esta idéa a grande aspiração da sua alma. Era essa a sua missão na vida, e elle empenhou-se em campril-a fielmente. Não contava ainda com auxilio algum. Tinha, porém, viva fé no que aspirava, e tanto persevercu, que afinal conseguiu encetar a sua obra.

Residia Wright proximo da prisão de Salford, e desejava ardentemente ter accesso junto aos presos. Durante muito tempo os seus pedidos foram desattendidos. Afinal, um dos rapazes empregados na fundição, e cujo pai era carcereiro, pôde obter para Wright uma apresentação ao governador da prisão. Concedeu-lhe este licença para assistir aos serviços religiosos do Domingo á tarde. Não lhe era permittido ainda fallar aos presos. Elle, porém, tinha a necessaria paciencia para esperar.

Afinal, em uma dessas tardes, o capellão deteve Wright, quando este se dispunha a sahir da capella, e perguntou-lhe se poderia empregar um preso que estava prestes a concluir o seu tempo de prisão e desejava encontrar ensejo de provar a sinceridade da sua regeneração. « Farei, respondeu Wright, todo o possivel para

empregal-o. » Conseguiu o que desejava, e deu trabalho ao preso posto em liberdade.

O governador ampliou-lhe então a licença, permitindo-lhe percorrer a prisão. Consentiu que elle visittasse os presos individualmente. Wright aconselhava-os e instruia-os. Fortalecia-lhes o animo para se corrigirem. Enviava as cartas ou o recado dos presos ás suas familias, e tornou-se de muitos modos amigo delles e seu bemfeitor. Tomou como dever ir esperar os presos á sahida. Conduzia-os ás suas familias, auxiliava-os, e dos seus poucos recursos ainda lhes dava com que pudessem subsistir, até encontrar occupação para os seus protegidos.

Em quasi todos os casos foi bem succedido. Os donos de fabricas começaram a acreditar em Thomaz Wright. Conheciam-n'ó como homem bom e bemfazejo, e sabiam-n'ó incapaz de aconselhal-os mal. Elle, por seu turno, confiou as suas aspirações aos donos das diversas fabricas, e estes empregavam os presos postos em liberdade. Quando tinham alguma duvida, Wright garantia a fidelidade de seus protegidos por meio de deposito pecuniario, feito com dinheiro economisado de seus mesquinhos salarios.

Proseguiu em seu caminho, calado e sem ostentação, preferindo ficar desconhecido; e em poucos annos tinha conseguido achar emprego para cerca de trezentos presos que haviam cumprido sentença! Conseguiu até (a mais difficil de todas as tarefas) arrancar mulheres ao vicio da embriaguez. Caminhava ás vezes enormes distancias, a pé, para pedir de joelhos a algum marido irado que recebesse de novo em seu seio a esposa que já não se embriagava, e que, regenerada e penitente, desejava regressar ao antigo lar.

Refere um dos amigos de Thomaz Wright um caso notabilissimo. Um homem, que estivera cumprindo sentença de prisão com trabalho no presidio de Portland,

concluido o seu tempo, foi ter a Manchester, munido da sua guia de soltura e de uma carta do capellão para Thomaz Wright. Empregou elle esse homem como varredor de ruas; mais tarde conseguiu-lhe o logar de concertador de estradas, e neste encargo a conducta do homem ainda foi louvada. Wright obteve que o seu protegido fôsse admittido nas aulas nocturnas do conego Stowell, nas quaes foi elle mais tarde professor. O exgalé mostrou taes aptidões para o estudo, que o conego Stowell começou a interessar-se por elle. Por elle proprio veiu a saber do seu passado. Não obstante, o conego fêl-o continuar nos estudos, até que afinal o exgalé de Portland recebeu ordens como pastor da igreja protestante.

Após longos annos deste incessante labor em prol do bem, os voluntarios e espontaneos esforços de Wright receberam, afinal, a approvação official. O capitão Williams mencionou-o em seu relatorio annual ácerca das prisões do Estado. Diz elle: « Para mostrar até onde esse homem verdadeiramente bom levou a sua benevolencia, e quanto foi bem succedido, basta dizer-se que de noventa e seis criminosos por elle protegidos, e levados ao bom caminho, apenas quatro voltaram á prisão. Causa a maior emoção vêr a confiança e a fé que nelle depositam os desgraçados, os criminosos, seduzidos pela sua maneira singela, desprerenciosa e paternal de praticar o bem. »

Em muitas occasiões não pôde Wright conseguir emprego para os seus protegidos. Nesses casos, ou emprestava-lhes dinheiro, ou angariava-o por meio de uma subscrição entre os seus amigos para lhes proporcionar os meios de emigrarem. Desse modo auxiliou 941 presos e galés postos em liberdade a irem ao estrangeiro começar vida nova sob outras circumstancias e distante

dos antigos costumes. Em muitos casos, os proprios regenerados auxiliaram-no em seus trabalhos philantropicos. Procuravam emprego para os seus companheiros e promoviam subscrições entre si para ajudarem a emigração de outros. A caridade produzia a caridade.

Em 1864, um desses emigrantes, que tinha ido para a America do Norte, escreveu a Wright, chamando-o «meu querido pai adoptivo.» Enviava duas libras esterlinas para a Sociedade de Correcção dos Criminosos em Londres. O emigrante, que era então um homem abastado, dizia o seguinte na sua carta: «E' ao seu paternal auxilio que devo o meu presente bem-estar. Foi o senhor só quem me resgatou de uma existencia viciosa. Quando todos voltavam-me o rosto, chamando-me criminoso e vagabundo, o senhor, como o pai do filho prodigo, recebeu-me em seus braços e me guiou de novo ao caminho da virtude e da integridade, animando-me o coração com a esperança de melhores dias, e envolvendo os seus conselhos em uma esperança ainda mais brilhante, — a da ventura além-tumulo. Deus lhe conceda a sua benção, meu pai! Deus o abençõe pela sua inexcedivel bondade! Lagrimas de gratidão enchem-me os olhos quando me lembro de todos os esforços feitos pelo senhor em prol dos seus semelhantes desprotegidos!»

Durante todo esse tempo, Wright continuava a trabalhar diariamente na fundição de ferro; trabalhava desde as cinco horas da manhã até ás seis da tarde, e ás vezes mais ainda. Todas as suas horas de descanso, bem como os domingos, eram dedicados á sua obra de caridade, ora na prisão, ora na escola do domingo para os indigentes, umas vezes na penitenciaria, e muitas outras nas habitações dos desgraçados e criminosos. Chegára á idade de sessenta e três annos, quando começou a faltar-lhe a saude. Não possuia economias. Todo o sobresalente do seu salario

empregára-o elle em auxiliar os emigrantes. Frequentes vezes ficava reduzido aos mais precarios meios de subsistencia, firmemente convencido de que, emquanto tivesse com que soccorrer os necessitados, não tinha o direito de lhes negar o seu auxilio.

O governo daquella época, reconhecendo o valor dos serviços prestados por Thomaz Wright, offereceu-lhe o cargo de inspector geral das prisões com o ordenado de 800 libras por anno. Era este um meio, segundo parece, de poder elle fazer algumas economias, ao mesmo tempo que alargava a esphera dos seus trabalhos philantropicos. Wright, porém, recusou o logar sem a menor hesitação. Allegou que aquelle cargo limitaria o seu poder de praticar o bem, e que, se elle se tornasse empregado do governo, deixaria de ser considerado e conhecido como o Amigo dos Presos.

Então o povo de Manchester resolveu fazer uma subscripção afim de estabelecer-lhe uma renda annual equivalente ao seu salario, somma esta que nem se quer representava a decima parte do dinheiro que elle poupára ao Estado. Por parte dos Fundos de Beneficencia Real foi enviada para aquella subscripção a somma de 100 libras. O povo de Manchester concorreu com a quantia restante. Conseguiram assim estabelecer em favor de Thomaz Wright a renda annual de 182 libras, que representava a quantia exacta de seus salarios como operario.

Por occasião desse testemunho de reconhecimento, uma admiravel tela, representando o « Bom Samaritano », foi offerecida pelo Sr. G. F. Watt, da Real Academia de Pintura, á municipalidade de Manchester, « como prova de admiração e respeito do artista pelo nobre philantropo Thomaz Wright. » O quadro foi collocado em um logar distincto da municipalidade

de Manchester. E' a um tempo prova de generosidade e do coração do artista, e da nobreza de character daquelle que está representado na tela.

Wright continuou em sua obra de misericordia. Pôz-se a viajar de cidade em cidade, como Howard, visitando as prisões do paiz. Examinou detidamente a Albergaria nocturna de Field-Lane, as Escolas industriaes de Redhill, os pontões e os presidios de Hillbank, Pentouville, Portland, Portsmouth e Parkhurst. Trabalhou com ardor para estabelecer as escolas dos indigentes. Era desejo seu ensinar os meninos pobres a ganhar honestamente a vida, impedindo assim que mais tarde se tornassem criminosos. Considerava a ignorancia e o máo exemplo como fertes procreadores de todos os crimes; e fez todo o possivel para que os meninos fôsem esclarecidos por meio da instrucção secular e religiosa. Insistiu com o Sr. Cobden, que então advogava o systema da educação nacional, para que o ensino fôsse obrigatorio, como primeiro meio de diminuir o crime e a indigencia. Além das suas duas escolas de indigentes, Wright fundou escolas de correccão, caixas economicas para as mais infimas quantias, e a Brigada dos engraxadores. Onde quer que houvesse uma boa obra a desempenhar, Wright jámais negava a sua mão para auxiliar esse desempenho. A sua divisa era a seguinte: « Trábalhar, trábalhar emquanto é dia; não tarda a noite! »

Assim caminhou elle até o fim. Chegado aos oitenta e cinco annos, a saude começou a faltar-lhe rapidamente. No entanto estava sempre em casa para receber todos aquelles que desejassem fallar-lhe,—especialmente pessoas pobres, sentenciados postos em liberdade, ou galés que tivessem cumprido o seu tempo de sentença. A vida esvahiá-se-lhe gradualmente. Morreu calmo e

sereno a 14 de Abril de 1825. A sua vida foi uma daquellas que valêra a pena viver.

Wiright regenerou os criminosos, fiando-se nelles. A confiança é a boa fé. Confiando nos homens, desenvolvemos-lhes todos os bons instinctos. O coração vibra-lhes com aquelle toque. Excepto nos peiores casos, quando desde criança os homens têm sido mal encaminhados,—a nossa confiança é correspondida. Devemos sempre fazer o melhor juizo possivel do homem. « Pensar sempre o peor, disse lord Bolingbroke, é revelar um espirito mesquinho e uma alma vil. » Enganamos muitas vezes, não ha duvida. Mas é melhor enganarmo-nos do que sermos injustos.

Até bem pouco tempo, a massa do povo inglez não podia entrar em estabelecimentos publicos. As principaes instituições conservavam-se fechadas nos dias uteis, excepto para aquelles que conseguiam « uma licença » ou que se sujeitavam a gratificar os porteiros e os guardas. O Museu Britannico estava fechado, e, como elle, a Galeria Nacional, a Cathedral de São Paulo, a Abbadia de Westminster, o castello de Windsor, a Torre de Londres, as casas do parlamento, e muitos outros edificios publicos. Ao que parece, temiam que, se o povo, mas o povo propriamente dito, fôsse admittido naquelles logares, estragasse os edificios.

Crêmos que o primeiro homem publico que tentou mudar esse estado de cousas foi o finado José Hume; e o primeiro edificio que conseguiu franquear ao povo foi o Museu Britannico. Não foi sem grande opposição que alcançou o que pedia. Levantou-se o velho grito de alarma, e clamaram que aquella valiosa collecção soffreria com esse acto toda a sorte de desacatos; que mesmo, talvez, alguns dos mais preciosos objectos fôssem roubados! Demais, era uma *inovação*! Não obstante, o

museu, graças á pertinacia do Sr. Hume, foi franqueado ao publico, prophetisando os seus adversarios, pelo menos, o Deluvio! Antes de ser franqueado o estabelecimento ao publico, só eram admittidos a visital-o grupos de cinco ou seis pessoas, que percorriam-n'o acompanhados por um empregado, — uma especie de policial á paisana, — que alli estava para proteger aquellas preciosidades contra os iconoclastas, prompto a conter o vandalo que lá ia apenas para destruir os objectos que se achassem ao seu alcance.

Afinal, o parlamento inglez pronunciou o seu *Fiat*, e o museu abriu-se para os padeiros, açougueiros, soldados razos, costureiras, operarios, e até para os mais humildes famulos! E que disse lord Stanley (depois conde de Derby) ácerca da invasão dos Barbaros? — Foi no dia seguinte á camara dos communs, á qual então pertencia, sendo ao mesmo tempo membro da directoria do museu, e do seu logar proferiu as seguintes palavras, em tom emphatico: « *Tive receio, tive medo*; hoje, porém, posso declarar que hontem entraram no Museu Britannico 31.500 pessoas, e que não temos a lastimar a menor avaria! » Desse modo viu-se que o povo podia ser admittido livremente a examinar a sua collecção nacional de antiguidades e de objectos de arte, sem causar uma revolução na sociedade. O segredo era facil de descobrir: consistia em confiar na lealdade do povo.

O Sr. Hume perseverou na sua boa obra. Continuou a insistir para que se ampliasse essa confiança no povo; para que se lhe franqueassem os estabelecimentos publicos, onde elle pudesse recrear-se, instruir-se e educar-se; e, á força de incessantes pedidos, conseguiu que as portas da Torre, de Hampton-Court, da abbadia de Westminster e da cathedral de S. Paulo

fôsem abertas. Estas idéas se propagaram gradualmente, e hoje existem parques publicos para recreio do povo, não só em Londres como em todas as cidades manufactureiras do Reino-Unido.

Por occasião da grande exposição universal, em 1851, discutiu-se muitissimo no parlamento se a cidade de Londres deveria ser ou não guardada pela tropa de linha, afim de manter o povo em respeito. Esse projecto foi rejeitado. — Qual foi o resultado? Não se roubou cousa nenhuma, cousa nenhuma foi propositalmente estragada. O coronel Rowan, um dos directores da policia metropolitana, respondendo a uma pergunta que lhe fôra dirigida a esse respeito pela commissão da camara dos commons, disse que semelhante resultado era devido « á boa conducta do povo », accrescentando que era tambem devido á facilidade com que se admittia o povo nos logares publicos, ou, por outra, á confiança nelle depositada.

E' esse o verdadeiro meio de obstar o « diluvio ». Permitta-se ao povo admirar as obras de arte, que são uma manifestação das dadivas de Deus ao homem. A contemplação daquellas fórmas de belleza, — cheia de graça, piedade ou virtude, — que commemoram algum sentimento nobre, algum pensamento sublime, ou algum grande feito na historia, inconscientemente eleva, humanisa e educa aquelles que com ella se familiarisam. Desse modo as nossas galerias de pintura poderiam tornar-se instrumentos para a educação nacional, elevando e purificando o gosto do povo, e ao mesmo tempo instruindo-lhe o espirito. O facto, em si, de fiar-se o governo no povo, dando-lhe entrada franca nesses estabelecimentos, já é uma educação moral. Confiando em um homem, mostrando-lhe que estamos dispostos a fiar-nos em sua lealdade, demonstrando-lhe, pelas nossas

acções para com elle, que acreditamos na sua honradez, usamos de um meio mais efficaz de subjugar-lhe o coração, do que com a ostentação da lei e da autoridade. Desarmamos os máos instinctos do homem quando, com a nossa conducta, lhe mostramos que depositamos confiança nos seus bons sentimentos. E' assim que o mal é sempre vencido pelo bem.

De facto, basta depositar um pouco mais de confiança no homem para desenvolver nelle os bons sentimentos. Concedamos-lhe privilegios, e elle aprenderá, com o uso destes, a então não abusar delles. O unico meio de impedir os males da liberdade recentemente conquistada é a propria liberdade. Basta habituar á luz o preso que sahe da enxovia, para que elle em breve possa contemplar os raios do sol. Para familiarisar o homem é necessario familiarisal-o com influencias humanas. Para fazer dos homens bons cidadãos é mister permittir-lhes o exercicio dos direitos e deveres civis.

CAPITULO XII

HEROISMO NAS MISSÕES.

Dos santos attributo, a paciencia
E' a prova da sua fortaleza,
A cada um tornando de si proprio
O salvador, o guarda e a defesa,
Quer seja contra a humana tyrannia,
Quer seja contra a sorte dura, impia !

(MILTON.)

Dentro d'alma esperamos
Que n'um mundo mais vasto que este é
Se completem as obras que encetamos
Nesta vida com pura e viva fé.

(A. H. CLOUG.)

Conta-se do duque de Wellington que, em uma occasião em que certo capellão lhe perguntou se valia a pena prégar o Evangelho aos Industanos, o grande disciplinador dirigiu-lhe a seguinte interrogação:— « Quaes são as suas instrucções ? » — O capellão respondeu:— « Ide pelo mundo, e prégai o Evangelho a todas as creaturas. » — « Então, cumpra a ordem que recebeu, tornou o duque ; o seu unico dever é obedecer. »

Embora seja difficil e eivada de perigos a vida do missionario, em todos os seculos têm havido homens fieis cumpridores dos dictames do Senhor. Christo prégo aos judeus e aos idolatras. S. Paulo foi o primeiro apostolo missionario. Fundou igrejas no Oriente, em Corintho, em Epheso, em Thessalonica, e em outros logares, indo morrer em Roma, para onde fôra prégar o Evangelho.

A carreira do missionario é a mais humilde e heroica de todas. Traz elle a vida nas mãos. Affronta o perigo e a morte. Vive entre os selvagens, e muitas vezes em meio dos antrepophagos. Não ha dinheiro que

pague a dedicação com que elle supporta o perigo e a miseria. O seu unico sustentaculo é a propria missão de misericordia de que se incumbiu. Os chamados « propugnadores de idéas adiantadas » nada nos apresentam que equivalha á obra dos missionarios, quer na patria, quer fóra della. A mera negação de tudo nada nos demonstra. Póde demolir, edificar nunca. Póde abalar as columnas da nossa fé; nada, porém, nos deixa para amparar, elevar, santificar ou robustecer a nossa natureza.

Dizem elles que o selvagem é um ente *vil*. « Como podemos, porém, chamal-os vis, diz o bispo Selwyn, quando Deus nos ensina que não chamemos homem algum desprezivel ou impuro? Não admitto as phrases usuaes « pobres gentios » e « selvagens perdidos ». Muito mais pobres e perdidos são talvez esses homens de paizes christãos que tanto têm recebido do Senhor e tão pouco fizeram por merecel-o. Pauperrimos somos nós, que, mordomos e ministros da graça de Deus, tão infieis somos em nosso posto. Ir entre o gentio, como se elle fôsse nosso irmão e igual, vale mais do que fazer apanagio dessa falsa rectidão que se intrometteu no trabalho das missões, a qual muito se parece com o orgulho daquelles que agradecem ao Senhor não serem iguaes aos outros homens. »

Quanto não devemos nós a Santo Agostinho, o primeiro missionario da Inglaterra, pela nossa liberdade, honradez e saber! Nos fins do sexto seculo, Agostinho foi sagrado pelo papa Gregorio, e de antemão intitulado bispo da Inglaterra. Immediatamente encetou elle a sua missão, e, depois de passar pela França, desembarcou em Thanet, acompanhado de um certo numero de monges. Foi recebido por Ethelberto, rei de Kent, em Canterbury. Desposára esse rei uma princeza christã, e, em parte, devido á influencia de sua esposa,

baptisara-se e fôra em seguida admittido no gremio da Igreja. Os trabalhos missionarios de Agostinho estenderam-se por todo o paiz, de modo que na epocha de sua morte, em 605, a maior parte da Inglaterra reconhecia a soberania da curia Romana.

O norte da Inglaterra, porém, conservava-se pagão. Edwino, chefe do paiz ao norte do Humbre, pediu e obteve em casamento uma princeza christã, irmã de Edbaldo, rei de Kent. A noiva dirigiu-se para o norte, acompanhada por um padre de origem romana, chamado Paulino. Ao cabo de alguns annos, Edwino fez-se christão. Apesar disso, porém, os anciãos e os guerreiros não se converteram. Convocou-se uma assembléa dos nobres e dos sacerdotes para tratar-se da nova doutrina. Edwino expôz á renião os motivos que o haviam levado a mudar de crença, e, dirigindo-se a cada um dos membros separadamente, a todos perguntou qual era o seu pensar. Eis como Bede, na sua « Historia da Inglaterra », narra esse facto:

O primeiro a responder foi o chefe dos sacerdotes. Declarou que os antigos deuses, Thor, Odin e Freia não tinham poder algum, e que elle, por sua parte, não os adoraria mais. O chefe dos guerreiros levantou-se então e fallou nos termos seguintes: « Deves lembrar-te, ó rei, de um facto que se dá ás vezes nos dias de inverno, quando estás sentado á mesa com os teus guerreiros e anciãos, junto a um bom fogo, aconchegado na tua mansão, ao passo que o gelo, a neve e a tempestade vão lá fóra. Vem um pobre passarinho, e de um vôo atravessa a sala, entrando por uma porta e sahindo por outra. Esse rapido momento da passagem é para elle precioso, porque não sente nem a neve, nem a tempestade. Curto, porém, é esse instante; em um abrir e fechar de olhos a ave passa, e, sahindo do

inverno, de novo entra nelle. Assim é, na minha opinião, a vida do homem na terra; tal é o seu curso momentaneo, comparado com a eternidade que a precede e que a segue. Essa eternidade é negra e sem conforto para nós, atormentando-nos sempre pela impossibilidade que temos de comprehendel-a. Se, pois, esta nova doutrina nos pôde ensinar alguma cousa a semelhante respeito, é necessario seguil-a.»

O discurso do velho guerreiro decidiu a questão. Foi esta posta a votos, e a assembléa renunciou solemnemente o culto dos antigos deuses. Quando, porém, Paulino, o missionario, lhes propoz que destruisssem as imagens desses deuses, não houve um só dentre elles que se sentisse bastante firme nas suas convicções para affrontar os perigos de tal profanação. Então o chefe dos sacerdotes montou a cavallo, e, cingindo uma espada, e brandindo uma lança, galopou em direcção ao templo dos deuses e alli destruiu as imagens. Construiu-se em seguida um edificio de madeira, no qual se baptizaram Edwino e grande numero de seus sequazes. Paulino percorreu então as regiões de Deiria e Bernicia, baptizando nas aguas do Ure e do Sevale todos aquelles que queriam obedecer ao decreto da assembléa.

No seculo setimo, a luz do christianismo se espalhou pelas regiões idolatras da Europa, por intermedio dos missionarios Andomar, Amando e Columba, nas Gallias; Paulino, Vilfredo e Cuthberto, na Inglaterra; e Kilcano, Ruperto, e mais tarde Bonifacio, na Allemanha. Quando Bonifacio desembarcou, chegando á Bretanha, trazia em uma das mãos o Evangelho e na outra uma regoa de carpinteiro. Possuia elle em alto gráo o espirito do trabalho. Quando, mais tarde, foi para a Allemanha, conhecia a arte de construir.

Anschar, apenas com um companheiro, foi, em 826, aos confins do reino da Dinamarca, onde, animado pelo bom exito que obteve, instituiu seminarios para futuros missionarios. No decimo seculo, os evangelisadores penetraram na Hungria e na Polonia, onde se fixaram, na diocese de Cracovia. Ahi lutaram com innumeradas difficuldades. Sem temor da morte, dedicaram-se ao tratamento das victimas accommettidas pela peste. Além da sua propaganda ao christianismo, angariavam dinheiro para resgate dos captivos no imperio ottomano.

No decimo e no undecimo seculos, houve missões e propaganda de obreiros e architectos ligados á Igreja. Foram esses os homens que edificaram as esplendidas cathedraes que ainda existem neste e em outros paizes. Punham elles toda a sua alma, toda a sua devoção no trabalho que executavam. Havia, naquella architectura, vida, verdade, amor e alegria. Dir-se-hia musica esculpida. Que differença para a architectura de hoje, que as construcções modernas se desmoronam e desfazem-se em calíça, ao passo que as velhas cathedraes se mantêm firmes no seu esplendor, deleitando a quantos as contemplam !

Dizem que em epocha tão remota como o setimo seculo os missionarios Nestorianos visitaram a China, e os Francezes lá estiveram no seculo decimo-segundo. Os missionarios protestantes só foram enviados á China em 1807. Na Asia e na Africa, até hoje, apenas ha uma linha de missionarios. Para a Africa, começa a despontar a aurora da epocha heroica das missões.

S. Francisco Xavier, o Apostolo das Indias, é o exemplo de todos os missionarios. Foi elle para Goa em um navio portuguez no anno de 1542, afim de prégar o Evangelho aos pagãos. Era varão de nobre estirpe, e

poderia ter gozado uma vida toda de prazer e opulencia. Abandonou tudo, e escolheu a carreira do sacrificio, da piedade e do bem-fazer. Andava pelas ruas de Goa, pedindo aos habitantes que lhe enviassem seus filhos para os instruir. Dalli foi ao cabo Camorim, a Travancore, á Malaca e ao Japão. Tentou penetrar na China; não o conseguiu; afinal morreu de febre na ilha de Sanchean, onde recebeu a sua corôa de martyrio.

Não podemos tambem esquecer Las Casas, que foi o Apostolo das Indias Occidentaes. « No tempo, diz sir Arthur Helps, em que se empregava a força bruta em todas as questões, e especialmente nas que pertenciam á religião, Las Casas sustentou perante Juntas e Conselhos Reaes que a empreza missionaria era ccusa que devia manter-se independente de todo e qualquer apoio militar; que o missionario devia caminhar pelo mundo com a vida nas mãos, confiando apenas na protecção do Senhor, não dependendo do auxilio civil ou militar. As obras de Las Casas, mesmo em nossos dias, formam o melhor manual que existe para os missionarios.»

Las Casas acompanhou seu pai em uma expedição dirigida por Colombo ás Indias occidentaes em 1498. Foi então que elle viu a America pela primeira vez. Regressou á Hespanha e dalli encaminhou-se segunda vez para a Hespaniola. Ahi recebeu as ordens sacras. No desempenho de suas novas funcções, revelou-se eloquente, perspicaz, leal, destemido, dedicado e piedoso. Foi de logar em logar com os Hespanhoes, procurando grangear a confiança dos Indios. Com sua influencia, impediu muitos desacatos e crueldades, pois que os Hespanhoes eram ainda mais selvagens do que os proprios indios. Tendo Las Casas, porém, presenciado muitos e barbaros morticinius, resolveu voltar á Hespanha e interceder por aquella pobre gente. Obteve

uma entrevista com o rei D. Fernando, e narrou-lhe os soffrimentos e as injustiças a que estavam sujeitos os indios, que morriam na ignorancia da fé christã. D. Fernando, porém, que já estava idoso e alquebrado, proximo da morte, nada fez em relação ao que lhe pediu Las Casas.

Pouco tempo depois, morreu o rei, e Las Casas procurou então commover o cardeal Ximenes, regente, em favor dos indios, referindo-lhe os seus padecimentos e as suas miserias. O cardeal prometteu que esses males seriam remediados. Nomeou tres frades de São Jeronymo para acompanharem Las Casas ás Indias occidentaes. Chegados a S. Domingos, tomaram o partido do governador e dos magistrados; vendo isto, Las Casas voltou de novo á Hespanha afim de representar contra elles; infelizmente, porém, encontrou o cardeal no leito de morte. O rei (Carlos V) contava apenas dezeseis annos de idade, e os negocios de Hespanha eram dirigidos pelo chanceller-mór. Quando Las Casas conseguiu captar a benevolencia do chanceller, esse homem, como o cardeal, morreu. Dir-se-hia que a morte queria impedir a realisação de todos os projectos do missionario. O bispo de Burgos tomou então a suprema ascendencia, e Las Casas « foi para o abysmo, » como elle proprio o dizia. Os frades de São Jeronymo foram, no entanto, demittidos e chamados á Hespanha. O missionario, porém, não conseguiu mais nada, e voltou para as Indias como dantes. Tentou fundar uma colonia em Cumaná, procurando captar a amizade dos Indios e protegel-os contra a crueldade dos Hespanhoes. O seu projecto, porém, foi frustrado, e a sua tentativa de colonisação embargada. Não tinha ninguem a seu favor, e a obra que planejava não podia ser feita por elle só.

Foi então que Las Casas abraçou a vida monástica. Conservou-se oito annos no mosteiro dominicano em Hispaniola, e durante esse tempo levou uma vida de extrema reclusão. Em seguida consagrou-se á obra missionaria. Foi, com dous confrades, em missão ao Perú. Dalli voltaram ao Mexico, e instruiram os indios na fé christã. Do Mexico partiu Las Casas para Nicaragua, onde organisou uma formidavel opposição ao governador, impedindo-o de levar a effeito uma daquellas expedições ao interior do paiz, que tão prejudiciaes eram sempre aos indigenas. Nessas occasiões, as mais atrozes crueldades eram praticadas. Sabe-se que em uma dessas expedições, de 4000 indios que acompanhavam-n'a conduzindo a bagagem apenas seis voltaram vivos. O proprio Las Casas refere que, quando um indio adoezia de fome e de fadiga, ficando impossibilitado de caminhar além, o meio mais expedito de se livrarem d'elle era degolal-o, sendo este o modo pelo qual o despediam da expedição para que o haviam contratado. « Imaginem, diz elle, o que não sentiriam os companheiros do desgraçado. »

Las Casas e os dous frades resolveram-se então a penetrar até Tuzulután, afim de catechisarem os naturaes do paiz. Esse districto era o terror dos Hespanhoes, que o denominavam — « o Paiz da guerra ». Seus habitantes haviam por tres vezes rechassado os conquistadores. Os missionarios, porém, inspiraram-se na coragem da sua fé, e resolveram invadir o paiz, embora com risco de vida. A primeira cousa que fizeram foi traduzir em verso para o dialecto *Quiché* as grandes doutrinas da Igreja. O seu segundo pensamento foi atrahir a attenção dos indios para esse poema. Chamaram em seu auxilio quatro negociantes indios, que costumavam ir ao districto varias vezes no anno, levando as suas

mercadorias. Ensinaram esses homens a repetir perfeitamente os versos ; em seguida foram estes postos em musica para que fôsem cantados com acompanhamento de instrumentos indios. Las Casas tambem forneceu aos negociantes algumas mercadorias que agradariam aos selvagens, taes como tesouras, canivetes, espelhos, contas e guizos.

Os negociantes foram bem recebidos pelo cacique. A' noite, quando os guerreiros e anciãos da tribu estavam reunidos, os negociantes pediram os instrumentos de musica dos indigenas e começaram, acompanhando-se com esses instrumentos, a recitar os versos. O effeito produzido foi magnifico. Durante muitos dias os sermões em verso e em musica foram repetidos a pedido dos indios. O cacique quiz saber donde vinham esses versos, e perguntou qual era a origem e o sentido daquellas bonitas palavras. Os negociantes responderam que tinham sido os padres que as haviam ensinado. «E quem são os padres?» Os homens explicaram-lhe, e o cacique mandou convidar essas creaturas extraordinarias para que viessem ao seu paiz. Eis o modo como Las Casas e os seus companheiros penetraram no «Paiz da guerra.»

Desnecessario é desenvolvermos mais o assumpto. Basta dizer que o cacique abraçou a religião christã. Destruiu e queimou os seus idolos. Prégou a nova fé aos seus subditos, que lhe seguiram o exemplo. Las Casas e Pedra de Angulo edificaram uma igreja em Rabinal. Alli prégaram ao povo e instruíram-n'o, não só ensinando-lhe cousas espirituaes, como artes manuaes, e industriando-o nos processos elementares do asseio e do trajar. O exemplo propagou-se a Coban, territorio vizinho. Cada passo dado por estes missionarios era incentivo para nova tentativa.

Las Casas voltou de novo á Hespanha em 1539. Ahi detiveram-n'o por causa dos seus conhecimentos dos negocios indianos. Foi então que elle escreveu a sua obra intitulada *A destruição das Indias*, que tão lida tem sido. Offereceram-lhe o bispado de Cusco (em Nova Toledo) e elle recusou-o. Ofereceram-lhe depois outro bispado, o de Chiapa, no Novo Mexico, e os seus superiores lh'o impuzeram, como se fôsse um caso de consciencia. Submetteu-se elle finalmente á essa vontade. Mais uma vez embarcou para o Novo-Mundo, e installou-se em Ciudad-Real, capital da provincia. A dignidade episcopal não lhe alterou de modo algum a singeleza das maneiras e dos habitos. As suas vestes eram as de um simples frade, muitas vezes rôtas ou remendadas. Tudo quanto pertencia á sua casa era do mais modesto character. Recusou dar absolvição áquelles que possuíam ou compravam escravos. Encontrou grandes difficuldades no seu empenho de abolir a escravidão. Attentou-se contra a sua vida. Chamaram-n'o « Bispo do Diabo, anti-Christo, etc. » Nada o abalou, e elle continuou no seu empenho, satisfeito com a extincção de um grande mal. Afinal, regressou ainda á Hespanha, em 1549, e pediu exoneração do bispado.

Las Casas foi homem de invencivel coragem. Atravessou doze vezes o oceano entre a Europa e a America. Foi á Allemanha quatro vezes para fallar ao Imperador. Levou uma vida das mais energicas e activas, e deve ter sido de vigorosissima constituição, pois só veiu a morrer na idade de noventa e dous annos. Falleceu em Madrid, após curta enfermidade, no anno de 1566.

O que Las Casas lastimava ha tres seculos, ainda subsiste hoje : — os missionarios são sempre precedidos ou acompanhados pela artilharia a pé ou a cavallo, de

modo que muitas vezes os pagãos são mortos antes que se tente convertel-os. O amor da conquista é a origem de todo este mal. Desde o anno de 1800 até 1820 o governo inglez não despendeu menos de 14.500,000 libras esterlinas com as missões christãs, erguendo assim um esplendido monumento á fé, energia e dedicação da Igreja da Inglaterra. Durante o mesmo periodo, porém, despendêmos em guerras ou em armamentos a somma de 1,200,000,000 de libras esterlinas. E' este um monumento maior, erguido á fé que temos na guerra e nos instrumentos bellicos.

Os missionarios penetraram no sul da Africa, e seguiram em direcção ao Norte, por entre incalculaveis difficuldades. Viveram entre os naturaes daquellas regiões, sacrificando-lhes o espirito, a alma, o corpo, afim de chamal-os á crença das doutrinas christãs. Homens de educação, acostumados ás commodidades e conveniencias da vida civilisada, supportaram as mais duras privações, tanto mais difficeis de soffrer quanto affectavam tambem suas esposas e seus filhos. Não era mero motivo de ganancia que os animava a proseguir naquella carreira. Quando o Dr. Moffat atravessou o rio Orange, em 1820, como missionario entre as tribus Bechuanas, o seu ordenado era de 18 libras e 7 schillings para si, e 5 libras e 5 chillings para a sua familia.

Quando Moffat se afoutou entre aquellas tribus, não lhes conhecia a linguagem, nem tinha quem lh'a ensinasse. Sem se importar com as suas atrocidades, e sem lhes temer a selvageria, Moffat viveu entres os indigenas. Andava com elles, acompanhava-os ao passeio, á caça, aos divertimentos, com elles comia e dormia, até que afinal assenhoriou-se da sua linguagem; então começou a prégar-lhes o Evangelho. Trabalhou por entre difficuldades de toda a sorte, ameaçado de morte muitas

vezes, sem obter a menor apparencia de bom exito. Afinal acreditaram nelle e nas boas crenças que elle lhes ensinava. Os selvagens, que anteriormente viviam nús e immundos, tomaram amor ao asseio e vestiram-se decentemente. O ocio foi substituido pela diligencia. Construiram casas e cultivaram a terra. O alimento para o espirito nunca lhes faltou; edificaram escolas para a infancia e altares para a velhice. E a obra da religião e do ensino caminhou rapidamente.

Moffat foi seguido por Levingstone, seu genro, que se dedicou á mesma obra civilisadora. Levingstone penetrou no amago da Africa, e pisou terras de tribus selvagens, onde anteriormente nenhum homem branco tinha posto o pé. Viajou milhares de leguas, affrontando animaes ferozes e homens ainda mais ferozes do que os tigres e os leões, muitas vezes escapando apenas « com a alma »; nunca, porém, duvidou da victoria do Evangelho, mesmo entre os mais barbaros. Não viveu para vêr a terrivel guerra do sul da Africa, nem ouviu contar que milhares de homens tinham sido trucidados porque resistiram á tentativa de annexar os seus territorios livres.

Os homens, mesmo os mais selvagens, julgam os outros homens pelas suas acções e não pelas suas palavras. Ha falsos christãos que, como os passadores de moeda falsa, muitas vezes expoem á suspeita a verdadeira religião. « Em bondade de coração, dizia o Dr. Guthrie, em brandura de genio, em generosidade de alma, nessas virtudes da vida, muitos homens mundanos ha que, comparados com os que professam a religião, nada perdem; como podemos nós impedir o mundo de dizer: « Oh! os taes homens da religião não valem mais do que os outros! o mais das vezes valem menos! » Com que proeminencia não se revela este sentimento na

resposta daquelle chefe indio ao missionario que queria convertel-o ao christianismo! O selvagem, consciente da sua inabalavel rectidão, dizia com a indignação a tremer-lhe nos labios e a luzir-lhe no olhar: — « Eu, christão! O christão mente! o christão furta! o christão engana! o christão bebe e mata! o christão roubou-me a minha terra e destruiu a minha tribu! » E, afastando-se com sobranceria, accrescentou: « O christão é o diabo! não quero ser christão! » Estas reflexões do indio deviam ensinar-nos a ser mais cuidadosos no modo como professamos a religião. Uma vez tendo-a professado, devemos, custe o que custar, e com a graça de Deus, viver nella e cumpril-a até o fim. »

Volvamos agora os olhos para outra parte do globo, para as ilhas da Polynesia, onde tantos missionarios têm posto em pratica uma obra heroica. Citemos, por exemplo, o caso de John Williams, conhecido como « o martyr de Erramonga. » A sua vida é um romance. Nada de notavel na sua meninice. Entrou como aprendiz para a casa de um ferragista em Londres, e do balcão passou para a officina de serralheiro. Tinha o instincto mechnico, e em pouco tempo executava trabalhos que exigiam particular delicadeza e summa intelligencia. Na adolescencia, achou-se em contacto com mãos companheiros, destituídos de religião, que bem perto estiveram de exercer fatal influencia na sua indole. Eram descrentes professos e atheus. Outras pessoas, porém, souberam pôr cobro áquelle estado de cousas, e Williams entrou para uma sociedade de ensino mutuo, fazendo-se em seguida um dos mais activos mestres das escolas do Domingo.

Os trabalhos missionarios em paizes idolatras excitavam, naquella epocha, muito interesse, e, depois muito sérias reflexões, Williams offereceu seus serviços á Sociedade Missionaria de Londres. Foram aceitos; e em

1810 deixou elle o serviço de seu patrão, antes de terminada a sua aprendizagem em serralheria. Contava apenas vinte annos. Durante o curto periodo que lhe concederam para os seus estudos litterarios e theologicos, Williams teve tempo para visitar fabricas e officinas, afim de aperfeiçoar-se na arte mechanica, tencionando introduzir as artes da paz no paiz onde ia viver, dando instrucção religiosa aos seus habitantes.

O capitão Cooke descobriu no Oceano Pacifico um grande numero de ilhas, habitadas por tribus selvagens; embora entre essas se contassem algumas inoffensivas, eram, na maior parte, atrozmente crueis e todas idolatras. Essas ilhas, a instancias do Dr. Haweis, prior das missões do Oceano Pacifico, foram escolhidas pela Sociedade Missionaria para theatro dos seus primeiros trabalhos de catechese. Durante muitos annos os missionarios poucos triumphos obtiveram; com o tempo, porém, os habitantes foram gradualmente abraçando o christianismo, e em algumas ilhas se aboliram inteiramente os ritos idolatras.

Os missionarios reclamavam constantemente novos auxiliares. A sociedade, reconhecendo essa necessidade, enviou para aquelle destino John Williams, apesar dos seus poucos estudos. Elle, porém, era moço, ardente e zeloso. Antes de partir, Williams casou-se com Maria Chauner, que lhe foi valioso auxiliar nos seus futuros trabalhos. Seis mezes depois de deixar a aprendizagem, Williams embarcou para Sidney com outros moços missionarios. Dalli partiu para Eimea, uma das ilhas da Sociedade. Além de auxiliar os missionarios, cuidou logo em aperfeiçoar-se na lingua otahitiana. Durante esse tempo, preparou toda a ferragem necessaria a um pequeno navio que os missionarios estavam construindo para Pomaré, rei do Otahiti.

Pouco tempo depois, foi Williams mandado para Huahine, e dali para Raiatea. Esta ultima ilha é a maior e a mais central do grupo da Sociedade. Ahi, foram os seus esforços coroados pelo melhor exito possivel. Sem se descuidar do principal fim da sua missão, procurou melhorar as condições phisicas e moraes dos habitantes. Os indigenas viviam entregues ao maior aviltamento e ao mais incorrigivel vicio. A concubinação era geral. Williams, logo que obteve alguma ascendencia sobre elles, induziu-os a adoptarem o casamento legal.

Em seguida influiu-os a construirem habitações para si. Elle proprio começou a construir uma commoda e confortavel casa para sua morada, no estylo inglez, afim de servir de modelo para as construcções dos indigenas. A casa era dividida em diversos aposentos, com assoalhos de madeira e paredes de taipa. Nos diferentes compartimentos havia mesas, cadeiras, sofás, camas, tapetes e cortinas, quasi tudo feito por elle proprio.

Os indigenas, com o seu espirito de imitação, em breve seguiram-lhe o exemplo. Com o auxilio do missionario, construíram casas, e dentro de pouco tempo aprenderam os habitos de recato e de commodidades da vida civilisada. Williams tambem lhes ensinou a arte de construir embarcações, e, tendo em vista um futuro commercio para a ilha, induziu-os a plantarem fumo e canna de assucar, afim de prepararem os seus futuros productos de exportação. Os cylindros necessarios para o moinho de canna foram feitos em um torno construido por Williams.

Tendo desse modo estabelecido os habitos da industria entre os indigenas, procurou logo um mercado para as novas producções. Desejava estender essa

pacifica conquista pelas outras ilhas do grupo. Era sua firme convicção que cousa nenhuma concorreria tanto para melhorar as condições religiosas e civis dos insulares como as relações commerciaes entre uns e outros. Para esse fim era necessario um navio, pois que as pequenas embarcações não podiam servir.

Possuido dessa idéa, e impaciente por leval-a a effeito, partiu Williams para Sidney em 1822, e comprou uma escuna de vinte e cinco toneladas, a *Tentativa*. Sir Thomaz Brisbane, governador da Nova Gales do Sul, deu-lhe algumas vaccas, alguns bezerros, carneiros e ovelhas, para a procreação nas ilhas. Nessa empreza, tomou Williams a si toda a responsabilidade. Dizia-se que elle tinha ido para lá prégar e não negociar; elle, porém, acreditava que, em vista da importancia do empreendimento, a Sociedade de Londres não poderia deixar de continuar a auxiliá-lo.

Voltou para Raiatea são e salvo, e em 1823 fez-se á vela para as ilhas Harvey, afim de descobrir a ilha Raratonga. Essa esplendida ilha escapára ás investigações do capitão Cook. Williams sabia da sua existencia apenas por tradições e pelas lendas dos insulares com quem convivia. Após longa viagem em busca da ilha desconhecida, regressou elle á Raiatea. Passado algum tempo, fez-se de novo ao mar. Navegaram durante muitos dias, batidos por ventos contrarios, até que afinal começaram a faltar-lhes as provisões, e o capitão veiu ter com Williams, dizendo-lhe: « E' preciso abandonar a busca, pois do contrario morreremos á fome. » Um dos indigenas foi de novo mandado ao alto do mastro grande, afim de vêr se descobria alguma cousa. Era a quinta vez que elle subia naquelle dia. Chegado ao joanete, o indio communicou que avistava Raratonga!

« Quando iamos abandonar a nossa busca, narra

Williams, as nuvens que encobriam os pincaros da ilha desfizeram-se ao calor do sol, e o indigena alliviou-nos da nossa anciedade, exclamando : « Eis a ilha que buscamos ! » A transição de sentimento foi tamanha e tão instantanea, que, embora já se tenham passado tantos annos, ainda não esqueci as emoções provocadas por aquellas palavras. Os rostos satisfeitos da tripolação, as exclamações de alegria de quantos estavam a bordo revelaram que essas emoções tinham sido sentidas por todos. Não deixámos de agradecer humildemente Áquelle que nos conduzia a bom porto e salvamento. »

O missionario e seus companheiros (todos naturaes das ilhas vizinhas) foram amigavelmente recebidos no desembarque. Disseram logo qual o assumpto da sua missão. Iam para instruir os habitantes da ilha na crença do Deus verdadeiro. O rei mostrou-se logo disposto a aprender a nova doutrina, e o seu povo acompanhou-o. Depois de se demorar algum tempo na ilha, voltou Williams á Raiateia, deixando em seu lugar um missionario, ou, por outra, um instructor indigena desta ultima ilha. Tencionava elle tomar a seu cargo todo o grupo das ilhas do Navegador. Preparava-se para sahir em nova expedição, quando chegaram-lhe noticias de Londres, dizendo-lhe que a Sociedade Missionaria não approvava o seu procedimento, pois não queria que nenhum acto de character mundano se achasse envolvido em sua obra de propaganda religiosa. Ao mesmo tempo, os negociantes da Nova-Gales do Sul obtiveram do governador uma lei de regulamentos aduaneiros que vieram impedir o desenvolvimento do commercio nas ilhas do Pacifico. Williams viu-se, pois, obrigado a desfazer-se da *Tentativa*. Abarrotou o navio com um carregamento dos generos mais vendaveis que

as ilhas produziam, e enviou-o a Sidney com ordem para serem vendidos a embarcação e o carregamento.

Williams continuou no seu posto de Raiatea; mas de tempos em tempos visitava Raratonga. Em 1827 acompanhou até lá o Sr. e a Sra. Pitman, que iam estabelecer-se na ilha como missionarios. Encontraram já os antigos idolos destruidos, e os habitos moraes e religiosos muitissimo melhorados. Por essa occasião incumbiu-se Williams de traduzir trechos da Biblia para o dialecto popular, pois os livros até então empregados pelos missionarios eram escriptos na lingua otahitiana. Tratou elle então de reduzir o dialecto de Raratonga a um systema grammatical e a uma fórma orthographica. A instancias suas tambem se construiu uma igreja. O desenho e a disposição do edificio foram feitos segundo seus planos, e os chefes e naturaes do paiz auxiliaram-n'o com tão bôa vontade, que em dous mezes estava a construcção terminada. Foi feito sem se empregar um unico prego ou peça de ferro qualquer. O templo podia accomodar tres mil pessoas.

No correr da exæcução dessa obra deu-se um facto curioso e divertido. Uma manhã foi Williams á obra sem levar a sua esquadria. Tomou uma pequena taboa, e com um pedaço de carvão escreveu um recado á sua mulher, pedindo-lhe que enviasse pelo portador o objecto que elle esquecêra. Chamou um dos chefes e pediu-lhe que mandasse levar a taboinha á sua mulher. O guerreiro tomou a taboa e perguntou-lhe: « Que devo dizer á senhora? » — « Nada; a taboa dirá o que eu quero. » O chefe afastou-se, persuadido de que Williams queria fazel-o de tólo. Entregou a taboa á Sra. Williams, que, depois de ter lido o que nella estava escripto, pô-l'a fóra e entregou a esquadria ao indigena. Este apanhou

de novo a taboinha e poz-se a gritar: « Vejam quanto sabem os inglezes! até fazem o páo fallar! » Atou um cordão á taboinha, e pendurou-a ao pescoço. Durante alguns dias era elle visto sempre cercado por numeroso grupo de pessoas, que ouviam attentas a narração da maravilha que aquelle pedaço de madeira havia praticado.

Não apparecendo na ilha navio algum em que Williams pudesse regressar para Raiatea, tratou elle de aproveitar o tempo utilmente. Edificou escolas para instruir o povo. Era este, porém, muito avêso ao ensino, comparado aos seus intelligentes e sagazes irmãos das outras ilhas. A linguagem a principio empregada era a otahitiana: mas essa linguagem era como que um idioma estranho para o povo. Foi sómente depois que o Evangelho, segundo São João, e a Epistola aos Galacianos foram traduzidos para o dialecto popular, que os Raratonguenses começaram a aprender e a fazer rapidos progressos.

Alguns indigenas crapulosos organisaram uma conspiração para assassinarem Williams e seu collega na occasião em que estes se dirigissem de Raratonga para a ilha vizinha de Tahaa, tencionando atirarem os corpos ao mar. Felizmente, a conspiração foi descoberta. Os chefes reuniram-se e decidiram matar os quatro cabeças do conluio. Williams interveiu e intercedeu por elles. No correr da conversação, perguntaram-lhe os chefes qual seria o procedimento dos Inglezes em caso identico. Williams respondeu-lhes que na Inglaterra havia leis e juizes estabelecidos, pelos quaes os delinquentes, de todas as cathogorias, eram julgados e punidos. « E não poderemos nós ter a mesma cousa? » exclamaram os chefes.

Decidiram então que se organisasse um codigo, como base da justiça publica. Williams e o seu substituto, o

Sr. Threkeld, prepararam-n'ò em linguagem clara e intelligivel. Ao mesmo tempo instituiram a grande barreira levantada contra a oppressão, — o julgamento pelo jury. — Nomeou-se, entretanto, um juiz *pro tempore*, pelo qual foram julgados os conspiradores e condemnados a quatro annos de exilio em uma ilha deserta.

Cansado de esperar mezes e mezes em Raratonga, sem vêr navio algum approximar-se da ilha, Williams tomou uma resolução extraordinaria : a de construir elle proprio um navio. Faltavam-lhe, porém, quasi todas as ferramentas e utensilios para o trabalho, e não possuia nem um só apropriado áquelle genero de construcção. O seu primeiro cuidado foi fabricar um folle de ferreiro. Na ilha existiam apenas quatro cabras, uma das quaes dava leite ; as outras tres foram sacrificadas, e da sua pelle conseguiu elle, ao cabo de innumeradas difficuldades, fabricar o cubiçado folle. Esse folle, porém, em vez de soprar o fogo, aspirava-o, e ainda assim em pouco tempo deixou de existir. Durante a noite, os ratos devoraram até a ultima particula das pelles de cabra, de modo que na manhã seguinte só restavam as taboas. Resolvido ainda a levar a effeito o seu projecto, começou Williams a reflectir que, se uma bomba expellia a agua, devia tambem, construida sob outros principios, expellir o ar. Depois de innumeradas difficuldades, conseguiu afinal construir uma machina que produzia o desejado effeito.

Com essa bomba de ar fabricou todas as peças de ferro de que necessitava, empregando uma pedra furada como malho, uma outra pedra maior como bigorna e um compasso de carpinteiro como tenazes. Para o fogo fazia uso do carvão de coqueiros e de outras arvores. Como não tinha serra, abria os troncos das arvores com uma cunha, e os indigenas aplainavam-n'os com

machadinhas de pedra. Quando necessitava de uma curva, entortava um bambú, ou ia ao matto e escolhia alguma arvore torta, cortava-a e preparava-a pelo processo já indicado, rachando-a pelo meio e obtendo assim duas taboas da fórma que desejava. Dispondo de pouco ferro, furava a madeira, tanto do forro como do costado da embarcação e mettia nesses furos grandes cavilhas de páo, por meio das quaes mantinha toda a construcção solidamente unida.

A fibra do côco era empregada como estopa. Da casca das arvores (do hibrico principalmente) fabricava o maçame, e para esse fim construiu uma machina de cordoaria. As esteiras em que os indigenas dormiam foram utilizadas para servirem de velas, cosidas umas nas outras de modo a poderem resistir ao vento. Construiu-se um torno, com o qual se fabricaram de páo-ferro os cadernaes e os moutões. A ancora era de madeira; uma pipa cheia de pedras tambem foi utilizada para o mesmo fim. O navio era de sessenta a setenta toneladas. Após cerca de tres mezes e meio de incessante trabalho, foi lançado ao mar o *Mensageiro da Paz*. Cuidou-se então de pôr o leme no navio, e grandes foram as difficuldades que tiveram para completar esta importantissima parte da obra. Não havendo metal sufficiente para a ferragem, foi esta feita com o pedaço de uma picareta, uma enxó e uma enxada. Com estas differentes peças montou-se o leme, e o maravilhoso navio achou-se prompto para navegar.

Julgando perigoso tentar immediatamente a viagem para Raiatea, que ficava a 800 milhas de distancia, Williams e os seus resolveram fazer uma excursão á ilha de Aiutake, que se achava situada a 170 milhas. Makea, rei de Raratonga, acompanhou a expedição. O navio deu provas de solidez e docilidade ao governo. A

viagem para Aiutake fez-se sem outra contrariedade além da quêda do mastro do traquete, occasionada pela in-experiencia da tripolação indigena; no entanto o navio encontrou vento forte e mar revolto. Williams possuia, felizmente, um compasso e um quadrante, e estes instrumentos o ajudaram a vencer as difficuldades de acertar com o rumo. Nada surpreendeu tanto o rei como a certeza com que lhe indicavam a direcção em que primeiro avistariam terra. Eram incessantes as suas perguntas a esse respeito; não podia elle acreditar que lhe affirmassem uma cousa que não viam. Uma das suas phrases favoritas era a seguinte: « Nunca mais chamarei guerreiros aos homens que pelem em terra; são dignos desse nome [sómente os Inglezes, que lutam contra os ventos e contra o mar. »

O *Mensageiro da Paz* demorou-se oito dias em Aiutake, recebendo carga. Consistia esta principalmente em côcos, porcos e *gatos*! Os porcos indigenas de Raratonga eram extremamente pequenos e difficeis de criar; levaram, pois, para a ilha setenta porcos de raça superior. A razão do carregamento de gatos era facil de explicar-se. Os ratos abundavam em Raratonga. Era como que uma das pragas do Egypto. Subiam ás mesas e devoravam os comestiveis. Furtavam o pão e a carne. Descansavam nas cadeiras e dormiam nas camas. « Quando ajoelhados faziamos oração em familia, narra Williams, andavam elles correndo por cima de nós... »

Williams não se deixou ficar tranquillo em sua estação missionaria de Raiatea. Nesta ilha corria tudo á medida de seus desejos. Havia, porém, mais ilhas a conquistar para o christianismo, e elle resolveu conquistal-as. Williams estava ainda vigoroso, cheio de vida e de coragem. Existiam para o occidente varios grupos de ilhas que nunca tinham sido visitadas por missionario

algun, e entre elles os grupos do Navegador e de Hapai. Williams, no *Mensageiro da Paz*, visitou-as todas e nellas estabeleceu o culto do verdadeiro Deus, destruindo até os ultimos vestigios da idolatria.

« O christianismo, diz elle, não triumphou pela força, e sim pela sua autoridade moral, — pela luz que delle se derrama e pelo espirito de benevolencia que elle infunde, pois a brandura é a chave do coração humano, tanto no selvagem como no homem civilisado. Quando tratado com bondade, o povo abraçava immediatamente o christianismo, pois attribuia a grande transformação que se operava nas maneiras de seus chefes, anteriormente tão crueis, á benevolente influencia que a nova doutrina exercia sobre elles! »

Afinal, resolveu Williams visitar a Inglaterra. Tendo enviado o *Mensageiro da Paz* para Otahiti, afim de ser vendido, tomou passagem em um navio baleieiro que voltava para Londres, onde chegou em Junho de 1834. O missionario apresentou o seu manuscrito do Novo Testamento em lingua raratonguense á Sociedade da Biblia, e esta mandou imprimir a obra. Escreveu elle tambem uma narrativa dos factos mais salientes da sua extraordinaria carreira missionaria. O apparecimento dessa obra excitou grande interesse. Williams fez numerosas conferencias em quasi toda a Inglaterra. Grangeou a amizade da maior parte dos altos dignitarios da Igreja anglicana, de homens eminentes por seus estudos scientificos, e dos mais distinctos membros da aristocracia. Grandes donativos lhe foram feitos para auxilio dos trabalhos de sua missão. A municipalidade de Londres votou unanimemente a somma de 500 libras para o mesmo fim. Subscreveu-se ao todo a quantia de 4.000 libras. Com esta somma comprou-se o navio missionario *Camden*, e a 11 de Abril de 1838 sahiu elle do porto de

Gravesende, levando a seu bordo Williams e sua esposa, e mais dezeseis missionarios com suas mulheres, os quaes iam estabelecer-se nas respectivas estações.

O *Camden* chegou ás ilhas do Pacifico sem novidade. Depois de percorrer as ilhas da Sociedade e outras onde já havia missionarios estabelecidos, dirigiu-se Williams para as ilhas mais ao oeste, onde não se tinha feito ainda cousa alguma para a instrucção dos selvagens. A expedição proseguia satisfactoriamente, quando afinal o *Camden* chegou a Erramanga, ilha do grupo das Novas-Hbridas. Alguns dos viajantes desembarcaram na bahia de Dillon. Os indigenas da ilha, segundo parece, tinham sido barbaramente maltratados pela tripolação de um navio que visitara-a tempos antes; para se vingarem, pois, dos brancos, os selvagens atacaram os missionarios que desembarcaram. Williams e o seu amigo Harris foram mortos e comidos pelos canibaes.

Assim morreu, na idade de quarenta e quatro annos, um dos homens mais nobres e dedicados que têm existido. Espalhou a mancheias as sementes do christianismo e da civilisação. Foi homem de inabalavel perseverança. Cousa nenhuma o desviava das suas obras de caridade e misericordia; sabia esperar pacientemente. Sabia que havia de chegar o tempo em que as sementes por elle espalhadas germinariam e produziriam fructos. As suas obras não morreram com elle. Mais tarde, os proprios canibaes de Erramanga abjuraram a idolatria e receberam com inteiro jubilo as verdades do christianismo.

Outros seguiram o nobre exemplo de Williams. O Rev. Jorge A. Selwyn foi sagrado bispo da Nova Zelandia em 1841. Encetou elle immediatamente o cumprimento dos deveres da sua missão. Apoz sete annos de incessantes trabalhos na sua diocese continental, tratou

de satisfazer o pedido do arcebispo primaz de Inglaterra,— a tentativa de catechese dos cinco grupos de ilhas entre a Nova-Zelandia e o Equador, conhecidas como as Melanesianas, e durante os subsequentes doze annos essa obra missionaria occupou-lhe quasi todo o tempo. Ao principio, surgiram muitas duvidas ácerca da prudencia e necessidade desse empreendimento, podendo-se perdoar á gente sensata tel-o considerado demasiado romantico para que fôsse util.

Ás censuras e aos conselhos de seus amigos o Rev. Selwyn respondia com o axioma « que onde vai o negociante em busca do ganho deve ir o missionario em busca de almas. » A seu pai escreveu elle : « E' dever do missionario levar a audacia ao extremo limite, affrontando perigos conhecidos e ignorados. Nestas ilhas é mister arriscar muito para conseguir alguma cousa. »

Muito era o risco, com certeza, principalmente porque o bispo não consentia arma de qualidade alguma em seu pequeno navio; e em uma occasião, em Malicolo, nas Novas-Hibridas, « sómente a sua extrema presença de espirito e o seu aspecto digno e austero (para empregar as palavras do capitão Erskine) livraram-os, a elle e aos seus companheiros, da sorte que poucos annos antes coubera ao Rev. Williams em Er-ramanga, e alguns annos depois feriu Patteson em Nukapu. »

O Rev. John Coleridge Patteson foi para a Nova-Zelandia auxiliar o bispo Selwyn. Foi mais um homem nobre e dedicado. Poderia ter attingido aos mais altos cargos ecclesiasticos na Inglaterra: preferiu, porém, entregar-se á vida das missões. Partiu para a Nova-Zelandia em 1855. Mandaram-n'o catechisar os indigenas das ilhas que não tinham sido visitadas desde o tempo do capitão Cook. Tinham esses indigenas a

fama de canibaes. Formavam um vasto archipelago aquellas ilhas, ao nordeste da Australia, e consistiam nos grupos das Novas-Híbridas, das de Banks, das de Salomão e de Santa-Cruz. Os seus habitantes eram cognominados Malenesianos ou Ilhéos Negros, porque se pareciam muito com os pretos africanos, tanto na côr como na estructura.

Depois de demorar-se algum tempo na Nova-Zelandia, estudando os dialectos indigenas e a arte da navegação, afim de poder dirigir o *Cruzeiro do Sul*, escuna dos missionarios, o Rev. Patteson fez-se de vela para a ilha Norfolk, acompanhado pelo bispo Selwyn. Dalli dirigiram-se para Aaiteum, catechizada pelos missionarios presbyterianos escossezes. Passou o navio por Erramanga, onde fôra assassinado Williams, ilha de indescrível belleza. Foram dahi para Faté, onde pereceram os missionarios de Samoan. Avistaram a esplendida ilha do Espirito-Santo com a sua cordilheira de 400 pés de altura. O navio, em seguida, tocou em Remael, onde o bispo e seu companheiro captaram a amizade dos indigenas, que eram de raça *maori*. Diversos meninos acompanharam o bispo, afim de estudarem, para professores, no collegio de S. João, em Nova-Zelandia.

Seguiu o navio para a ilha de Mara, no grupo de Salomão; ali reconheceram que os indigenas, que falavam o dialecto maori, tinham aprendido com os marinheiros a parte mais obscena e abominavel da lingua ingleza. A ilha avistada em seguida foi a de Santa Cruz, de vastas dimensões. Os indigenas dirigiram-se em canôas para o navio, levando consigo presentes de inhames e frutas; o seu numero, porém, era tão avultado que os missionarios não puderam conseguir cousa alguma. Dessa ilha partiu o *Cruzeiro do Sul* para Nikapu,

de tão tristes recordações, pois foi nella que Patteson encontrou mais tarde a morte. Os selvagens dessa ilha levaram também ao navio varios presentes de frutapão e de côcos. Ao cabo de longa derrota, — á Tabua, á Vamicora e ás ilhas de Banks, — o *Cruzeiro do Sul* regressou á Nova-Zelandia.

Era este, pois, o futuro campo missionario onde tinha que trabalhar o Rev. Patteson. Escrevendo para a Inglaterra, dizia elle em uma carta: « Não acredite na ferocidade dos indigenas. Quando se excitam, é fóra de duvida que commettem acções terriveis, e são na maior parte, antropophagos, — isto é, depois dos combates ha sempre um festim antropophago; fóra dahi, nunca. Se, porém, os tratarmos com bondade e prudencia, estou certo de que não haverá perigo em visital-os. Quando digo visital-os, quero dizer — não ir além da praia para o interior, á primeira vez; da segunda, ir até uma das aldeias; á terceira, dormir em terra; e passar oito ou dez dias entre elles, na quarta visita; e assim progressivamente.»

Patteson encetou, pois, o seu trabalho nas ilhas Melanesianas, esperando tudo e nada temendo. Os homens e as mulheres obsequiavam-n'ó muitissimo. Quando as mulheres estavam presentes, sabia elle que se achava ao abrigo de todo e qualquer perigo. Tudo conseguia, confiando nos indigenas. Foi á Fatuma e seguiu dalli para Erramanga. Visitou depois a ilha Faté, cujos habitantes eram reputados os mais ferozes do archipelago. Fram antropophagos, e tinham morto a tripolação inteira do *Soberano Real*, quando esse navio alli naufragou; devoraram nove homens de uma vez e enviaram os outros nove de presente aos seus amigos.

Em 1851, João Coleridge Patteson foi sagrado bispo das ilhas Melanesianas. Continuou a trabalhar como

anteriormente. Bastantes vezes achou-se em risco de perecer. Afoutava-se entre os indigenas selvagens, só-zinho e desarmado. Poderiam estes tel-o morto com uma frecha envenenada. Elle, porém, sentia-se sempre possuido do mesmo zelo e alegria. « Graças ao céo, escreveu elle, confio em Deus, e Deus bem o vê, vendo tambem os illéos e amanlo-os muito, mais do que eu posso amal-os. Com a sua infinita graça o Senhor abençoá todos os esforços para chamal-os á sua santa religião. Consola-me a idéa de que a obra progride, e continúo a trabalhar.»

Não era por amor ao dinheiro que os pastores deixavam a Inglaterra. O seu ordenado consistia apenas em cem libras por anno, sendo mais tarde elevado a cento e cincoenta. Ensinavam tudo aos indigenas, inclusive os habitos de economia, de diligencia, de pontualidade, de asseio, etc. Quantas virtudes não são filhas destes caracteristicos domesticos! O bispo fundou escolas e collegios em toda a parte a que ia. Em Santa-Cruz, no anno de 1854, os indigenas atacaram o bispo e seus companheiros. Um destes, Pierce, recebeu uma frechada no peito. Edwino Nobbs foi ferido no olho esquerdo. O remador Young teve um ferimento no pulso. O bispo extrahiu as frechas. O ferimento de Pierce necessitava uma longa operação. Young morreu de tetano. Na hora da morte disse ao bispo: « Dê-me um abraço; morro satisfeito, porque estava cumprindo o meu dever. » Nobbs morreu do mesmo mal. Pierce, apesar de ser mais grave o seu ferimento, escapou.

Em seguida Patteson visitou as ilhas de Norfolk, de Pictairn, as Novas-Hibridas, as ilhas Fiji, as de Salomão e as da Sociedade, praticando o bem em toda parte, e conquistando almas. Mandou elle imprimir o

Novo Testamento nos dialectos dos indigenas, assim como varios trechos do antigo.

Achando-se na ilha de Norfolk, em um dia de Natal, foi despertado por um grupo de Melanesianos, capitaneados pelo Sr. Bice, que iam entoar á sua porta os canticos proprios daquella festa. « Que immenso foi o meu prazer! escreve elle. Recolhera-me e deitaria-me com o livro de orações na mão, e o hymno de Keble na memoria; e as versões melanesianas do catico dos anjos e do hymno da luz, entoadas por um dos nossos cathecumenos, vieram como que continuar o canto que eu ouvia em pensamento. Aquellas vozes soavam limpidas e frescas na quietação da meia-noite, sumindo-se ao longe no ambiente puro e ao calmo luar daquelle clima esplendido. Conservei-me acordado ainda por muito tempo depois que cessaram os canticos, lembrando-me da abençoada transformação que se operára naquelles espiritos, pensando na minha feliz e bemaventurada sorte, tão immerecida, e meditando na infinita bondade e misericordia de Deus.»

Para concluir, narraremos a sua ultima viagem ao archipelago de Santa-Cruz. Os navios piratas andavam rondando as ilhas para roubarem ou arrebatarem os indigenas afim de leval-os para as plantações de Queensland. Algumas das ilhas já se achavam quasi despovoadas. Cinco homens tinham sido arrebatados de Nukapu pelos piratas. Quando o navio do bispo se aproximou da ilha, foram vistas de bordó quatro canôas indigenas junto ao recife de coral. O bispo, possuido de amizade por aquella gente, mandou que se lançasse um bote ao mar, afim de ir visital-a, e metteu-se na embarcação com quatro remadores. Aproximando-se das canôas, o bispo passou-se para uma dellas, onde se achavam dous chefes que elle conhecia e que já o

tinham tratado com amizade. A canôa tomou então a direcção da terra firme, e ali viram os homens do bote o bispo desembarcar, perdendo-o logo de vista.

O bote ficou á espera. De repente, um selvagem, que se achava em uma das canôas, ergueu-se e disparou sua longa frecha contra os Inglezes. Outros selvagens seguiram o exemplo do primeiro. Os homens do bote deram-se pressa em afastar a sua embarcação, pondo-se fóra do alcance das settas; tres dos Inglezes, porém, já estavam feridos. O que era feito do bispo? Fóra assassinado em terra. Do navio observaram que duas canôas se afastavam da praia, uma cheia de indigenas, a outra aparentemente vazia. Chegados á certa distancia da terra, os indigenas largaram a canôa, que trazia apenas um volume no centro, e voltaram para a praia. A canôa abandonada continuou a garrar. O bote foi ao seu encontro, e um dos remadores, olhando para dentro della, exclamou: «São as botas do bispo!» — A canôa foi rebocada para o navio, e o corpo, envolto em uma esteira dos selvagens, carregado para bordo. Tirada a esteira, o corpo do bispo revelou-se aos olhos da tripulação consternada. Tinham sobre elle collocado uma folha de palmeira; afastada esta, verificou-se que a victima havia recebido cinco ferimentos. Nos labios do morto pairava um placido sorriso.

«A estranha e mysteriosa belleza desta scena, diz Miss Yonge, lembra-nos quasi a lenda de um martyr da primitiva Igreja.» Dentre aquelles que o amavam e reverenciavam não houve um só que não reconhecesse ser essa a morte esperada pelo bispo, recordando-se ao mesmo tempo de que elle estava sempre prompto a sacrificar a vida ao dever. E' fóra de duvida que elle foi assassinado por vingança. Os flibusteiros de Queensland tinham arrebatado cinco homens de Nikapu; o resultado

do crime por elles commettido foi a morte do bispo!

Na manhã seguinte, o corpo de João Coleridge Patteson foi entregue ás ondas do Pacifico. Patteson morreu como vivêra, ao serviço do seu Divino Mestre.

Alguns annos depois, em 1875, a ilha de Santa-Cruz foi visitada pelo commandante Goodenough da fragata real *Perola*. Dejsseava elle visitar o theatro da tragica morte do bispo Patteson, apesar de lhe haverem aconselhado que desistisse de semelhante plano, visto a indole traiçoeira dos indigenas. Não obstante, o commandante Goodenough desembarcou alli. Os indigenas se mostraram bastante amaveis na primeira visita dos Inglezes; na seguinte, porém, o seu procedimento foi tão estranho que o commandante ordenou aos seus homens que voltassem immediatamente para os esca-leres.

Em uma carta, a ultima que elle enviou, descreve a scena: « Avistei um selvagem mettendo uma frecha no arco, e em um apice, exactamente quando eu pensava que não passaria aquillo de vã ameaça, senti uma pancada no lado esquerdo. Gritei logo: « Para os esca-leres! »—Arranquei a setta e corri para a praia, sentindo uma nuvem de flechas a me zunirem aos ouvidos. Chegados aos escaleres, o cirurgião que nos acompanhava cauterisou-me a ferida... » Cinco dias mais tarde, accrescenta o commandante: « Estou completamente restabelecido; a unica cousa que me incommoda é uma pontada nas costas, que não me deixa dormir. Não me sinto... » Aqui se interrompe bruscamente a carta; não pôde concluil-a.

Foi accommettido pelo tetano, e perderam-se as esperanças de salva-lo. Goodenough recebeu a noticia do seu estado desesperado com a perfeita calma do homem cuja

vida inteira tinha sido uma longa preparação para a morte. Pediu que o levassem para o convez, e, enquanto os homens da tripolação o rodeiavam em silencioso pranto, dirigiu-lhes elle palavras de conselho e affeição, rogando-lhes que cumprissem sempre o seu dever. Morreu serena e tranquillamente. Assim pereceu um homem que a Inglaterra não podia perder. Foi sempre um nobre exemplo de marinheiro leal e de verdadeiro christão.

Não dispomos de espaço para citar os heroicos feitos de outros missionarios christãos,— dos Jesuitas no Japão, na China e nas duas Americas; dos Moravianos na Groenlandia, nos Estados-Unidos e na Africa; cite-mos apenas os nomes de João Elliot, o primeiro missionario entre os indios norte-americanos; de David Brainerd e Jonathas Edwards, seus successores; de Martyn, Heber, Carey e Marshan, na India; de Carlos Frederico Mackenzie, o missionario martyr do Zambese; e de Samuel Marsden, o patriarcha do christianismo na Australia.

Honra vos seja feita, heroes christãos, conhecidos e ignorados! honra a todos aquelles que dão o tempo, a vida e trabalho para espalhar ao longe o conhecimento da religião que consola, allivia e salva! honra áquelles que morrem pela fé, a todos quantos procuram levar aos pobres, aos desamparados, aos selvagens, as benções que nos podem vir nesta vida transitoria!

CAPITULO XIII

COMPAIXÃO PARA COM OS ANIMAES.

Cavalleiros crueis, aqui passando,
Feriram minha corsa, eil-a a morrer !
Barbaros, mataram-te ! Ventura
Não podem homens taes na terra ter !
Nunca mal lhes fizeste enquanto viva ;
Morta, não lhes pôdes util ser !

(MARVEL.)

Ha no olhar do animal um certo reflexo apagado, um quer que seja de humano, que dir-se-hia uma extranha luz, pela qual o seu instincto parece contemplar o grande mysterio do nosso imperio sobre elle, implorando ao mesmo tempo a confraternidade do ser creado, senão a confraternidade da alma.

(RUSKIN.)

Quantas crueldades não se praticam nos animaes, — em passaros, em insectos e em toda a especie de criação domestica ! Os gladiadores de Roma desapareceram, mas ainda existem as touradas na Hespanha. Assim como os antigos Romanos se deleitavam com o espectaculo dos gladiadores ensanguentados, morrendo nos amphitheatros publicos, as senhoras hespanholas dos nossos dias applaudem com enthusiasmo espectaculos crueis, perante os quaes os proprios guerreiros inglezes recuam, possuidos de asco. « Cumpre confessar, diz Fernando Caballero, e com pezar confessamo-l'o, que na Hespanha ha bem pouca compaixão para com os animaes por parte das senhoras e dos homens, e nas classes baixas nem vestigios della existem. »

Os inglezes, porém, não se podem dizer isentos da mesma culpa. Ha ainda bem pouco tempo, os combates entre touros e cães de fila eram um divertimento publico; muito communs eram, até os nossos dias, as brigas de gallos. Esses divertimentos foram sempre muito concorridos, tanto pelos ricos, como pelos pobres. Em 1822, Ricardo Martin, de Galway, o amigo dos animaes, conseguiu que se promulgasse uma lei concedendo aos animaes domesticos certos direitos; no entanto dous juizes, em uma causa julgada por elles, declararam bue os touros não tinham direito á protecção da lei.

Em 1829, foi rejeitado na camara dos communs, por uma maioria de 73 votos contra 28, um projecto para a suppressão dos combates de touros. A opinião publica, porém, com o tempo, favoreceu o projecto, de modo que taes espectaculos se tornaram divertimento apenas do baixo povo. Foi sómente em 1835 que se publicou o decreto pondo termo áquelles combates. A Sociedade Protectora dos Animaes organisou-se, baseada na lei de Ricardo Martin. Os animaes foram postos sob a protecção da lei, comquanto alguns ficassem excluidos. Não obstante, existem ainda na Inglaterra muitos divertimentos crueis.

Por exemplo, as aves foram excluidas na citada lei. Basta ir ao pateo de tiro em Hurligham, no dia das senhoras, para vêr com que barbaridade são tratados os pombos. As pobres avesinhas, soltas das gaiolas, são chumbadas por causa de uma mesquinha aposta, tingindo com seu sangue os vestidos das senhoras que se divertem. Ha alli tantos applausos como nas touradas hespanholas. O pombo apenas ferido, com a perna quebrada, por exemplo, consegue ás vezes voar para além do campo de tiro, e vai morrer, após longa agonia, em algum ignorado canto. E' essa a lição de bondade de

alma que as senhoras inglezas pretendem dar aos seus filhos e ás suas filhas?

A moda que introduziu o uso de azas e pennas de passaros nos vestuarios das senhoras tem sido horriavelmente cruel para os pobres animaes. Matam-os em todos os paizes, em todos os climas, para satisfazer a paixão da « caritativa mulher » pelas pennas dos passaros. O *Spectator*, em um dos seus ultimos numeros, descreve um casamento em que onze damas de honor trajavam vestidos enfeitados de arminho e de pinta-rôxos. Quantos passaros mortos por causa de uma festa! As senhoras, porém, permitem taes crueldades para não estarem fóra da moda.

A mortandade de passaros é um commercio que ultimamente tem attingido proporções taes, que ameaça a extincção de algumas especies das mais bellas creaturas de Deus. Colibris, alcyones, calhandras e rouxinões são mortos sem dó nem piedade. Um negociante de Londres recebeu ha pouco tempo, de uma só vez, 32.000 colibris mortos, 80.000 aves aquaticas e 800.000 pares de azas de diversos outros passaros!

Ha alguns annos passados, o parlamento votou uma lei protegendo os passaros na epocha da reproducção, e mais tarde votou outra para « a conservação das aves de caça. » Essas leis pouco ou nenhum effeito produziram. As aves continuaram a ser mortas para satisfação das mulheres. Uma das ultimas novidades é o chapéo das senhoras enfeitado de lindas pennas de pato selvagem. Os mais remotos cantos do universo são postos em contribuição para esses adornos femininos. A India é o grande campo dos alcyones, cujas azas tão lindas são.

A captura das calhandras, na Ingraterra, está tomando proporções enormes. Em Lakenheath, no condado

de Suffolk, foram apanhadas 2.000 duzias de calhandras e enviadas para Londres, onde prepararam-n'as em tortas, um dos pratos favoritos dos nossos gastronomos. Essas tortas de calhandras têm-se tornado tão apreciadas, que todos os meios são empregados para obterem-se taes passaros dentro e fóra do paiz.

Narraremos o que fez um homem compassivo para salvar as calhandras e derrotar os glutões. Deu-se o facto nas vizinhanças de Aberdeen, ha ainda bem poucos annos. Em meados de Março, desencadeou-se nas proximidades daquelle logar uma terrivel tempestade de neve. Alvo lençol cobria a terra até grande distancia. Os passaros do interior foram impellidos pelo frio, pela fome e pela borrasca até o litoral, ou até o mar. Eram vistos em grandes lotes, esvoaçando com aquelle movimento particular das azas que é caracteristico da calhandra quando quer pousar no chão. Os campos proximos da praia estavam quasi negros, tal era a quantidade daquelles passaros.

Grande numero de individuos tratou logo de apanhal-os, empregando para isso todos os meios conhecidos. A quantidade de aves capturadas era immensa. Como já estivesse adiantada a estação, as aves tinham-se juntado em casaes. Eram todas esposas e maridos! Pobres creaturinhas! Procuravam juntas, nos tempos difficeis, a boa sorte ou a desventura. O excellente homem de quem acima fallámos encontrou um individuo que offerencia á venda uma gaiola cheia de calhandras. A gaiola era demasiada pequena para conter as avesinhas, que se opprimiam, batendo umas nas outras, e feriam-se nas grades lutando para escaparem-se da prisão. Semelhante espectaculo commoveu o homem, que comprou os passaros todos e mandou-os para sua casa de commercio, afim de lá accomodal-os melhor. Foi elle ter com o

secretario da Sociedade Protectora dos Animaes, para vêr se podia fazer alguma cousa no intuito de impedir aquelle trafego cruel, e com extremo pezar vio que, na lista das aves de caça protegidas pela lei de 1876, fôra esquecida a calhandra.

Tomou elle, pois, o encargo de salvar as calhandras. Disse ás pessoas que se occupavam em apanhar aquelles passaros que elle os compraria vivos pelo mesmo preço por que os poderiam vender aos negociantes da cidade. Aceitaram a proposta; pois, sabendo que em um dos casos os passaros seriam mortos e comidos, preferiam aquelle que se propunha a pol-os mais tarde em liberdade. Foi tal o numero de calhandras que lhe trouxeram que, além das gaiolas preparadas no seu estabelecimento para accommodação das aves, viu-se o homem obrigado a alugar uma casa no campo para guardal-as alli. Pela manhã, o ruido do canto das calhandras era de ensurdecer, e grandes bandos de passaros pousavam no telhado da casa para ouvirem o concerto dos prisioneiros.

A tempestade passou. Desfez-se a neve, a relva verde e a terra escura tornaram a apparecer. Chegou o dia da libertação dos captivos. As janellas da casa foram abertas, e por ellas sahiam aos bandos as avesinhas, cantando, chilreando e esvoaçando em todas as direcções. As gaiolas que se achavam no estabelecimento commercial foram levadas para o campo. Alli abriram as portas tambem dessas prisões, e o bemfeitor dos passaros foi presenciar a fuga dos seus protegidos. Era digno de attenção o modo por que effectuavam elles a sahida. Uns elevavam-se immediatamente a incalculaveis alturas, rompendo em alegres trinados; outros hesitavam esvoaçando rente ao chão, e afinal desappareciam na matta proxima. Póde-se imaginar e não

descrever a satisfação do nosso amigo escossez por ter praticado aquella pequena acção de bondade. As calhandras, por seu turno, estabelecera-se no lugar e construíram seus ninhos nas circumvizinhanças. Alli criaram os filhos, e desde aquella epocha a cidade de Aberdeen acha-se envolta nos perennes cantos das calhandras.

O grande Leonardo de Vinci, — grande na sua bondade para com os passaros e outros animaes, — grande como pintor, como architecto, como engenheiro militar, como philosopho, — costumava comprar passaros engaiolados afim de lhes restituir a liberdade. Ha um quadro representando o grande artista na pratica da sua obra de caridade, com os passaros soltos a esvoaçarem-lhe em torno, e as gaiolas vasias a seus pés. Esta tela está na galeria do Louvre, em Pariz.

Os eremitas da antiguidade tinham grande amor aos animaes. Os passaros vinham esvoaçar em torno delles, e os proprios animaes ferozes abrigavam-se nas suas grutas. Pareciam reconhecer que nenhum mal lhes seria feito. Os passaros conhecem até o perigo e sentem-n'o quando vêem apparecer na matta um homem armado de espingarda.

S. Francisco tinha uma idéa de que todos os seres creados eram seus irmãos, e levou essa idéa além dos limites da poesia para pol-a em pratica. Prégou ás aves. Fallava a todas as creaturas como se todas tivessem entendimento, e comprazia-se em reconhecer nos seus varios predicados um vestigio da divina perfeição. « Se o teu coração fôr recto, disse um outro santo da antiguidade, então reconhecerás em toda a creatura um espelho da vida e um livro da doutrina santa.»

Os passaros são mais compassivos do que os homens. Auxiliam-se mutuamente em suas difficuldades.

Uma occasião em que Eduardo de Bauff feriu uma andorinha do mar, muito o surpreendeu vêr duas outras andorinhas ampararem a irmã ferida, e, carregando-a nas azas, levarem-n'a para fóra de alcance. Eduardo poderia matar as outras andorinhas; preferiu, porém, deixal-as praticar um acto de caridade, dando um exemplo de afeição que o proprio homem não devia envergonhar-se de seguir.

A batida das mattas é uma innovação vinda da Allemanha para a Inglaterra. — Chusmas de perdizes, faisões, lebres e muita outra caça miuda são impellidas pelos couteiros a percorrer milhas de distancias afim de se reunirem em determinado ponto da matta e ahi serem mortas aos centos. Os inglezes chamam a isso «divertimento.» — «Nutro a esperanza, diz o arcebispo de York, de que não longe está o tempo em que seja considerado um facto curioso na historia a narração feita por algum cavalleiro inglez da maneira como elle e seus amigos trucidaram em dous ou tres dias mais de 2.000 peças de caças, reunidas em um ponto determinado da matta afim de serem mortas. Outra cousa tambem digna de nota é o facto de soltarem aves, em momentos dados, afim de serem feridas a tiro uma, duas e mais vezes, como passa-tempo de homens e senhoras, que se divertem nessas festas, revelando quanto são distituidos de caridade e compaixão. Essas cousas lançam escuras sombras sobre o nosso viver social, e tornam-se um estudo na verdade muito doloroso.»

E' esse o cavalheirismo de que se jacta a Inglaterra! Porventura será esta sêde de maldade, de barbaria, o mais elevado exemplo de virilidade? Sir Carlos Napier deixou de caçar porque não tinha animo para molestar creaturas inoffensivas e indefesas; e no entanto ganhou a batalha de Meeani. Era corajoso sem ser

cruel. Não podia supportar o divertimento que se nutre dos gritos e dos gemidos de creaturas inoffensivas. Quando o general Outram, — o Bayard da India, — viajou no Egypto com sua senhora em busca de saude, um amigo, sabendo que não havia carne para o jantar, matou um passaro. Outram, embora caçador emerito, disse-lhe compadecido; « Fiz o juramento de nunca matar um passaro. » E não quiz comer a caça, de modo que o amigo deu-a a um mendigo, e disse depois em sua narração: « Jantámos como pudemos. »

Alberto de Siena, nas antigas miniaturas, é sempre representado acariciando uma lebre, porque muitas vezes as salvou da ferocidade dos caçadores. « Homens ha, diz S. Chrysostomo, que industriam cães em apanhar animaes selvagens e brutos, sem se lembrarem de que elles proprios se estão entregando á brutalidade; outros empregam bois e jumentos para o transporte de suas mercadorias, esquecendo-se daquelles que morrem á fome por falta de trabalho; outros, finalmente, gastam dinheiro sem conta afim de possuirem homens de marmore, olvidando homens de carne e ôsso, que se estão transformando em homens de pedra por causa de sua má sorte. »

Um romancista francez escreveu algures que os Inglezes dizem sempre: « Vamos matar alguma cousa! » E' essa a idéa que elle fórma dos habitos inglezes; esquece-se, porém, dos seus patricios. A Inglaterra ainda possui passaros, apesar do rigor dos seus invernos, apesar das caçadas e batidas. Os passaros são a gloria de seus campos — *Gloria in excelsis!* Mas na França os campos são silenciosos; não ha harmonia nos ares. As calhandras foram apanhadas a laço e comidas. As aves de variegadas plunagens e as suas azas foram empregadas como enfeites das mulheres. Desappareceram

totalmente do paiz as andorinhas, os pintarôxos e os rouxinoes. Foram mortos e comidos. (*)

Façamos vêr agora o castigo. As arvores estão desfolhadas pelos insectos; as vinhas destruidas pelo phylloxera, as folhas das plantas devoradas pelas lagartas, que são vistas em cachos penduradas das arvores. E' que os passaros que se nutriam de lagartas e de phylloxera foram mortos. Dahi a destruição que se está espalhando pela França. As seáras são devoradas até as raizes, e em muitos districtos as vinhas são totalmente infructíferas. Assim, a crueldade se volta contra os que a praticam, como o feitiço contra o feiticeiro. Walterton calculou que um unico casal de pardaes destróe em um dia tantas lagartas quantas teriam devorado uma geira de trigo em uma semana.

Tivemos immensa satisfação ao vêr que em França, por esforços do ministro da instrucção publica, já se estão dando alguns passos para a protecção dos animaes.

(*) « A respeito de passaros, a França é um paiz silencioso. Em vão os olhos procuram vel-os, debalde os ouvidos pretendem escutar-lhes o canto; dir-se-hia que a natureza chora em silencio os filhos que já não existem alli. Glorifiquem embora as instituições republicanas e os direitos do camponez; a natureza, na França, não mostra adoptar taes principios; parece antes que se apegas ainda aos seus velhos amigos, o feudalismo e a aristocracia. Se constasse que em um ponto qualquer da França tinha apparecido metade do numero de passaros que ainda existem á pouca distancia de Londres, populações inteiras de caçadores, trajando vestuarios fantasistas, armados de espingardas e saccos de caça, seguidos de cães impossiveis, surgiriam de todos os lados, promptos a esperarem dias e semanas por uma occasião de fazer uma victima á queima-roupa. » — O « TIMES. »

— Ensina-se ás crianças,— pois a infancia é a primeira a imitar a maldade,— a compaixão para com os animaes inoffensivos e indefesos. Existem já na França quinhentas sociedades infantis para a protecção dos animaes. Nos Estados-Unidos tambem se manifesta o mesmo movimento; e a Sociedade Protectora dos Animaes, em Philadelphia, na sua secção das crianças, já tem uma lista de dous mil nomes. Não se calcula a vantagem da bondade para com os animaes; ensinando-a, ensina-se a cumprir o duplo dever da compaixão e do respeito.

Quanto tempo não se perde em encher a cabeça das crianças com conhecimentos inuteis, ao passo que tão pouco tempo se consome em ensinar-lhes os utilissimos preceitos da benevolencia?... Ensinam-lhes a leitura dos novos livros, que não os torna nem melhores nem mais compassivos. Não se lhes ensina a bondade, a brandura ou a cortezia. Educam-lhes o espirito e descuidam-se do coração. E' talvez difficillimo encontrar preceptores que saibam empregar meios moraes de persuasão e desenvolver no discipulo os seus sentimentos bons. A força physica é de mais facil emprego, e está sempre á mão. E' cousa directa e palpavel. Faz-se sentir. Os seus effeitos immediatos são quasi sempre apparentes; os indirectos e difinitivos, porém, occultam-se no coração do menino. Esses são descurados, porque são obscuros e remotos.

Eufordius de Colonia, passando uma occasião por uma escola, ouviu os gritos de um menino. Abriu immediatamente as portas da casa, entrou como um leão, e, erguendo a bengala para o mestre e seu ajudante, arrebatou-lhes das mãos a criança. « O que estão fazendo, tyrannos? exclamou; os senhores foram collocados neste logar para ensinar e não para matar meninos! »

A crueldade praticada por pais e professores nas crianças é indescriptivel. Admitte-se que a criança tem a mesma natureza mental, o mesmo temperamento, a mesma aptidão para aprender que têm seus pais e seus mestres; e, se o menino não póde estudar e aprender as suas lições com a mesma facilidade de outro, é espancado, ou soffre qualquer outro castigo. Os homens e as mulheres esquecem a intensa afflicção a que expõem desse modo a criança. O horisonte do menino é tão limitado, que elle não vê remedio a seus males, e o seu pobre coraçãozinho entrega-se todo á magoa.

« Pais, não exciteis os vossos filhos á ira, para não desanimal-os. » Se a vida da criança fôr amargurada pelo castigo, o resultado será a timidez e a aversão secreta. As proprias crianças sentem a injustiça que lhes é feita, e muitas vezes é esse o modo por que se lhes infunde no espirito um sentimento de amargura. Lembramo-nos sempre com pezar de um pai que perdeu seu filho, menino intelligentissimo, o qual pai estava sempre possuido do remorso da sua extrema severidade. « Meu filho, disse elle a um amigo, julgava-me cruel, e demasiada razão tinha para isso; não sabia, porém, quanto eu o amava, e hoje é tarde! » Muitas vezes, ao vermos pais castigando os filhos com pancadas, pensamos que são elles os castigados. Foram os procreadores daquelles herdeiros da sua natureza moral. A criança não forma a sua propria indole ou genio, nem tem em suas mãos, emquanto tenra, direcção ou dominio sobre esse genio. Se os pais transmittem aos filhos um temperamento irritavel, é dever seu exercitarem em si proprios a paciencia, a brandura, a calma, afim de, pela influencia do viver quotidiano, corrigirem e modificarem os defeitos com que nasceu o menino.

« E' preciso *quebrar a vontade do menino.* » Não há aphorismo mais falaz do que este. A vontade fórma a base do character. Sem força de vontade não póde existir a resolução. O que cumpre não é quebrar a vontade da criança, mas educal-a, dirigil-a no caminho que deve seguir; e isso não se consegue por meio da força nem do temor. Poderíamos citar mil exemplos para corroborar esta affirmativa.

Milton escreveu: « Chamo educação completa e ampla aquella que habilita o homem para cumprir habil, justa e magnanimamente os deveres de todos os encargos publicos e privados, na paz ou na guerra. » Não ha pancada ou qualquer outro castigo corporal que consiga esse resultado. A educação é obra de autoridade e respeito, e não póde ser promovida pelo esmagamento da individualidade ou pela destruição do respeito proprio. Não houve homem que respeitasse mais os seus discipulos do que o finado Dr. Arnold, director do collegio real de Rugby. Possuia a mais elevada idéa da responsabilidade do preceptor. Sabia que a educação da infancia se conseguia por duas maneiras: appellando para a força ou para a suação. Empregou elle o principio mais nobre. Incutiu nos seus discipulos vistas amplas sobre a educação e sobre a vida. Acreditava e fiava-se nelles. D'ahi nasceu na escola o sentimento geral de « que era uma vergonha mentir ao Dr. Arnold, porque elle acreditava sempre no que se lhe affirmava. » Quando lhe chegava aos ouvidos alguma noticia de desordem ou de sentimentos odiosos, ia elle ter com os alumnos reunidos e fallava-lhes nos seguintes termos: « Porventura é este um collegio christão? Não ficarei no estabelecimento se me vir obrigado a empregar a violencia e as restricções. Se querem fazer de mim um algoz, pedirei

imediatamente a minha demissão!» Em uma outra occasião, tendo sido expulsos alguns alumnos, disse elle aos outros: « *Não é forçoso* que este collegio tenha trezentos, cem ou cincoenta alumnos; o que é necessario apenas é que seja um collegio de cavalheiros!» O Dr. Arnold foi um dos mais nobres na classe dos preceptores.

Quando um pai ou mestre confia principalmente na dôr physica para governar a vontade da criança, esta, insensivelmente associa a idéa do dever e da obediencia com o medo e terror. E, quando uma vez se incutiu assim o mando na vontade do menino, tem-se lançado os germens de um máo character, tem-se formado um máo filho, um máo marido, um máo pai, um máo vizinho e um máo cidadão. Os paes, quando batem nos filhos, não se lembram talvez de que estão incutindo nelles as suas proprias faltas. E' fóra de duvida que o emprego da dôr physica, como meio para governar a vontade dos outros, conduz-nos, aos poucos, a todos os grãos da irritação, da injustiça, da crueldade, da tyrannia e da oppressão.

Vai além este modo de vêr as cousas. A tyrannia dos mestres exercida sobre os discipulos incute nestes o desejo de opprimir os outros. A pancada ensina-lhes a crueldade para com as creaturas que se acham sob seu poder. Assim como o seu sentimento de dôr foi desprezado, a criança tambem adquire maior desprezo pela dôr dos outros. Chegam a ter prazer em molestar os seus companheiros menores, e os animaes indefesos e innocentes.

Acreditamos que a maior parte das crueldades praticadas para com os animaes têm origem nos castigos corporaes infligidos em casa ou na escola. Frequentemente vêem-se grupos de meninos e rapazes espancando algum pobre jumento, afogando um gato, atando uma

lata á cauda de um cão, espetando insectos, e praticando outras muitas crueldades. Os paes e os perceptores devem incutir no espirito da criança o respeito de tudo quanto possui vida e sentimento, fazendo com que se abstenham de infligir todo e qualquer soffrimento desnecessario; e o melhor meio de o conseguirem é absterem-se de infligir dôr ou soffrimento áquelles a quem dirigem.

Fallámos ha pouco no jumento. Esse animal não é máo de modo algum. Carrega com firmeza e segurança enormes pesos. Na Suissa vêem-se jumentos, carregados de lenha, caminhando á beira dos mais profundos precipicios sem vacillarem e trazendo á casa a sua carga. O jumento é o auxiliar do homem pobre. Dizem que é um animal teimoso. Nasce isso do máo trato que recebe. Já vimos jumentos que eram activissimos e intelligentes trabalhadores.

O cão é de todos os animaes aquelle em que se pôde depositar mais confiança. O cão é amoroso, obediente, disciplinado, consciencioso, e até possui raciocinio. Lord Brougham conta a historia de um pastor que perdeu o seu cão em uma feira. O animal procurou o senhor em todas as direcções, e afinal farejou os passos do pastor. Seguiu a pista por uma estrada até chegar a um ponto em que se bifurcavam tres caminhos. Farejou o primeiro, depois o segundo, e, sem hesitar mais, lançou-se pelo terceiro. O raciocinio do cão parecia ser o seguinte: Meu senhor não tomou o primeiro nem o segundo caminho; logo, seguiu por este.

Citemos um caso de consciencia em um cão. Uma noite escura, sahiu elle de sua casinha e mordeu uma velha. A pobre mulher gritou e immediatamente o cão largou a presa. A velha era a pessoa que lhe dava a comida. O animal só então reconheceu-a. Causava pena

vêr-lhe a afflicção. Parecia envergonhado pela ingratição que praticára. Durante tres dias não sahiu do seu escondrijo, nem mesmo para comer. Afinal, a boa velha fez as pazes com elle, quasi a derrubou com expansões de alegria e de affeição.

O capitão Hall narra um incidente da meninice de sir Walter Scott, o qual teve poderosa influencia na sua vida. Um dia em que um cão se dirigia para elle, sir Walter tomou uma pedra e arremeçou-a contra o animal; quebrou-lhe uma perna. O pobre cão, porém, ainda teve forças bastantes para arrastar-se até junto do menino e lambe-lhe os pés. Esse incidente causou-lhe o mais amargo remorso. Nunca o pôde esquecer. E' que elle era um homem extremamente bom. Viveu sempre rodeiado de seus favoritos. Tinha funda affeição a todos os entes creados. Escreveu os seus admiraveis romances tendo em torno de si os seus cães, — Maidá, Nemrod e Bran. Maidá era o seu favorito. Morreu ainda em vida de seu senhor. Este mandou esculpil-o em marmore, e collocou a imagem do cão junto á porta do seu aposento. No seu romance *Woodstock*, sir Walter Scott commemorou e retratou a fidelidade do velho Maidá, sob o nome de Bevis.

Sir Walter Scott, em seu diario, narra o facto de um cão que livrou seu dono de ser queimado vivo. « Lord R. Kerr, diz elle, conta-me que acaba de receber uma carta de Lord Forbes, na qual este lhe refere que estava dormindo em seu aposento do castello Forbes, quando dispertou com uma sensação de suffocação que o privava de fazer todo e qualquer movimento, e que no entanto lhe deixava consciencia bastante para perceber que a casa estava incendiada. No momento em que as chammas invadiam-lhe o quarto, um cão pulou para cima da cama, e, segurando em

lord Forbes pela roupa, arrastou-o até á escada, onde o ar puro e fresco restituiu-lhe as forças necessarias para salvar-se. Este caso é muito diverso daquelles em que os cães se atiram á agua para salvar os que se estão afogando; na agua o cão tem forças e destreza; o fogo, porém, lhe é tão hostil como ao homem.

Citemos, finalmente, os dous cães de Pompeia e Herculanium. O signal do corpo do primeiro foi encontrado na cavidade em que elle pereceu. Morreu suffocado; mas, como a ultima sentinella de Pompeia, não abandonou o seu posto. O cão de Herculanium, Delta, deixou após si esplendida reputação de valor. Nas escavações da cidade foi o seu esqueleto encontrado sobre o de um menino de doze annos de idade, pouco mais ou menos, em attitude que parecia indicar ter-se o cão abraçado ao corpo de seu dono para protegê-lo contra as cinzas ou contra o fogo. O menino pereceu com o fiel Delta; resta, porém, uma coleira que narra os nobres feitos do corajoso animal. Nessa coleira se refere que elle salvou tres vezes a vida de seu senhor, livrando-o das ondas do mar, dos ladrões e dos lobos.

Vê-se, pois, que as tendencias moraes e intellectuaes do homem são reflectidas de um modo natural no instincto dos animaes; que elles são fieis e capazes de sentir afeição, gratidão e amizade, e de praticar actos da maior dedicação. Hartley, na sua obra *Observações sobre o homem*, diz que aos olhos do cão o homem é representante de Deus com plenos poderes para receber por elle as homenagens do animal, e acrescenta que por essa mesma razão assiste-lhe o dever de ser o protector, o bemfeitor dos animaes.

Darwin diz: «. . Vemos uma longiqua semelhança desse estado intellectual na profunda afeição do cão pelo seu senhor, afeição que se associa á inteira

submissão, algum receio e talvez outros sentimentos. O comportamento do cão que volta para seu dono após uma ausencia, e, accrescentamos, o do macaco para com o seu guarda, é muito diverso do comportamento que têm para com os seus congeneres. Neste ultimo caso, os transportes de alegria parecem menos vehementes, deixando sempre transparecer o sentimento de igualdade em todas as suas acções.» (*) Assim, diz Nicholson, muitos animaes são sensatos e melhores do que os homens, e mesmo superiores a algumas raças humanas.

Conhecem todos a historia de Androcles e o leão. Androcles estava escondido em uma caverna, quando viu approximar-se um leão. Receiou ser devorado; o leão, porém, manquejava e parecia estar soffrendo extraordinaria dôr. Androcles approximou-se d'elle com coragem, e, erguendo a pata do animal, extrahiou uma grande farpa que causava a dôr do leão. Este deu logo mostras de sua gratidão, festejando o seu bemfeitor. Mais tarde, Androcles foi preso e enviado para Roma, onde o condemnaram a ser devorado pelas feras. Um leão foi lançado sobre elle; era o mesmo que Androcles havia curado. O animal reconheceu agradecido o seu bemfeitor, e, em vez de devoral-o, pôz-se a lamber-lhe os pés. Appiano declara ter assistido pessoalmente á scena entre Androcles e o leão no circo de Roma.

Porventura o animal tem direitos? Certamente que não os tem legaes, com excepção daquelles que foram postos sob a salvaguarda da lei. Tem, porém, o direito de viver e gozar. « A justiça, na qual estão incluidas a misericordia e a compaixão, diz John Lawrence,

(*) *Origem do homem.*

refere-se claramente á razão e ao sentimento; e a justiça, sob qualquer fórma, póde-se applicar ao animal.» — « A questão, diz Jeremias Bentham, não é: Raciocinam? ou fallam? a questão é simplesmente: soffrem? — E' este o seu ponto culminante. A consciencia de todas as nações civilisadas recommenda-lhes que tratem bem aos animaes e cuidem tanto do seu bem estar como do das pessoas que os cercam. »

Sir Arthur Helps cita um trecho de Voltaire em que este autor defende os direitos dos animaes.

« Será possível que haja quem affirme por escripto ou sustente de viva voz que os animaes são simples machinas destituidas de entendimento e raciocinio, sendo sempre os mesmos e invariaveis em todas as suas operações, nada aprendendo, nada aperfeiçoando? Como! Pois o passaro que constroe um ninho semicircular quando o fixa em alguma parede, que, quando o arma em um angulo, dá-lhe a fórma de quadrante, e que, finalmente, o faz circular quando o edifica em uma arvore, é sempre o mesmo e invariavel nas suas operações? Porventura o cão, após tres mezes de ensino, não sabe mais alguma cousa do que sabia quando começaram a guial-o? O pisco, porventura, repete logo da primeira vez a aria que se lhe assovia? ou, por outra, não se passa algum tempo antes que elle aprenda-a, e com o exercicio não se aperfeiçoa depois?

« Será porque fallo que me concedem razão, memoria ou idéas? Mas, se me conservo calado, e vêem-me assim voltar para casa abatido, triste, e, ao chegar, ir logo em procura de um escripto, abrir a secretária em que me recordo de havel-o deixado, e lel-o com todas as demonstrações de jubilo, concluem dahi, com certeza, que eu senti algum dissabor, ou alguma magua,

e em seguida satisfação, concluem dahi que eu penso, que tenho memoria e entendimento.

« Pois façam o mesmo raciocinio em relação ao cão, que, tendo-se perdido de seu dono, procura-o em todas as ruas e ganindo volta para casa inquieto e afflicto; ahi chegado, sobe e desce as escadas, corre de uma para outra sala, revista todos os aposentos e afinal encontra o dono em seu gabinete; demonstra eile ou não o seu jubilo nos saltos que dá, nos seus murmurios de alegria, nas suas caricias?

« Esse cão, tão superior ao homem na sua dedicação, é apanhado por alguns barbaros estudiosos, os quaes, atando-o e ligando-o a uma mesa, dissecam-n'ó vivo afim de melhor estudarem as veias mezeraiças. O cão possui todos os órgãos de sensação que possuímos. O que dizeis agora, ó anatomistas? Respondei-me, a natureza porventura creou todas essas fontes de sentimento no animal para que ellas não funcionem? Possui elle nervos para não sentir nem prazer nem dor? Oh! não accuseis a natureza de fraca e inconstante!

« Os doutores em sciencia perguntam, porém, o que é a alma dos animaes... E' esta uma pergunta a que não sei responder... Quem lhes fôrrou todas essas propriedades? Quem lhes deu todas essas faculdades?... Aquelle que faz crescer a relva nos campos e a terra gravitar em torno do sol!»

E' estranho quanto um animal póde se apóssar da affeição do homem. Ebenezer Elliot disse: «Se não fossem o meu gato e o meu cão, creio que não teria animo para viver!» Um menino, uma vez, voltou do collegio para residir em casa, e não sabia o que fazer. Ficou desassocegado; tinha desejos de fugir, de vêr o mundo e conhecer o que nelle havia. Tinha, porém, muita amizade ao velho bichano da casa. Começou a

pensar que talvez em sua ausencia matassem ou dessem o animal, e deixou-se ficar.

Thoreau, o philosopho de Concordia, em Massachussets, nos Estados-Unidos, era como os eremitas da antiguidade no seu amor pelos animaes. Foi viver nas mattas vizinhas da Lagôa de Walden, em 1845. Começou, com immensa surpresa e grande susto dos esquilos e das cotias, a construir uma cabana. Dentro em breve, porém, perceberam os animaes que elle não lhes queria fazer mal. Para domestical-os, deitava-se sobre o tronco de alguma arvore cahida, ou á beira de algum rochedo, e alli se conservava em completa immobildade. O esquilo, a cotia ou qualquer passaro aproximaram-se aos poucos, até tocarem nelle. Em breve espalhou-se pela matta, entre os bichos, a noticia de que havia alli um homem que não lhes fazia mal algum. Nasceu então a affeição, a sympathia entre o homem, os passaros e os animaes. Accudiam ao chamado de Thoreau. Até as cobras se lhe enroscavam nas pernas. Chegou a ponto de um esquilo, quando elle o tomava nos braços, não querer depois deixal-o, escondendo a cabecinha nas roupas do philosopho. Os proprios peixes conheciam-n'o. Deixavam-n'o tiral-os da agua, sem receio, sabendo que elle não lhes faria mal... Nunca ouvimos narrar semelhante communhão entre o homem e o animal senão nas historias dos eremitas tão amplamente desenvolvidas por Kenelm Digby, no seu livro *Mores Catholici*.

« Nada ha, diz o Rev. J. S. Wood, tão apto e poderoso no homem para educar os animaes, como a affeição e a bondade. Inflexivel firmeza, combinada com a brandura e a sympathia, são irresistiveis instrumentos nas mãos do homem; e não creio que haja um só animal que não se subjogue, quando o homem que possue essas qualidades se incumbe de fazel-o.

« Com essa combinação de firmeza e bondade, o conhecido cavallo indomito e indomavel « Cruiser » foi subjugado no espaço de tres horas, tornando-se docil e obediente ao menor signal de seu domador, e consentindo que se fizesse delle o que aprouvesse, sem dar a menor demonstração de resentimento.

« Vi uma vez o Sr. Rarey domar um esplendido pôtro arabe, que se arremeçava a elle mordendo, escouceando, saltando e rinchando, a ataca-o ora com os dentes, ora com os pés... Dahi a meia hora, o Sr. Rarey e o animal estavam deitados juntos na arena, o homem com a cabeça descansada em uma das patas trazeiras do cavallo, que por sua vez descansava a outra pata sobre a cabeça do homem. Conseguira elle gravar na memoria do animal que não lhe faria mal algum; e o cavallo, em vez de sentir medo ou raiva, possuiu-se logo de affeição pelo homem que, sem infligir-lhe castigo, mostrava-lhe que queria ser obedecido. » (*)

A crueldade para com os passaros e os animaes existe em toda a parte, o mais das vezes provocada pela irreflexão. Na Italia essa crueldade chega a causar asco e horror. Os passaros servem de divertimento para as crianças. Ata-se um barbante á perna da avesinha; quando ella tenta voar, o seu algoz puxa-a pelo cordel. — Quando ao pobre animalsinho falham as forças para voar, depenam-n'a viva e desmembram-n'a. Não ensinam ás crianças que o passaro ou o animal são tambem creaturas. Quando alguém lhes reprehende o procedimento, respondem logo; « *Non é cristiano.* »

Em Napoles vêem-se activissimos cavallinhos a galopar pelas ruas, puchando carros (*carricoli*) cheios de

(*) WORD.— *O homem e o animal.*

passageiros e cargas. Os arreios cortam-lhes as ancas a ponto de fazer sangue. Pelas estradas encontram-se cavallos desses, que parecem abandonados; estão descansando, á espera que saem as feridas, para de novo serem mettidos nos carros. Uma manhã, vimos um desses carros abertos descendo a Strada di Roma, enormemente carregado. Conduzia homens e mulheres que levavam suas hortaliças para o mercado. Entre elles ia um padre. O cavallo, como é de uso, ia a galope; a rua estava molhada e escorregadiça; o animal pôz a pata em falso e cahiu. Ouviu-se um grito geral, e os passageiros voaram por cima da cabeça do animal, espalhando-se por todos os lados; — homens, mulheres, repolhos, laranjas, e padre, tudo foi ao chão. O espanto durou apenas um minuto. Levantou-se o cavallo, o carro encheu-se de novo com os cestos de hortaliça, e os homens, as mulheres e o padre tornaram a embarcar. O cavallo recebeu uma sova mestra, e começou de novo a galopar puxando a carga.

Não ha escravidão na Inglaterra! clamam os Inglezes. Olhemos, porém, para os animaes dos omnibus, das carroças e dos carros de praça, e veremos que existe a escravidão dos cavallos. James Howell, em 1642, dizia que a Inglaterra era chamada « o inferno dos cavallos » e não sem razão. Os carros de praça são puxados por cavallos estragados, com uma ou mais patas feridas. Vemo-l'os erguer o pé com extrema cautela e abaixal-o do mesmo modo. O mais das vezes são levados por estradas e ruas cheias de pedras, pelas quaes o pobre animal caminha quasi de rastos. O cavallo de carroça não tem melhor sorte. E' condemnado a uma longa vida de fadigas, a bordoadas sem fim, a carregar enormes pesos, a soffrer o calor, o frio, a fome sem resistencia, e afinal é entregue

ao cordeiro ou aos açougueiros de carne de cavallo.

Para suavisar as torturas dos cavallos sobrecarregados que transitam nas ingremes ruas que levam do Tamisa á Ponte de Londres, uma senhora bemfazeja, acompanhada de um criado, ia todos os dias espalhar areia pelo chão. Muitas e muitas vezes vimo-l'a por entre o movimento do trafico, quasi debaixo das patas dos animaes, espalhando areia pelas ruas; e durante muitos annos continuou em sua obra de caridade. Quando morreu, não se esqueceu dos seus protegidos. Deixou uma consideravel quantia em poder de administradores para ser applicada « para sempre » em distribuição de areia pelas ruas ingremes e escorregadias da cidade de Londres. Não esqueçamos o seu nome. Foi a Sra. Lisetta Rest, que durante mais de quarenta annos occupou o logar de organista da igreja de Todos-os-Santos.

Se os cavallos das carruagens que conduzem as senhoras a passeio, e cujas bocas espumam e sangram apertadas pelo freio, fallassem, que diriam? Diriam que tanto as mulheres como os homens são uns algozes desapiedados. No entanto são essas senhoras que vão ás conferencias onde se protesta contra a crueldade para com os animaes! (*)

(*) A seguinte carta foi publicada no *Times* de 28 de Abril de 1880: — « Sr. Redactor.—Peço-lhe um pequeno espaço nas columnas do seu jornal para fazer um protesto contra a crueldade praticada diariamente para com os cavallos das carruagens,— em geral, animaes da mais fina raça. Além das apertadissimas redeas de governo, estão hoje em uso uns freios modernos que causam horriveis torturas ao animal. Uma

O homem escravizou o cavallo, o jumento, o camello, a rena e outros animaes. Cumprem estes as suas ordens, carregam os seus fardos, trocam uma vida de liberdade por outra de soffrimento e trabalho. Gemem e estremecem sob o chicote, sob o freio, sob a corrente. Em um *steeple-chase* de Liverpool foi necessario matar nada menos de cinco cavallos após a corrida. Tres dentre elles tinham quebrado a espinha ao saltar as barreiras, e outros dous haviam partido as pernas.

« A's vezes penso, diz sir Arthur Helps, que a subjugação do cavallo foi para a humanidade uma desgraça. O cavallo é o animal que mais tem padecido das mãos do homem, e a sua domesticação não foi totalmente um proveito para a humanidade. As oppressões que o cavallo tem auxiliado desde as mais remotas éras

esplendida carruagem, puchada por magnifica parelha de cavallos de raça, passou hontem por mim, em Bord-Street; as redeas estavam horrivelmente apertadas, e da boca de um dos cavallos *espumava sangue!* Será possivel, pensei eu, que os donos daquella carruagem conheçam o soffrimento dos seus animaes? Para aquelles que, como eu, apreciam e estimam os cavallos, taes espectaculos causam horror. Sou entendedor de cavallos, e ao primeiro olhar conheço se elles soffrem ou não. Infelizmente nada nos escapa, e o nosso passeio quotidiano se amargura sempre com espectaculos semelhantes ao que acabo de narrar: os cavallos caminhavam com a boca ensanguentada, ou com a lingua inflammada e negra por causa do freio, com a cabeça puxada para traz em posição forçada, dando todos os signaes de soffrimento. Pergunto de novo: serão todas essas torturas infligidas por ignorancia, por descuido, ou por desapiadada crueldade? Rogo aos possuidores de cavallos que se compadeçam dos pobres animaes; os cavallos são das mais nobres creaturas de Deus, e sempre foram os mais dedicados e fieis servidores do homem. »

têm sido innumeradas. A elle devemos muitas rapinagens dos « seculos do obscurantismo ». E na minha opinião o cavallo tem sido o maior auxiliar das mais sanguinolentas guerras. Quizera que os guerreiros fôsem obrigados a arrastar as suas peças de artilharia, principalmente galgando uma montanha ; ponho em duvida que não se revoltassem contra semelhante trabalho. E, se os que governam fôsem coagidos a fazer as suas campanhas a pé, estou certo de que em breve se fartariam da guerra.» (*)

No livro de Job, escripto ha uns 3.400 annos, vem uma descripção do cavallo de guerra... « Não dêste vigor ao cavallo ? Não lhe cobriste a anca com o trovão ? .. As narinas não lhe fumegam ? Elle empina-se no valle e alegra-se na sua força ; vai ao encontro dos homens armados ; escarnece do medo, e não treme, nem recua perante a espada : de longe fareja a batalha, o brado dos capitães e os gritos dos guerreiros... »

Virgilio, na sua terceira Georgica, escripta muitos seculos depois de Job, falla do cavallo de guerra :

« O feroso corsel, quando ouve ao longe
Os alegres clarins, de guerra os gritos,
As orelhas levanta, o chão escarva,
E, aos ares soltando alegres rinchos,
Contente aguarda a promettida luta ! »

Os cavallos de guerra que estavam na frisa do Parthenon de Athenas, e que hoje estão no Museu Britanico sob o nome de Marmores de Elgin, claramente demonstram o orgulho que os gregos tinham por esse nobre animal. Em epocha mais recente, sabemos que o Mexico e o Perú foram conquistados principalmente por

(*) *O animal e o seu dono.*

intermedio dos cavallos. Os indigenas daquelles paizes olhavam para o guerreiro montado como para um deus. Recuavam e fugiam perante as cargas de cavallaria, e eram destruidos aos milhares. No entanto, eram povos que tinham attingido a um alto gráo de civilisação, sem comtudo terem-se utilisado dos serviços do cavallo. Os hespanhoes, quando devastaram aquelles paizes, encontraram milhares de bem construidas casas, cercadas de jardins. « Duvido, diz sir Arthur Helps, que houvesse um só Mexicano tão mal alojado como ainda hoje ha milhares de Inglezes. » Desse modo nos é licito fazer innumeradas vezes a mesma pergunta: — Estaremos realmente fazendo progresso em civilisação? Somos acaso mais esclarecidos do que os Gregos, os Romanos e os Mexicanos no periodo do seu maior desenvolvimento intellectual?

CAPITULO XIV

BONDADE PARA COM OS CAVÁLLOS.— EDUARDO FORDHAM FLOWER.

Da extrema bondade elle foi alma;
E os nossos louvores, por maiores
Que os teçamos, jámais serão bastantes
Para o que elle merece...

(SHAKSPEARE.)

Boa oração faz aquelle que bem ama
Ao homem, ao insecto, á ave, ao animal.
Melhor prece é ainda a que se inflamma
Por tudo quanto muito ou pouco val,
Pois que Deus, que nos ama e nos amou,
Ama a tudo que fez e que creou.

(COLERIDGE.)

... Não ha talvez em toda a Illiada nada
mais profundamente significativo, não ha nada
na litteratura mais perfeito em delicadeza e
respeito humano pelos mysterios da vida ani-
mal, do que os versos que descrevem a
dôr dos cavallos por occasião da morte de
Patroclo, e que narram a consolação que
lhes foi dada pelo maior dos deuses.

(RUSKIN.)

Quanto não devemos ao cavallo! E' elle, para
muitos, fonte de alegrias e prazeres. Quando ainda novo,
é o mimo de seu dono. Homens, mulheres e crianças
gostam d'elle. O cavallo nos carrega fielmente e com
segurança; é elle quem carrega tambem os nossos far-
dos, e allivia o homem de grandes fadigas. Chega,
porém, um dia em que o desprezam.

O cavallo de carroça é esbordado, esmurrado, e
obrigado a puxar fardos de peso superior ás suas for-
ças; o cavallo de carruagem é amordaçado com freios
brutaes, a ponto de se tornar uma tortura o seu tra-
balho; o de carro de praça é submettido a uma lida

constante, e exposto ás intemperies; trabalha até não poder quasi ter-se em pé; as suas patas ficam feridas pelo constante pisar por estradas pedregosas, ou por se conservarem mettidas durante longas horas em lamaças e pôças de agua. Se não morre exausto de forças, condemnam-n'o ao matadouro dos commerciantes de carne de cavallo, onde vai o pobre animal findar seus dias de fadiga e de tortura.

No sul da França dá-se cabo do cavallo por outro modo. O *Courrier du Centre* diz que os especuladores de Bordeaux estão tentando grangear riquezas por meio da asqueirosa sanguesuga. Construíram-se pantanos artificiaes nas margens do Garona, e encheram-se de sanguesugas esses charcos. Para alli são enviados todos os cavallos velhos e imprestaveis da provincia. As sanguesugas, aos milhares, agarram-se immediatamente ao corpo das pobres victimas. Uma testemunha ocular narra em termos de mais vivo realismo como os animaes se debatem baldadamente para não cahirem no lôdo, sangrando por todos os poros, e procurando, loucos de terror, sacudir as sanguesugas que se lhes apegam aos olhos, ás ventas, aos beiços, e ás partes mais sensiveis do corpo, até que afinal, exaustos pela perda de sangue, se afundam no nauseabundo atoleiro e não são vistos mais. De dezoito a vinte mil cavallos são mortos assim, annualmente, em Bordeaux.

A França merece tanto como a Inglaterra o epitheto de « inferno dos cavallos. » Volvamos, porém, os olhos para este ultimo paiz. Não são todos que, como o duque de Wellington, querem que o corsel que os conduziu á ultima victoria termine os seus dias em paz, em repouso e fartura. Os cavallos, na maior parte, são torturados enquanto servem para alguma cousa, e abandonados quando imprestaveis. Miss Braddon falla dos

cavallos de fina raça a morderem os freios, nesse eloquente martyrio por cujo meio a moda consegue tornar a existencia de uma parelha de animaes, do valor de trezentos guineos, muito peor do que a existencia do burrico que serve ao hortelão. Uma senhora dirigiu ultimamente uma carta á *Verdade*, descrevendo as torturas que ella vira infligir a uma parelha de cavallos parada em Regent-Street.

« Vi, diz ella, um carro aberto, puchado por uma linda parelha de cavallos, parado a um lado da rua. As redeas estavam tão apertadas, tão puchadas para traz, que era impossivel aos pobres brutos fechar a boca ; o seu constrangimento causava tanta pena a quem os via, que eu fui ter com o cocheiro e pedi-lhe, em vão, que afrouxasse as redeas. Tudo quanto consegui d'elle foi esta resposta : « Já estão acostumados ; minha ama gosta de vê-os assim. » Um dos animaes parecia então soffrer mais do que o outro. Fazia baldados esforços para conseguir algum allivio. E o seu olhar, impregnado de dôr, ha de seguir-me durante muito tempo. »

O homem que mais tem feito para mitigar os sofrimentos dos cavallos de carruagem é Eduardo Fordham Flower. Poderíamos até chamal-o « missionario dos cavallos. » Tem dedicado tempo, dinheiro e fadigas para supprimir a crueldade dos freios-mordaças. Entrega-se a essa obra com sua habitual energia. Tem escripto pamphletos e feito conferencias em toda a parte. Não ha hesitações em sua linguagem. Em uma conferencia publica, organisada pela baroneza Burdett-Coutts, comparou elle aquelles barbaros freios aos antigos troncos de castigo empregados no exercito ; e sustentou que as pessoas que os empregavam, comquanto não fôsem simples cocheiros de praça, e sim cavalheiros e senhoras, mereciam a prisão ! O Sr. Flower tem em sua residencia uma sala

a que chama «a Camara das Torturas,» e na qual estão dispostos em ordem diversos exemplares dos terriveis freios de que fallamos, como protesto contra a crueldade do homem para com os animaes. O Sr. Flower tem sido tão constante e energico advogado da abolição da escravidão dos homens como da dos cavallos; e velohemos claramente na narrativa seguinte, embora tenhamos certeza de que não poderemos fazel-a com a mesma mestria e com o mesmo realismo com que elle nos conta a historia da sua vida.

Flower nasceu em Hertford, em 1805. Era o mais moço de cinco irmãos. Seu pai, que era homem abastado, comprou o dominio de Marden-Hill, a tres ou quatro milhas distante de Hertford. Para alli foi viver a familia Flower em 1803. Eduardo, desde criança, votava grande affeição aos cavallos... Na idade de cinco annos, aprendeu a montar em um cavallinho de Shetland. Ia todos os dias, montado nelle, buscar ao correio as cartas da familia; em breve o cavallinho e elle se tornaram o mais amigos possivel.

Aos seis annos de idade, deram-lhe um garrano, e seu tio Eduardo fez-lhe presente de um selim, de um bridão e de um chicotinho. Um dia em que ia a passeio com seu pai, o menino espancou seu cavallinho porque este espantou-se de alguma cousa na estrada. O pai viu a acção do filho, e, chamando-o, perguntou-lhe: «Eduardo, porque espancaste o teu animal?» — «Para que não seja espantadiço.» E não viste o enorme buraco para onde o levavas? » Dizendo isto, o pai tomou-lhe da mão o chicotinho, e deu-lhe com elle uma lambada. «— Gostas disto? » Perguntou-lhe. « Não, de certo! » respondeu o menino. « Pois então, meu filho, não espanques nunca um animal, se não fôr inteiramente necessario fazê-lo. »

Emquanto residiu em Marden, o Sr. Flower pai via-se frequentes vezes obrigado a ir de sua casa de campo a Londres, e quasi sempre o pai mandava o menino aprear-se do carro e desapertar as fivellas das redeas. Foi isto, diz elle, o que primeiro lhe deu idéa da acção dos freios e das redeas na marcha dos animaes.

As herdades de Marden-Hill e de West-End, tendo apenas cerca de mil geiras de terra, não deram bom resultado. O Sr. Flower fôra infeliz em uma tentativa de introduccão de carneiros merinos. Naquelle logar não procreavam nem viviam bem. Além disso, a agricultura na Inglaterra soffrêra muito depois da guerra da França. Jorge, o filho mais velho, tinha ido para os Estados-Unidos, afim de vêr o estado do paiz. Escreveu elle uma carta ao pai, dizendo-lhe que o paiz era o mais rico e mais prospero do mundo. «Venha para cá, escrevia elle, e não se ha de arrepender.»

O Sr. Flower, pois, vendeu a sua propriedade na Inglaterra, em 1817, e preparou-se, com toda a familia, afim de emigrar para os Estados-Unidos. Eduardo Flower contava então doze annos de idade. O Sr. Flower pai fretou dous navios em Liverpool para o transporte de sua bagagem. Além da familia, levava em sua companhia cerca de cem pessoas, entre homens e mulheres, incluindo lavradores, ferreiros, cultivadores de arado, um pastor, um cocheiro e diversos criados do serviço domestico. No carregamento dos navios iam duas vaccas de raça, doze carneiros, porcos inglezes, seis parselhas de cães de caça e dous cães de raça escosseza. Os navios sahiram de Liverpool em direitura á America no mez de Março de 1818.

Um dos navios (a *Anna Maria*) foi para Nova-York, o outro para Philadelphia. Em Nova-York a familia

desembarcou para vêr as maravilhas da grande cidade americana.

À *Anna Maria* de Nova-York seguiu tambem para Philadelphia, afim de reunir-se ao outro navio. Nesta ultima cidade desembarcaram os famulos, os lavradores e o gado. Philadelphia naquella epocha era uma linda e assejada cidade quaker, — nem grande em população, nem muito afastada dos terrenos baldios do occidente. A cincoenta milhas, pouco mais ou menos, da cidade, não havia estradas abertas. Os habitantes de Philadelphia ainda não tinham levantado o emprestimo para a construcção de estradas e canaes, emprestimo a cujo pagamento mais tarde se esquivaram. Pouco tempo depois de desembarcar o Sr. Flower tratou de organizar a sua caravana afim de viajar para o oeste, onde seu filho comprára uma vasta propriedade, por ordem sua, perto de Wabasch, no Illinois. Alugou tres carretas puchadas a seis cavallos cada uma, e tres carroças puchadas a tres, para conducção da familia, dos famulos e da bagagem.

A caravana inteira partiu de Philadelphia em Maio de 1818. O tempo conservava-se soberbo, e a viagem tornou-se, pois, agradabilissima. O paiz ainda não estava de todo povoado. Evitaram os viajantes as florestas, seguindo pelas estradas conhecidas. Como não houvesse hospedarias nem pousos, dormiam os emigrantes nas carretas, tendo por vigias os seus valentes cães. De vez em quando, atravessavam algum povoado, origem de alguma grande cidade futura. Renovavam as suas provisões, comprando-as aos colonos. Assim atravessaram Gettsberg, então pacifica e formosa colonia, e que devia ser mais tarde theatro de uma das mais sangrentas batalhas dos tempos modernos. A caravana seguiu para Chambesburgo, por

onde atravessou as montanhas de Alleghany. A subida era das mais ingremes, e as corçoas só puderam seguir parando innumeradas vezes, para dar-se descanso aos animaes. Desse modo, só puderam viajar de dez a doze milhas por dia.

Tendo vencido a cordilheira, continuaram seu caminho em direcção de Pittsburg, onde avistaram pela primeira vez o rio Ohio. Não havia barcas a vapor naquella epocha, e o Sr. Flower resolveu metter as suas cargas em jangadas e deixal-as fluctuar pelo rio abaixo até o logar de seu destino. Mandou, pois, construir tres jangadas cobertas, e nellas embarcou os homens, os carros, os cavallo, o gado, tudo, em summa. As jangadas desceram lentamente o rio, passando por villas, aldeias e povoados, até chegarem a Cincinnati, que era então uma pequena povoação e é hoje tão importante cidade. Depois de se demorarem algum tempo ahi, as jangadas continuaram a sua viagem pelo lado do sul do estado de Indiana até Louisville. Demoraram-se tambem em Lexington, onde travaram conhecimento com o Sr. Henrique Clay, que alli residia naquella epocha. O Sr. Clay, com a sua conhecidissima affabilidade, offereceu-se para guardar em terra as vaccas e os bezerros, até que o Sr. Flower pudesse ir buscal-as.

Foi nessa epocha que os Flower começaram a comprehender o que era a escravidão. O rio Ohio corria entre os Estados livres e os Estados esclavocratas. De um lado estava o Kentucky, do outro Indiana e o Illinois. Os escravos atravessavam frequentemente o rio, em busca da liberdade; mas os donos perseguiam-n'os e levavam-n'os de novo para o captiveiro.

Uma manhã, o Sr. Flower ouviu gritos terriveis, que sahiam da adega da casa em que elle se achava

hospedado. Levantou-se immediatamente e correu para o lugar donde os gritos partiam; percebeu então que era o dono da casa que espancava uma rapariguinha escrava. Arrombou a porta, que estava fechada, e postou-se entre o senhor e a escrava, desafiando-o a que continuasse o castigo. Livrou a pobre rapariga naquelle dia. O senhor ameaçou o Sr. Flower com um processo.

A caravana continuou a sua viagem, seguindo por terra, afim de alcançar o territorio onde os emigrantes deviam estabelecer-se. Ficava este situado ao oeste de Wabash, no districto de Eduardo, no Illinois. Na passagem, atravessaram o povoado da Harmonia, fundado por Jorge Rapp e seus companheiros allemães. Consistia em um pequeno numero de casas de madeira, uma igreja, um moinho e uma escola. Mais tarde, Roberto Owen comprou o povoado, e os Rappistas mudaram-se para Economia, á pouca distancia de Pittsburg.

Ao cabo de uma viagem de cerca de mil milhas, por terra e por agua, os colonos alcançaram o lugar de seu destino, no oeste. Além desse lugar, só havia as campinas, o deserto, e, de vez em quando, os Indios, os caçadores e os aventureiros que por alli passavam. Estabeleceram-se em Piankishaw, aldeia que os Indios da tribu Shawnee haviam abandonado pouco tempo antes. Era difficil fundar um povoado naquelle longiquo districto. Os colonos, porém, metteram mãos á obra com toda a energia. Derrubaram as mais altas arvores da floresta vizinha, e, após inumeras fadigas, construíram uma casa de madeira para a familia e para os famulos; durante todo esse tempo a familia dormia nas carretas. Em seguida, construíram os homens cabanas para si; e afinal formou-se o povoado. A morte, porém, apparece em toda a parte. Eduardo Flower foi o

primeiro a cavar uma sepultura na nova colonia, e o primeiro morto foi o filhinho de seu irmão.

Começaram a faltar-lhes as provisões. A estação já ia demasiado adiantada para se lavrar a terra ; estavam no mez de Julho. Consumidas as provisões que haviam levado, a fome fez-se sentir entre elles. De vez em quando matava-se um veado, que lhes chegava para se alimentarem durante alguns dias ; havia, porém, na nascente colonia mais de trezentas pessoas, e é fóra de duvida que um veado só não podia bastar.

Afinal, foi tamanha a falta de provisões, que os colonos viram-se obrigados a ir buscar viveres á outra povoação. Eduardo Flower partiu com alguns homens para a villa de Shawney, que ficava á grande distancia, em busca de mantimentos. — Levaram dous dias para lá chegar. A' noite davam descanso aos cavallo, e, protegidos pelos seus valentes cães, repousavam, ouvindo os uivos dos lobos, que os cercavam á distancia. Na villa de Shawney tiveram a felicidade de encontrar o que desejavam, e voltaram para a colonia, levando consigo farinha de trigo e de milho, e alguns presuntos. Os cavallo atravessaram a nado o rio Pequeno Wabash, tanto na ida como na volta. Encontraram as maiores difficuldades para atravessarem o rio sem molhar as provisões. Conseguiram-n'o, porém, e, chegados á outra margem, acenderam uma boa fogueira afin de enchugarem a roupa, e descansaram durante algumas horas. Na madrugada seguinte, partiram a galope para a colonia. Imagina-se facilmente a alegria com que foram recebidos.

Desse modo a colonia foi-se tenteando e lutando. Passado algum tempo, em que residiram na casa de madeira, marcou-se afinal o sitio para a futura habitação da familia, e encetou-se a construcção da

conhecida Casa do Parque. Quando já estava concluído o edificio, Eduardo foi buscar sua mãe, que havia ficado em Lexington; veio ella encontrar prospero o seu futuro lar e feliz a sua familia. No entanto, novas povoações se fundavam ao redor. Entre ellas contavam-se Warrington e Albion, hoje capital do districto de Eduardo.

Quando Eduardo Flower attingiu a idade de quatorze annos, começou o pai a pensar na educação do menino, pois que este na infancia detestava o estudo e o pai não tinha querido forçal-o a aprender. Em Warrington tinha-se estabelecido um mestre-escola. O Sr. Flower enviou-lhe seu filho. A escola ficava á grande distancia da colonia. Para encurtar o caminho, tomava o menino, quando o tempo estava secco, por um brejo. Era este o retiro de um bando de patos selvagens. Desnecessario é dizer que Eduardo levava sempre comsigo o seu cão e a sua espingarda. Um dia, em caminho para a escola, matou uma dessas aves e levou-a de presente ao mestre. O mestre alegrou-se immensamente á idéa de jantar pato, e desde então Eduardo tornou-se seu favorito.

No dia immediato, Eduardo disse ao mestre que desejava matar um veado para lh'o trazer. O homem foi á caça com o discipulo, e desde esse dia começaram os dous a caçar constantemente juntos. Os veados e os patos selvagens abundavam em casa do mestre. A educação de Eduardo, porém, não progredia de fórma alguma. Na realidade, o menino odiava o estudo. Um dia, em casa, seus pais examinaram-n'o em taboada de multiplicação. As suas respostas foram as seguintes: « Duas vezes dous, tres; duas vezes quatro, cinco; duas vezes cinco, oito! » — « Basta! exclamou o pai. Volta para o teu mestre! »

O mestre, porém, continuou a caçar com o discipulo.

O pai examinou-o de novo em arithmetica, e os progressos eram os mesmos : « Duas vezes dous, seis ; duas vezes tres, oito ; » e assim por diante. Andava na escola havia seis mezes, e os resultados eram esses. Afinal, o pai chamou-o para casa e incumbiu-o de vigiar o gado. E foi essa a unica educação que Eduardo recebeu na America.

Quando os Flower foram para o Illinois, existia naquelle Estado grande numero de ursos: negros, pardos, e outros. « Uma manhã, conta o Sr. Flower, passando eu por um campo de trigo para ir derrubar arvores em uma matta vizinha, vi erguer-se na minha frente um grande urso, que fugiu, tomando por um pantano, afim de escapar-nos. Acompanhavam-me nessa occasião quatro homens e os meus cães. Os homens e eu atiramo-nos no encalço do urso ; os cães precediam-nos. O urso voltou-se contra estes, abraçou-os e matou-os a todos. Nós então atacámo-l'õ com os nossos machados, e, após renhida luta, conseguimos matal-o e trazel-o para casa, afim de preparal-o para ser comido. Foi um grande augmento na nossa dispensa para os dias de inverno. »

Depois de enormes dispendios, a colonia tomou outro aspecto. Cultivava-se com proveito o trigo e o milho, e o gado augmentava, sem deixar de haver, comtudo, grandes trabalhos e canceiras, não sendo a menor destas a de proteger os cereaes e o gado contra o ataque das feras. Eduardo Flower tomou activa parte em todos esses trabalhos, e foi sem duvida essa educação, e não a do mestre-escola de Warrington, que tão poderosamente serviu para formar o seu character energico, ensinando-lhe a nunca abandonar emprehendimento algum que lhe parecesse difficil, nem recuar perante qualquer obstaculo que pudesse ser vencido pela energia e pelo trabalho.

Para fallar a verdade, o Sr. Flower commettêra um erro comprando uma propriedade tão vasta antes de achar-se ella cercada por uma povoação que pudesse dar consumo aos seus productos. O paiz era, para bem dizer, inhabitado. Foram precisos vinte annos para que os emigrantes se afoutassem tanto para o oeste, como está Wabasch. Albion, a cidade mais proxima, ficava a quinhentas milhas de distancia da colonia de Flower. E a consequencia foi que este encontrava grande difficuldade para dispôr dos seus productos. No entanto, pouco a pouco, os emigrantes foram-se aproximando, e muitos delles se estabeleceram perto de Albion. Grande numero de pretos, que haviam resgatado a sua liberdade, foram residir na povoação, que em breve se tornou prospera. Alguns dos emigrantes inglezes, porém, foram mal succedidos e regressaram á patria. Entre esses, contava-se o Sr. Hookham, o conhecido livreiro de Bond-Street, em Londres. Uma vez, Eduardo Flower foi visital-o, e encontrou-o com sua esposa matando uma gallinha. A Sra. Hookham, á vista do sangue da ave, desmaiou. Abandonaram os seus terrenos na America e voltaram para a Inglaterra.

Outra difficuldade com que tiveram que lutar foram os negros, escravos ou livres. Deve o leitor lembrar-se de que o rio Ohio separava o Estado livre de Illinois do Estado esclavocrata de Kentucky. Muitos eram os pretos que, uma vez libertos, atravessavam o rio e se estabeleciam na prospera villa de Albion. Do outro lado do rio, porém, os escravos recebiam o mais barbaro tratamento das mãos de seus senhores. Maridos, mulheres e filhos eram bruscamente separados uns dos outros e vendidos indistinctamente para todos os Estados esclavocratas. Grande numero desses escravos conseguiam no entanto fugir, e, atravessando rios a nado,

occultavam-se nos brejos e nas florestas para gozarem da sua liberdade. Entre elles, muitos atravessavam o Ohio e se refugiavam em Albion, outros tomavam o rumo do norte até alcançarem o territorio livre do Canadá.

Os donos de escravos perseguiram os pobres negros fugidos com cães de fila, e, quando conseguiam apanhal-os, levavam-os de novo para o trabalho, augmentando-lhes os barbaros castigos. Na epocha de que estamos tratando, uma companhia de fibusteiros atravessava o Ohio e procurava capturar os negros, quer escravos, quer livres, para leval-os pelo Mississipi abaixo e vendel-os em Nova-Orleans. Um desses negros, escravo fugido, foi alugado pelo Sr. Flower. Era um bonito homem, alto e robusto, e ao mesmo tempo bom e fiel trabalhador. O Sr. Flower perguntou-lhe um dia: « És escravo, ou obtiveste a tua liberdade? » O negro respondeu que era escravo, mas que seu senhor o espancava tão barbaramente, que elle vira-se obrigado a fugir. Pouco tempo depois, o dono do escravo soube onde elle se achava, e foi com a sua escolta procural-o nas plantações do Sr. Flower. Prendeu-o immediatamente, algemou-o e levou-o consigo.

O preto fugiu de novo, e, meio morto de fome, foi pedir asylo ao Sr. Flower. « Meu senhor segue-me de perto! » disse elle. Eduardo Flower metteu o homem em um poço que estava secco, e pôz em cima deste uma taboa. Não tardou que o senhor do escravo apparecesse. Esquadrinhou elle todos os recantos da plantação, sem encontrar o escravo. Afinal retirou-se, e Eduardo tirou então o negro do escondrijo, e, dando-lhe alguns viveres, disse-lhe que fugisse quanto antes. O escravo tomou immediatamente o caminho do Canadá. Antes, porém, que pudesse atravessar o Ohio, seus perseguidores, que estavam á espera, apanharam-n'o,

algemaram-n'o e o entregaram « á justiça! » O negro declarou ao senhor que jámais seria escravo, e que preferia morrer a voltar para a sua companhia. Dando-lhe então o official de justiça voz de prisão como escravo fugido, o desgraçado puchou de um revolver e matou-o. O negro foi immediatamente enforcado.

Muitos eram os casos identicos a este. O Sr. Flower se revoltava com semelhantes factos, passados em um paiz que se dizia livre. Chegou a pensar em abandonar a America. Tinha, porém, empregado tantos capitaes na sua colonia, que resignou-se a ficar. De dia para dia, os fibusteiros augmentavam de numero. Andavam aos bandos, invadindo o territorio livre, á caça dos negros. Os negociantes de escravos resolveram, se possivel fôsse, expulsar Flower do paiz. Elle, por seu lado, resolveu lutar até o fim. Os magistrados daquella epocha, para fallar a verdade, não eram precisamente o que se poderia desejar. Uma vez, o Sr. Flower dirigiu-se ao juiz mais proximo, o Sr. De-Pugh, para obter a sua assignatura em alguns documentos. Encontrou o magistrado sentado na cama, nú em pello. Alli mesmo assignou elle os papeis. O Sr. Flower travou relações com outro juiz, o Sr. Moysés Michel, o qual mais tarde lhe prestou bons serviços, como veremos pela narração que se segue.

« Chegára eu á idade de dezoito para dezenove annos, diz o Sr. Eduardo Flower. Voltava uma tarde para a herdade, com um amigo meu, ambos fatigadissimos de um longo passeio; ao avizinhar-mos da casa, ouvimos uma grande altercação em um mattagal proximo. Distinguimos perfeitamente as palavras: « Não largo as redeas do cavallo emquanto fôr vivo! » Era meu pai! Corremos immediatamente, meu companheiro e eu, e encontrámos meu pai segurando nas redeas de

um cavallo em que estava amarrado um dos nossos pretos libertos. « Se não larga as redeas, disse um dos dous fibusteiros que haviam capturado o preto, mato-o incontinenti! » Não hesitei, precipitei-me sobre elle e estendi-o no chão com a minha machadinha de matto. Meu companheiro atacou o outro facinora, e quasi decepou-lhe um braço. Meu pai estava salvo. Quanto aos fibusteiros, fugiram para o matto.

« Fomos immediatamente pedir ao magistrado Moysés uma ordem de prisão contra os fibusteiros. Suppunhamos que elles haviam atravessado o Wabash em um ponto que conheciamos, e que por alli voltariam. Resolvemos prendel-os, e incumbi-me de capitanear a expedição. O magistrado acompanhou-nos. Partimos alta noite, e chegámos á margem do Wabash ao raiar do dia. Fomos ao vão do rio, e verificámos que os homens ainda não o tinham atravessado. Voltámos, pois, atraz, e, prendendo os cavallo ás arvores, avançámos a pé, cerca de uma milha, pela picada por onde deviam vir os fibusteiros. Ao cabo de algum tempo de espera, ouvimos o tropel de animaes em que vinham homens montados. Deixámo-los aproximar até que os pudessemos vêr a todos. O magistrado ordenou-nos que fizéssemos pontaria com as nossas armas para cada um dos homens. Estavamos alerta. Os fibusteiros acharam-se todos sob o cano de nossas carabinas engatilhadas.

« O magistrado adiantou-se então, dizendo-lhes: « Entreguem-se! Tenho ordem de prendel-os! » Os fibusteiros pararam afim de se consultarem. — « Não! não admitto consultas! tornou o magistrado. Rendam-se immediatamente. Se tentarem o menor movimento em contrario, faremos fogo!... Dispam-se todos, um por um, e venham entregar-se! » Afinal, os fibusteiros

entregaram as armas, dispiram-se e submeteram-se á prisão.

« Eram oito, ao todo. Amarrámo-l'os e tratámos de nos pôr a caminho para Albion, onde elles deviam ser julgados. A meio caminho, porém, Moysés Michel aproximou-se de mim e disse-me em particular: « Temos prisioneiros de mais. Entre elles ha dous que não são inteiramente máos e que poderemos soltar com duas palavrinhas de conselho. » Desligámo-l'os e puzemo-l'os em liberdade. Sondámos mais d'entre os prisioneiros, e estes prometteram nunca mais se empregarem em semelhante trafego. Soltámo-l'os tambem. Ficaram, pois, reduzidos a quatro os prisioneiros, justamente os mais pertinazes nas suas tentativas para se apossarem do negro da nossa herdade. Esses foram processados, julgados e condemnados a dous annos de trabalhos forçados na penitenciaria de Vandalia. » E assim, aos poucos, foi derrotada e extincta a fibustagem nas margens do Ohio; e pelos poderosos esforços do Sr. Flower e de sua colonia ingleza não se tornou o Illinois um estado escravocrata.

No entanto, os fibusteiros estavam sequiosos do sangue de Eduardo Flower, e organisaram uma quadri-lha para assassinal-o. Tinha elle sido o mais activo e energico inimigo dos fibusteiros, e estes resolveram vingar-se nelle ou em algum dos seus. Jack Ellis, porém, que havia sido em tempos o adestrador de Eduardo nas caçadas de veado e outras, e que depois vivia na floresta, veio a conhecer as intenções dos facinoras; de certo modo, o velho caçador achava-se envolvido com elles, e soube assim dos projectos de assassinato contra Eduardo, a quem elle consagrava grande affeição. Antes disso, porém, tinha sido o moço atacado, estando sentado em casa, junto á lareira. Uma bala de espingarda

partiu a vidraça e foi pôr em estilhaços um espelho que ficava um pouco acima da cabeça de Eduardo. Dessa vez os fibusteiros tiveram tempo para fugir antes de serem apanhados pela família.

A guerra contra Eduardo augmentava de dia para dia. Uma noite, Jack Ellis foi procurar a irmã de Eduardo, e disse-lhe que os fibusteiros estavam decididos, custasse o que custasse, a matar o moço. « A minha opinião, disse elle, é que Eduardo deve deixar o paiz quanto antes, se quizer evitar que o assassinem ! » Seguiu-se o conselho de Jack. O Sr. Flower foi acordar o filho, pela madrugada, e sem perda de tempo puzeram-se em viagem para a Inglaterra. A tragedia annunciada não tardou que se realizasse. Duas noites depois, quando a partida do pai e do filho era ainda ignorada por todos e só conhecida da família, uns seis fibusteiros chegaram á casa do Parque, dizendo que queriam fallar ao Sr. Flower moço. A noite estava escurissima, de modo que era difficil distinguir-se o semblante. Um moço da família, Ricardo, primo de Eduardo e que muito se parecia com elle, chegou á porta da casa. Os facinoras arremçaram-se sobre elle e com suas machadinhas encheram-n'o de golpes, deixando-o morto no logar em que cahira. Facilmente se imagina quanto foi sentida a morte do desditoso moço; seus assassinos lograram escapar, e nunca foram presos.

Eduardo e seu pai embarcaram para a Inglaterra em um brigue de 150 toneladas. Eram os unicos passageiros. Desembarcaram em Liverpool em 1824. Sete annos eram passados desde o dia em que elles haviam deixado esse mesmo porto. Estava tudo immensamente mudado. Eduardo partira menino de treze annos de idade, e voltava homem feito e robusto. Trajava ainda o seu vestuario dos homens das florestas americanas.

Poucas horas depois, porém, já elle vestia as roupas do homem civilisado.

Dahi a alguns dias foram para Bradford, no Warwickshire; demoraram-se algum tempo e em seguida foram visitar Benjamin Flower, redactor e proprietario de um jornal em Cambridge. Nesta ultima cidade permaneceram alguns mezes em companhia de seus parentes; depois Eduardo seguiu para Nova-Lanark, na Escocia, afim de encontrar-se com Roberto Owen, então considerado um grande philantropo. Na volta da Escocia, foi para Londres, onde já se achava seu pai, e disse-lhe que tencionava flear na Inglaterra, para receber alguma instrucção. O velho Flower admirou-se extraordinariamente da resolução do filho; este, porém, manteve-se firme no seu proposito. O Sr. Flower pai concordou, pois, em dar ao filho 2.000 libras em valores americanos, com cujo rendimento Eduardo devia viver; se não o conseguisse, restava-lhe a faculdade de voltar para a casa de seu pai, na America, onde seria recebido sempre de braços abertos.

Tendo acompanhado seu pai até Liverpool, onde se despediu d'elle, Eduardo voltou para Nova-Lanark, afim de ir ter com Roberto Owen. Ahi recebeu as suas primeiras lições; todavia, a educação pratica que havia recebido nas florestas americanas provou que esta lhe era muito mais util na vida. Residiu em casa de Roberto Owen quinze dias, e depois tomou um aposento fóra. Um dia, tendo ido em passeio ao campo, encontrou-se com um cavalheiro que lhe perguntou qual o caminho para Nova-Lanark. Eduardo respondeu que o guiaria ao logar desejado, pois que lá residia. Os dous homens encetaram uma conversação das mais amigaveis. O cavalheiro era o Dr. André Combe, de Edimburgo, o qual ia vêr com os proprios olhos os milagres feitos

por Owen na educação dos meninos das fabricas de Nova-Lanark. O Dr. Combe jantou em companhia do moço americano, o qual lhe contou a sua historia e o seu desejo de instruir-se. « Pois, meu amigo, disse-lhe o doutor, compre uma grammatica, estude-a e leia muito. Leia bons livros e pense, reflecta sobre elles. Não encontrará então difficuldades em instruir-se.»

Flower demorou-se seis mezes em Nova-Lanark, estudando. Applicou-se tanto á leitura, que adoeceu. Sahindo de Nova-Lanark, viajou a pé de Edimburgo para Londres, passando por villas e cidades, que não conhecia ainda. Foi residir, como discipulo, em casa do Dr. Kelly, em Londres, e ahi se demorou seis mezes. Com esse professor aperfeiçou-se em arithmetica, algebra, e outros ramos de instrucção superior.

Contava então vinte e um annos, e estava habilitado para encetar qualquer carreira. Foi para Birmingham, e ahi entrou como guarda-livros para casa de um negociante de trigo, com o ordenado de 100 libras por anno. Os seus serviços foram tão apreciados, que, ao cabo de dous annos, percebia o ordenado de 400 libras. Casou-se então com uma senhora, distincta pelas suas nobres qualidades; e dahi em diante correu-lhe a existencia calma e feliz.— Estabeleceu-se em Stratford, proximo do Avon, onde se tornou o principal fabricante de cerveja do local. Foi, mais tarde, nomeado presidente da camara municipal da cidade e juiz de paz do condado de Warwick. Em toda parte era estimado e respeitado. Sua casa era a casa da hospitalidade; obsequiava sobretudo aos seus amigos americanos. No verão, a sua casa de campo enchia-se de hospedes daquella nacionalidade. Foi elle quem organisou e levou a effeito, tão galhardamente, a commemoração do tricentenario de Shakspeare, celebrada naquella cidade em 1864.

Naquelle mesmo anno foi atacado pela paralyisia e teve que retirar-se dos negocios. No entanto, conservava ainda extraordinaria energia de character. Em 1865 teve outro accesso do mesmo mal, e ficou com um lado do corpo paralyzado. ; Todavia, em 1868 apresentou-se candidato, pelo districto do norte de Warwick, á camara dos communs. Foi derrotado. Em 1869 teve terceiro ataque de paralyisia e perdeu a memoria da lingua ingleza ; teve que aprendel-a de novo.

Foi para Roma, em busca de saude, e melhorou muitissimo. Dali dirigiu-se para o sul da França, e foi residir temporariamente em Pau. Em todos esses logares presenciou a crueldade inflingida aos cavallos, ás mulas e aos jumentos. — Quando regressou a Londres em 1873, resolveu pôr cobro ás torturas inflingidas aos cavallos, especialmente pelo uso dos freios modernos. Comprou um cavallo que havia padecido o tormento da barbella e do freio. Curou o animal, tirando-lhe os instrumentos de sua tortura. Escreveu uma carta ao *Times*, a qual, por intermedio do finado sir Arthur Helps, foi publicada. A instancias de Eduardo Flower foi que sir Arthur escreveu a sua obra intitulada — *O animal e o seu dono*. Indo a uma conferencia da Sociedade Protectora dos Animaes, á porta do edificio encontrou uma duzia de carros com os cavallos amordaçados pelos taes freios e bridões, e que alli estacionavam á espera, durante horas inteiras.

Escreveu cartas a todos os jornaes, e desse modo interessou a opinião publica no assumpto. Em seguida publicou o seu pamphleto sobre os *Freios e redeas*, e espalhou-o pelo paiz com profusão. Pouco depois veio á luz *O cavallo e os arreios*, continuação do primeiro pamphleto, e que tambem foi largamente espalhado.

« A moda é poderosissima, diz elle nessa ultima

publicação, — mais poderosa ainda do que a benevolencia; e no entanto nutro a esperança de vêr essas crueldades abolidas. A moda já não exige que os cavallo sejam tosqueados e derrabados; pela mesma razão é provavel que as actuaes fórmas de tortura se modifiquem. Se alguns membros da alta elegancia se resolvessem a acompanhar os homens e as mulheres de bom senso, em breve estaria apagada essa mancha na nossa civilisação. Sinto-me feliz por ter podido erguer a minha fraca voz nesta causa, e de coração agradeço a todos aquelles (e foram muitos) que me animaram a proseguir. Fal-o-hei; e, embora avançado em annos, espero viver bastante para mandar gravar na minha sepultura o seguinte distico: « Foi um dos homens que fizeram com que se abolisse o freio. »

Lord Leigh escreveu recentemente uma carta ao Sr. Flower, na qual diz: « Dou-lhe o parabem pelo seu triumpho, e nutro a esperança de que não está longe o dia em que um cavallo com os taes bridões será tão raro como um soldado vestindo armadura de ferro; e, se esse dia chegar, terá o senhor a satisfação de reconhecer que os seus esforços prestaram tanto bem aos pobres cavallo quanto beneficiaram ao escravo os esforços de Wilberforce. »

O Sr. Flower não se limitou a advogar a causa do cavallo de carruagem. Tratou, em seguida, do cavallo de carroça. Na idade de setenta e cinco annos, auxiliado por sua esposa, escreveu elle a obra *As pedras de Londres*, tão diversa do livro de Ruskin *As pedras de Veneza*. Flower prefaciou a sua obra com o retrato de Macadam, o grande melhorador das estradas. Os principios estabelecidos por Macadam jazem no olvido ha muito tempo. As ruas de Londres, presentemente, são calçadas com grandes pedras; e com certeza elle se

revoltaria, se visse como o seu systema é applicado por empreiteiros corruptos. No tempo de Macadam, as pedras do calçamento deviam passar por dentro de uma argola de duas pollegadas, e não pesar mais de seis onças. Deviam ser quebradas de tal modo que os seus angulos se unissem e formassem um corpo só, firme e compacto. Hoje, porém, as pedras são tão grandes que attingem ao tamanho do punho de um homem. Como podem, pois, os pobres cavallos puchar suas pesadas cargas sobre taes estradas? O Sr. Flower publicou então o seu terceiro pamphleto, e appellou para as juntas parochiaes sem resultado algum. Esperemos, entretanto, que a sua voz não haja clamado em vão.

Consideramos o Sr. Flower um verdadeiro amigo de todas as creaturas, tanto dos homens como dos animaes. Durante a guerra entre os Estados do norte e do sul da America, fez elle conferencias em toda a Inglaterra a favor da libertação dos escravos africanos. Conservou-se fiel aos principios adquiridos no Illinois. Por occasião da morte do velho Flower, na America, durante a guerra, um jornalista americano exprimiu-se ácerca do ancião nos seguintes termos: « Na memoravel luta que acompanhou o projecto de 1823 para legalisar a escravidão no Illinois, ninguem se mostrou mais denodado na opposição do que elle. Nós, os filhos da epocha actual, por entre a triste commoção de uma guerra civil, não podemos comprehender a ferocidade e os sombrios presagios daquella luta. Tão iguaes eram os partidos oppostos do Estado, que só o voto da colonia ingleza poderia fazer pender a balança para o lado dos libertadores; e os Inglezes, sempre fieis aos instinctos da liberdade, conseguiram impedir que triumphassem o mal e a oppressão, cuja victoria viria, quiçá,

trazer a extincção, para sempre, da liberdade republicana e constitucional da America do Norte. »

Não esqueçamos isto quando chegar a occasião de gravar o epitaphio no tumulo de Eduardo Fordham Flower. Possa elle todavia vêr a extincção das torturas infligidas aos cavalloos, torturas contra as quaes tão gallhardamente lutou durante a sua vida.

CAPITULO XV

A RESPONSABILIDADE.

Quando morre um varão de sã virtude,
Depois que os olhos seus a morte venda,
A luz que em vida derramou resplende
Da humanidade alumando a senda.

(LONGFELLOW.)

A sua casta lyra foi tangida
Só para paixões nobres inspirar;
Um pensamento máo não escreveu
Que mais tarde tivesse que apagar!

(LORD LITTLETON: *Thomson.*)

Aprende como se tivesses de viver eternamente;
vive como se tivesses de morrer amanhã.

(ANSALUS DE INSULIS.)

O dever começa com a vida e termina com a morte. Abrange a nossa existencia inteira. Diz-nos que pratiquemos o bem e que fuçamos de praticar o mal. Começa desde a criação. Manda-nos instruir a criança, educal-a e leval-a, pelo nosso exemplo, ao caminho do bem fazer.

O dever nos acompanha na vida. Do nosso lar domestico se derrama para fóra. O amo tem deveres para com os famulos, e estes para com o amo. Temo-l'os para com o proximo e para com o Estado. E o cumprimento desses deveres para com todos envolve immensa responsabilidade; ninguem, pois, póde ter uma vida recta, se não se compenetrar desse sentimento e não se comportar de conformidade com elle.

E' forçoso observar rigorosamente as leis sociaes estabelecidas pelos homens. Quando se apaga o sentimento da responsabilidade, a sociedade se desmorona. « A raça dos homens, diz sir Walter Scott, pereceria,

se elles não se auxiliassem mutuamente. Desde o primeiro dia em que a mãe enfaixa o filho até o momento em que caridosa mão enxuga o suor do rosto do moribundo, o homem necessita sempre do auxilio de seu semelhante. Todos, pois, que necessitam de auxilio têm o direito de reclamá-lo de seus irmãos. Ninguem que possua o poder de prestar esse auxilio pôde negal-o sem commetter um crime. »

Em obras precedentes procurámos demonstrar as grandes virtudes de um bom exemplo. E' uma das mais preciosas cousas que existem. E dar o melhor exemplo que podemos é uma das maiores das nossas responsabilidades. O exemplo ensina melhor do que o preceito. E' o melhor modelador do character, tanto dos homens como das mulheres. Viver honestamente é o melhor sermão que se pôde prégar aos homens. Um grande exemplo é o mais precioso legado que o homem pôde deixar após si; e exemplificar um character nobre é a mais valiosa contribuição que o escriptor pôde fazer em beneficio da posteridade.

Tudo isto requer coragem, modestia, fé e desinteresse. As tentações assaltam a todos; com coragem e fé, porém, podemos desafial-as. O dever obriga-nos a ser castos e amorosos. A justiça repelle todas as fórmas de egoismo, de oppressão ou crueldade. A fé em Deus contém em si a segurança de que o bem ha de vencer o mal em toda a parte. « A victoria do bem sobre o mal, diz o Sr. Erskine de Ellon, é a conversão de todos os seres máos em seres bons; é das trevas fazer luz. »

Os homens mais nobres e corajosos podem ter seus momentos de descrença e fraqueza, — podem sentir as columnas de sua fé vacillar; se, porém, são realmente bons e corajosos, afastam de si a duvida e o desanimo, abraçando-se com os sãos principios que beberam.

Devemos crêr que as leis do universo são sabias ; que todo o homem deve conformar-se com a ordem das cousas que elle não pôde mudar ; que tudo quanto a Divindade faz é bem feito ; que todos os homens são nossos irmãos ; que devemos querel-os e amal-os, esforçando-nos por tornal-os melhores, mesmo aquelles que nos desejam mal.

Ninguem pôde acreditar firmemente no systema de negativas. Não pôde elle fazer cousa alguma em prol da humanidade. Esse systema destroe e nada constroe. E' a morte dos nossos melhores instinctos. Acaba com a fé e a esperança. O mal não pôde ser subjugado com a mera enunciação de phrases frivolas de condemnação ; só é vencido pela virtude activa, real e forte.

A propria sciencia só alcança victorias pela fé. Não foi pela negação que Newton arrancou á natureza o segredo das leis da gravitação. Era com fé que trabalhavam Kepler, Dalton e Faraday. « Não era o scepticismo, e sim a fé, diz o professor Pritchard, que inspirava Herschel pai nos seus arduos estudos, que o levava a não parar em seus trabalhos enquanto não houvesse aperfeiçoado o seu systema de espelhos, certo de que elle viria revelar-lhe a construcção dos céos. Foi no mesmo espirito de fé e confiança na Divindade que seu sabio filho exilou-se para os confins austraes até terminar a obra começada por seu pai, e que escreveu a divisa « *Cælis exploratis* » que illustrará para sempre o escudo da sua fama.

A negação deixa-nos apenas o desanimo e a desesperança. Tudo é posto em duvida, — a fé em Deus, a fé nos homens, a fé no dever, em tudo, emfim, excepto em nós proprios e em nossos prazeres. « Fóra da fé, tudo é paixão, egoismo, desordem e escuridão ; a personalidade perde-se e a alma não encontra direcção. O valor da nossa vida mede-se pelas occasiões que temos

de trabalhar na senda das leis divinas; e é só nessa senda que se encontra a liberdade, — a liberdade sem a qual não ha vida possível para o homem. »

O sentimento do dever aplaina o caminho da nossa vida. Ajuda-nos a aprender, a estudar, a obedecer. Dá-nos forças para vencer difficuldades, para resistir a tentações, para cumprir aquillo que almejamos; para nos tornarmos honestos, bons e leaes. A experiencia nos ensina que nos podemos tornar aquillo que desejamos ser. Lutamos afim de vencer o pendor para a pratica do mal, lutamos afim de exercer o bem, e pouco a pouco nos fazemos aquillo pelo que lutamos. O esforço quotidiano torna a luta mais facil. Colhemos conforme semeiamos.

O verdadeiro modo de nos aperfeiçoarmos é escolher o mais nobre exemplo que conhecemos e imital-o. Com certeza, nessa tentativa lucraremos alguma cousa, mesmo quando não consigamos attingir a perfeição do exemplo escolhido. O character sempre influe. O homem póde ter pouco cultivado, nenhuns haveres, posição nenhuma perante a « sociedade »; mas, se o seu character fôr excellente, logrará elle obter sempre ascendencia sobre tudo, e gozará de respeito. A agudeza das nossas faculdades raras vezes se gasta com o uso; frequentemente, porém, o ocio faz com que ella se embote. São sómente o trabalho e o fervor que dão lustre á vida humana.

« Sei, diz Perthes, que uma imaginação vivaz é o sal da vida, e sem ella a natureza é um mero esqueleto; —quanto mais elevado, porém, é o dom da intelligencia, tanto maior é a responsabilidade. » A um moço disse elle: « Vai, caminha com fé e esperança; é este o conselho que te dá um velho que teve o seu quinhão de pesados fardos na luta da existencia. O homem deve sempre estar a pé, venha o que vier; e para conseguil-o devemos curvar-nos ás innumeradas influencias desta

existencia tão inconstante... A consciencia de ser a nossa vida terrena o caminho apenas para uma vida immortal não nos impede de usal-a satisfeitos; de facto, assim devemos fazer; do contrario a energia para a luta nos faltaria de todo.»

A juventude é a epocha do crescimento e da acção. E' a primavera do homem. O moço afouta-se no mundo e segue a sua vida de diversos modos. Quando tem sido em criança devidamente velado por seus pais, e delles ha colhido elevada idéa da dignidade individual e do merecimento do homem, assiste-lhe a obrigação de sustentar a sua honra e de não praticar cousa alguma que possa fazer corar os seus progenitores. Tem obrigação de ser profundamente grato aos honrados entes que lhe transmittiram um character immaculado, e que representam seculos de trabalho honesto e de conducta illibada.— «Mostra-te digno de teus pais» era uma das maximas de Periander, um dos sete sabios da Grecia. Nas familias, como nos homens, é a incessante perseverança e o trabalho productivo que conservam a sua honra brilhante. Se, porém, o espirito do moço não tiver sido cultivado, e se nelle não nascem as flôres da esperança, devemos considerar com receio, se não com desespero, a sua futura virilidade.

As palavras e os exemplos influem sempre nos moços, impellindo-os para o bem como para o mal, pois que nada jaz no olvido, ou é perdido,—palavra ou exemplo. Não commetemos uma acção má sem que se lhe siga o castigo. Quando desrespeitamos uma lei da eterna justiça, esse facto echôa no mundo inteiro. As palavras e as acções podem ser consideradas cousas de pouca monta: no entanto não são temporarias, são eternas. A palavra má ou ociosa não morre. Póde no futuro erguer-se contra nós,—vinte, cem annos depois de ter

sido pronunciada, -- longo tempo mesmo depois de termos morrido. « De toda a palavra que o homem pronunciar, diz S. Matheus, tem elle de dar contas no dia de juizo; e pelas suas palavras será julgado e condemnado. »

As más acções e os mãos exemplos têm a mesma ressurreição. Nunca morrem, e influenciam em todos os tempos. Passam como uma herança. A memoria da vida não morre com essa vida. O que está feito fica, e jamais póde ser desfeito. Thomaz Malmesbury disse : « Não ha acção humana que não seja o principio de uma longa serie de consequencias, e não ha presciencia humana alguma que nos possa dizer qual será o seu fim. » — « O mais imperceptivel atomo, diz Babbage, traz em si o cunho do bem ou do mal com que o marcaram os philosophos, de mistura e combinação, em mil diversas maneiras, com tudo quanto é baixo e sem valor. O proprio ar é um vasto livro, em cujas paginas está escripto *para sempre* tudo quanto o homem tem dito, murmurado ou feito. »

Deste modo, toda a palavra, todo o pensamento ou toda a acção tem influencia sobre a sorte do homem. Toda a existencia, boa ou má, traz consigo uma longa cadeia de consequencias que se estendem até ás gerações futuras. Tudo isto é calculado para incutir no homem o profundo sentimento da responsabilidade que está envolvida em todos os seus pensamentos, em todas as suas palavras e acções. « Acabo de ler um folheto, diz o Dr. Chalmers, intitulado *Os ultimos momentos do conde de Rochester*, e convenci-me profundamente, ao lel-o, do immenso damno que póde causar a publicação de um pamphleto pernicioso. »

Os mãos livros são peiores do que as mãos palavras. Como as mãos acções, modelam elles o pensamento e a

vontade de gerações futuras. O livro vive ainda, quando o seu autor já está reduzido a pó. O ruim autor vive eternamente entre os máos. O seu livro continúa a sua obra de espalhar o vicio, a immoralidade e o atheismo. « A arte typographica, diz Frederico Schlegel, sendo em si uma das mais uteis e gloriosas, prostituiu-se na rapida e universal publicação de livros e folhetos envenenadores. Occasionou ella um perigoso influxo de composições nullas e superficiaes, hostis tanto á rectidão do juizo como á pureza do gosto, — um mar de balôfos conceitos e de ruidosa parvoice, sobre cujas ondas oscilla o espirito do seculo, não sem grande risco de perder inteiramente de vista a bussola da meditação e a estrella pollar da verdade.» (*)

Assim se exprime Schlegel ácerca da responsabilidade dos autores. São elles responsaveis pelo bem que fazem e pelo mal que incutem. O livro vicioso entra em nossas estantes, penetra em nosso lar. Podem ser habilmente escriptos; o seu estylo ameno attrahe o leitor; e no entanto estão repletos de pensamentos viciosos. Disse Sterne que « o vicio perde metade do seu mal quando perde a sua grosseria ». Semelhante idéa é das mais nocivas. A grosseria revolta-nos, mas as abominações occultas, envoltas em phrases espirituosas, calam mais profundamente em nosso espirito. Vejamos, por exemplo, o romance escrophuloso lido pelas senhoras e pelos moços de hoje. E' escripto em estylo brilhante, e no entanto está cheio de vicio, de immoralidade e de impureza, destillando um veneno moral. Principia quasi sempre com um assassinato e termina no adulterio, como se o fim dos autores fôsse expôr unicamente a

(*) *Historia da Litteratura.*

cancerosa podridão da vida real. E os piores desses romancistas descrentes são mulheres e inglezas.

Temos ainda o livro que traz o leitor em constantes gargalhadas. O sarcasmo malevolo, o escarneo do que é bom e o louvor do mal — eis uma cousa terrivel! Que differença do bom livro ou do bom romance! Não fallo do livro de santidades, e sim do livro são, que inspira a pureza e a coragem. Lockhart escreveu o seguinte, a respeito de sir Walter Scott: « Facilmente podemos imaginar quanto devemos a uma serie incessante de livros, continuada durante trinta annos, livros sem igual no seu encanto, e repletos todos elles de um espirito elevado e são, de profundo desprezo por todas as paixões mesquinhas, quer vingativas, quer voluptuosas; cheios de caridade despida de frouxidão moral ou de antipathica austeridade; cheios de agudeza demasiado profunda para que seja cynismo, e de uma ternura que nunca degenera em sentimentalismo; animados sempre, em pensamento, em opinião, em estylo, por um unico e invariavel principio puro e energico, appellando para tudo quanto ha de bom e leal em nossa natureza, e censurando tudo quanto ha de vil e egoista. »

E' grande este elogio, mas é merecido. Quando, já proximo ao fim da vida, foi felicitado sobre a pureza das suas obras pelo Dr. Cheney, o velho romancista respondeu-lhe: « Estou quasi no fim da minha vida; em breve terei terminado o meu papel no theatro do mundo. Fui, talvez, o mais fertil autor na minha epocha; e é para mim suprema consolação a consciencia de que procurei sempre não abalar a fé de homem algum, não corromper os principios sãos de ninguem, e de que não escrevi uma unica linha que á hora da morte desejasse apagar. »

O mesmo se poderia dizer de Carlos Dickens. Foi

elle o apostolo do povo. « Tenho lido, disse o bispo de Manchester, quasi todas as obras de Dickens, e, tanto quanto me posso lembrar, não encontrei nellas uma só pagina, uma unica phrase manchada de impureza ou palavra alguma que pudesse provocar um pensamento vil ou vicioso. Estou convencido de que os livros de que elle foi autor estão cheios de beneficios para o nosso povo. Mostrou-nos as virtudes singelas sob vestes rudes. Ensinou-nos as grandes lições de *sympathia christã*; e, embora Carlos Dickens não tenha sido perfeito em todas as cousas, não nos compete julgal-o. Não conhecemos os promenores das provas por que passou a sua existencia... Affirmo, no entanto, que a Inglaterra deve immensa gratidão ao seu grande romancista, pelo que elle tem feito para elevar e purificar a vida humana nas espheras em que ella mais necessita de purificação e elevação. »

O livro bom, como o máo livro, vive muito tempo depois da morte do seu autor. Um livro escripto ha dous mil annos póde fixar o destino e o alvo de uma vida inteira. Os sentimentos de um morto podem atrahir a attenção e transformar um character. Por outro lado, os livros viciosos erguem os seus clamores e impellem a mocidade a praticar acções vergonhosas e más. Os autores fallam de além-tumulo e espálham a infamia e a podridão pelo mundo.

O livro é uma voz cheia de vida; é um espirito caminhando na terra. E' o pensamento vivo de alguém que está separado de nós pelo tempo e pelo espaço. Os homens morrem; desmoronam-se os monumentos. O que resta e sobrevive do pensamento humano? O que foi Platão? Ha muito que elle vóltou ao pó e ao nada; no entanto os seus pensamentos e as suas acções vivem eternas.

Os máos livros são venenos moraes que propagam o mal. *Litera scripta manet*. Os autores nocivos, mesmo no tumulto, continuam a matar as almas dos seus sobreviventes, de geração em geração. O bom livro ensina a rectidão, a lealdade e a bondade, ao passo que o livro máo só ensina o vicio, o egoismo e a descrença. Os autores morrem, mas suas obras vivem. Tal pensamento devia dar aos autores uma profunda impressão da immorredoura responsabilidade da litteratura.

Antes de concluirmos este capitulo, transcrevamos a fabula do autor russo Krilof, fabula que tem sido util aos escriptores de livros, por mais de uma vez. Intitula-se *O autor e o ladrão*.

« No sombrio reino das trevas, dous peccadores compareceram, ao mesmo tempo, perante os juizes para serem julgados. O primeiro era um ladrão, que em vida exigia nas estradas o tributo dos viajantes, e que terminára seus dias na forca. O segundo era um autor coberto de gloria, que infundira subtis venenos em suas obras, que provocára o atheismo, que prégára a immoralidade, e que, como a sereia, era a um tempo attrahente e perigoso. No Averno as formalidades judicarias são rapidas; não ha alli demoras inuteis. A sentença foi pronunciada immediatamente. Trouxeram duas enormes caldeiras, que foram suspensas acima do chão por tremendas correntes de ferro, e em cada uma das caldeiras foi collocado um dos sentenciados. Debaixo do ladrão amontoou-se uma grande quantidade de lenha, e uma das furias veio, com as proprias mãos, atizar a fogueira, a qual lançava tão terriveis labaredas que até as muralhas do palacio satanico começaram a estalar. A sentença do autor não pareceu tão severa. Sob a sua caldeira acendeu-se um pequeno fogo; quanto mais, porém, esse fogo ardia, tanto maior ia ficando.

« Passaram-se seculos, e o fogo ainda está ardendo;

ha muito que se extinguiu a fogueira do ladrão; a do autor, de momento para momento, se torna mais acesa. Vendo que não havia mais descanso para a sua tortura, o autor exclamou afinal que não havia justiça entre os deuses; que elle enchêra o mundo com a sua fama, e que, se escreveu demasiado livremente, demasiado tambem estava sendo o seu castigo, e que não julgava ter peccado mais do que o ladrão. Apareceu-lhe então em trajos de gala, com serpentes a enroscarem-se-lhe nas tranças, uma das irmãs infernaes.

« Desgraçado! exclamou; ousas queixar-te da Providencia! Ousas comparar-te ao ladrão! Comparado aos teus, o crime d'elle é nenhum. Foi sómente em vida que as suas crueldades o tornaram terrivel e nocivo. Mas tu? ha seculos que os teus ossos estão reduzidos a pó, e no entanto não ha um dia em que o sol não allumie novos males causados por ti. O veneno dos teus escriptos não enfraquece com o tempo; ao contrario, propagando-se, torna-se mais terrivel, mais malefico com os annos que passam. Vê, — e durante um momento a Furia permittiu ao autor avistar o mundo, — vê os crimes, as miserias, os horrores por ti provocados. Contempla aquelles filhos que deshonoraram suas familias e levaram seus pais ao desespero. Quem lhes corrompeu o espirito e o coração? Tu! Quem tentou romper os elos da sociedade, rediculisando, como loucas criancices, a santidade do casamento, o direito da autoridade e da lei, tornando-as responsaveis por todos os infortunios dos homens? Fôste tu!.. Não fizeste a apologia da descrença, chamando-a de esclarecimento? Não collocaste o vicio e a paixão na mais attrahente das luzes?.. Olha agora! vê um paiz inteiro pervertido pelas tuas lições; está entregue á luta, ao crime, ao roubo e á rebellião, e por tua causa ainda irá á ruina. E's o

culpado de todas as lagrimas e de todo o sangue derramados naquella nação. Como ousas, pois, proferir blasphemias contra os deuses !.. Continúa a soffrer, pois que a medida do teu castigo será em relação dos teus crimes ! » Assim fallou a irada Furia, e fechou para todo o sempre a tampa da caldeira. » (·)

(*) *Krilof e as suas fabulas*, por W. R. S. Ralston.

CAPITULO XVI

CONCLUSÃO.

Quando, em trevas envolto o mundo todo,
As ultimas columnas oscillantes
Cahido tenham já,
Toma, Senhor, nas tuas mãos teu povo,
E em celestes moldes nova fórma
Então, então lhes dá!

(O. WENDELL HOLMES.)

Ouçõ uma voz que tu ouvir não pôdes,
Que me diz que não posso aqui ficar;
Vejo mão que não vês e que me acena,
Que para além me está sempre a chamar.

(TICKELL.)

Oh vida! oh morte! oh mundo! oh tempo!
Oh sepulchro onde tudo, tudo dorme!
E's tu quem meu destino faz sublime
Com teu fardo de dôr, pesado, enorme!

O moço entra na existencia cheio de alegria e de entusiasmo. Ante seus olhos se estende o mundo esmaltado como longiqua paisagem dourada pelo sol. Em breve, porém, o tempo acalma aquelle entusiasmo. O moço não pôde trazer o frescor da manhã para o meio do dia e para a noite. Passa a juventude, vem a idade madura, e afinal cumpre resignar-se a envelhecer.

O fim do homem está sempre em relação com a sua existencia passada. As palavras e as acções são irrevogaveis. Envolvem-se com o seu character e com elle vão ao futuro. O passado está sempre perante nós. « Todo o peccado, disse Jeremias Taylor, ao aproximar-se vem com o sorriso e a luz nos olhos, e com o mel nos labios. » Quando a vida chega á idade madura, sem que o criminoso, o malfazejo se corrija,

só pôde elle contemplar a sua velhice com temor e desespero.

Os bons principios, por outro lado, constituem uma armadura que nenhum dardo pôde romper. « A verdadeira religião, diz Cecil, é a vida, a saude e a educação da alma; e aquelle que a possui está fortalecido para toda a obra sã e boa. »

No entretanto, todos nós temos que deixar o logar que occupamos no mundo. O invisivel mensageiro da morte está sempre junto de nós,—« o mensageiro invisivel, disse Carlyle, que alcança tanto os laboriosos como os vadios, que interrompe o homem no meio de suas occupações e de seus prazeres. »—« Pobre Eduardo! escreveu Balzac; foi interrompido no trilho da vida. Já começou a enviar as suas equipagens e os seus famulos em embaixada ao mais poderoso scberano do nosso mundo sublunar,—a morte! »

A todos ella chega. Cada dia fazemos a nossa cova. A ampulheta é o emblema da vida. Corre até o ultimo grão de areia, e depois segue-se o silencio, que é a morte. Até o monarcha, para ser coroado, caminha sobre os tumulos de seus antepassados; e é ainda por cima delles que o levam á sua ultima morada.

Estando Wilkie no Escurial contemplando o famoso quadro de Ticiano « A ultima ceia », aproximou-se-lhe um velho monge e disse-lhe: « Dia por dia, durante tres lustros, tenho eu vindo contemplar este quadro; e nesses annos os meus companheiros têm desapparecido uns após outros, todos os meus irmãos mais velhos, os da minha idade, e mesmo os mais moços. Mais de uma geração ha passado, e as figuras do quadro se conservam sempre as mesmas! Contemplando-as, muitas vezes chego a pensar que são ellas a realidade e nós as sombras.»

E no entanto chegou o dia em que o velho monge tambem foi chamado para a viagem eterna.

Os velhos têm que ceder o lugar aos moços, e estes em tempo farão o mesmo aos outros. Quando o tempo nos tem couservado durante longos annos, cessamos de viver, apenas vegetamos; tornamo-nos um fardo para nós mesmos e para os outros, e, o que é peor, ape-gamo-nos mais do que nunca á esperanza de viver. « Quando vejo muitos velhos em torno de mim, diz Perthes, lembro-me do dito de Frederico o Grande aos seus granadeiros, que hesitavam perante uma morte certa: « Que animaes! querem então viver para sempre!... »

O grande Cyro mandou que lhe gravassem o seguinte distico na sepultura: « Homem, quem quer que sejas, quando aqui chegares (pois has de vir), sabe que eu sou Cyro, o fundador do imperio Persa; não me invejes o torrão que me cobre o corpo! » Alexandre o Grande visitou o tumulo, e essa singela inscripção, que lhe collocava ante os olhos as incertezas e as vicissitudes da vida, muitissimo o commoveu. Esse tumulo foi aberto, e Alexandre condemnou á morte o homem que commettêra semelhante profanação.

Pericles, na hora da morte, quando aquelles que o cercavam o estavam louvando por acções que outros poderiam ter praticado do mesmo modo que elle, observou que ninguem se lembrava do melhor traço do seu character: « que nenhum Atheniense havia trajado luto por sua causa. »

O desespero apossa-se do espirito dos homens cujos desejos foram sem limites e que vêem chegar o termo das suas ambições. Alexandre chorou porque não havia mais reinos que conquistar. O mesmo aconteceu a Mahmoud, o primeiro conquistador mahometano da India. Na hora da morte, pediu que lhe trouxessem todos os

seus thesouros, todo o ouro e joias que lhe pertenciam, para que os espalhassem ante seus olhos. Contemplando-os, chorava como uma criança. « Ai! exclamou, quantos perigos, quantas fadigas de corpo e espirito não affrontei para obter estes thesouros, e quantos cuidados para conserval-os! E agora vou morrer e deixal-os! » — Foi sepultado no seu palacio, onde mais tarde dizia-se que vagava o seu espirito.

A morte de Carlos IX, de França, foi terrivel. Autorisára elle o exterminio dos huguenotes na noite de S. Bartholomeu, e na hora da morte os horrores daquella acção tremenda perseguiam-n'o como espectros. « Não sei porque, nem como, disse elle ao seu medico, Ambrosio Paré, mas sinto-me arder em febre nestes ultimos dias. O meu espirito e o meu corpo estão abatidos. Acordo a todo o momento, e, se durmo, visões de cadaveres de assassinados, cobertos de sangue, horriveis de vêr, me perseguem constantemente. Oh! antes eu tivesse poupado os innocentes e os fracos! » Morreu dous annos depois do morticínio, e até o ultimo momento de sua vida os horrores da noite de S. Bartholomeu o perseguiram incessantemente.

Quando o cardeal Mazarin soube, pelo seu medico, que lhe restavam apenas dous mezes de vida, pôz-se a vagar pelas suas soberbas galerias de obras de arte, exclamando: « Tenho que deixar tudo isto! Quantos trabalhos não tive eu para adquirir estes primores! E não hei de vel-os mais!... » Brienne approximou-se do cardeal, e este tomou-lhe o braço, dizendo: « Estou muito fraco, e não posso vêr mais nada. » No entanto voltou-se ainda para a causa dos seus lamentos. « Vês, meu amigo, aquelle esplendido quadro de Correggio, aquella Venus de Ticiano, e esta incomparavel tela de Annibal Carraci? Ai, meu bom amigo! tenho que deixar tudo isto!...

Adeus, queridos quadros, que tanto amei, e que tão caro me custaram! » (*)

Ha cousas peiores do que a morte. Não é esta a maior calamidade que pôde cahir sobre o homem. A morte nivella e ennobrece. O amor é mais poderoso do que a morte. O dever cumprido torna a morte suave; a deshonra torna-a medonha. « Agradeço ao Senhor, disse sir Harry Vane na hora da sua execução na Torre de Londres, por não ter fraqueado na causa justa pela qual vou morrer! » Quando sir Walter Raleigh pousou a cabeça no cepo do cadafalso, disse-lhe o carrasco que a voltasse para o lado do oriente. « Não importa o lado para que fique a cabeça, respondeu o condemnado, comtanto que o coração esteja direito. »

Na hora da morte de um grande general, os amigos que lhe rodeiavam a cabeceira fallaram-lhe das suas victorias e das innumeradas bandeiras que elle havia conquistado ao inimigo. « Ah! exclamou o velho guerreiro, quão pouco valem as acções a que chamam gloriosas! Nenhuma dellas vale um copo de agua dado pelo amor de Deus! »

Sir John Moor cahiu no campo de batalha, em Corunna, e um medico accudiu em soccorro delle. « Não! não! exclamou. O senhor não me pôde servir em nada; vá ter com os soldados, a quem os seus serviços podem ser uteis. » As ultimas palavras de Nelson foram: « Graças ao Senhor, cumpri o meu dever! » — « Meu filho, disse sir Walter Scott a seu genro, na hora da morte, sê sempre bom, virtuoso; sê um homem de bem. Nada te consolará tanto quando estiveres no leito de

(*) St. Beuve. *Causeries du Lundi.*

morte! » — « Vive bem! » disse Samuel Johnson moribundo.

Kant morreu com oitenta annos de idade. Conservou illesas todas as suas faculdades mentaes até quasi o ultimo momento de vida. Durante a molestia fallou constantemente no seu proximo fim. « Não receio a morte, dizia elle, porque sei morrer. Asseguro-lhes que, se soubesse que esta seria a minha ultima noite de vida, elevaria as mãos ao céu e diria: — Louvado seja o Senhor! — Muito diverso seria, se eu tivesse causado pezares e soffrimentos a um só homem que fôsse! »

Kant disse tambem: « Tirem ao homem a esperanza e o somno, e tornal-o-hão a creatura mais desgraçada da terra. Sentimos que o pesado fardo da vida é superior ás nossas debeis forças, e só nos alenta na ingreme subida do nosso Pisgah a grande esperanza de avistarmos a terra promettida. »

Temos uma unica maneira de entrar na vida, e mil modos de deixal-a. Nascer e morrer são os extremos do circulo da vida. Dá-nos Deus o ser, e depois entrega-nos a custodia das chaves de nossa existencia. « O modo de praticar a religião, disse Jeremias Taylor, é cumprir o nosso dever. A religião é antes uma vida divina do que uma divina sabedoria. No céu é preciso primeiro vêr para amar depois; aqui na terra, porém, é preciso amar primeiro, e o amor nos ha de abrir os olhos e os corações: então saberemos vêr, perceber e comprehender. »

Se queremos encarar de frente para o futuro, é preciso trabalhar corajosamente, dia por dia. E' na firme esperanza de uma existencia depois da morte, de uma existencia eterna onde não mais se verão lagrimas, que sentimos forças para supportar as magoas e os padecimentos desta vida. A verdadeira riqueza da vida

futura do homem está no bem que elle praticou neste mundo. Quando morre, os homens ainda perguntam : « Que deixou elle ? » Os anjos, porém, que hão de julgal-o, perguntar-lhe-hão: « Que boas obras fizeste ? »

Abaixo do sol, tudo tem um fim. O livro, o sermão, o discurso, a ultima acção da vida, as derradeiras palavras na hora da morte. « Libertai a minha alma da sua prisão, para que eu possa render graças ao vosso nome! » foram as ultimas palavras de S. Francisco de Assis. *Hic jacet* é o epitaphio universal. E os segredos de todos os corações hão de revelar-se no dia final.

E' tal o tempo, que em penhor nos toma
 Juventude, alegria, o bem que temos,
E em annos nos paga, e pó e cinzas
 Quando afinal na campa adormecemos.
Terminada a romagem nesta vida,
Fecha a historia da senda percorrida;
 Mas da cova e do pó que nos cobrir
 Nos fará Deus um dia então surgir !

FIM.